

GENE DEWEESE OS GUARDIÃES DA PAZ

Tradução: Lília Oliveira

Título original: *The Peacekeepers*

Copyright © Paramount Pictures Corporation, 1988 Todos os direitos reservados



® STARTREK é uma Marca Registrada da Paramount Pictures Corporation



Publicado mediante contrato firmado com Pocket Books, New York



Todos os direitos da tradução para o Brasil reservados à **Aleph**
Publicações e Assessoria Pedagógica Ltda. - Av. Dr. Luiz Migliano, 1110 - 3.º
and. - Morumbi - CEP 05711-001 - São Paulo - SP - Tel.: (011)843-3202/843-0514

Diretor editorial: **Pierluigi Piazz**

Diretora pedagógica: **Betty Fromer**

Editor da Coleção Star Trek: **Silvio Alexandre**

Editor técnico: **Renato da Silva Oliveira**

Revisão: **Michel Friedhofer, Geórgia Robles, Marlene G.M. Freitas**

Ilustração da capa: **Vagner Vargas**

Ilustrações dos personagens **Leonardo Bussadori**

Assessoria:

Sérgio Figueiredo, Luis A. Navarro, Cristina Nastasi, Ivo L. Heinz

Consultoria: **Frota Estelar Brasileira**

Clube que congrega os aficionados da série Star Trek (Trekkers)

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

(Câmara Brasileira do Livro.SP.Brasil)

DEWEESE, GENE

Os Guardiões da Paz/ Gene Deweese; tradução de Lília Leal de Oliveira

São Paulo; Aleph, 1993 - (Coleção Star Trek: v. 9)

Acima do título: Jornada nas Estrelas.

1. Ficção Científica norte-americana 2. Ficção norte-americana I. Título. II. Série
92-1085 CDD-813.0876

índices para catálogo sistemático:

1. Ficção: Século 20: Literatura norte-americana

813.5

2. Século 20: Ficção: Literatura norte-americana



*Audaciously into where nobody
has ever been .*

OS GUARDIÃES DA PAZ

Explorando uma nave estelar alienígena o comandante Data e o tenente LaForge são transportados para o meio de um conflito mortal. Enquanto o capitão Picard e a tripulação da Enterprise procuram desesperadamente resgatar seus dois oficiais,

Data e LaForge descobrem estar numa estação orbital que usa sua avançada tecnologia para manter a paz num planeta.

Agora, eles devem encontrar uma maneira de restaurar a confiança entre o planeta e os Guardiões da Estação, antes que uma guerra destrutiva tenha início.

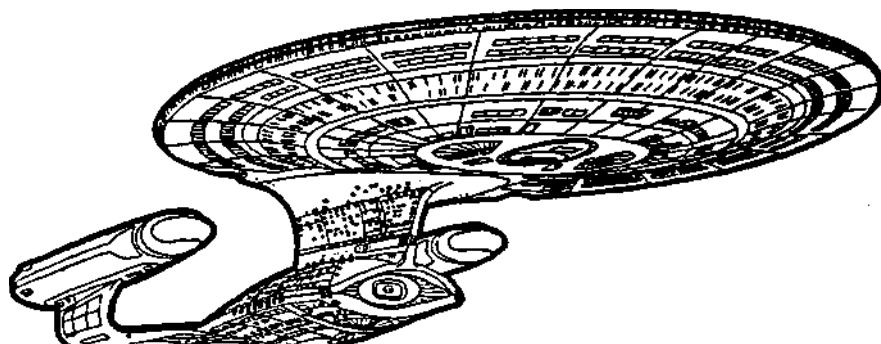
Ao longo deste livro aparecem termos e personagens com os quais o leitor pode não estar familiarizado.

Por isso, colocamos nas páginas iniciais uma apresentação dos principais personagens e, no final, dois glossários: um relativo aos termos da série Jornada nas Estrelas e outro relativo a Cultura Geral.

Talvez fosse conveniente lê-los em primeiro lugar para não interromper a leitura do romance.

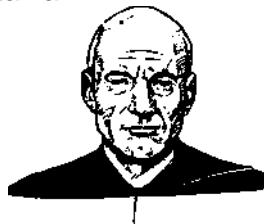
"O Espaço, a fronteira final.

Estas são as viagens da nave estelar Enterprise, prosseguindo em sua missão para explorar novos mundos, pesquisar novas vidas, novas civilizações, audaciosamente indo aonde ninguém jamais esteve."



U.S.S. Enterprise NCC-1701-D

A *United Space Ship Enterprise*, cruzador de exploração da classe *Galaxy*, é a quarta nave herdeira do número de matrícula NCC-1701, maior e mais rápida que suas predecessoras. Sua missão de trinta anos é expandir as fronteiras territoriais, científicas e culturais da Federação de Planetas. Construída nos estaleiros de Marte, seu casco é feito de uma liga especial de *tritanium/duranium*. Tem um comprimento de 642,5m, largura de 467 m e altura de 137,5m. Sua velocidade máxima de cruzeiro é feita em dobra 9. A nave foi construída para que, em casos de emergência, o disco principal - onde estão as famílias dos 800 tripulantes, cerca de 300 passageiros entre cônjuges e crianças - se separe da seção de batalha.



◆ Capitão **Jean-Luc PICARD**, é o comandante da nova Enterprise. Nasceu na França. Com vasta experiência em missões de exploração e pesquisa no espaço, tem uma

extraordinária capacidade de comando. Possui uma lógica clara, muita perspicácia e ação decisiva. Tem um senso de justiça, honra e conduta bem definidos. É sagaz, decidido, romântico e diplomático, além de verdadeiro gentleman.



Comandante **William T. RIKER**, é o imediato da Enterprise. Sua maior responsabilidade é a defesa e proteção da vida do capitão. É de sua competência também, certificar-se que a nave se mantenha operacional e sua tripulação treinada. Lidera os grupos de exploração. Possui inteligência arguta e um senso de humor apurado que o auxilia no relacionamento com seus subordinados.



Tenente-comandante **DATA**, piloto da nave. Por ser um andróide não sente emoções e tem grandes dificuldades em entendê-las. Tem pele dourada, olhos amarelos e enorme força física. É muito literal e se confunde facilmente quando se usam figuras de linguagem. Registra em seu cérebro positrônico tudo o que aprende ou vê.



Conselheira **Deanna TROI**. Nasceu no planeta Betazed, mas é apenas meia betazóide - seu pai é um oficial

terrestre da Frota. Possui a capacidade de sentir as emoções da maioria dos seres vivos da Galáxia herdada de seus ancestrais betazóides. Usa suas e sua empatia para auxiliar o Capitão Picard a tomar decisões.



Tenente **Geordi LA FORGE**, é o navegador da Enterprise. Mesmo cego de nascença, consegue "enxergar" graças ao **visor**, um aparelho que funciona como um órgão sensorial capaz de distinguir várias faixas do espectro eletromagnético - luz, infravermelho, ultravioleta, raios-x - além de ampliar as imagens como um microscópio.



Tenente **WORF**, é o oficial de armamentos. É o primeiro oficial klingon nos quadros da Frota. Quando criança, foi o único sobrevivente de um ataque dos romulanos ao planeta Khitomer. Adotado por um oficial da Frota viveu, desde então, entre os humanos. Procura sempre manter o autocontrole, apesar de sua natureza agressiva



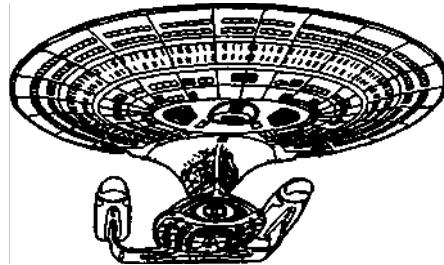
WESLEY Crusher, filho da doutora Crusher, é um adolescente superdotado. Possui incrível facilidade para visualizar e projetar sistemas de circuitos eletrônicos. Tem paixão por física

avançada, comandos computadorizados das dobras espaciais e tecnologia de raios tratores e repulsores.



Doutora Beverly CRUSHER, é a médica-chefe. Nasceu na colônia Alveta III, onde apaixonou-se pela medicina após observar sua avó improvisar um tratamento a base de ervas para salvar seu planeta de uma epidemia. Seu marido foi morto numa missão comandada por Picard e, apesar de não culpá-lo, tem emoções conflitantes a esse respeito. Possui personalidade forte e vibrante.

Tenente **Natasha YAR**, é a chefe da segurança. Natural do planeta Nova Paris, onde humanos formaram uma colônia que degenerou em violência e selvageria. Nunca conheceu o pai e foi abandonada pela mãe aos cinco anos de idade, passado a viver nas ruas e aprendendo a defender-se sozinha. Venera a Frota Estelar, por tê-la salvo do caos de seu planeta e ter-lhe dado uma nova oportunidade de vida.



*A Becky Bontreger.
Você esteve lá Quando eu não podia,
e você fez mais por ela do que eu jamais
poderia ter feito ...
Obrigado.*

UM

— Demos "com os burros n'água", Número Um, mas tenho que admitir que não estou descontente de todo.

Na verdade, o Capitão Jean-Luc Picard parecia mais do que "não descontente de todo". Um leve sorriso dava a suas feições normalmente severas uma aparência realmente relaxada, quando ele acomodou o corpo magro e rijo na confortável cadeira do capitão. Na tela principal, as estrelas esparsas desta remota seção do Braço de Orion passavam suavemente enquanto a *Enterprise* viajava em velocidade de dobra rumo à Base Estelar mais próxima, a centenas de parsecs.

Sentado à direita do capitão, o Comandante William Riker sorria. — Os Ferengi não são o melhor povo para se lidar, mesmo na melhor das circunstâncias.

Picard assentiu, a sombra de uma memória tornando sua expressão brevemente endurecida. — Está desenvolvendo um dom para a compreensão, Número Um. Eu, pessoalmente, não faria objeções em seguir minha carreira sem jamais ouvir este nome outra vez.

— Mas veja por outro lado, senhor — disse Riker. — não encontramos nenhuma prova de que os ferengi estivessem agindo neste setor, mas descobrimos dois planetas de classe-M anteriormente desconhecidos, ambos com grande possibilidade de estarem prontos para contato com a Federação dentro de poucas gerações.

— Sim, Capitão — falou prestativamente o Tenente Comandante Data do posto dianteiro — qualquer missão que resulte na descoberta de mais de três bilhões de seres conscientes não é, certamente "dar com os burros n'água".

Riker sorria quando olhou para o andróide. — Estou surpreso que esteja familiarizado com a expressão, Sr. Data.

— Ao contrário, Comandante, não estou. Fiquei bastante intrigado quando o capitão a usou pela primeira vez. Minhas informações indicaram que os ferengi, apesar de seus valores não coincidirem com os da Federação, não podem ser considerados "burros" no sentido de serem não-civilizados, bárbaros ou primitivos. Tampouco o eram seus ancestrais mais antigos. Portanto, concluí que o termo devia ser uma metáfora do discurso humano não incluso em minha programação. A conversa subsequente entre o senhor e o Capitão, creio eu, permitiu-me deduzir o significado aproximado.

Riker riu. — E o significado é?

Data prendeu a respiração e endireitou-se na cadeira, como se fosse um

aluno que fora chamado ao quadro negro. — Um projeto que falha porque a informação que iniciou o projeto era falsa ou foi desviada de algum modo — disse, finalizando com um olhar questionador para Picard.

— Muito bom, Sr. Data — disse o Capitão contendo o riso. - Nunca soube dela ter sido definida com maior precisão, principalmente de alguém que a ouviu pela primeira vez há somente alguns minutos.

— Obrigado, senhor, mas fui projetado para...

Data calou-se repentinamente, seus luminosos olhos dourados arregalando-se imperceptivelmente, enquanto as informações em seu painel transmitiam uma mensagem hesitante. Seus dedos dançaram rapidamente por ele, confirmando e ampliando a informação.

— Capitão — disse, — as sondas indicam a presença de um artefato de massa considerável, rumo zero-um-dois, marco zero-zero-cinco.

— Outra nave estelar? — perguntou Picard. — Não me diga que é Ferengi.

— A massa corresponde à de uma nave pequena, senhor, mas não está com os sistemas ligados.

— Uma nave abandonada? — Picard endireitou-se na cadeira e inclinou-se ligeiramente para a frente.

— Possivelmente, senhor, mas a esta distância...

— Então é melhor que nos aproximemos. Sr. La Forge, altere o curso.

— Sim, senhor. — O Tenente Geordi La Forge, com seu estreito *visor* de metal cobrindo-lhe a brancura dos olhos cegos, digitou as alterações sem demora.

— Senhor Data, coloque o objeto no visual, magnificação máxima.

— Já está ligada, senhor, mas a esta distância é impossível discernir quaisquer detalhes.

Picard relanceou o olhar para a tela e o ponto indistinto no centro. Um brilho de impaciência passou por suas feições aquilinas, como às vezes acontecia nas raras ocasiões em que era forçado a perceber que, apesar de toda tecnologia existente na *Enterprise*, ela ainda não era mágica. Ela tinha limites, e o fato de que ele pudesse dar uma ordem não significava que, quando ela fosse cumprida, os resultados seriam tão perfeitos quanto esperados.

— Tenente Worf — disse Picard, levantando-se e virando-se para a seção da ponte onde o klingon monitorava o posto de ciências, — alguma indicação de sinais de vida?

— Nada ainda, senhor. Mas...

— Já sei, Tenente, "mas a esta distância" não há como ser positivo.

— Sim, senhor — Worf retumbou em concordância, — mas o que eu ia

dizer era que, apesar dos sensores ainda não poderem detectar formas de vida, há indicações de uma fonte de força em funcionamento a bordo da nave.

— Agora estamos indo a algum lugar — disse Picard. — Tenente Yar, abrir freqüências de saudação.

— Freqüências de saudação abertas, senhor — a loura chefe de segurança respondeu do posto tático que ficava imediatamente acima e atrás da área de comando.

— Senhor La Forge, prossiga em força de impulso no último milhão de quilômetros. Não se aproxime mais de dez mil quilômetros sem ordem contrária.

— Sim, senhor, dez mil quilômetros.

— Sem resposta, senhor — anunciou Yar, enquanto inclinava-se para a frente em seu posto.

— Continue a monitorar, Tenente, e transmita nossas intenções de paz, todas as línguas, todas as freqüências.

— Todas as línguas, todas as freqüências, senhor.

Na tela, o ponto central começava a crescer. Picard e o Comandante Riker andaram para a frente, ladeando Data e La Forge nos postos dianteiros, como se, movendo-se para mais perto, pudessem acelerar o crescimento. O turboelevador abriu-se e a Conselheira Deanna Troi emergiu, os densos cabelos negros espalhados em uma massa de cachos em vez do estilo severo e puxado para trás que adotara recentemente. Juntando-se a eles, ela ficou próxima a Picard.

— Sinto antecipação em seus pensamentos, Capitão — disse suavemente.

Picard indicou a tela. — Há alguma coisa lá fora — disse ele. — Veremos o que é em poucos minutos.

Ela assentiu, os olhos observando a cena, então escorregando inconscientemente da tela para Riker — e rapidamente retornando.

O ponto continuava a crescer. Data foi o primeiro a falar, a voz precisa refletindo a mistura contida de curiosidade e mistério que o cativava sempre que encontrava alguma coisa nova, alguma coisa que não estivesse incluída ou explicada em sua memória extremamente extensa. — Não posso observar nenhum meio óbvio de propulsão, Capitão. Não lhe parece peculiar que uma nave sem sistema de propulsão possa ser encontrada a quase um parsec do sistema estelar mais próximo?

Picard assentiu, aproximando-se ainda mais da imagem holográfica.

— Sistemas de propulsão não são necessariamente tão óbvios quanto uma nacelle de dobra espacial — comentou Riker. — Nossos próprios

sistemas de impulso, por exemplo.

— Saindo da velocidade de dobra, senhor — anunciou La Forge, e um instante depois a tela estremeceu e ressolidificou. O ponto, agora expandindo-se rapidamente, começava a mostrar forma e detalhes até mesmo para olhos menos argutos que os de Data.

E realmente não havia unidades de propulsão. Quando a imagem começara a expandir a princípio, lembrara à Riker uma versão crua e maciça da seção disco da *Enterprise*, separada e flutuando livremente, mas agora ele podia ver que na verdade a forma era retangular, mais como uma caixa perdida no espaço. Não havia unidades de propulsão e não havia portões ou aberturas de qualquer tipo, nem mesmo um único marco que ele pudesse ver.

— Os sensores indicam total ausência de vida, Capitão, — relatou Worf do posto traseiro — e idade muito avançada.

— Quão avançada, Tenente? — perguntou Picard, sem desvia a atenção da tela.

— Pelo menos dez mil anos, senhor.

Um arrepió tênuê correu a espinha de Picard. Apesar de seus anos no espaço, ele ainda não chegara ao ponto em que novas descobertas, novas indicações da verdadeira imensidão e diversidade do Universo pudessem ser consideradas como rotineiras. Havia alguns capitães de naves estelares, ele sabia, que diziam que após uma centena de novos sistemas solares ou uma centena de novas formas de vida não havia mais nada lá fora que pudesse lhes fornecer o mesmo enaltecedor sentimento de maravilha, ar-repiante, existente em sua primeira viagem pelas estrelas. Ele não era um desses. Esperava que jamais o fosse. Se isso acontecesse, seria hora de reformar-se para algum terminal em algum lugar, entregar seu comando para alguém que ainda sentisse um arrepió de maravilha sempre que olhasse para os bilhões de estrelas, os trilhões de parsecs cúbicos a serem ainda explorados.

— E as fontes de força, Tenente Worf?

— Antimatéria padrão, senhor, e parece fornecer energia para vários aparelhos individuais.

— E a natureza desses aparelhos?

— Desconhecida, senhor. Estão operando a um nível extremamente baixo, consumindo muito pouca energia, como se não estivessem totalmente operacionais.

Picard franziu o cenho pensativamente. — Possivelmente alguma forma de aparelho de hibernação para passageiros ou tripulação? Para viajar entre as estrelas em uma nave sub-luz, quase com toda certeza os passageiros e a tripulação seriam mantidos em animação suspensa.

Worf manteve seu silêncio, mas seu olhar de esguelha para Picard dizia

que apenas humanos, e não klingons, necessitariam desse tipo de mordomia.

Por mais um minuto a imagem continuou a crescer, até que quase preenchesse toda a tela.

— Nenhum sinal de propulsores senhor, nem mesmo de impulso — relatou Data. — Tampouco há, aparentemente, qualquer sistema de controle em funcionamento. A nave está girando à média de aproximadamente um segundo de arco por minuto. Se não for alterada, fará uma rotação completa em dois anos, setenta e sete dias, nove...

— Obrigado, Sr. Data — interrompeu Picard, estudando a imagem na tela. Mesmo a esta distância ele não podia ver qualquer evidência de sensores, nenhuma projeção externa de qualquer tipo, nenhuma abertura visível.

— Dez mil quilômetros e mantendo, senhor — anunciou La Forge.

— Ainda sem leituras de forma de vida, Tenente Worf?

— Nenhuma, senhor, em nenhum nível. Se havia algum ser em hibernação, agora está morto.

— O movimento da nave em relação às estrelas mais próximas, Sr. La Forge? Sua trajetória dá alguma indicação do sistema de origem?

— Nenhuma, senhor. O movimento linear é essencialmente zero em relação às estrelas locais.

Picard franziu as sobrancelhas.

— Estrutura e atmosfera internas, Sr. Data?

— É essencialmente montada como um tabuleiro de xadrez, senhor, com corredores extremamente estreitos passando pela nave. A fonte de energia de antimateria está no centro, com escudos moderados, cercada por...

— Escudos moderados, Sr. Data?

— O escudo é de um ordem de grandeza menos eficiente do que o da *Enterprise*. A radiação resultante, após longa exposição, causaria danos à saúde dos ocupantes da nave.

— Poderia tê-los matado? Nas câmeras de hibernação?

— Em dez mil anos, seria possível, senhor.

— Mas não apresenta perigo para ocupantes temporários?

— Assim como nós, se nos transportássemos para observar o interior da nave de perto? Creio que não, senhor.

— Muito bem, Sr. Data — disse Picard, concordando. — Continue. Há alguma indicação de aposentos habitados?

— Não, senhor. Não há nenhuma área dentro da nave que tenha qualquer tipo de atmosfera.

— Esta falta de atmosfera — é proposital ou por deformação?

— Impossível dizer, Capitão, sem inspecionar os ambientes de perto.

— Mais alguma coisa?

— Próximo ao centro, há uma segunda quantidade de antimaterias, menor. Os escudos são ainda mais ineficientes que o outro, mas, devido a sua massa menor, não apresenta maior radiação que a massa maior.

Picard franziu a testa. — Uma arma, talvez?

— Possivelmente, Capitão. Ela tem uma semelhança funcional a nossos próprios torpedos fotônicos, mas a julgar por sua posição no centro da nave, não haveria meios de lançá-lo.

— Pelo que ouvi até agora — disse Picard, — não há meios de lançar nada *de lugar nenhum* nesta nave a não ser por transporte. Vocês não encontraram nenhuma abertura até agora, não é?

— Nada, senhor, mas isso não significa...

— Eu sei. Portas hermeticamente fechadas ou tubos de armas não são detectáveis a esta distância. Mas mesmo que houvesse tubos de lançamento, uma única arma em uma nave que em todo o resto está indefesa não faz nenhum sentido. Tampouco a falta de propulsão. Ela não poderia sequer fugir se fosse atacada.

— Ela talvez não precise, senhor — disse Worf. — Estive estudando certas leituras com mais cuidado e agora percebo que indicam os remanescentes não operacionais de um sistema primitivo de camuflagem.

Picard virou-se abruptamente na direção do posto de ciências. — Não operacional? Você tem certeza?

— Certamente, senhor. As leituras indicam que todo o estágio final do sistema — o estágio que efetivamente produz o efeito da camuflagem — ou falhou inteiramente ou alguma coisa está faltando.

Picard voltou-se para novamente examinar a imagem — o quebra-cabeça — na tela. Por vários segundos ele esteve em silêncio, um brilho de fome em seus olhos. Então, suspirando mentalmente, deu um passo para trás.

— Número Um — disse abruptamente, — junte um grupo avançado para descer.

Riker sorriu. Picard sabia que ele vira o brilho em seus olhos, o brilho dizendo que, se não fosse pelas regras, o próprio Picard lideraria o grupo avançado.

— Agora mesmo, senhor — disse Riker, gesticulando para La Forge e Yar enquanto movia-se rapidamente para o elevador.

Com seus trajes de exploração, Riker, La Forge e Yar encontravam-se nos círculos de teletransporte. Riker sinalizou para o Alferes Carpelli nos controles.

Na ponte, Picard permanecia logo atrás do Tenente Comandante Data, ainda no posto de frente.

— Transportando neste instante, senhor — a voz de Riker o informou.

— Boa sorte, Número Um — disse Picard com um sorriso tênue. — Mantenha contato.

— Manteremos, senhor — disse Riker. Sua voz falhou na última palavra quando o transportador o envolveu.

Por um instante houve somente o silêncio e então Worf disse: — Os sensores indicam que o grupo avançado chegou à nave alienígena, Capitão, no corredor pretendido.

Um instante depois, a voz de Riker retornou, apenas ligeiramente mais distante do que quando falara da sala de transportes, mesmo apesar de agora encontrar-se a dez mil quilômetros. — *Deserto, como informado, Capitão* — disse ele, e, um segundo depois: — *Os tricorders confirmam, sem formas de vida a bordo, sem atmosfera ou gravidade. E sem qualquer luz exceto a que trouxemos conosco.*

Houve um breve silêncio e então: — *Estamos em um longo corredor com menos de um metro de largura. É uma linha reta em ambas as direções até onde posso ver, contudo mais se parece com uma passagem de acesso de equipamento, quase um espaço para se andar de gatinhas do que um corredor. Há nas paredes painéis que parecem...*

Interrompeu-se. — *Tenente La Forge, por que não fica com as partes descriptivas? Presumo que esteja vendo muito mais do que Yar ou eu.*

— *Provavelmente, senhor* — admitiu La Forge com um leve sorriso.

Ele ficou silencioso por um instante enquanto olhava para cima e para baixo do corredor, absorvendo as muitas longas ondas que alimentavam seu visor para os centros visuais de seu cérebro. Para alguém acostumado a uma visão normal, tudo seria um caos total, mas anos de experiência permitiam-lhe selecionar as imagens que queria sem qualquer esforço, ignorar as confusas ondas irrelevantes e suas informações não desejadas no momento. O processo de seleção tornara-se virtualmente automático com o passar dos anos, não exigindo mais nenhuma concentração que não a necessária a pessoas com visão normal que quisessem localizar uma bandeira vermelha em meio a uma centena de bandeiras verdes, e então, um instante depois, encontrar a única que fosse circular, e não retangular.

— *O corredor tem aproximadamente cinqüenta metros em ambas as direções* — disse Geordi. — *Há uma meia dúzia de corredores surgindo a intervalos regulares e pelo menos uma dúzia de portas; painéis, na verdade; de cada lado. Mas não há marcas de nenhuma espécie, nem nos painéis nem nas paredes do corredor. As portas são bastante grandes para serem praticamente do nosso tamanho ou possivelmente um pouco maiores, para que passemos por elas. O painel mais próximo...*

— Capitão! — Worf exclamou, sua voz retumbante cheia de urgência.
— Traga-os de volta, agora!
— O que...
— O aparelho contendo a massa secundária de antimatéria tornou-se ativa! Na média atual, chegará a um estágio crítico em menos de um minuto. A explosão certamente destruirá toda a nave!

DOIS

Picard bateu na insígnia de seu uniforme, ativando o comunicador. — Sala de transportes — falou asperamente. — Traga o grupo avançado, agora!

Outra batida. — Will, estamos trazendo vocês de volta. Alguma coisa está acontecendo aí embaixo!

Virando-se bruscamente, subiu a rampa até o posto de ciências onde encontrava-se Worf. — A massa secundária de antimateria, Tenente, você tem as coordenadas precisas?

— Sim, senhor.

— No momento em que o grupo avançado estiver de volta em segurança, transmita essas coordenadas para a sala de transporte.

Tenso, ele esperou pela confirmação da volta de Riker. No momento em que ela veio, falou rapidamente. — Sala de transporte! Fixe no objeto cujas coordenadas o Tenente Worf está lhe transmitindo. Transporte-o para tão longe da nave alienígena quanto possível, imediatamente! Você tem menos de vinte segundos!

— Sim, senhor — a voz do Alferes Carpelli chegou um segundo depois.

— Fixando agora, senhor.

— Quinze segundos para detonação, Capitão — retumbou Worf. — As leituras tornam o objeto bastante semelhante a um torpedo fotônico sem invólucro.

— Ativando transportadores — anunciou Carpelli. — Objeto sendo transportado, — agora.

— Cinco segundos — disse Worf. — Objeto transportado da nave à deriva mas ainda não... — Fez uma pausa quando surgiram novas leituras. — A distância do objeto é de agora cinco mil quilômetros para além da nave. O processo de detonação continua.

Abruptamente, a tela encheu-se com o brilho sombrio de uma aniquilação distante, bloqueando-lhes a imagem da nave abandonada.

— Processo de detonação completo — concluiu Worf, com as costas ainda voltadas para o visual em chamas. — A nave abandonada parece permanecer intacta.

Na tela, o brilho diminuiu e a nave reapareceu.

Um instante depois, o turbo-elevador abriu a porta e o grupo avançado entrou, liderados por um intrigado Riker.

— O que aconteceu, Capitão? Por que fomos trazidos de volta?

— Alguma coisa, sua presença, suspeito, ativou um aparelho de antimateria — disse Picard, apontando para a tela, onde o resultado turvo da

explosão distante ainda obscurecia a maior parte do fundo estelar.

— Uma armadilha? — perguntou-se Riker, erguendo as sobrancelhas. Data olhou curioso ao ouvir as palavras de Riker, mas não disse nada.

— Talvez — disse Picard, — mas se fosse, seria, com certeza, um caso drástico para matar todos. Se não o tivéssemos transportado, a explosão teria vaporizado a nave inteira. Riker fez uma careta. — Obrigado pela ação oportuna, Capitão.

— Esqueça isso, Número Um.

— Vamos voltar?

Picard voltou-se para os postos traseiros. — Tenente Worf? Pode detectar mais algum desses aparelhos?

— Além da fonte de força principal, senhor, não há indicações de antimateria em nenhum outro local da nave. Explosivos não-nucleares, contudo, permanecem como uma possibilidade.

— Pouco provável — interrompeu Yar. — Se tais aparelhos existissem, eles certamente seriam projetados para serem usados antes do aparelho de antimateria. De fato, eles dificilmente seriam projetados para serem usados *depois*.

Picard assentiu. — Concordo, Tenente. Eles sequer existiriam após uma explosão de tal magnitude. Mas em uma construção tão velha quanto esta, a possibilidade de uma disfunção não pode ser desprezada. A própria explosão bem pode tê-lo sido.

— Creio que não, Capitão — disse Worf do posto de ciências. — As leituras indicam uma seqüência deliberada de fatos designados para terminar na explosão de antimateria que testemunhamos.

— Então, *qual* era o propósito?

— Obviamente, senhor — retumbou Worf, — destruir a nave e quaisquer seres que a tivessem abordado ou se aproximado.

— Isso faz sentido, senhor — concordou Yar, — se presumirmos que era algum tipo de posto militar avançado. Aparelhos de autodestruição são muito comuns na história de muitos mundos.

Picard franziu as sobrancelhas. — Um posto militar avançado? Sem meios de propulsão, apenas um sistema de camuflagem? E sem outras armas além de um único aparelho de autodestruição? — Ele olhou em volta da ponte. - Data? Tenente Worf?

— Não há leituras que indiquem a presença de armas, senhor — disse Worf, e então acrescentou: — pelo menos não com armas com as quais estejamos familiarizados.

— Ainda existe uma boa quantidade de aparelhos desconhecidos operantes, senhor — disse Data. — Eles poderiam concebivelmente ser

armas. Apesar de não estarem totalmente ativadas, as leituras indicam que elas contém algum tipo de circuito subespacial.

— Que tipo?

— Desconhecido, senhor. Sem um exame mais aproximado, é impossível dizer.

— Eles ainda estão operando no mesmo nível anterior?

— Estão, senhor — disse Data, rapidamente sondando seu painel. — Não houve qualquer alteração.

Riker virou-se para fitar Picard. — Precisamos dar uma olhada mais de perto, senhor. Picard ficou silencioso por um instante, os olhos presos à imagem da tela. Ele então assentiu. — Muito bem — disse, — mas esteja preparado para que sua visita seja encurtada a qualquer instante.

O corredor vazio da nave alienígena tomou forma em volta dos quatro membros do novo grupo avançado — Riker, Data, Yar e La Forge. Quando o campo do transportador os liberou, Geordi sentiu um instante de desorientação seguido por tontura, enquanto a falta de gravidade fazia-se presente. Um rápido ajuste em seu traje de exploração gerou uma capa magnética mediana, apenas o suficiente para lhe fornecer a tração necessária para poder "andar" em vez de nadar. A falta de atmosfera não tinha qualquer efeito físico, mas o silêncio que repentinamente envolveu-os era inquietante.

— Não percamos tempo — disse Riker, sua voz soando estranhamente fina pelo comunicador, — e mantenham seus trajes de exploração no máximo. De agora em diante permaneceremos juntos. Primeiro...

— *Número Um* — a voz de Picard interrompeu-o, — *parece que o circuito de autodestruição foi reativado por seu retomo. Mesmo sem o aparelho de antimateria, ainda pode ser consideravelmente perigoso.*

— Compreendido, senhor. A energia utilizada registra-se em nossos tricorders. Verificaremos imediatamente. Tenente La Forge, lidere o caminho.

Estudando a tela do tricorder, Geordi virou-se lentamente. — Por aqui — disse, olhando para cima após um instante, — mas duvido que precisarei disso — acrescentou, indicando o tricorder. — O escoamento de radiação do núcleo de antimateria provavelmente será suficiente para guiar-me.

Ele arrepiou-se ligeiramente enquanto se movia pela estreita passagem e os outros seguiram-no em fila indiana. A radiação, definida e aguda para os sensores de seu *visor*, era muito mais como uma chama que durava um segundo e que pulsara pela *Enterprise* quando o distante aparelho de autodestruição detonara, uma chama que ninguém além dele — e dos

sensores da *Enterprise* — vira. Era nessas horas, pensava enquanto caminhava, que o *visor* era tanto fonte de esperança quanto de inquietação. Ele sabia que a radiação do núcleo de antimateria era essencialmente inofensiva se nenhum deles se expusesse mais do que o estavam fazendo, mas ainda assim sua luz brilhante e sombria tinha um efeito sobre ele que nenhum outro tipo de radiação já tivera antes. Em algum lugar bem fundo em sua mente, ela obtivera uma resposta visceral, um medo que era difícil de ser controlado. Uma reação natural à linha final inerente à radiação? perguntou-se ele.

Ele estremeceu novamente, afastando o pensamento para longe. Virando um corredor final, encontrou-se fitando, não um painel, mas um sólido anteparo. Para os sensores de seu *visor*, ela brilhava sombriamente, quase cegando-o com o escoamento de radiação. Transferindo sua atenção para o tricorder que ainda segurava, viu que ele apontava as fontes de energia. Uma, o núcleo principal de antimateria, estava a uns doze metros além e abaixo do anteparo, sob o convés e mais duas camadas de escudo. A outra, quase obscurecida pela radiação de antimateria, estava imediatamente além do anteparo. Não parecia haver qualquer via de acesso para lá, quase como se toda a seção central fosse uma unidade auto-contida, feita para ser trocada caso houvesse uma disfunção.

— *Nossos sensores mostram-nos em cima do aparelho, Número Um* — a voz de Picard alcançou-os pelos comunicadores. — *Eles também indicam que o nível de radiação está aumentando. Vocês estão bem?*

— Até agora, senhor — disse Riker, estudando seu próprio tricorder. — Mas não creio que possamos verificar o aparelho, pelo menos não diretamente. Teríamos que usar nossos *phasers* para atravessar o anteparo, e isso não me parece uma medida sábia no momento. Como disse, o nível de radiação está aumentando, e o nível além do anteparo está alcançando um ponto perigoso.

Riker fez uma pausa e manipulou seu tricorder. — Mas a atividade do núcleo aumentou apenas ligeiramente. Por que a radiação...

— Creio que comprehendo, senhor — Data interrompeu-o ao levantar os olhos de seu próprio tricorder. — Quando o aparelho que estava para detonar foi transportado, algum material que o cercava também foi transportado, incluindo parte sólida do convés em que ele se encontrava. Como o próprio convés era parte do sistema de escudo do núcleo, o escoamento aumentou. Também é possível que o que permaneceu dessa camada de escudo, por causa da tensão molecular associada com o fato de parte de sua estrutura ter sido levada junto com o campo transportador, esteja deteriorando.

— Sugiro que retirem-se da área, Número Um — disse Picard em um

tom que indicava muito mais que uma simples sugestão, — agora!

— Sim, senhor — Riker respondeu rapidamente, — mas não há nenhuma razão para levarem-nos de volta para a *Enterprise*.

— Talvez não, se vocês se moverem com bastante rapidez por conta própria.

— A caminho, senhor — confirmou Riker, gesticulando para os outros. Com um sentimento de alívio, Geordi virou as costas para a radiação brilhante. Ele sabia que ela não era letal, mas sua aspereza atacava seus nervos mesmo assim.

— Se nosso tempo a bordo está limitado, Comandante — falou Data antes de terem sequer coberto seis metros, — talvez seja mais eficiente se nos separarmos.

— Certo, Sr. Data — respondeu Riker após um micro segundo de hesitação. — Pelo que vimos até o momento, temos quase um quilômetro de corredores por aqui. Você e o Tenente La Forge cobrem tudo o que está à direita da passagem em que nos encontramos. A Tenente Yar e eu seguiremos a esquerda.

Cinco minutos depois, no entanto, começou a parecer-lhe que cada parte de *cada* passagem era tão sem formas quanto aquelas que haviam visto no primeiro minuto após serem transportados. Mesmo o *visor* de Geordi não conseguia distinguir um painel do outro, uma parede da outra, e os tricorders revelavam atividades idênticas mas indeterminadas atrás de cada porta. *Alguma coisa* — dezenas de coisas, talvez centenas — operavam a níveis de força extremamente baixos, tão baixos que, mesmo a esta distância, os tricorders não podiam fornecer uma análise de circuitos confiável. Existia uma sugestão de que haveria circuitos subespaciais envolvidos, acreditando-se que as máquinas seriam simplesmente grandes rádios subespaciais, e havia outras indicações de circuitos de transporte, mas tão próximos dos circuitos subespaciais que mais pareciam uma única máquina ao invés de duas em separado como deveriam ser.

Os únicos circuitos que os tricorders eram capazes de analisar completamente eram os existentes nos próprios painéis — circuitos que responderiam a quaisquer tentativas de abrir um painel enviando uma imensa onda de força pela maquinaria atrás dele, provavelmente transformando-o em pouco mais que uma pilha de metais inúteis.

Geordi estava virando-se desalentadamente do terceiro painel aparentemente idêntico, quando o convés sob seus pés tremeu suavemente. Um momento depois, uma ligeira vibração podia ser sentida. Virou-se bruscamente para o núcleo. Apesar de haver pelo menos seis paredes sólidas até o núcleo, ele via a antimateria pulsar mais vibrante, fluindo pelas paredes

como se elas não existissem.

— *Estamos trazendo-os de volta!* — a voz seca de Picard irrompeu pelos comunicadores. — *Aguardem!*

Então ouviram a voz de Carpelli vindo da sala de transportes. — Fixando em Yar e Riker, agora.

Então o silêncio, seguido pela voz de Riker enquanto ele e Yar desciam da plataforma de transporte da *Enterprise*: — Onde estão La Forge e ...

— Fixando neles agora, senhor — disse a voz de Carpelli, e Geordi sentiu o formigamento do transportador quando ele o envolveu.

Mas de repente, o formigamento se foi.

Havia apenas a voz de Carpelli: — Senhor, eu os perdi! Alguma coisa... E da ponte o tom baixo e retumbante de Worf: — Escudos defletores em volta da nave abandonada bloqueando nossos transportadores, senhor!

TRÊS

— Defletores? — a voz de Picard continha uma mistura de incredulidade e raiva. — Gawelski! — ele disse asperamente para o jovem alferes queixudo que tomara o lugar de La Forge no comando. — Leve-nos direto para distância de contato visual, agora!

Os dedos de Gawelski responderam quase tão prontamente quanto os dedos de Geordi o teriam feito, e a *Enterprise* impulsionou-se para frente, cobrindo os dez mil quilômetros em segundos a velocidade de impulso.

— Data! La Forge! — Picard disse rispidamente. — Podem me ouvir?

— *Bastante bem, senhor* — o tom imperturbável da voz de Data respondeu-lhe. — *Não parece que estamos em nenhuma dificuldade ainda. No entanto alguma coisa está fazendo a nave vibrar, a uma freqüência de doze-ponto-quatro oito ciclos por segundo. Nossos tricorders também indicam que o núcleo de antimateria aumentou drasticamente sua produção de energia.*

— *E este escoamento* — adicionou Geordi. — *Não é perigoso a esta distância do centro ainda, mas eu apreciaria tudo o que pudesse fazer para nos tirar daqui, senhor.*

— Estamos fazendo tudo o que podemos, tenente — Picard assegurou-lhe.

— Analisando o campo do defletor, senhor — relatou Worf. — Parece que foi projetado originalmente para bloquear operações de transporte. Sua resistência contra ataque de *phasers* seria mínima. Sugiro uma rajada de *phaser* direto nos geradores.

— Pode localizar os geradores, tenente? — perguntou Picard.

— Agora que foram ativados, sim, senhor. — Worf tocou em um controle. — Alimentando coordenadas para posto tático agora, senhor.

O tenente Brindle, ocupando o posto tático, fitou Picard em expectativa.

— Não disparem já, senhores — disse ele. — Senhor Data? Tenente La Forge? Nossos sensores indicam que não há perigo imediato da radiação. Vocês concordam?

— *Ao nível atual* — respondeu Data, — *não corro nenhum risco. No entanto começará a ter efeitos colaterais em Geordi em aproximadamente vinte e sete horas.*

— Muito bem — disse Picard. — Tenente Brindle, trave os *phasers* nas coordenadas fornecidas pelo tenente Worf. Aguarde a ordem, mas esteja pronto.

— *Phasers* travados, senhor, prontos para disparar.

Um instante depois, Riker e Yar surgiram na ponte. Brindle deu um passo para o lado quando Yar precipitou-se para o posto tático e fez uma rápida vistoria nos controles.

— O que desejo, senhores — disse Picard, — é obter o máximo de informação possível. Especificamente, desejo algum tipo de certeza de que se dispararmos *mesmo* nos geradores de campo da nave, não seremos levados a uma nova surpresa, alguma coisa ainda pior do que as que já fomos sujeitos. E isto inclui vocês, Sr. Data, tenente La Forge. Aproveitem sua situação para descobrirem o que puderem, mas com cuidado.

— É claro, senhor — manifestou-se Data. — Esforçar-nos-emos para localizar um centro de controle. Nossos tricorders, creio...

— Nível de radiação subindo novamente! — Geordi interrompeu. — Posso ver.

— Aguarde para disparar nos geradores de escudo, tenente Yar — disse Picard ansiosamente.

— Aguardando, senhor.

— Qual o aumento no nível de radiação, tenente Worf?

— Aproximadamente dez por cento, senhor — respondeu o klingon. — Parece ser o resultado de um aumento de produção de energia, e não mais deterioração dos escudos de radiação.

— E para onde está indo esta nova energia, tenente? Já registrou alguma arma?

— Nenhuma arma, senhor, mas uma nova área começou a funcionar. — Worf fez uma pausa, estudando as leituras do posto de ciências. — Parece ser uma unidade de hibernação, porém como esta área da nave em particular tem escudos muitos fortes contra sondas sensoras, as leituras não podem ser consideradas confiáveis.

Na nave abandonada aparentemente viva, os luminosos olhos dourados de Data arregalaram-se quando ele os levantou da tela de seu tricorder. — Capitão — disse, — se não estou enganado, estamos a menos de trinta metros da nova área de funcionamento descrita pelo tenente Worf. Com sua permissão, nós a investigaremos.

— *Concedida, Sr. Data. Não preciso lhes dizer para terem cuidado.*

— Não, senhor. Obrigado. Geordi... — Data interrompeu-se, olhando novamente para a tela de seu tricorder. — Acredito que esteja havendo retorno de atmosfera, senhor.

— Ele está certo, senhor — Worf confirmou imediatamente. — Trinta por cento de oxigênio, o restante são gases inertes. Na velocidade atual, alcançará a atmosfera normal da Terra em menos de cinco minutos.

— Quatro-ponto-seis-oito-minutos — forneceu Data, ainda monitorando

seu tricorder.

— Aposto como está tudo conectado com o que quer que esteja na unidade de hibernação — disse Geordi de repente. — A nave está acordando e preparando o lugar para ela. Se continuar andando, podemos chegar lá antes que esteja totalmente acordada, o que pode ser o lugar mais seguro.

— *Senhor Data, seja...* — a voz de Picard começou, mas foi abruptamente interrompida.

— Capitão? — Data relanceou o olhar para Geordi, então bateu em sua insígnia-comunicador. — Capitão? — repetiu, mas ainda assim não houve resposta.

Geordi segurou-lhe o cotovelo.

— Vamos, Data — disse ele, — vamos lá. Parece que agora nossos comunicadores também foram bloqueados, e é mais uma razão para chegarmos lá antes dessa coisa, seja lá o que for, se levante.

Resistindo ao impulso de jogar-se de cabeça pelo corredor sem gravidade—o que aconteceria se a gravidade retornasse repentinamente, como a atmosfera estava fazendo? Geordi seguiu desajeitadamente atrás de Data. O andróide, seguindo as leituras de seu tricorder, conseguia parecer, se não hábil, pelo menos eficiente. Monitorando com seu próprio tricorder, Geordi viu que a pressão do ar continuava a aumentar. A porcentagem de oxigênio, porém, começou a cair, finalmente chegando ao nível de vinte e quatro por cento.

— O nível de radiação continua aumentando — disse Geordi enquanto viravam outra curva no corredor. — Qual é o meu tempo limite agora, Data?

— Aproximadamente doze horas a este nível até que as reações colaterais comecem, Geordi. Mas tenho certeza que o capitão ter-nos-á tirado daqui muito antes disso.

— Espero que sim, mas do jeito que as coisas têm ido ultimamente... Interrompeu-se quando chegaram a uma porta maciça. Ela tinha duas vezes o tamanho dos outros painéis, a primeira coisa que viam que poderia justificar o termo "porta", mas era tão sem características quanto todas as outras. Geordi meneou a cabeça. — Sejam lá quem forem essas pessoas, eles certamente não acreditam em números de quartos.

— O acréscimo de números seria benéfico? — perguntou Data, já passando a sonda de seu tricorder suavemente para cima e para baixo da porta.

Geordi riu enquanto verificava seu próprio tricorder. — Não, Data, duvido que seria. Mas para o caso de não ter notado, a pressão do ar elevou-se até aproximadamente setenta por cento do normal da Terra.

Sem qualquer aviso, os painéis do teto da passagem pulsaram com vida,

assumindo um brilho pálido e amarelado, tênue para olhos humanos mas não para os do andróide. Um instante depois, a porta tremeu e afastou-se para o lado, desaparecendo dentro da parede de metal. Para além da abertura encontravam-se uma dúzia de plataformas na altura da cintura, com topes retangulares, com formas vagamente parecidas com caixões.

— Parece que estavam apenas esperando que nós batêssemos, Data — Geordi disse apreensivamente.

— Ou que a pressão do ar alcançasse o nível necessário — disse Data, alternando sua atenção entre o próprio aposento e as leituras em seu tricorder. — Sem dúvida alguma essas são as cápsulas de hibernação que os instrumentos do tenente Worf detectaram. No entanto, ainda não há leituras de formas de vida.

— O que estava aí dentro morreu?

— Talvez, mas mesmo nesse caso, a esta distância deveria haver suficiente resíduo de material orgânico...

Tao abruptamente quanto a porta do corredor correra para o lado, o lado da estrutura parecida com a de um caixão abriu-se para baixo, revelando um compartimento acolchoado e escuro, mais do que suficientemente grande para conter um único corpo humano.

Mas não continha nada além de um agrupamento de meio dúzia de fios e tubos pendentes.

Os olhos de Data arregalaram-se imperceptivelmente. — Curioso — disse. — Mesmo apesar do ocupante obviamente não mais estar presente, a maquinaria continuou tentando realizar a função para a qual fora programada.

Geordi deu de ombros, ainda sentindo-se vagamente desconfortável. — Mas é assim que funcionam as máquinas — disse ele. Então percebeu como suas palavras poderiam ser interpretadas e acrescentou rapidamente: — A companhia presente excluída, é claro.

Data permaneceu imóvel por um instante, como se processasse as declarações. — Ah, sim, percebo. Sua segunda observação significou uma desculpa, para o caso de eu ter interpretado a primeira como ofensa.

Geordi sorriu timidamente. — Mas tudo o que fiz foi chamar a atenção para o fato. Desculpe.

O que devia ser uma tentativa experimental de sorriso repuxou os cantos dos lábios pálidos de Data. — Não é necessário nenhuma desculpa, Geordi. É desse modo que são os humanos.

Bruscamente, Geordi riu, muito de seu desconforto sumindo. — Como você está certo, Data. Você tem *certeza* que quer se igualar a nós tanto quanto diz? Nós tendemos a trocar os pés pelas mãos com demasiada

freqüência para nosso próprio conforto.

Data permaneceu mais um instante imóvel e pensativo e então disse: — Presumo que seja mais uma metáfora do discurso humano, já que a possibilidade de ainda haver entre vocês alguém que seja bastante violento para trocar as extremidades de um ofensor parece...

— Só uma metáfora do discurso, Data, até onde eu sei. Mas antes de irmos até tão longe da linha principal, outra metáfora do discurso, talvez devêssemos verificar o restante disso aqui. — Fez um gesto para as outras caixas, presumivelmente também câmeras de hibernação.

Data consultou seu tricorder rapidamente. — Sem atividades e nenhuma leitura de vida — anunciou. — E a atividade do primeiro também cessou. — Fez uma pausa, virando-se na direção de uma porta em uma parede sem ornamentos. — No entanto, há considerável atividade elétrica ocorrendo...

Como a porta do corredor, a porta abriu-se repentinamente, revelando um aposento menor.

Mas este aposento, diferentemente de tudo que já haviam visto na nave, estava longe de ser sem características.

— Bingo! — exclamou Geordi, um sorriso tão largo quanto seu *visor* iluminando-lhe as feições de ébano.

Ocupando quase que toda a metade superior da parede oposta, havia uma tela visual de algum tipo. Abaixo dela encontrava-se um banco duplo de controles, controles fisiológicos discretos, cada um deles com sua marca indecifrável, não os painéis programáveis da *Enterprise*.

E no meio do banco superior, uma luz âmbar piscava com urgência. Enquanto ele observava, um mapa surgiu na tela visual — um mapa, aparentemente, da nave em que se encontravam.

No centro do mapa, num ponto em que Geordi presumiu coincidir com o núcleo de antimateria, um brilhante círculo verde surgiu, piscando junto com a luz âmbar. Uma corrente de símbolos, obviamente uma mensagem de algum tipo, formou-se imediatamente debaixo do círculo verde.

— O escoamento de radiação! — exclamou Geordi, sua mente correndo enquanto os acontecimentos dos últimos minutos de repente formavam um padrão. — É *isso* que tudo isso significa! Nós enfraquecemos os escudos quando transportamos a bomba! Deve haver um computador que ainda mantém um olho nas coisas por aqui, e ele notou o aumento de radiação, então resolveu subir um escudo e manter as pessoas do lado de fora. E agora está tentando acordar o guardião para que ele possa repará-lo. Só que o guardião se foi há dez mil anos, e ninguém nunca se importou em dizer isso ao computador. — Ele meneou a cabeça. — Data, alguma chance de poder descobrir como responder a esta coisa?

— É por demais improvável, Geordi. As respostas possíveis, apesar de não serem infinitas, são impossíveis de serem calculadas tão rapidamente até mesmo por mim. Se houvesse algum meio de ligação entre o computador da *Enterprise*... — Ele balançou a cabeça.

Geordi suspirou. — Eu temia que você dissesse isso. Se houvesse ao menos um meio de decodificar tudo isto, *talvez* pudéssemos conseguir com que abaixasse os escudos antes que estivéssemos fritos.

Como experiência, bateu em seu comunicador, mas não houve resposta.

— Ainda desligado. E presumo que o escudo que bloqueou nossos comunicadores também bloqueou *os phasers* da *Enterprise*. Se não, o capitão teria disparado nos geradores e já teria nos tirado daqui. Ouvi Worf alimentando as coordenadas no posto tático antes que fôssemos desligados e Tasha estava pronta para ativá-los.

— Eu fiz as mesmas deduções, Geordi. No entanto, já que estamos dentro do escudo, *talvez* pudéssemos desativar os geradores.

Geordi assentiu. — Exatamente o que eu ia dizer. — Ele sondou brevemente a tela de seu tricorder, então olhou para cima. — Por aqui, creio — disse, indicando o centro da nave enquanto começava a retirar-se do aposento.

Antes que alcançassem a porta, a mão de Data pousou sobre seu ombro, o toque do andróide gentil mas firme.

— Eu vou, Geordi — falou. — Como acabou de indicar, os geradores estão aparentemente bastante próximos do núcleo de antimateria, onde a radiação é mais forte. — Lançou um olhar para seu próprio tricorder. — E essa média foi acelerada mais uma vez a aproximadamente quarenta e cinco segundos atrás. Apesar de a esta distância estar seguro por vários minutos, os níveis de radiação próximo ao núcleo estão tornando-se altos demais para que você agüente por mais do que um brevíssimo período sem um traje de radiação apropriado. Eu, por outro lado, posso não apenas mover-me mais rapidamente do que você, como também sou capaz de suportar níveis muito mais altos de radiação sem danos substanciais.

— Data...

— Não seria lógico que você me acompanhasse, Geordi — disse Data, mantendo seu toque no ombro do jovem tenente.

— Eu sei, Data, mas...

— Mas é humano querer fazê-lo, mesmo quando se sabe que é contraproducente?

Geordi ficou em silêncio por um instante, então assentiu. — Alguma coisa em nossa psique contraditória, acho. — Respirou fundo. — Continue, antes que fique quente demais até mesmo para um andróide.

— Eu tentarei — disse Data, retirando sua mão do ombro de Geordi.

Quando ele se virou para partir, uma segunda luz, desta vez de um amarelo brilhante, começou a piscar no painel. Na tela visual, o círculo verde cresceria momentaneamente e então desapareceria. Em sucessões rápidas, tudo em uma questão de um segundo ou menos, uma centena de outros círculos, todos de um amarelo brilhante como o da luz, piscou com vida e desapareceu.

Todos menos um.

Então o próprio mapa desapareceu, e, por um instante, uma imagem da *Enterprise* surgiu, mas então, também ela se foi.

Dezenas de outras luzes, espalhadas por toda parte no painel, começaram a piscar intermitentemente, até onde Geordi podia dizer, ao acaso.

De repente, o aposento foi banhado por uma luz e os dois homens sentiram o abraço paralizante de um transportador.

— Senhor Data! Tenente La Forge! — Picard batia inutilmente em seu comunicador, incapaz de restabelecer a ligação com a nave abandonada.

— Escudos agora em energia total em volta da nave, senhor — Worf retumbou. — Nenhum contato possível.

— Nossos *phasers* podem penetrar?

— Com tempo ou energia suficientes, sim, senhor, mas é quase certo que a nave sugaria essa energia para fortalecer seus escudos. Os níveis resultantes da radiação crescente...

— Podemos não ter nenhuma escolha! — cortou Picard. — Tenente Yar, mantenha os *phasers* travados nas coordenadas dos geradores de escudo. Dra. Crusher, reporte-se imediatamente à sala de transporte com o material necessário para tratar casos sérios de radiação de antimateria.

— Agora mesmo, *Capitão* — a voz de Beverly Crusher veio de seu consultório na enfermaria.

— Número Um? Tenente Yar? Vocês estavam lá. Existe alguma coisa, qualquer detalhe mínimo, que se lembrem e que possa ajudar?

— Desculpe, senhor — disse Riker, balançando a cabeça. — Havia apenas passagens e portas, sem controles, sem marcas de qualquer tipo, nada nos tricorders que já não tivesse sido relatado pelos sensores da *Enterprise*.

— Nada, senhor — concordou Yar. — Porém, se viermos a usar os *phasers*, eu faria duas sugestões. Primeiro, chegar o mais próximo possível antes de disparar, direto na fímbria dos próprios escudos. E depois, mirar todos os *phasers* nas coordenadas do gerador, colocá-los em força máxima e dispersão mínima e a dispará-los todos simultaneamente.

— Execute, tenente — disse Picard, assentindo em concordância soturna. — Se funcionar, se puder perfurar o escudo com bastante rapidez, o

aumento resultante na radiação de antimateria será extremamente alto mas também muito breve. Alferes Carpelli, esteja preparado para travar no Sr. Data e no tenente La Forge no instante em que os escudos forem baixados. Tire-os de lá, rápido!

— Pronto, senhor!

— Tenente Worf, o raio dos escudos.

— Um-ponto-três quilômetros, senhor.

— Alferes Gawelski, leve-nos até um-ponto-quatro quilômetros.

— Sim, senhor.

— Tenente Yar, verifique novamente essas coordenadas.

— Sim, senhor. O escudo é esférico, e as coordenadas coincidem precisamente com o centro desse campo, aproximadamente dez metros da própria antimateria.

A expressão de Picard fechou-se. — A dispersão *dos phasers...*

— A esta distância, podemos mantê-la a menos de um metro, mesmo com todos os nossos *phasers* sendo disparados simultaneamente.

— Dra. Crusher, já está em posição?

— *Ainda não, senhor, as unidades descon são volumosas e quero que estejam preparadas, prontas para receber os homens no instante em que aparecerem. Para Geordi, principalmente, os segundos contam.*

— Estou bastante consciente do fato, doutora! — declarou Picard.

— *Tenho certeza que sim, Capitão, mas também esteja ciente de que não é o tempo entre agora e o ataque que determinará o dano radiativo que ele sofrerá. Até que nossos phaser's comecem a funcionar, o nível de radiação, apesar de alto, sem dúvida alguma será tolerável enquanto Geordi e Data mantiverem distância do núcleo. A radiação desses segundos entre o disparo dos phaser's e o instante em que serão transportados de lá para cá é que será crítica!*

Picard ficou silencioso por um instante e então assentiu, apesar de não haver nenhuma ligação visual com a enfermaria. — Você está certa, é claro, doutora — disse. — Notifique-me quando estiver pronta.

Ele caminhava, tenso, olhando alternadamente para a imagem na tela, as feições implacáveis de Worf e as igualmente tensas de Yar. A espera sempre fora dura mas, agora, quando se sentia responsável pelo que acontecera, por ter permitido que os quatro voltassem à nave abandonada, por não ter reagido com suficiente rapidez aos primeiros sinais de perigo, isso também era igualmente difícil. Mas ele não tinha escolha. Se tivesse demorado mais um segundo para tomar as primeiras decisões, se não tivesse permitido que sua própria curiosidade, sua própria impaciência nublasse-lhe o julgamento...

— *Pronto, Capitão* — a voz de Beverly Crusher o informou.

A tensão em seu corpo aumentou e então liberou-se quando a tenente Yar assentiu sua prontidão.

— Alferes Carpelli — disse ele.

— Pronto, senhor — a voz de Carpelli veio da sala de transportes.

— Tenente Yar, quando estiver pronta.

Um outro instante de silêncio e então: — Disparando... agora, senhor. Por menos de um segundo, o espaço em volta da nave abandonada brilhou com uma luz cegante. Então se foi, e a nave, indefesa, preencheu a tela.

— Escudos baixados, senhor — relatou Yar prontamente, as palavras breves intermeadas por satisfação triunfante.

— Radiação ainda se intensificando, senhor — retumbou Worf. — Teremos que subir nossos próprios escudos se ela continuar a aumentar.

— Você os tem, Sr. Carpelli? — perguntou Picard.

Mas ouviu-se apenas silêncio vindo da sala de transportes.

— Carpelli! Você me ouviu?

Um outro instante de silêncio e então: — *Eles não estão lá, senhor! Eles se foram!*

QUATRO

Alívio fluiu pelo corpo de Geordi La Forge quando sentiu o campo do transportador envolvê-lo. Um instante depois, os sensores de seu *visor* foram invadidos pelo familiar invólucro caleidoscópico de energias de desmaterialização fechando-se sobre ele, mudando e viajando tão rapidamente que ele não podia focalizar em nada.

Mas mesmo enquanto as energias rodavam a sua volta, ele percebeu que havia alguma coisa diferente, as energias eram de algum modo mais suaves, menos intensas. Mas elas não eram sempre exatamente iguais, disse a si mesmo. Como flocos de neve, não havia duas viagens no transportador que fossem idênticas. O importante era que o Capitão Picard conseguira — como Geordi sabia que ele conseguiria. Quando o campo o libertasse, ele e Data estariam a salvo de volta à sala de transportes da *Enterprise*.

Por um momento houve o nada do próprio transporte, então uma outra explosão de energias caóticas, virtualmente uma imagem negativa do que ele vivenciara um instante antes.

Mas então, antes que energias ofuscantes sumissem, antes que o mundo pudesse reformular-se em volta dele, tudo começou novamente.

E desta vez as diferenças eram dramáticas, amedrontadoras.

Se as energias foram mais suaves, menos intensas, durante a primeira vez, sua intensidade agora era quase cegante.

E estendiam-se por freqüências e comprimentos de onda que Geordi jamais vivenciara durante o teletransporte, talvez jamais sob nenhuma outra circunstância. Volteando e queimando, golpeando seus sentidos, elas giravam em padrões aparentemente impossíveis de velocidade de dobra da mente, padrões que, conforme persistiam e intensificavam-se a cada instante, fizeram-no desejar arrancar o *visor* do rosto.

Mas, preso pelo campo do transportador, não podia se mover.

De repente, profundamente aterrorizante, pensou: Será que a radiação da antimateria interferiu com a operação do transporte? Será que a radiação tornou-se tão intensa no instante do transporte que de alguma maneira ela se inter-relacionara com as energias em que seu próprio corpo se convertera? Será que durante a tentativa de reposicioná-los na plataforma da *Enterprise*, a maquinaria do transportador não fora capaz de separar as duas formas de energia? Será que a radiação de antimateria estava agora de algum modo incorporada a seu próprio corpo? Será que era essa a fonte desses padrões de divisão mental?

Mas mesmo enquanto o pensamento se formava em sua mente, ele sentiu

a liberação súbita, o nada que vinha com o instante do transporte, e então o turbilhão de energias estava se revertendo, recuando de seu corpo como uma maré rasante.

E, finalmente, o mundo se refez a sua volta.

Tateante, ele começou a absorver as informações que fluíam para os sensores do *visor*.

A primeira coisa que notou foi que, como esperado, o brilho sombrio e frágil da radiação da antimatéria, tão intensa em seus últimos instantes na nave abandonada, se fora.

E a forma palidamente brilhante, distintamente não humana de Data ainda diante dele, onde estivera quando o campo do transportador os envolvera.

Mas para além do andróide...

Livre e impossivelmente, sua mente consciente não poderia tirar nenhum sentido do caos de comprimentos de ondas que o tomaram. Tentando combinar as formas e cores às da sala de transporte da *Enterprise* apenas distorcera-lhe a percepção, sujeitando momentaneamente a uma desorientação cambaleante, que apenas somou-se à fraqueza física que a viagem sem precedentes pelo transportador já o induzira.

Então, de repente, sentiu as poderosas mãos de Data sobre seus ombros, equilibrando-o e o rosto do andróide o fitava preocupado.

— Geordi, você está bem?

Suas próprias mãos alcançaram e agarraram a solidez dos braços de Data, obtendo força e estabilidade deles.

Por um instante, focalizou apenas na forma de Data, deixando o restante daquilo que o cercava guardado no padrão desejado.

E quando o fez, os padrões clarearam e estabeleceram-se, percebeu com um descredito nascente que era um padrão não familiar.

Somente então que o fato obviamente claro de que ainda estava sem peso penetrou sua mente. E foi isso, até mesmo mais que os arredores aparentemente não familiares, que trouxe-lhe de volta o fato de que, fosse lá onde estivessem, não estavam na *Enterprise*.

Tampouco estavam em algum lugar da nave abandonada, percebeu abruptamente. Apesar da contínua falta de gravidade, não podiam estar. Não havia sequer um único traço do brilho sombrio da radiação de antimatéria que virtualmente afogou-lhe os sentidos durante aqueles últimos instantes.

Mas onde mais *poderiam* estar?

Soltando os braços de Data, deu uma volta completa, permitindo que os sensores de seu *visor* observassem o local por completo.

Onde quer que estivessem, ele e Data estavam dividindo um único

círculo de transportador no meio do aposento bem simples. A parte superior de uma parede era uma tela visual, diante da qual havia uma cadeira, rígida e utilitária, com braços retos e de pontas afiadas, só que não havia controles, em lugar nenhum.

Mas suspenso de um suporte invisível imediatamente abaixo da tela, estava o que poderia ser descrito apenas como o esqueleto de um capacete — o pequeno topo de uma esfera prateada com cinco fios encurvados, como dedos que agarrariam qualquer cabeça em que se encaixassesem.

Em uma outra parede havia a um metro uma única câmara de hibernação, idêntica àquelas existente na nave abandonada, a não ser pelo fato dessa aqui não ter nenhum controle externo. Ela estava aberta e vazia.

Montada na parede oposta, a tela visual era a única coisa que não combinava com a simplicidade estéril do aposento: uma câmara de descompressão antiga, parecendo-se mais com um artefato da velha Terra no final do século XX ou início do século XXI, no máximo. O material, a visão espectrográfica de Geordi o informou, era uma liga simples de aço, nada parecido com as ligas mais complexas e imensamente mais duráveis de que eram feitos os outros objetos existentes, até mesmo a cadeira. Com uns três metros de altura e com pouco mais do que isso em largura, a câmara ocupava metade da parede e estendia-se por uns dois metros para dentro do aposento.

— Geordi? — Era Data, com uma preocupação clara em sua voz normalmente uniforme. — Não consigo detectar nada de fisicamente errado com você, mas seu comportamento...

— Estou bem, Data — ele disse abruptamente, voltando-se para o andróide. E então, com uma risada nervosa: — É que demorou um minuto para eu perceber que não estava mais no Kansas.

— Kansas? — Data o fitava com preocupação cômica. — Eu nunca estive no Kansas, Geordi. Você tem certeza que suas aptidões não foram afetadas por nossas experiências?

— Estou bem, Data, considerando-se tudo — respondeu com um sorriso tenso. — Eu estava apenas fazendo uma piada sem graça. E obscura. *O Mágico de Oz*. Fique apenas feliz por não ter chamado você de Totó.

— Totó? Mas por que você... — Data interrompeu-se no meio da frase e Geordi quase podia ver as ligações sendo feitas em algum lugar atrás dos olhos dourados. — Ah, sim, agora comprehendo as referências, incluindo o que presumo tenha sido sua intenção de fazer um trocadilho com meu nome, mas eu devo admitir que a linha de pensamento pelo qual você chegou a elas em primeiro lugar me intriga.

— Temo que não foram resultados de nada lógico como uma linha de pensamento, Data. Quando estou com medo, coisas como essa simplesmente

saem da minha boca. É difícil de explicar.

— Eu suspeitei que o fosse — disse Data, parecendo quase melancólico.

— Temo que não importa que linha seja, ela permanecerá como um dos mistérios dos seres humanos que ainda tenho que compreender completamente.

— Se um dia eu mesmo vier a saber, contarei a você — disse Geordi, endireitando-se e sondando o aposento mais uma vez. — Nesse meio tempo, temos alguns mistérios mais importantes que a natureza humana para trabalhar. Como onde estamos e como voltamos?

Repentinamente, bateu em seu comunicador-insígnia.

— *Enterprise*, aqui é o Tenente La Forge. Responda.

Mas não houve resposta, nem na sua primeira tentativa nem na sua décima, e Data não teve melhor sorte. Mesmo após determinar que o ar era seguro para se respirar e desligando seus trajes de exploração para eliminar a menor interferência que os escudos pudessem gerar, não havia nem mesmo a sombra de uma resposta. Onde quer que estivessem, decidiram, deviam estar presos em outro escudo que bloqueava os comunicadores, exatamente como os escudos na nave abandonada bloqueara-os naqueles últimos poucos minutos.

Ou estavam fora do raio de ação, pensou Geordi, mas ele descartou a idéia quase que imediatamente. Considerando-se o fato que haviam sido colocados naquele lugar por um transporte — definitivamente peculiar e energético, mas ainda assim um transportador — era virtualmente impossível estar fora do raio de ação do comunicador. Mesmo levando-se em consideração as diferenças na tecnologia alienígena, o raio de ação do transportador não podia ser assim *tão* grande.

Portanto, estavam presos por um escudo. Livrando-se do escudo eles poderiam contactar & *Enterprise*.

Mas primeiro precisavam descobrir o que estava gerando o escudo.

— Desapareceram? — Picard franziu as sobrancelhas, seu estômago dando voltas desconfortáveis ao ouvir as palavras de Carpelli. — Não podem ter desaparecido!

— *Mas desapareceram, Capitão!* — reiterou Carpelli. — *Não comprehendo isso melhor que o senhor, mas eles desapareceram. Pelos menos desapareceram agora. Eu acho que eles estavam lá quando os escudos da nave foram baixados, mas...*

— Carpelli! Mas que diabos está tentando dizer?

— *Como ordenado* — disse Carpelli, sua voz assumindo um tom defensivo, — *eu mandei os transportadores fixarem-se automaticamente em seus comunicadores no momento em que os escudos caíssem, não*

importando onde estivessem na nave abandonada. E eles o fizeram. Eles se fixaram. Data e La Forge aparentemente encontravam-se a cerca de trinta metros de onde estavam quando os escudos nos isolaram, não houve problema em fixar o transporte neles. Mas antes que pudéssemos acionar, não poderia ter sido mais que um segundo, antes que pudéssemos acionar, eles haviam desaparecido! Seus comunicadores não registravam mais. Nada registrava.

— Seus comunicadores devem estar com uma disfunção devido à radiação! — cortou Picard. — Você ainda poderia tê-los pego nas coordenadas em que já havia fixado!

— *Eu tentei, senhor! Eu acionei imediatamente, mas não apareceu ninguém aqui! Nada nem ninguém!*

— Senhor — o Tenente Worf interrompeu do posto de ciências — as leituras que acabei de analisar indicam que outro transporte, este outro aparentemente localizado na própria nave, já estava em operação no instante em que os escudos da nave falharam.

Picard girou na direção do klingon. — Ainda está em operação?

— Negativo, senhor.

— Pode determinar sua localização?

— Não, senhor, mas deve ter sido um dos aparelhos que notamos anteriormente, um dos que estavam em algum tipo de estado de alerta. Aparentemente um deles saiu do estado de alerta e tornou-se completamente operacional quando os escudos subiram. No momento em que os escudos falharam, ele deve ter acionado imediatamente.

— E tê-los enviado para que destino? O que os sensores nos mostram no raio de transporte?

— Nada, senhor. Exceto pela nave alienígena e pela própria *Enterprise*, não há no raio dos sensores quaisquer objetos materiais maiores que poeira interestelar.

— Onde então...? Sonde à procura de formas de vida, em qualquer lugar dentro do raio dos sensores.

— Já foi feito, senhor. Não há nenhuma a não ser as que estão a bordo da *Enterprise*.

Abruptamente, Picard bateu em seu comunicador. — Comandante Data! Tenente La Forte! Respondam! Mas não houve resposta.

— Computador! — falou Picard. — O Comandante Data e o Tenente La Forge estão a bordo? Será que o transporte alienígena poderia tê-los levado a bordo, para alguma parte da nave que não fosse a sala de transporte?

— *Não, Capitão* — a voz uniforme do computador fez-se ouvir um instante após, — *nenhum dos dois encontra-se a bordo.*

Picard engoliu um palavrão, sua mente em disparada. Onde eles poderiam estar? Estivera preparado para que, uma vez tendo-os a salvo a bordo da *Enterprise*, recuar e deixar a nave abandonada com seus próprios aparelhos, para se auto-destruir ou não.

Mas agora ele não se atrevia.

Para onde quer que os dois tivessem sido levados, se tivessem sido levados por transportes como os instrumentos de Worf sugeriam ou por qualquer outro método desconhecido, fora gerado por alguma coisa nessa nave maldita, que a cada instante que passava tornava-se cada vez mais semelhante a uma armadilha que a uma nave abandonada.

E sem essa nave, sem seus equipamentos ainda ativos a serem examinados, simplesmente não havia meios de descobrir onde e como eles haviam sido levados.

Não haveria meios de pegá-los de volta.

— Tenente Worf, qual é a situação do núcleo de antimateria da nave? Ele corre qualquer perigo imediato de ser inundado?

— Sem perigo imediato, senhor, mas ele é instável e está virtualmente sem escudos. Nossos *phasers* parecem que destruíram uma fração do leito interno do escudo e pode ter afetado os circuitos de controle da central de fora.

— Engenharia! — falou Picard. — Presumo que esteja monitorando a situação. Preciso saber se a fonte de energia pode ser... — Ele se interrompeu, balançando sua cabeça com força. — Preciso saber *quando* a fonte de poder da nave *pode* ser estabilizada!

— *Sim, senhor* — a voz mal-humorada do engenheiro-chefe Argyle replicou um instante depois, — *estamos nos mantendo informados até onde podemos, levando-se em consideração a distância, mas não há como determinar exatamente o dano feito sem dar uma olhada mais de perto. E assim mesmo, há a questão da tecnologia alienígena...*

— Senhor Argyle, não quero saber o que *não pode* fazer! Eu quero saber o que *pode* fazer!

— *Desculpe, Capitão, mas não se pode fazer promessas, ao menos as pessoas honestas, nessas circunstâncias. Tudo que posso prometer é fazermos o melhor. E que não há nada que se possa fazer quanto a realmente reparar os controles de energia alienígenas, não importa o que descubramos, antes do núcleo estar devidamente protegido por um escudo. Das leituras que temos no momento, nem mesmo nossos trajes contra radiação pesada nos permitiriam chegar perto o suficiente do núcleo para apertar uma chaveta quente, quanto mais fazer reparos complexos. O que devemos fazer primeiro é enviar nossas próprias unidades de reparos*

automáticos, junto com algum escudo decente para trocar o queijo suíço em que vocês andaram fazendo buracos.

— Muito bem, Comandante Argyle — disse Picard, percebendo relutantemente que o engenheiro chefe estava certo. — Execute.

— *Imediatamente, Capitão. O engenheiro chefe assistente Singh já está a caminho do almoçarifado para preparar uma das unidades automáticas.*

Isso ocorreria menos de cinco minutos antes da primeira unidade automática ser transportada para o meio da radiação letal, mas para Picard e muitos dos outros, que monitoravam a atividade ainda errática do núcleo e o nível da radiação em volta, parecia que haviam-se passado horas.

Geordi e Data examinaram em vão à procura de alguma evidência do escudo que Geordi tinha certeza estava-lhes bloqueando os comunicadores, mas não havia nada, nem mesmo o menor traço de uma leitura em seus tricorders que confirmasse isso, não importava como eles manipulavam os controles.

Finalmente, mais intrigados do que desencorajados, eles viraram sua atenção para o aposento em que se encontravam.

E sua primeira descoberta apenas aguçava-lhes a curiosidade. A câmara não levava a lugar algum. Ela se abria com bastante facilidade, mas uma rápida sondagem com os tricorders revelou que a outra porta não era funcional. Os controles estavam congelados, e para além dela, novamente de acordo com os tricorders, havia somente a parede incrivelmente sólida do próprio aposento.

Não havia outras portas, nenhuma abertura de nenhum tipo, em lugar nenhum do aposento. A esse respeito, era exatamente como a nave abandonada original. O único meio de entrar ou sair era por teletransporte.

Então, repentinamente, voltaram-se para o problema do transporte e a total falta de controles. A menos que fossem completamente automatizados — ou eles encontravam-se no que parecia ser uma cela de prisão — tinha que haver controles. Havia o capacete, é claro, o que implicava que os controles existentes eram operados mentalmente. Nenhum dos dois ainda estava preparado para simplesmente colocar o capacete na cabeça, mesmo que nada nos tricorders pudesse indicar que havia qualquer perigo imediato.

Ao invés disso, viraram os tricorders para o transportador, presumindo

— na esperança — que ele contivesse circuitos que não fossem totalmente diferentes daqueles usados pelos transportes da Federação. Com um pouco de sorte, o transportador estaria em algum tipo de módulo de espera e não completamente desligado. Se assim fosse, os minúsculos pontos

de força que ainda flutuavam pelos circuitos gerariam padrões que poderiam ser identificados e reconhecidos pelos tricorders. Com ainda mais sorte eles poderiam ser capazes de localizar — e então alterar — os circuitos que permitiriam virar o botão de receber para transmitir.

Mas, apesar de haver energia suficiente fluindo pelos circuitos para que fosse registrada pelos tricorders, Geordi e Data logo descobriram que os circuitos que esperavam encontrar não existiam. Ou se existissem, estavam desconectados ou completamente desligados, com nenhuma força de espera fluindo por eles.

Este transportador não podia transmitir, podia apenas receber.

— É loucura, Data! — Geordi meio gritou em uma explosão de frustração após uma nova verificação final de uma leitura que já fizera uma dezena de vezes.

— Simplesmente loucura! De que serve um transportador que não pode transmitir?

— Ele funciona muito bem como receptor -> Data respondeu logicamente, — o que parece ter sido a função para a qual foi projetado e construído. E é notável, considerando-se sua idade.

— Uma coisa que *não* preciso — cortou Geordi, — é um certificado sobre a habilidade soberba de quem quer que tenha construído esta... esta ratoeira! Estaríamos numa posição muito melhor se ela fosse um pouco *menos* notável!

Data olhou para Geordi por um instante, seus olhos abrindo-se intrigados pela explosão. — Eu estava apenas fazendo uma observação, Geordi. Existe alguma coisa... — Ele interrompeu-se, como se um pensamento tivesse acabado de ocorrer-lhe.

— Ah, percebo — ele falou após outro instante. — Se não estou enganado, existe um termo na psicologia humana que se aplica a seu presente estado mental: transferência de hostilidade. Seu aborrecimento refere-se realmente à situação em que se encontra, talvez com os aparelhos que nos trouxeram aqui, ou consigo mesmo por ter permitido que fôssemos capturados, mas você transferiu esse aborrecimento para um objeto que...

— Data!

— Sim, Geordi?

— Uma outra coisa que *não* preciso é de uma preleção em psicologia humana! — falou com mau humor. Mas então, notando os olhos de Data fitando-o diretamente nos seus, respirou fundo e abaixou a cabeça timidamente. — Principalmente quando é provável que esteja mais do que certo. Desculpe se fui brusco com você.

— Está tudo bem, Geordi. Estou sempre interessado em observar

pessoalmente as peculiaridades da mente humana.

Geordi riu. — E às vezes é mesmo muito peculiar — disse ele, mas então ficou repentinamente sério.

E virou-se na direção da tela e do capacete. — Acho que não podemos nos esquivar disso por mais tempo.

Novamente respirando fundo, alcançou o capacete de dedos prateados. Afinal, disse a si mesmo, é a única coisa lógica a ser feita a esta altura. Não importava o que o capacete viesse a fazer, ele não podia tornar-lhes a situação pior do que já estava. Quando sua mão fechou-se sobre uma das protuberâncias do capacete semelhantes a um dedo, o que mantinha o capacete preso à parede o liberou. Cuidadosamente, examinou-o, primeiro com sua visão espectroscópica e microscópica, e depois com o tricorder, mas seus exames revelam apenas que *alguma coisa* estava funcionando dentro da esfera metálica e dos cinco prolongamentos flexíveis. Pequenas quantidades de energia fluíam por cada milímetro em padrões complexos, mas o que esses padrões significavam, nem ele nem Data podiam imaginar.

Finalmente, com toda cautela, Geordi abaixou-o até sua cabeça, distorcendo dois dos fios para evitar que tocassem seu *visor*. Data, mantendo uma observação constante tanto de Geordi quanto do tricorder, permanecia próximo, obviamente posicionado para reagir.

Mas não aconteceu nada além de um tênue brilho estável e praticamente imperceptível saindo do topo esférico do capacete prateado.

Geordi permaneceu imóvel por vários segundos a não ser por um ligeiro oscilar devido à gravidade zero.

Ele não sentia nada.

Até que...

Bem no fundo de sua mente, alguma coisa o tocou, como um comichão.

Suas mãos elevaram-se na direção do capacete, mas ele resistiu ao impulso imediato de arrancá-lo fora.

O comichão aumentou, espalhando-se em todas as direções, transformando-se em um tênue formigamento, dificilmente detectável enquanto se espalhava por seu corpo. Para os sensores do seu *visor*, parecia haver um brilho esfumaçado, todo permeado, que o lembrava os efeitos de uma sonda, exceto pelo fato de que de algum modo isso era mais delicado.

E então se fora.

E a tela criou vida, preenchida naqueles primeiros momentos com apenas um arco-íris volteante que ocupava inteiramente o espectro humano visível e alguns ângstrons extra em ambos os lados.

Um padrão de teste? Geordi perguntou-se, mas antes que pudesse determinar algum padrão inteligível, ele se foi.

E foi substituída por um planeta que enchia quase que praticamente toda a tela. Por um instante, só por um instante, ele esqueceu-se de tudo em um pulo de exaltação.

Terra! De algum modo, estavam orbitando a Terra!

Então o momento passou, e ele viu que, apesar da imagem das nuvens, do azul dos oceanos, e mesmo as massas sólidas nos pólos pudessem pertencer à Terra, as massas dos continentes não o poderiam.

Um planeta classe-M, obviamente, mas igualmente óbvio que não era a Terra.

A euforia momentânea se desfez de repente, substituída por uma nova onda de apreensão. Onde quer que estivessem, haviam sido levados contra sua vontade, com todas as probabilidades de ter sido os habitantes deste planeta, que agora mesmo deviam provavelmente estar a caminho para capturá-los ou matá-los...

Mas o planeta não podia ser real, disse a si mesmo secamente. O computador — ou fosse lá o que fosse que ao colocar o capacete tivesse acordado — pegara uma imagem da Terra em sua mente, e então construiria imagem com a coisa mais próxima existente em seus bancos de memória. Isso não podia ser real tanto quanto estarem fora do alcance dos comunicadores com a *Enterprise*.

Afinal, a nave abandonada estava a cerca de um parsec de distância da estrela mais próxima, disse a si mesmo.

Haviam sido trazidos para cá por um transportador. Os campos de energia que o haviam envolvido durante o processo, não importava ser pouco comum ou o grau energético, provavam isso.

E o alcance de um transporte, mesmo um transporte alienígena, tinha que ser medido em dezenas de milhares de quilômetros, não dezenas de trilhões.

E ainda assim...

Experimentalmente, invocou uma visão de Saturno e seus anéis, esperando ver uma imagem similar mas não idêntica formar-se na tela.

Mas seus esforços não produziram nenhuma alteração.

Voltando da tela, observou com seu *visor* cada objeto no aposento.

— Data — perguntou, — seu tricorder mostra alguma coisa nova acontecendo depois que coloquei essa coisa?

— Muitos circuitos dentro da parede atrás e ao lado da tela agora estão ativos, mas suas funções não podem ser determinadas.

Geordi concentrou sua atenção no círculo do transportador.

— Mas não está acontecendo nada com o transportador? Nenhum circuito novo ficou ativo?

— Nenhum, Geordi.

Geordi balançou a cabeça em frustração renovada. Obviamente, colocar o capacete *Fizera alguma coisa*. Mas não o que ele queria que fizesse, que provavelmente era mesmo impossível. Se não havia circuitos de transmissão, ele certamente não podia criá-los.

Mas se eles existissem...

Franzindo a testa, visualizou os circuitos da melhor maneira possível, imaginando a força fluindo por eles.

Mas ainda assim não havia evidências, tanto em seu tricorder quanto no de Data, de que tais circuitos tivessem surgido.

Ele abruptamente tirou o capacete da cabeça e o entregou a Data. — Tome, experimente isso — disse, explicando-lhe rapidamente o que estava tentando fazer. - Em algum lugar em seus bancos de memória deve haver alguma representação mais acurada de um circuito de transporte do que eu tenho na minha — finalizou, — então talvez você tenha mais sorte.

— É claro que tentarei, Geordi, se você pensa que isso ajudará.

Geordi meneou a cabeça. — Não tenho a menor idéia se vai funcionar ou não, Data, mas nesse instante, não consigo pensar em mais nada para tentar. Se você conseguir, esteja à vontade.

— Percebo — disse Data, assentindo enquanto colocava o capacete. — Acredito que o que está sugerindo seja chamado de um "tiro no escuro", não é?

Geordi sorriu brevemente quando Data abaixou o capacete para sua cabeça. — Você pode chamá-lo assim. Mas seja lá o que...

Geordi silenciou repentinamente, sua atenção toda voltada para o capacete. Quando o primeiro dos prolongamentos tocou na testa de Data, a esfera de metal do alto do capacete começou a brilhar, não o brilho praticamente indetectável que alcançara quando Geordi o colocara, mas um brilho respeitável.

— Data! Tire isso! Alguma coisa está acontecendo!

— Está tudo bem, Geordi — replicou Data calmamente enquanto abaixava as mãos do capacete. — Estou ciente do brilho da luz. Mas ainda não sinto qualquer efeito prejudicial. De fato, não sinto nada a não ser a pressão física do aparelho.

Mas, enquanto falava, o brilho aumentou ainda mais e começou a pulsar, cada vez mais rápido.

— Ele não agiu assim quando eu o estava usando — disse Geordi, ainda desconfiado.

— Talvez seja porque eu também seja uma máquina e portanto mais compatível com o aparelho.

— Talvez, e talvez não. Quando eu o usei, senti alguma coisa como um

comichão, bem no fundo de minha mente, e então uma espécie de formigamento, espalhando-se por meu corpo. Tem certeza que não está sentindo *nada*?

— Ainda não, Geordi. — Data fez uma pausa e fitou o pulsar que tornara-se ainda mais forte e rápido. — No entanto, se sua intuição humana está fazendo com que fique alarmado, talvez eu devesse...

Data de repente ficou imóvel, como se tivesse se transformado em pedra, e novas e poderosas leituras começaram a passar pela pequena tela do tricorder de Geordi.

CINCO

Em uma hora, o primeiro dos novos escudos estava em volta do núcleo de antimateria, fazendo com que a radiação caísse para um nível tolerável nos limites externos da nave. Durante essa mesma hora, os circuitos de controle de força que o Chefe Argyle temera que tivessem sofrido algum dano pelo disparo do *phaser* pareceram ter se recuperado. Ou eles não haviam sofrido danos e as flutuações de força deviam-se às demandas "normais", ou a nave abandonada possuía um sofisticado e rápido mecanismo de auto-reparo.

Mas em ambos os casos, fazia apenas cinco minutos que Riker, Yar e Worf haviam se transportado para as coordenadas registradas pelo alferes Carpelli durante o breve instante em que os transportadores haviam se fixado nos comunicadores dos dois homens desaparecidos.

— Doze instalações de hibernação, Capitão — relatou Riker instantes depois, — nenhuma ativa. Uma está aberta e vazia. As outras também estão vazias.

— Pode ver dentro de todas elas, Número Um?

— Não, senhor, mas os tricorders...

— *Encontre um meio de ver dentro, Número Um. Este assunto todo é impossível, então mais uma impossibilidade, Data e La Forge estarem dentro desses aparelhos apesar de não registrarem em nossos tricorders, não será nenhum absurdo.*

— Não, senhor, mas há virtualmente uma parede inteira de controles aqui. Se algum deles está conectado aos aparelhos de hibernação, eu não sei. E antes de começarmos a apertar botões, recomendo seriamente que o Chefe Argyle e uma equipe de especialistas em tecnologia alienígena desçam e façam uma análise a mais completa possível. Considerando-se o que já aconteceu, Capitão, é fácil apostar que esse lugar ainda tem mais surpresas à espreita.

Riker pôde ouvir o suspiro de frustração pouco contido de Picard, mas ele sabia que o capitão não permitiria que a impaciência vencesse seu bom senso.

— Data! — Geordi quase gritou enquanto inclinava-se para o andróide, tentando agarrar o capacete.

Mas era tarde demais. Antes que suas mãos pudessem alcançar o capacete, o corpo de Data estremeceu violentamente. Suas botas, ainda

envolvidas pelo campo magnético do traje de exploração que fora parcialmente reativado, libertaram-se do chão e enviaram-no girando, indefeso, pelo ar. Suas mãos lançaram-se em movimentos espasmódicos na direção do capacete, mas não conseguiram alcançá-lo. Seus olhos dourados, arregalados em um pedido repentino, tocaram Geordi um instante antes de fecharem-se como um par de diafragmas de câmera, e todo seu corpo ficou mole, como se todos seus músculos tivessem se transformado em água simultaneamente.

A aura distinta de Data desapareceu.

Desesperado, Geordi pulou, girando pelo ar e, de algum modo, conseguiu agarrar um dos braços de Data. No instante seguinte ele agarrou o capacete e o arrancou selvagemente da cabeça de Data. Jogando-o de lado, pegou o outro braço de Data e os dois flutuaram juntos, as pernas de Geordi movendo-se até que estivessem com os corpos contra o teto e Geordi pôde ancorar suas botas no metal. Cuidadosamente, virou o corpo de Data em seus braços até que as botas do andróide também estivessem fixadas no metal.

— Data! — Impotente, agarrou os ombros do andróide, como se pudesse forçar que a vida voltasse a ele. — Data! Acorde!

Por segundos, o andróide permaneceu como um velho boneco de pano, sem nem mesmo respirar, e o próprio coração de Geordi disparava incontrolável.

Mas então, pôde finalmente sentir os músculos dos braços de Data começaram a recuperar sua firmeza, como se as conexões nervosas entre eles e seu cérebro estivessem sendo lentamente restauradas. A aura distinta de Data reapareceu, a princípio tênue, depois ficou mais forte.

Os olhos dourados abriram-se repentinamente. Ele então piscou uma vez, como se estivesse se religando, como um disjuntor de circuitos.

— Data! — Geordi quase gritou, resistindo à tentação de sacudir os ombros do andróide para acelerar-lhe o processo de andar e jogar os braços dele em um abraço de urso. — Você me matou de susto! O que aconteceu?

Por um longo instante, Data permaneceu em silêncio, como se estivesse processando uma auto-verificação interna, o que, Geordi percebeu, era provável fosse exatamente o que o andróide *estava* fazendo.

Finalmente, em um tom que refletia apenas a curiosidade normal e lógica com que invariavelmente reagia à qualquer nova experiência ou observação, Data disse: — Eu não sei, Geordi. Jamais senti alguma coisa como essa antes. No entanto, estou quase certo de que se você não tivesse removido o capacete quando o fez, eu teria sido... — Fez uma pausa, como se estivesse à procura de uma palavra. Então, seus olhos novamente abriram-se ainda mais ligeiramente e ele concluiu: — Eu estaria permanentemente desativado.

— Mas você está bem agora?

— Minha auto-verificação não revela quaisquer falhas, mas é impossível para mim ser positivo. Requereria um check-up completo por um técnico qualificado...

Data interrompeu-se abruptamente, e por um instante Geordi teve que o andróide tivesse uma recaída.

Mas então ouviu alguma coisa, um bater extremamente abafado, e percebeu que o silêncio de Data indicava apenas que ele o ouvira primeiro.

E estava vindo das proximidades da câmera de descompressão vazia.

Mesmo quando Geordi virou-se, Data já estava examinando as leituras em seu tricorder.

— Três formas humanóides — disse o andróide logo depois, — a aproximadamente vinte metros... para lá. — Ele apontou diretamente para a câmara vazia.

Repentinamente, Geordi pegou seu próprio tricorder, perguntando por que, em todo aquele tempo desde que haviam sido largados ali, não pensara em verificar leituras de formas de vida. Só porque não havia nenhuma na nave abandonada não queria dizer que...

As leituras do tricorder fizeram seus pensamentos parar momentaneamente.

Data estava certo, mas ele deixara alguma coisa de fora.

Realmente havia três formas de vida humanóides a pouco menos de vinte metros, imóveis, mas vários quilômetros além dos três, espalhados por uma região com cerca de um quilômetro cúbico...

— Data! Há centenas lá fora! Centenas de formas de vida humanóides!

— Sim, Geordi, mas apenas três estão próximas e se aproximando.

O que era certo — e lógico — é claro. Esquecendo-se das centenas de formas de vida distantes e concentrando-se nas três próximas, Geordi notou que sua imobilidade fora apenas temporária. Uma vez mais eles estavam se aproximando. Eles bateriam à porta — ou na parede, já que não havia nenhuma evidência da existência de uma porta — a qualquer momento.

Mas eles então pararam e sons abafados anteriores se repetiram.

— Geordi — disse Data, ainda observando as leituras de seu tricorder, — suspeito que haja uma câmara semelhante no lado mais distante da parede, onde as formas de vida acabaram de entrar e estão fechando a porta externa. Os sons que estão sendo feitos, apesar de seriamente atenuados pelas aparentes propriedades bloqueadoras de sons da parede, parecem bastante similares àqueles que fizemos quando abrimos e fechamos esta tranca interna.

Os sons eram por demais tênues para que Geordi dissesse uma coisa ou

outra, mas automaticamente presumiu que Data estava certo. Afinal, ter uma câmara de descompressão do lado externo de uma parede sólida fazia tanto sentido quanto ter uma do lado de dentro. Tornava as coisas simétricas, se nada mais do que isso.

Meneando a cabeça, Geordi alternava sua atenção entre a câmara e as leituras do tricorder, à espera.

E perguntando:

— Eles eram um comitê de boas-vindas? Ou o equivalente a um esquadrão policial que viera saber quem ativara o alarme contra ladrões? Ou, ainda pior, caçadores, para saber o que havia caído em sua armadilha desta vez?

Relutante, Geordi tirou *seu phaser* da cintura e colocou-o para tonteio.

— Data — disse num sussurro, — quem ou o que quer que sejam essas pessoas, podem ser amigáveis, ou letais, ou qualquer coisa no meio, então seria uma boa idéia se um de nós estivesse fora das vistas quando e se eles fizerem sua entrada. E já que suas reações são cerca de dez vezes mais rápidas que as minhas, você é o candidato lógico.

Data fitou-o sem compreender por um instante, e então assentiu. — Percebo. Você quer que eu "cubra você".

— Mais ou menos isso, sim.

Colocando seu próprio *phaser* em tonteio e sem qualquer hesitação, Data foi até a parede mais próxima e abaixou-se atrás do pedestal de hibernação. Geordi seguiu Data mas permaneceu em uma posição a cerca de dois metros diretamente em frente à câmara. E aguardaram.

Além da parede, as três formas de vida arrumaram-se em uma linha ordenada, um ao lado do outro, e...

Então, no chão abaixo da câmara, a visão sensorizada de Geordi captou o brilho radiativo do circuito de um transportador.

É claro, pensou. De que outro jeito eles entrariam? Mas qual a razão das câmaras falsas?

Durante pelo menos um minuto, houve apenas silêncio vindo dos três que agora encontravam-se na câmara interna.

Finalmente, de acordo com o tricorder, um deles tomou uma posição diretamente em frente à porta da câmara enquanto que os outros dois moviam-se para o lado, uma para a esquerda, um para a direita. Quando pararam, cada um dos dois pressionou os cantos da câmara. Quando ela se abrisse, eles estariam fora da linha de visão. Apenas o que estava exatamente em frente à porta seria visível.

Os dedos de Geordi apertaram-se em *seu phaser*, mas ele ainda o manteve apontado para o chão, sem qualquer ameaça. Quem quer que

estivesse lá fora, parecia estar agindo pelo menos tão cautelosamente quanto ele e Data, e quanto menos ameaçadora a situação lhes parecesse quando abrissem a porta, era menos provável que entrassem em pânico e começassem a disparar.

Tinha a esperança.

O mecanismo de tranca da porta começou a girar, lenta e ruidosamente.

Quando o giro foi completado, passou-se outro meio minuto em completo silêncio.

Finalmente, com rangidos desagradáveis, a porta abriu-se lentamente para o lado.

O ser que permanecia fitando Geordi, suas botas obviamente grudadas magneticamente ao chão da câmara, não estava usando nenhum tipo de roupa espacial. Ele parecia pelo menos tão humano quanto Geordi ou Data. Seus cabelos escuros tinham um corte militar, e o corpo magro estava resplandecente em um uniforme de peça única, azul claro, com um rosto humano estilizado no peito. O que parecia ser uma arma de projétil antiga, contra a qual um traje de exploração oferecia pouca proteção, encontrava-se pendurada em um cinto que circundava-lhe a cintura.

E, como Geordi esperava, o homem parecia muito nervoso.

Por um longo instante houve apenas silêncio. Data, aguardando e ouvindo, permanecia silencioso e imóvel atrás do pedestal de hibernação. Os olhos do alienígena, já arregalados, abriram-se ainda mais ao fitarem a aparência de Geordi, mas ele também permaneceu imóvel, não fazendo qualquer movimento em direção a sua arma.

Aparentemente convencido de que Geordi não estava para atacar, o alienígena gesticulou nervosamente para ambos os lados e outros dois entraram hesitantes na linha de visão. Seus uniformes eram de um tom mais escuro de azul, e uma arma de projétil pendia dos cintos de cada um. Seus olhos, assim como os do primeiro alienígena, arregalaram-se quando caíram sobre Geordi e seu *visor*, mas permaneceram parados e silenciosos.

Lentamente, sem fazer nenhum movimento brusco, Geordi recolocou *seu phaser* no cinto e fez sinal para que Data aparecesse.

As mãos deles ergueram-se na direção de suas armas quando Data surgiu, mas os movimentos não foram completados.

— Quem são vocês? — Geordi perguntou suavemente, na esperança de que qualquer coisa que dissesse levasse os outros a falar para o Tradutor Universal ter algo com que trabalhar.

Levou apenas um instante para que percebesse que tivera mais sucesso do que jamais sonhara. Quase no mesmo instante em que as palavras saíram de sua boca, o alienígena do meio começou a falar, rápido mas formal,

ocasionalmente vacilando e repetindo-se, como se fosse um garoto de escola sofrendo de um temor de palco extremo enquanto tentava recitar um discurso muito mal decorado.

Em menos de dois minutos, quando o Tradutor Universal contribuiu e começou a emitir palavras e frases ao acaso, o porta-voz começou a falar ainda mais, seus olhos dardejando temerariamente na direção dos pequeninos aparelhos cilíndricos. Quando as frases tornaram-se mais coerentes, Geordi percebeu que o alienígena estava realmente fazendo um discurso.

Um discurso de boas-vindas.

— Esperamos muito solenemente — estava dizendo o alienígena, interrompendo-se quando os Tradutores começaram a produzir frases completas, — que vocês aprovem os usos que demos aos maravilhosos Presentes que escolheram com que nos presentear.

— De que presentes você... — Data começou inocentemente quando o alienígena interrompeu-se abruptamente, os olhos agora virtualmente pregados nos Tradutores, mas Geordi cortou o andróide de modo suave.

— Tenho certeza que sim — disse, gesticulando discretamente para Data e aumentando seu tom de voz para sobrepor-se à tradução ainda ligeiramente lenta da pergunta abortada do andróide. Quando, um instante depois, a tradução das palavras de Geordi emergiu, o alienígena do meio contorceu-se, quase como se tivesse levado um tapa, seus olhos dardejando entre seus dois companheiros.

— É apenas um aparelho de tradução — falou Geordi — para que possamos compreender uns aos outros.

Por um momento, os três apenas fitaram-nos, mas então o da esquerda, mais baixo e mais atarracado e talvez até mesmo mais nervoso que os outros, precipitou-se: — Vocês são os Construtores?

Porém, antes que Geordi ou Data pudessem sequer pensar em uma resposta, o líder aparente dos três fez um gesto seco para aquele que falara, então chegou mais perto e fitou diretamente dentro da prata brilhante do *visor* de Geordi.

— Venham — ele disse servil, talvez até temeroso.

— Ficaríamos profundamente honrados se nos permitissem conduzi-los até a presença de nosso líder. Seu único desejo sempre foi ter a oportunidade, antes de sua morte, de conhecer aqueles que tornaram-lhe possível manter nosso mundo longe da destruição.

— E teríamos muito prazer em conhecer aquele que obteve tal sucesso

— improvisou Geordi, tentando imaginar o que o Capitão Picard faria numa situação como essa. — Não teríamos, Data? — acrescentou com um

sussurro rápido que somente os ouvidos sensíveis do andróide detectariam.

Um ar de compreensão passou pelos olhos dourados de Data.

— Sim — disse, — estamos grandemente interessados em falar com seu estimado líder. — E então, produziu um sussurro entre lábios que causaria orgulho em um ventriloquo: — Minha experiência em questões que requerem logro são bastante limitadas, Geordi, mas eu "seguirei seus passos".

— Por favor, venham conosco — disse o líder, e todos os três ficaram ao lado da porta da câmara.

Demonstrando uma confiança que não sentia, Geordi entrou, seguido de perto por Data. Ainda movendo-se formalmente, os três alienígenas entraram, o que parecia ser o líder fechando a porta atrás de si e selando-a.

Estranhamente, não havia luzes dentro da câmara, deixando-os em escuridão total, mas a porção de infravermelho de seu *visor* fornecia a Geordi imagens com clareza perfeita. Observando os três, eles esperavam que fizessem alguma coisa para ativar o transportador.

Mas nenhum deles o fez. Ao invés disso, o líder aparente passou cegamente da porta inoperante para a ponta oposta do compartimento, empurrando tanto Geordi quanto Data enquanto ele, na verdade, caiu sobre eles.

Então, sem que ninguém tivesse tocado um controle, o transportador foi acionado. Geordi abraçou-se ao ver as energias formando-se a sua volta, quase obscurecendo as imagens dos outros.

No entanto, mais do que aquelas da nave abandonada, as energias eram fracas e desapareciam aos sensores de seu *visor* e ele se perguntava se o segundo estágio — se é que haveria um segundo estágio desta vez — seria ainda mais cegamente intenso do que o foram aquelas que os haviam trazido até ali.

Mas não houve segundo estágio.

Quando as energias desapareceram, ele viu que estavam na câmara externa, essencialmente idêntica à interna.

O líder dos três estava alcançando o mecanismo de fechamento na porta externa, tateando cegamente na escuridão.

Mas também na escuridão, um dos outros dois — aquele extremamente nervoso, aquele que perguntara se Data e Geordi eram "os Construtores"

— colocou sua mão lenta e cuidadosamente na arma pendurada em seu cinto.

Silenciosamente, ele a retirou do coldre e, quando ela surgiu, Geordi viu que era realmente uma arma de projétil bastante primitiva. Diferente de um *phaser*, ela não possuía nenhum padrão não letal.

Tanto pelos padrões de infravermelho da pele do homem quanto pela intensidade do tremor com que ele agarrou a arma, era óbvio para Geordi que ele planejava atirar no momento que houvesse luz suficiente para fornecer-lhe um alvo.

Sob a proteção do que para os outros era escuridão total, Geordi pegou *seu phaser* e disparou.

Antes mesmo que a luz do *phaser* se extinguisse, ele estava se virando para os outros dois, seu dedo tensionado para apertar novamente o botão de tonteio.

Mas antes que pudesse disparar uma segunda vez, uma nova aura pulsou com vida, imediatamente paralizando-o no lugar. Por um instante, pensou que era tudo uma preparação para as energias do transportador, mas quase no mesmo instante, percebeu que a aura estava mais próxima daquela produzida *pelo phaser* de uma nave.

Sua consciência então se desfez e seus músculos ficaram amolecidos, fazendo-o ficar pendurado como um boneco velho na gravidade zero da câmara.

SEIS

— Iniciando padrão de busca sob força de impulso, senhor — relatou o Tenente Worf do posto de comando.

— Tempo estimado para completar padrão para vinte mil quilômetros, Tenente? — perguntou Picard.

— Aproximadamente cinqüenta minutos, senhor.

Picard assentiu e sentou-se novamente em sua cadeira para observar a tela e esperar. Não havia mais nada, no momento, que pudesse fazer além de esperar.

Esperar pelos resultados da busca. Esperar pelos relatórios do Número Um e do Chefe Argyle, ambos agora parte do grande grupo avançado na nave abandonada. Esperar, e tentar esconder sua impaciência apreensiva, sua frustração por estar preso na ponte e não junto ao grupo avançado que sondava os segredos da nave abandonada — segredos que, esperava fervorosamente, os levariam ao Comandante Data e ao Tenente La Forge.

Levara apenas alguns minutos para determinar que nada no aposento de onde Data e La Forge foram transportados era uma armadilha como a própria nave demonstrara ser — o modo como os painéis que davam acesso a todos os outros aposentos ainda pareciam ser. Alguns minutos mais e as câmaras de hibernação foram abertas, revelando estar vazias, como indicara o tricorder de Riker.

Agora Argyle e alguns de seus homens estavam trabalhando na análise do transportador, para saber se conseguiam obter alguma pista para onde Data e La Forge haviam sido enviados. Outros grupos, uma dúzia ao todo, estavam revistando os estreitos corredores de acesso da nave, na tentativa de conseguir entrar nos outros aposentos — compartimentos de equipamentos, pareciam agora — sem ativar as fontes de força que fariam os circuitos do que quer que estivesse lá dentro fundir-se.

E com todos esses esforços em andamento, Picard mandara que a própria *Enterprise* fizesse sua busca pelo objeto para o qual os dois homens pudessem ter sido transportados. Uma vez que o intrincado padrão de busca da espiral tridimensional estivesse completado, não haveria nenhum metro cúbico de espaço dentro do raio do transportador da nave abandonada que não tivesse sido sondado com todo o equipamento existente na *Enterprise*. Se houvesse alguma nave nesse raio de ação, ela seria encontrada, não importava se estivesse com escudos levantados ou o sistema de camuflagem ligado.

— *Capitão* — a voz do engenheiro-chefe Argyle no comunicador

desviou a atenção de Picard do padrão em contínua mutação na tela, — *eu acho que conseguimos uma informação sobre onde o transporte da sala de controle deve ter enviado os homens, mas temo que isso não vá nos ajudar muito.*

Picard fechou o cenho, batendo em seu comunicador-insígnia. — Chefe Argyle, qualquer informação é melhor que nenhuma. Agora, o que descobriu?

— Que o destino *deste* transporte com quase toda certeza foi em algum lugar dentro da própria nave. Mas...

— Então os homens ainda encontram-se na nave? Apesar do que os sensores e tricorders informam?

— Não, Capitão, é quase certo que não. Aparentemente este transportador enviou-os somente para a primeira parada de sua viagem — para um entre centenas de outros aposentos, não há meios de se saber qual. O problema é que agora parece que cada um desses aposentos contém seu próprio transportador. Não pudemos entrar em nenhum dos aposentos ainda, mas as leituras dos tricorders obtidas por meus homens do lado de fora dos aposentos indicam a presença de alguma forma de circuitos de transporte. Teremos que presumir que, não importa para que aposento Data e La Forge foram enviados, eles simplesmente foram transportados de lá para um segundo destino.

As feições de Picard endureceram quando um pensamento ocorreu-lhe.

— Eles — seus padrões — não poderiam simplesmente estar "armazenados" em uma das matrizes do transportador, poderiam?

— Não detectamos nenhum circuito que indicasse que tal armazenamento fosse possível, senhor. — Argyle fez uma pausa antes de continuar, relutante. — Porém, capitão, sinto-me compelido a apontar-lhe que é possível que tenham sido transmitidos mas não... não "recebidos".

Picard suprimiu um arrepião. Em seus primeiros dias na Academia, ele ouvira histórias de pessoas que haviam sido transmitidas — desagrupadas, convertidas em energia, e essa energia enviada — mas nunca recebidas, jamais reconvertidas em matéria e reagrupadas em seu destino pretendido. Oficialmente, é claro, tais histórias eram consideradas como rumores infundados, circuladas primeiramente com o intuito de amedrontar jovens cadetes. Mas a possibilidade de tais incidentes eram, para Picard e muitos outros que tanto dependiam do uso dos transportes para movimentar-se, o equivalente a ser enterrado vivo no século XX. Ele jamais pudera eximir-se do horror que tal fato ainda lhe inspirava. E agora, pensar que tal coisa pudesse ter realmente acontecido com dois de seus homens, dois dos quais ele gostava de chamar de amigos...

— Entre nesses aposentos, Sr. Argyle — disse, mantendo sua voz propositalmente uniforme para não trair a força dos sentimentos que o envolviam. — Não importa o que ocorra, entre nesses aposentos. Descubra o que aconteceu ao Comandante Data e ao Tenente La Forge.

Era nas horas em que Geordi acordava — recobrava consciência — que ele mais desejava a capacidade que os outros tinham como certas — a capacidade de abrir os olhos tão lenta ou tão rapidamente quanto ele quisesse.

Mas o *visor* não vinha equipado com o equivalente a pálpebras. Quando acordava, no momento em que os centros visuais de seu cérebro eram conectados, eles eram atacados por uma intensa tempestade de comprimentos de ondas que bombardeavam seu *visor*, e não havia jeito de desligá-los, nenhum jeito de semicerrar ou apertar os mais de cento e oitenta níveis de expansão de cores brilhantes e compostos.

O máximo que podia fazer era ficar quieto, sem acrescentar nenhuma confusão extra que seria causada por seu próprio movimento, pelo tempo que sua mente levasse para que automaticamente se fixasse nas formas que representam objetos sólidos, para escolher entre os arco-íris cintilantes que representavam campos de energia inanimados mas vibrantes e ainda outras imagens que eram as auras das coisas vivas.

Mas agora, antes mesmo das imagens terem se definido, ele tornou-se consciente de que não estava mais sem peso. Estava deitado sobre alguma coisa que era luxuosamente macia, mantido lá por uma gravidade que era bastante próxima a da Terra.

A não ser...

Não era gravidade.

O fato de que a tênue aura que banhava todas as coisas em um campo gravitacional artificial não estivesse presente era um dos primeiros itens de informação que emergiam da confusão de dados do seu *visor*, e um instante depois ele notou que até mesmo a aura ainda mais tênue porém igualmente distinta da gravidade normal planetária também não existia.

Isso significava, a menos que estivesse na presença de uma tecnologia que possuía um método de geração de gravidade desconhecido para a ciência da Federação, o peso que sentia era resultado de força centrípeta. Onde quer que estivesse, isso estava girando, como uma estação espacial do século vinte e um, fornecendo assim a sensação aparente de gravidade.

Enquanto isso, o caos de ondas começou a definir-se, e imagens começaram a emergir. Data, seus olhos dourados alertas e preocupados,

surgiu primeiro, de pé e olhando para ele.

Depois surgiu o aposento em que se encontrava, e o fato de que a suavidade luxuosa em que estava deitado era um imenso sofá.

E o que podia ver do próprio aposento era tão luxuoso quanto o sofá. No chão havia um carpete vermelho cinzento, suas fibras — sintéticas, não orgânicas, revelou uma sondagem espectrográfica automática — era tão grosso quanto meia dúzia de carpetes utilitários da *Enterprise* colocados uns sobre os outros. A totalidade da parede virada para o sofá — e mais dois outros sofás idênticos — estava escondida atrás das dobras de cortinas com tecidos semelhantes a veludo que iam do teto ao chão.

Geordi sentou-se abruptamente e olhou em volta, absorvendo o restante do aposento em uma fração de segundo.

Atrás do sofá, voltadas para o outro lado, encontravam-se várias cadeiras, cada uma delas tão suave e confortável quanto o sofá. As cadeiras eram arrumadas em arco, e no topo dele havia uma cadeira mais firme e imponente. Não era exatamente um trono, mas a sugestão existia.

No alto da parede atrás da cadeira, e oposta às cortinas, havia, dentro de um círculo, uma versão bem aumentada do mesmo rosto estilizado que estava estampada nos uniformes dos três que haviam vindo para saudar — e matar — a ele e a Data. Abaixo dela havia uma porta de correr, mas não uma que pudesse ser facilmente aberta. Ela era perfeitamente lisa, sem maçaneta ou trancas.

Nas paredes laterais havia um par de murais que ocupavam praticamente cada centímetro quadrado de cada parede, exceto por uma porta de dois metros de altura em uma das paredes. Um deles era uma pintura de uma cidade arruinada, as ruas cheias de lixo e corpos dilacerados, os edifícios em pedaços, enquanto que sombriamente, no fundo, havia uma inconfundível nuvem em forma de cogumelo de uma primitiva porém poderosa explosão nuclear. O mural na parede oposta também representava uma cidade, possivelmente a mesma, mas aqui ela brilhava ao sol, as ruas cheias de pessoas sorridentes. Em um dos lados havia um parque, e ao longe, em um espaço entre os edifícios, haviam uma imagem que era tão parecida com um parque quanto o próprio parque.

E no céu, em vez da nuvem em forma de cogumelo do outro mural, encontrava-se novamente o rosto estilizado, desta vez não tão óbvio, mas delineado com ao menos um pouco de sutileza em uma série de nuvens contra um céu que era mais azul que o da Terra.

— Você está bem, Geordi? — perguntou Data.

— Ótimo, creio, mas, com os diabos, onde estamos?

— No contexto de sua metáfora de Oz, eu deveria dizer, "em alguma

lugar sobre o arco-íris" — Data disse solenemente, e então acrescentou, fitando o rosto estilizado esboçado pelas nuvens, — e esse deve ser o Mágico, enquanto eu muito logicamente devo ser considerado como sendo o Homem de Lata.

Geordi não pode resistir a um sorriso repentino, apesar da situação nem um pouco divertida em que se encontravam.

— Só se não tiver perturbado a Bruxa Má do Oeste, seja *quem* ela venha a ser.

— Eles parecem confiar em nós, sejam lá quem forem nossos captores — disse Data. — Não tiraram nenhum de nossos equipamentos, nem mesmo nossos *phasers*.

Geordi deu uma olhada e viu que Data estava certo. Também notou que seus Tradutores haviam sido desligados. Quando Geordi fez um gesto automático para o seu Tradutor Universal, Data disse: — Eu tomei a liberdade de desativá-los. Pensei que talvez preferisse que nossa primeira observação ao acordar fosse privativa.

Geordi observou em volta do aposento novamente. — Você acha que estão nos ouvindo?

— Não há meios de saber, mas não tenho nenhum motivo para acreditar que não o estejam.

Geordi assentiu. — Bom julgamento. Mas quando alguém aparecer, *se* alguém aparecer, não deixemos perceber que você desligou os Tradutores propositalmente. Deixe-os pensar que nossas máquinas falham de vez em quando, e então se for necessário poderemos ter maior privacidade em nossas conversas posteriores.

— Eu continuarei seguindo seus passos, Geordi.

— E eu os seus. — Ele olhou em volta do aposento novamente. — Você tem alguma idéia de como chegamos aqui? A última coisa que me lembro é de ter sido acertado por alguma coisa semelhante a um *phaser*, logo após ter tonteado um dos Três Patetas quando ele pegou sua arma e agiu como se fosse nos atingir.

— Depois dessa hora pouco sei mais do que você — falou Data, aparentemente procurando o velho trio cômico em seus bancos de memória ou decidindo desta vez ignorar a referência.

— Também fiquei inconsciente, e recobrei meus sentidos apenas alguns instantes antes de você, nesse sofá próximo ao seu.

— Eu temia isso — disse Geordi, então virou-se e moveu-se na direção das cortinas, à procura das cordas que as abririam. — Então suponho que você não saiba o que existe atrás disso aqui.

— Não, Geordi, achei que era mais importante assegurar-me que você

não estava ferido.

Enquanto Data falava, Geordi procurava pelas cordas das cortinas, mas não conseguia encontrar nenhuma. Ele finalmente desistiu e levantou parte delas com as mãos.

Se Geordi pudesse piscar, ele o teria feito, quando os sensores de seu *visor* foram repentinamente invadidos por um novo caos de informações.

Atrás das cortinas havia uma janela, que ia do teto ao chão, como os murais. E além da janela havia um mundo inteiro: três vales cheios de árvores e campos e casas meio escondidas espalhavam-se por toda superfície interna de um cilindro com centenas de metros de diâmetro, e com pelo menos um quilômetro de profundidade. Entre os vales havia fendas quase tão largas, que também estendiam-se pela largura das paredes do cilindro e para além das fendas, apenas parcialmente visível, cortes maciços de espelho refletiam a luz de um sol do tipo-G, apenas ligeiramente diferente do Sol, sobre os vales.

Era um hábitat espacial.

A não ser pelas cores da vegetação — uma leve coloração do azul para o verde — ele poderia ter sido um dos habitats espaciais O'Neill do início do século vinte e um terrestre. Ele vira imagens holográficas na Academia e em uma meia dúzia de mundos, mas jamais vira a coisa real. Até agora.

Ele e Data estavam na ponta de um hábitat espacial. Obviamente não fora projetado pelo próprio O'Neill, não aqui, fosse lá em que virada da galáxia se encontravam, mas o projetista, fosse ele quem fosse, trabalhara nos mesmos princípios.

Geordi assobiou em descrédito. — Falando sobre o seu básico "alguém sobre o arco-íris..."

— Ah — disse Data, — isso explicaria as leituras de várias centenas de formas de vida que nossos tricorders registraram anteriormente. Devíamos estar em algum lugar dentro do eixo rotacional desta estrutura, ou em uma estrutura em separado, não-rotativa.

— Alguma idéia de qual dos dois?

— Pela distância e pela distribuição de formas de vida registradas pelo tricorder, devo presumir que estamos em um satélite em separado.

— Você poderia encontrá-lo novamente se tivesse que fazê-lo?

— Não sem mais informações, Geordi.

Franzindo o cenho, Geordi fitou onde os espaços entre os espelhos em ângulo não lhe bloqueavam completamente a visão do espaço mais além. Mas mesmo os sensores do seu *visor* não puderam descobrir alguma coisa. Se havia outros satélites ou até mesmo um planeta lá fora — o planeta que haviam visto na tela daquele outro lugar por um instante — nada encontrava-

se onde pudesse ser visto.

De repente, do teto diretamente acima das cortinas, ouviu-se um zumbido e as cortinas abriram-se suavemente como cortinas em um palco, revelando completamente a janela imensa e o que havia além dela.

Um instante depois a porta atrás da cadeira grande, exatamente abaixo do rosto estilizado, abriu-se suavemente.

Um homem entrou rápido e a porta fechou-se atrás dele. Ele era velho, e parecia tão humano quanto aqueles que haviam visto primeiro. Estava usando um uniforme de peça única e com cinto semelhante ao dos outros, exceto por ser de um amarelo brilhante e no lugar do rosto estilizado no peito havia apenas um círculo de um amarelo ainda mais vibrante. Geordi indagou-se por um instante sobre a ausência do rosto estilizado aparentemente ubíquo, mas então percebeu o porquê. O próprio homem deve ter sido, muitos anos antes, o modelo para o rosto. Mesmo agora, a semelhança não podia ser ignorada.

O homem começou a falar mas suas palavras, sem os Tradutores, eram apenas um palavrório incompreensível.

Geordi fez o movimento para ligar o seu, mas lembrou-se a tempo da estratégia que sugerira a Data. Adotando um ar intrigado, inclinou-se para o Tradutor e retirou-o do cinto. Dando-lhe uma pancadinha com um dedo, escutou por um segundo e então, enquanto fitava o homem que acabara de entrar, disse a Data: — Balance um pouco seu Tradutor e então, sem ser muito óbvio, ligue-o.

Data, também mantendo seus olhos no homem, disse: — Ainda estou seguindo seus passos, Geordi.

O homem já parará de falar e olhava de um para outro apreensivamente. Balançando as cabeças no que esperavam ser uma indicação de que não sabiam o que estava acontecendo, continuaram a balançar e dar pancadinhas nos Tradutores até que Geordi discretamente ligou o seu. Um instante depois, Data seguiu-lhe o movimento.

— Assim está melhor — disse Geordi, olhando novamente para o homem idoso. — De vez em quando temos problemas com essas coisas.

Os olhos do velho arregalaram-se no momento em que os Tradutores começaram a enviar as palavras em sua língua e Geordi pôde ver seu corpo enrijecer-se levemente.

— Bem-vindos ao Mundo dos Guardiães da Paz — disse ele. — Sou Shar-Lon, presidente do Conselho de Guardiães. Imploro-lhes que me permitam expressar nossa incomensurável gratidão pelo que seus Presentes tornaram possível. Se houver alguma coisa que possamos fazer para auxiliá-los, vocês têm apenas que pedir.

— Você pode começar nos dizendo por que um de seus homens tentou nos matar — improvisou Geordi, usando um tom seco — e por que nos puseram pra dormir e fomos trazidos até aqui.

Não houve nenhuma mudança na expressão de Shar-Lon, talvez um ligeiro estreitamento em volta dos olhos, mas a parte infravermelha do espectro revelou aos sensores do *visor* de Geordi uma repentina queda na temperatura superficial de partes do rosto e das mãos de Shar-Lon, refletindo uma mudança no fluxo de sangue em suas veias. Em um humano, este tipo de reação indicava apreensão crescente, talvez até mesmo medo. Não havia razões para achar que indicava alguma coisa diferente do que isso em Shar-Lon.

— Posso apenas desculpar-me por tais coisas terríveis terem sido permitidas de acontecer, e asseguro-lhes que o indivíduo será tratado da maneira que desejarem. Meu auxiliar Kel-Nar, que transportou-os até aqui pessoalmente, colocou os três sob guarda, e aguarda suas ordens.

— Apenas um parece estar envolvido no ataque — Geordi falou solenemente, — mas antes de decidirmos o que será feito com ele, diga-nos o por quê de tal comportamento. Assume que não foi por seu comando?

O velho balançou a cabeça vigorosamente. — Eu jamais iria... — começou, um tom de súplica infiltrando-se por sua voz, mas ele então interrompeu-se, como se tivesse repentinamente recuperado o controle. — Infelizmente — continuou, sua voz uma vez mais quase que monótona, — existem alguns, muito poucos, indivíduos iludidos entre nós que não compartilham de nosso júbilo por sua chegada.

— Mesmo entre sua própria gente? Presumo por seus uniformes que os três que vieram nos saudar, e nos matar, foram enviados por você.

— E foram. Mas é impossível predizer sempre a quem a loucura atacará.

— Como pode ter certeza de que não atacará você?

— Impensável! — disse Shar-Lon, trêmulo. E então, abaixando a cabeça: — Estou a sua disposição. Meu único desejo é fazer a vontade dos Construtores. Faça comigo o que desejar. As armas com as quais deixou impotente aquele que os atacou ainda estão a seu lado.

Isso era realmente verdade. E os *phasers* ainda estavam completamente carregados, como Geordi pôde ver.

Estudando o homem novamente, Geordi perguntava-se: Quanto era seguro deixá-lo saber? Em primeiro lugar, era seguro deixá-lo saber que ele e Data não eram quem ele e os outros obviamente pensavam que eram, os responsáveis pelos "Presentes", os chamados "Construtores"?

A inclinação natural de Geordi, em qualquer situação, era simplesmente dizer a verdade, mas aqui, não havia meios de se adivinhar qual seria a

reação quanto à verdade. Shar-Lon parecia ter admiração — ou pelo menos medo — desses "Construtores", quem quer que tivessem sido, mas o que ele sentiria quanto a um par de humildes impostores? Se esse medo se transformasse em raiva, um simples par de *phasers* não poderia conter as centenas de habitantes registradas pelos tricorders e que estavam presentes no mundo cilíndrico, particularmente se a maioria deles tivesse as mesmas armas letais de projéteis que os três primeiros possuíam. Era possível, na verdade, que aquele na câmara tivesse percebido a verdade — que Geordi e Data *não* eram os tais Construtores — e fora por essa razão ele tentara matá-los?

Por outro lado, se tentassem "blefar" por esse caminho, teriam que manter uma pretensão de saber infinitamente mais do que realmente sabiam. Pior, eles não se atreveriam a fazer abertamente as incontáveis perguntas que deviam ser respondidas antes que sequer tivessem uma chance de encontrar o caminho de volta para a *Enterprise*.

E havia o fato de que blefar — mentiras de qualquer tipo — deixavam Geordi realmente inconfortável. E ainda assim...

Uma vez mais, Geordi pensou no capitão Picard nesta situação, e tentou imaginar o que ele faria. E, como sempre acontecia, o pensamento pareceu dar-lhe força, ou pelo menos determinação.

— Sim — Geordi falou, finalmente, os dedos acariciando seu *phaser*, — notamos que nosso equipamento permaneceu intocado, e apreciamos sua cortesia. Como tenho certeza que nossos superiores apreciarão nosso relatório — acrescentou, contente com sua inspiração repentina.

Shar-Lon ficou ainda mais tenso. — Vocês então vieram com um propósito específico?

— É claro. Como deve esperar, desejamos saber o uso que fez de nossos Presentes.

No instante em que a última palavra emergiu do Tradutor, Geordi percebeu que, por alguma razão, ele devia ter dito a coisa certa. Apesar de Shar-Lon fazer o melhor para manter as feições inalteradas, relaxou visivelmente e o espectro infravermelho mais uma vez revelou uma mudança grande, desta vez indicando um repentino abrandamento de tensão, quase um relaxamento.

— A essência está aqui — disse ele, apontando para os murais. — Isto — continuou, indicando a cidade arruinada e a nuvem em cogumelo, — é o que teria ocorrido se não recebêssemos seus Presentes. E isto — um gesto para a outra cidade, idealizada com a imagem de seu próprio rosto delineada pelas nuvens pairando atrás — isto é o que temos. Este é o mundo que existe.

— Muito impressionante — Geordi disse, evasivo. — Se tudo for como você diz, não tenho dúvida que nosso relatório será favorável e nossos superiores ficarão contentes.

Por um longo instante o velho permaneceu perfeitamente quieto e Geordi não podia ler-lhe as expressões. Mesmo as reações em infravermelho eram confusas, como se as emoções do homem tivessem sido separadas da realidade. O evidente relaxamento de momentos antes se fora, mas Geordi não podia dizer pelo que fora substituído.

— Venham — disse o velho repentinamente, sua voz agora estranhamente sem emoções, de algum modo soando surda, — e eu lhes mostrarei o que realizamos com seus Presentes.

Quando ele se virou, a porta abriu-se silenciosamente e, com um som abafado, as cortinas fecharam-se, cortando a visão panorâmica do interior do hábitat.

SETE

— Padrão de busca para vinte mil quilômetros completado, senhor — relatou o Tenente Worf. — Resultados negativos.

Picard franziu a testa em frustração fitando o padrão estelar temporariamente imóvel no visual. — Expanda o padrão para quarenta mil quilômetros.

— Expandindo padrão, senhor — retumbou Worf respeitosamente, sem apontar-lhe que a busca expandida os levaria a uma distância mais do que duas vezes além do raio de ação de qualquer transporte da Federação.

— Trace também um curso de retorno para dentro do raio de transporte da nave abandonada. Estabeleça para que faça uma atualização contínua enquanto executamos o padrão de busca e o tenha armazenado e pronto para ser imediatamente implementado.

— Curso traçado e armazenado, senhor.

— Alferes Carpelli, esteja pronto para tirar todos daquela nave tão rápido quanto possível.

— *Pronto, senhor* — respondeu Carpelli da sala de transporte principal.

— Chefe Argyle, Comandante Riker — disse Picard, batendo em seu comunicador, — estamos expandindo o padrão de busca. Estaremos fora do raio de transporte mas podemos voltar em segundos.

— *Entendido, senhor* — Riker respondeu pelos dois.

— Senhor Argyle, algum progresso?

— *Algum, senhor* — Argyle disse, inconfortável. O Capitão era um homem justo, Argyle sabia, mas isso não tornava mais fácil admitir, se não um fracasso, um sucesso muito limitado. — *Como relatei antes, não levou muito tempo para desarmar os gatilhos e conseguir acesso aos aposentos, compartimentos, na verdade. No entanto, temo que nossa sorte com o que encontramos dentro não seja nem de perto tão boa.*

— Sim, Chefe? — incitou Picard quando Argyle hesitou, como se estivesse ordenando seus pensamentos. — Dois homens estão desaparecidos e suas vidas muito provavelmente dependem do que você e seus homens podem aprender. E quanto rápido podem aprender.

— *Tenho ciência disso, é claro, senhor.*

— Então prossiga com seu relatório.

Argyle engoliu em seco. — *Investigamos apenas vinte aposentos até agora, Capitão, mas esses vinte parecem essencialmente idênticos. Em primeiro lugar, não são aposentos e sim compartimentos de equipamentos — primariamente transportes, como já suspeitávamos. Os painéis servem de*

acesso para o circuito, provavelmente para permitir um fácil reparo — isto é fácil se você sabe como entrar sem tocar nasseguranças auto-destrutivas.

— E as plataformas de transporte? Os controles?

— Até agora não pudemos localizar nenhum controle físico. Supomos que tudo seja controlado pelo computador central. E as plataformas de transporte estão dentro dos transportadores.

— Dentro? Sr. Argyle...

— *Eu sei que parece loucura, Capitão, mas é assim que são. Não podemos fazer uma observação direta, é claro, mas de todas as leituras que obtivemos, em todas as vinte áreas, existe uma cavidade quase que exatamente no centro de cada transporte. Temos confiança de que essas cavidades, cada uma com aproximadamente três metros de altura e um metro de lado, são o destino dos transportes de curta distância. O que quer que seja levado para lá aparentemente é imediatamente enviado para seu próximo destino.*

— Do modo como o Sr. Data e o Tenente La Forge foram enviados?

— *Sim, senhor. Estamos praticamente certos de que foi isso o que ocorreu com eles.*

— Então se você puder determinar qual transporte foi usado, pode revertê-lo e trazê-los de volta.

— *Temo que não, senhor. Em primeiro lugar, até agora não conseguimos descobrir um meio de determinar que transporte foi usado. Em segundo...*

— Então reverta-os todos! Um de cada vez!

— *Isso também é praticamente impossível, senhor. Esses transportes parecer ser estritamente de mão única, e...*

— Mão única, Chefe Argyle?

— *Sim, senhor. As melhores análises que já pudemos fazer nos circuitos indicam que os transportes são capazes de funcionar apenas como transmissores, mas não como receptores.*

Um novo nó formou-se repentinamente no estômago de Picard.

— Então Data e La Forge estão no limbo. Não há meios de...

— *Não, senhor, não foi isso que quis dizer* — Argyle disse, agastado. —

Esses transportes parecem ser capazes de transmitir um objeto, remontá-lo e enviá-lo para os destinos para os quais estão programados, do mesmo modo que nossos transportes fazem. O que eles não podem fazer é alcançar esse objeto, ou qualquer objeto, de volta. O que for transportado, permanece transportado.

— Isso não faz sentido, Sr. Argyle — protestou Picard. — É possível que o circuito de recepção esteja desativado? Sempre que as naves estelares

visitam planetas-prisão, são colocadas travas nos circuitos de recepção para que ninguém se transporte para cima sem um operador utilizando um código especial. Talvez este...

— *Pouco provável, senhor. Apesar de não podermos fazer uma verificação completa em cada circuito, parece-nos que o circuito de recepção simplesmente está faltando, e não que esteja travado.*

— Eles poderiam operar em pares? Os aposentos que vocês ainda não examinaram poderiam conter os circuitos de recepção?

— *E possível, senhor, mas creio que seja pouco provável. Os aposentos verificados foram pegos completamente ao acaso em toda a nave e, até agora, não encontramos nenhuma variação. Cada um deles contém um único transporte, transmissor, e um receptor subespacial, cuja energia útil parece ser canalizada para o computador central.*

— Você já foi capaz de ativar alguns dos transportes? Enviar uma bóia a fim de determinar para onde foram?

— *Não, senhor. Apesar dos painéis nos darem acesso direto à grande parte dos circuitos, incluindo o circuito de controle que seria normal fosse manipulado diretamente, não podemos fazer nada com isso. Háseguranças demais, muito mais complexas e difíceis de analisar ou trabalhar em volta delas, nos painéis de acesso. Até encontrarmos um meio de neutralizar essasseguranças, é impossível ativar quaisquer equipamentos nesses aposentos.*

— Em quanto tempo estima resultado, Sr. Argyle?

— *Simplesmente não há meios de prever, senhor.*

— Mas você deve ter *alguma* idéia, um palpite, ao menos.

— *Eu tenho, senhor, mas não gostará disso.* Picard franziu o cenho.

— *Não acho que possamos ativar os transportes, senhor.*

— Mas já me disse que ao menos um deles já foi ativado, Sr. Argyle. É por isso, de acordo com seus relatórios anteriores, que o Comandante Data e o Tenente La Forge estão desaparecidos!

— *Eu sei, senhor, mas nesse caso, o próprio computador fez o trabalho.*

— E o que o impede de fazê-lo funcionar novamente?

— *Asseguranças, Capitão. Como disse, elas são muito mais complexas do que aquelas que protegem os painéis de acesso. O computador central, e cada um dos transportes até agora, parecem ser, na verdade, à prova de invasão. Sem o código necessário, qualquer tentativa de fazer qualquer coisa com eles, seja diretamente ou através do computador, resulta em total destruição de todos os circuitos chave.*

— Mas certamente o computador da *Enterprise* poderia ser conectado a este computador e...

— *Fornecer um milhão de códigos por segundo, até que chegue ao*

código correto? Sim, poderia, mas não ajudaria, a menos que utilizasse o código correto exatamente na primeira tentativa. Uma vez que seja inserido o código errado, não há uma segunda chance. Os circuitos seguem para fusão em milissegundos. Nós já perdemos um assim, e não há nada que indique que com os outros será diferente.

— Então remova os circuitos de autodestruição. Vocês aparentemente foram capazes de fazê-lo com as portas.

— Impossível, senhor. Todas as coisas são tão completamente integradas que nenhum circuito individual pode ser removido sem destruir-se uma centena de outros circuitos ou disparando um processo de fusão. — Argyle meneou a cabeça. — *Seria como tentar fazer um transplante de coração, se o coração e o cérebro e os pulmões, o fígado e todos os outros órgãos fossem uma unidade única e indivisível, as paredes do coração sendo também tecido do cérebro, por exemplo.*

Picard fitou a imagem e ficou silencioso por um instante. Ele finalmente disse: — Muito bem, Sr. Argyle. Você e sua equipe continuarão até que cada aposento dessa nave tenha sido aberto e os conteúdos analisados. Enquanto isso, a *Enterprise* continuará a expandir o padrão de busca até que tenha coberto cada milímetro dentro de seja lá qual for o raio desse transporte de mão única. Mantenha-me...

— *Há outro problema, senhor* — interrompeu Argyle. — *O raio dos transportes pode ser consideravelmente maior do que possamos esperar.*

Picard franziu o cenho, pensando, desconfortável, que sua busca já ultrapassara, sem qualquer sucesso, milhares de quilômetros além do raio máximo dos transportes da Federação. — Quanto maior, Sr. Argyle? — perguntou calmamente.

— *Consideravelmente milhares, talvez mesmo milhões de vezes maior* — disse Argyle, engolindo em seco. — *Existe, creio, uma possibilidade distinta de que opere por subespaço. E se for verdade, o Comandante Data e o Tenente La Forge poderiam estar a centenas de parsecs daqui.*

Geordi e Data observavam enquanto a porta se abria, revelando um elevador com o mesmo rosto ubíquo estilizado na parede oposta. As paredes laterais eram de cores contrastantes, uma do mesmo amarelo vibrante do uniforme de Shar-Lon, a outra de um tom cinzento de ardósia, e Geordi se perguntou se as duas cores tinham a intenção de passar o mesmo tema que os dois murais. O próprio Shar-Lon permaneceu em silêncio depois de entrar com o código no painel de controle do elevador. Ele não olhava para nenhum de seus passageiros, e a visão infravermelha de Geordi mostrou-lhe

que cada pedacinho de pele exposto tornara-se quase morto de tão frio, como se ele tivesse entrado em choque.

Mas enquanto o elevador subia em direção ao centro sem peso da última cápsula do habitat, o corpo do velho endireitou-se e suas feições idosas, apesar de estarem sem expressão, rejuvenesceram em pelo menos dez anos. Do elevador ele os levou por uma série de portas até um hangar deserto contendo várias naves auxiliares pequenas e primitivas. Todas tinham o rosto estilizado pintado dos lados, algumas não muito maiores que uma marca de identificação, como uma insígnia de posto, mas outras com mais de um metro de diâmetro. Levando-os até uma com cobertura transparente sobre o que parecia ser uma combinação de compartimento para passageiro e piloto — uma bolha de observação? perguntou-se Geordi — Shar-Lon abriu a porta e fez um gesto para que entrassem. Quando ele entrou atrás deles e seus dedos tocaram os controles da nave, a visão infravermelha de Geordi intensificou-se, como se algum debate interno tivesse ao menos sido temporariamente resolvido.

Cuidadosamente ele guiou a nave pela saída do hangar e, uma vez do lado de fora sob a brilhante luz do sol, acelerou-a rapidamente, então fez uma volta de noventa graus e quase simultaneamente fê-la parar de acelerar. O planeta azul e branco da tela agora de repente encontrava-se diante deles, a menos de trinta mil quilômetros de distância.

Por um longo instante, Geordi apenas olhou para o planeta. Se ainda havia a menor sombra de dúvida de que o transporte alienígena os transportara por parsecs em vez de quilômetros, a visão a sua frente fê-la desaparecer. Este planeta era real, não uma imagem ou uma ilusão.

— Sem seus Presentes — disse Shar-Lon finalmente, sua voz agora um sussurro baixo e reverente, — este nosso mundo seria agora uma monta nha de cinzas quentes.

— Explique — disse Geordi, mantendo sua voz desconfortavelmente seca. Shar-Lon permaneceu em silêncio por vários segundo, e um pouco do vazio pareceu voltar a suas feições. Elas então assumiram uma expressão de tristeza e Geordi não pôde evitar de pensar em um ator preparando-se para começar um difícil solilóquio.

— Apesar de me envergonhar de dizer isso — começou Shar-Lon, — meu povo era, há dezenas de anos atrás, pouco mais que selvagens. Selvagens que haviam obtido o conhecimento que lhes era possível para destruir a si mesmos e toda a vida existente em nosso mundo. Quando seu Repositório de Presentes foi descoberto orbitando nosso mundo, havia quase cem nações separadas. A paz real jamais existiu em nossa história e mais de um quarto de nossas nações possuíam seus próprios arsenais de destruição

nuclear. Alguns haviam sido postos em órbita, outros escondidos sob o solo, outros sob o mar.

— E um padrão familiar — Geordi falou solenemente, quando o homem fez uma pausa, como se esperasse inquieto por uma resposta.

Os olhos de Shar-Lon arregalaram-se um pouco, mas ele não desviou o rosto do planeta. — Então vocês forneceram seus Presentes para outros assim como para nós?

— É claro — improvisou Geordi, enviando um olhar de lado para Data, — apesar de poucos terem-nos usado tão sabiamente quanto vocês. Diganos, Shar-Lon, como é que você chegou a usar os Presentes em primeiro lugar? Foi você, pessoalmente, quem os recebeu?

— Fui eu — ele disse prontamente, e por instante seus olhos se desfocaram, como se perdidos na memória. Finalmente, sem pressa, ele prosseguiu: — Eu fui o Escolhido. Durante essa época da minha vida eu era, apesar de ter vergonha de admitir, tão selvagem quanto qualquer pessoa no planeta. Antes, em minha juventude, trabalhei duro e por longo tempo pela paz. Fui dos primeiros a formar o grupo que traz nosso nome, mas fiquei rapidamente desiludido. Percebi que, longe de serem verdadeiros guardiões da paz, éramos pouco mais que agitadores e bastante ineficientes. Tínhamos poucos membros e nenhuma força, e nossos protestos mal eram notados. Furioso pela futilidade de nossos esforços, desertei da organização e mergulhei no que na época me parecia a única alternativa; um mundo em minha própria nação era suficientemente poderoso para manter uma paz que não poderia ser garantida de outro modo.

— Eu fui tolo — continuou Shar-Lon, — eu sei, mas essa deserção foi, como percebi depois, uma parte integrante de meu destino. Sem minha desilusão e deserção, meu recuo para um orgulho nacionalista destrutivo, como poderia ser aceito nas Forças Armadas de minha nação? E sem essa aceitação, como poderia chegar a uma posição de confiança que me permitiu estar naquele preciso lugar, naquele momento preciso, quando os Sinais me foram dados e seu Repertório de Presentes foi revelado?

Uma vez mais Shar-Lon silenciou, os padrões de infravermelho de seu rosto com manchas desiguais.

— Conte-nos sobre isso — propôs Geordi. O que Shar-Lon lhes contara até então era virtualmente inútil no que se referia a informações concretas.

— Conte-nos o que aconteceu.

— Sim — acrescentou Data, parecendo repentinamente contente consigo mesmo, — nossos superiores ficarão muito interessados em um relatório detalhado do que você fez precisamente. Como meu colega já disse, seu uso dos Presentes foi de um sucesso pouco comum e os detalhes dessa utilização

podem ser bastante informativos. Podem até mesmo ser de utilidade para nossos superiores, permitindo-lhes analisar o que aconteceu e então melhorar os métodos pelos quais providenciem tais Presentes para outros no futuro.

Geordi suprimiu um sorriso quando Data terminou. Para alguém que se preocupava por ser inexperiente na arte do logro, ele aprendia rápido.

— Meu colega está correto — confirmou Geordi. — Há outros incontáveis mundos como o seu, e nossos superiores estão sempre abertos para a possibilidade de melhorias, para que algum dia todos os mundos sejam capazes de fazer tão bom uso de nossos Presentes quanto vocês.

E com mais essa aplicação de desavergonhada lisonja, Shar-Lon pareceu uma vez mais resolver o conflito que o consumia e recomeçou a falar. E enquanto Shar-Lon falava — ou recitava — a mente perfeita de Data registrava todas as palavras e Geordi classificava-as continuamente à procura de uma indicação ou pista sobre a verdadeira natureza do "Repositório" e seus "Presentes" e como ele e Data poderiam fazer para voltar para lá e descobrir um meio de voltar para a nave abandonada e para a *Enterprise*.

Cinquenta anos antes, Shar-Lon disse, ele e seu irmão Shar-Tel eram pilotos da força de defesa espacial de sua nação. Especificamente, eles eram dois dentre os mais de vinte pilotos que se revezavam em transportar suprimentos e pessoal para os satélites-espiões e plataformas de lançamento de mísseis guarneados, que mantinham cada metro quadrado da superfície do planeta sob constante vigilância — e igualmente constante ameaça de destruição imediata. Cada nação com uma economia suficientemente forte ou tinha satélites semelhantes ou até mesmo mais mísseis nucleares em algum lugar na superfície do planeta, ou sob ela, todos apontados para outra nação armada de maneira semelhante. Nenhum dos mísseis haviam sido usados a não ser em testes, mas era raro passar-se um ano sem que uma dezena de guerras menores feitas com armas convencionais fossem conduzir a algum lugar. Até então, nenhum dos conflitos haviam chegado ao ponto sem retorno, onde não haveria outra escolha a não ser alguém lançar o primeiro míssil, mas ela já estivera perto e ocorrerá mais de uma vez.

— O Sinal surgiu pra mim em meu vigésimo oitavo aniversário — continuou Shar-Lon, sua voz agora em tom monótono, apesar da infravisão atual mostrar um conflito interior que recusava-se a submergir completamente por mais de um ou dois minutos por vez. — Meu irmão e eu estávamos pilotando uma nave de suprimentos sem outras pessoas a bordo. Havíamos alcançado nossa órbita preliminar e estávamos preparando para injetar a órbita de transferência que nos levaria até a órbita de nossos satélites. Enquanto aguardávamos pelo sinal de terra que confirmaria os cálculos de nosso computador de bordo, encontrei-me simplesmente fitando

nosso mundo bem abaixo de nós. E passou-me um pensamento, o mesmo pensamento que penetrara minha mente várias vezes, desde muito antes de meu primeiro vôo, desde a primeira vez que eu vira as imagens de nosso mundo trazidas pelos primeiros satélites décadas antes. Passou-me pela cabeça que a clara beleza de nosso mundo era de uma inconsistência terrível e blasfema com os jogos mortais que seus habitantes, incluindo-se, então, meu irmão e eu mesmo, jogavam continuamente. E então...

Shar-Lon fez uma pausa e seu rosto, na visão infravermelha de Geordi, mostrou um brilho de emoção aparentemente genuína, como se o momento que estava rememorando tivesse força suficiente para colocar de lado quaisquer conflitos internos que o povoassem atualmente.

Shar-Lon fez um gesto na direção do planeta. — E então, por apenas um instante, o planeta inteiro, de horizonte a horizonte, bruxuleou e tremeluziu diante de meus olhos, como se fosse um reflexo na superfície agitada de um lago.

— E então, literalmente ao piscar de um olho, ele tornou-se de um vermelho sangue. Seus oceanos, seus continentes, suas nuvens, de repente tudo foi banhado por uma agitada visão sangrenta.

— E nesse momento — prosseguiu — reconheci a visão como um Sinal, e soube o que pretendia. Naquele momento, eu sabia que meu mundo estava para morrer. Estava para se tornar uma chaminé, um mundo de morte. De algum modo, os mísseis estavam para ser lançados e toda a vida existente na superfície do planeta morreria.

— O conhecimento aterrorizou-me mais que qualquer coisa já o fizera antes — continuou Shar-Lon. — Eu vira os mísseis em seus leitos nos satélites. Eu lhes vira a força devastadora em demonstrações e testes, e conhecia seu número. E sabia como eles poderiam ser facilmente lançados. E então, ainda mais vivido que a própria realidade, vi o que estava para vir. Vi nossas cidades tornarem-se ruínas e destroços radioativos, o interior transformado em desertos sem vida e envenenados. Vi outras pessoas morrendo, em uma centena de mortes diferentes, em uma centenas de lugares diferentes. Vi a carne do meu próprio irmão ser arrancada de seus ossos.

— Vi a mim mesmo, meu corpo enfraquecido e morrendo numa agonia lenta sem que restasse alguém que pudesse dar remédios a mim ou aos milhões como eu que tiveram o infortúnio de sobreviver, não por apenas segundos ou minutos, mas por meses. — Vi nosso mundo inteiro arder e morrer, e eu podia apenas observar imóvel. Pois sabia que não havia nada que eu pudesse fazer para impedir a visão de tornar-se realidade. Havia centenas de ações que eu podia tomar que iriam *começar* a destruição, mas

não uma que me permitisse evitá-la de acontecer ou que a interrompesse depois que já tivesse começado. Mesmo o único ato que estava em meu poder no momento; usar a nave de suprimentos que estávamos pilotando para bater e destruir o satélite de mísseis do qual estávamos nos aproximando; não somente implicaria em nossas mortes imediatas como possivelmente poderia disparar o holocausto que eu sabia devia ser evitado.

— Finalmente, quando recuperei meus sentidos o suficiente para falar, afastei meus olhos da visão e fitei meu irmão, e notei que ele não a vira. Sua atenção estivera fixada em nossos instrumentos, rechecando o alinhamento de nosso sistema-guia como sempre fazia antes da manobra que nos levaria para dentro da órbita de transferência. E então, quando comecei a falar, o sinal veio de terra, dizendo-nos que, de acordo com seus instrumentos, nossa trajetória fora perturbada de algum modo e que seria necessário um curso de correção antes que pudéssemos começar a injetar na órbita de transferência. E virtualmente no mesmo instante, antes que eu pudesse desviar a atenção de meu irmão dos instrumentos, o Sinal se desfez, revelando nosso mundo ainda intocado.

— Por um instante, fiquei cheio de alívio. Fora uma ilusão, disse a mim mesmo enquanto meu irmão alimentava os novos dados no computador, uma ilusão trazida pela culpa que sinto comigo, porém pequena, na loucura que seria destruir nosso mundo. Mas então, apenas momentos depois, quando nosso computador ordenou a fração de segundo necessária para o disparo das máquinas, o Sinal retornou. Nossa mundo foi novamente banhado em sangue e eu soube então que não era nenhuma ilusão. Pois meu irmão também a viu. Mas ele não a viu como um Sinal e quando tentei explicar-lhe, ele apenas me ridicularizou. Mas então, quando nosso mundo estava na mais profunda escuridão banhada em sangue, o Repositório de seus Presentes apareceu. Ele bloqueava completamente a imagem terrível de nosso mundo agonizante e ele não mais podia negar a realidade do que estava vendo. E um instante depois, a estação de terra nos disse que nossa imagem no radar deles havia sido obscurecida por uma imagem grande mas indistinta.

— E nesse instante, quando a realidade física de seu Repositório foi confirmada, percebi que ali estava nossa salvação. E também sabia que era minha responsabilidade, minha e de mais ninguém, realizar nossa salvação. Eu, cuja impaciência me fizera desertar dos Guardiões da Paz quase dez anos antes, agora fora escolhido para salvar nosso mundo que de outro modo nos destruiria. E seu Repositório, e não os esforços bem intencionados mas débeis de meus antigos companheiros, era o meio que me fora dado para realizar essa tarefa. Mas meu irmão não compreendeu. Ele não via salvação

mas uma terrível ameaça, uma ameaça da qual o mundo deveria ser avisado. E eu não pude pará-lo. Como não podia eliminá-lo, o que eu realmente não poderia fazer, não poderia tampouco evitar que ele contactasse nossos superiores, aqueles homens loucos que, com homens semelhantemente loucos em outras nações, seriam responsáveis pelo início da carnificina que agora eu tinha meios para evitar.

— Então fiz a única coisa que poderia fazer, fui até o Repositório. Mesmo enquanto meu irmão falava com nossos superiores, sua mente tão absorvida com a imagem do Repositório que estava desatento para minhas ações, peguei tanto o traje espacial dele quanto o meu, entrei na câmara de descompressão e a selei. Então vesti meu próprio traje espacial e deixei a nave, levando o traje de meu irmão comigo. Quando percebeu que eu saíra, ele implorou para que eu voltasse. Nossos superiores, disse, iriam mandar um míssil para destruir o Repositório; o Invasor, eles loucamente o chamavam; e se não nos movêssemos para longe do raio da explosão, também seríamos destruídos. Mas eu continuei. Não tinha escolha. Eu fora escolhido e não podia recuar.

— E enquanto me aproximava do Repositório, enquanto meu irmão manobrava a nave para uma distância segura, o Sinal final me foi dado. Por um instante, minha trajetória pelo espaço me deixou em um ponto em que eu podia ver nosso mundo para além do Repositório, e nesse momento eu vi que sua imagem, a do nosso próprio mundo, era ainda mais bela e limpa do que eu jamais havia visto. Não havia nem um traço de sangue e os verdes e azuis e brancos que corriam por sua superfície eram mais vivos do que eu jamais vira. Foi então que eu *soube* que teria sucesso em minha missão. E quando alcancei o Repositório, mesmo quando toquei pela primeira vez sua superfície inteira, fui rapidamente julgado como merecedor e levado para dentro, como por mágica, através das próprias paredes. E lá fiquei apenas com os suprimentos existentes nos trajes espaciais para me sustentar até que aprendi a usar seus Presentes.

— A princípio, eu conseguia apenas destruir os mísseis que tolamente eram enviados contra mim, primeiro por meu próprio país, depois por outras nações que cegamente juntaram-se a minha em seus esforços de destruir-me. No final, quando os muitos usos de seus Presentes foram completamente revelados a mim, pude procurar os mísseis em seus lugares escondidos, trazê-los para o espaço e então destruí-los. E quando todos haviam sido destruídos, quando a ameaça sangrenta da morte planetária foi removida, juntei meus antigos companheiros a minha volta para rejubilar-nos por nosso mundo, finalmente, estar livre para largar as armas violentas e viver em paz. Mesmo meu irmão — acrescentou, com o primeiro sorriso genuíno desde

que haviam saído do hábitat, — finalmente comprehendeu o que havíamos encontrado naquele dia e juntou-se a nós em nosso trabalho.

Quando terminou, Shar-Lon tocou nos controles da nave auxiliar e colocou-a para retornar. O planeta foi lentamente substituído pelo hábitat e, pela primeira vez, Geordi e Data podiam vê-lo por inteiro.

A cápsula da qual haviam emergido, a ponta perpetuamente voltada para o sol, era suavemente arredondada. O próprio cilindro de um quilômetro era de um cinza suave a não ser pelas faixas espelhadas que refletiam a luz do sol no interior através das três linhas transparentes entre o vale e as áreas de terra. Do centro da ponta oposta, a cápsula tubular estendia-se por mais duzentos metros, terminando em um agrupamento de conjuntos angulares, cercados por um imenso espelho parabólico com cerca de um quilômetro de diâmetro. Obviamente aquilo era a estação de força. A luz solar obtida pelo espelho seria mais que suficiente para prover as necessidade de força de todos os habitantes, não importando se extraíssem esse poder de painéis solares ou usando o calor para fazer funcionar antigas geradores de turbinas a vapor.

— Em gratidão, o povo nos deu isto, o Mundo dos Guardiões da Paz — disse Shar-Lon, sua voz completamente sem emoção de novo, como se estivesse falando de cor. — do qual podemos continuar a cuidar deles com seus Presentes. Sua construção teria sido impossível sem a paz e a sanidade obtidas por seus Presentes, mas uma vez que a necessidade suicida por armas e armamentos foi eliminada, qualquer coisa tornou-se possível.

Por outro longo momento, Geordi absorveu a visão. Para um mundo com este limitado nível tecnológico, percebeu, o hábitat era realmente notável, em particular levando-se em consideração que aparentemente não havia nenhuma lua de onde retirar matéria-prima. A menos que tivessem encontrado e rebocado um asteróide de composição conveniente, tudo que havia dentro do cilindro quilométrico fora retirado do poço gravitacional do planeta, aparentemente usando-se nada mais que foguetes químicos. O projeto devia ter sido mesmo imenso.

Então Shar-Lon estava manobrando a nave de volta pela câmara da ponta do cilindro voltada para o sol. Respirando fundo, Geordi forçou-se a liberar a mente de tais pensamentos. Não importava como essas pessoas haviam conseguido construir um hábitat, não importava em que privações isso pudesse tê-los feito passar, não era da sua conta. Sua única preocupação, sua e de Data, era o conteúdo do "Repositório" e seus "Presentes" e a possibilidade de que, com um bom bocado de sorte, um deles ainda podia ter a chave que os faria retornar para a *Enterprise*.

OITO

— Padrão de busca para quarenta mil quilômetros completado, senhor — relatou o Tenente Worf do comando. — Resultados negativos.

Picard reprimiu um impropério. No primeiro padrão, eles haviam coberto cada milímetro cúbico em vinte mil quilômetros da tal nave abandonada, que já era mais do que o raio máximo dos transportes da *Enterprise*. Ainda assim não haviam encontrado nada maior que átomos de hidrogênio. Sem evidência de escudos. Sem evidências de camuflagem. Nenhuma evidência de formas de vida ou mesmo de restos desintegrados de formas de vida. Sem evidências de *coisa nenhuma*.

Eles agora haviam completado a busca em quarenta mil quilômetros, e ainda assim não havia nada. As especulações do Chefe Argyle de que os transportes da nave abandonada deviam de algum modo funcionar subespacialmente em vez de por espaço normal tornava-se cada vez mais plausível. Ou Data e La Forge haviam sido transportados para uma nave que possuía camuflagem ou escudos muito mais avançados que qualquer coisa existente no repertório tecnológico da Federação. Mesmo que a nave hipotética tivesse partido imediatamente sob força de impulso ou velocidade de dobra, os sensores da *Enterprise* teria pego *alguma coisa* — de novo, a menos que teoricamente a nave alienígena tivesse uma camuflagem que lhe desse uma liberdade de ação além de qualquer coisa existente na Federação.

— Alferes Carpelli — Picard disse abruptamente, — prepare para trazer o Chefe Argyle e o Comandante Riker a bordo da *Enterprise*. Tenente Worf, leve-nos a um raio de transporte da nave abandonada. Tão logo o Chefe Argyle e o Comandante Riker estejam a bordo, expanda o padrão para oitenta mil quilômetros e recomece a busca.

Picard levantou-se e galgou a rampa na direção da porta do gabinete. Atrás dele, Worf já executara a manobra automática que os levaria para dentro do raio de ação dos transportes.

No gabinete, Picard permaneceu em silêncio por um momento enquanto a porta fechava-se com um sussurro atrás dele. Fechando os olhos, inspirou profundamente, forçando seus músculos a relaxarem a contínua tensão que o dominava desde o instante em que os dois homens haviam desaparecido. Quando seus olhos abriram-se, caíram sobre os bagres, que nadavam preguiçosamente em seu aquário, e por outro instante ele imaginou-se, com uma pontada de inveja, fazendo o mesmo, preguiçando em águas confortáveis que tanto o sustentavam quanto o acariciavam.

Uma sombra de sorriso surgiu em seus lábios. Como os peixes, ele

estava constantemente em evidência. Diferente deles, ele estava constantemente consciente de um carregamento de observadores e da necessidade de apresentar a imagem apropriada, de manter suas fraquezas e inseguranças escondidas atrás de uma fachada de comando — e não pelos raros momentos em que vinha até aqui, o único lugar em toda a *Enterprise* que podia ser completamente seu, completamente particular.

Mas não podia ser indulgente consigo mesmo, não agora, não por mais do que os poucos segundos que já roubara. Há menos de dez minutos o Chefe Argyle relatara que o último dos compartimentos da nave abandonada fora aberto e que seu conteúdo não era diferente dos outros conteúdos: um transporte de mão única e alguns circuitos de recepção subespacial, nenhum dos quais podia ser ativado sem causar destruição instantânea de todos os circuitos vitais.

Mas desta vez, Riker estivera com Argyle. E os dois, Riker dissera, haviam imaginado um plano que tinham a discutir com ele.

Um plano que podia, Riker admitira, destruir completamente a nave abandonada, matando quem quer que estivesse fazendo parte do plano.

Mas era um plano que tinha ao menos uma chance de localizar o Comandante Data e o Tenente La Forge, talvez até mesmo uma chance de tê-los de volta, se já não estivessem mortos.

Quando Riker e Argyle entraram no gabinete pouco mais de um minuto depois de Picard, o capitão fez um gesto para que se sentassem. Sentaram, Argyle ainda sentindo-se um pouco desconfortável, e o próprio Riker com uma formalidade incomum.

— Segundo o que comprehendo de seus relatórios, Sr. Argyle — disse Picard, abruptamente — sua equipe não teve sucesso em determinar como desarmar nenhum dos transportes e permitir que fossem ativados.

— É correto, Capitão.

— E que sem ativá-los, não há meio de determinar seu destino?

— Isso também é correto, senhor.

— Mas então que diabos é esse plano que vocês dois desenvolveram? Argyle lançou um olhar na direção de Riker, obviamente deferindo ao primeiro oficial a honra de fazer a apresentação.

Riker inclinou-se ligeiramente para a frente. — Sabemos que tanto o transporte de curta-distância na "sala de controle" quanto pelo menos dois outros transportes já foram ativados uma vez. Capitão, quando eles "retransmitiram" o Comandante Data e o Tenente La Forge para onde quer que fosse seu destino final. Nós também sabemos as condições aproximadas sob as quais essa ativação ocorreu. E finalmente, temos uma teoria do *por quê* foi ativado.

Picard franziu o cenho quando Riker fez uma pausa. — Bem, Número Um?

Riker trocou um olhar com Argyle e então continuou: — Usando as coordenadas em que nossos próprios transportes se fixaram, pudemos definir a localização de Data e do Tenente La Forge no momento em que o primeiro transporte os envolveu. Eles *não* estavam na plataforma de transporte. Eles estavam a pelo menos cinco metros dela, entre a porta e o corredor. Com essa informação como ponto de partida, examinamos novamente o desenho da plataforma de transporte. Ela parece ser capaz de fixar-se em qualquer objeto, qualquer objeto vivo, suspeito, que esteja dentro dessa sala ou da sala de controle adjacente, e transmiti-lo para qualquer um dos outros transportes.

— Mas por que escolheu fixar-se em Data e La Forge naquele determinado momento? Será que eles mesmos o acionaram accidentalmente? Ou os transportes da *Enterprise* o ativaram de algum modo?

— Não, senhor. O que achamos que aconteceu é que ele foi ativado como resultado do escoamento de radiação do núcleo de antimatera. Achamos que o escoamento de radiação acionou um sistema de evacuação automático, um sistema projetado para pegar quem estivesse no aposento, dentro ou fora das câmaras de hibernação, e levar para fora dali, um lugar seguro, espera-se. Exatamente qual era a interação entre esse transporte e os dos outros aposentos, não sabemos, talvez jamais saibamos por completo. Mas achamos com certeza que o programa encarregado de algum modo, fez uma classificação de todos os destinos possíveis, escolheu um e, de fato, mandou Data e La Forge pra lá.

— Mas você não sabe qual o transporte dentre as centenas existentes fez a retransmissão? Ou mesmo que o saiba, vocês não podem determinar seu destino sem ligá-lo, o que não podem fazer sem que o destruam. — Picard meneou a cabeça. — Não vejo onde isso nos leva, senhores.

Riker respirou fundo. — O que propomos, senhor, é que reproduzamos as condições originais, os níveis de radiação, primeiramente, para vermos se podemos fazer com que o programa de evacuação envie alguém mais para o mesmo lugar. Alguém mais bem preparado e melhor equipado que possa trazer informação de volta à *Enterprise*.

O cenho franzido de Picard acentuou-se. — Não gosto disso, Número Um!

— Não gosto disso também, senhor — disse Riker, — mas pelo que o Sr. Argyle nos diz, essa pode ser a única chance que temos!

— Mas quão *boa* ela é?

— Essa não é a questão, Capitão. A questão é que pode ser a única chance. Estou mais do que querendo realizá-la.

— Poderia ordená-lo que não o fizesse.

— Eu sei que poderia, Capitão.

Picard permaneceu em silêncio por um longo tempo, seus olhos mantendo os de Riker, à procura de algum traço de dúvida, qualquer indicação de apreensão.

Mas não havia nada. Lá havia apenas o que sempre via nos olhos de seu primeiro oficial quando vidas dependiam de suas ações: determinação.

Ele fitou Argyle. — E sua avaliação, Chefe?

— A mesma do Comandante Riker, senhor. Há uma chance de sucesso, mas não tenho nenhuma idéia das probabilidades. Simplesmente não existe nenhum meio confiável de calculá-las.

— Não é preciso dizer que comprehende os riscos, Número Um.

— É claro, senhor. E farei com que o voluntário que me acompanhará também comprehenda-os perfeitamente.

Picard concordou finalmente. — Muito bem, Número Um. Me informe quando tiver feito os preparativos necessários.

— É claro, senhor — assentiu Riker, virando-se rápido e dirigindo-se para a porta da ponte. Argyle, com um último olhar para Picard, seguiu-o, deixando o capitão sozinho com sua decisão.

— Vocês nos dariam a honra de falar ao Conselho dos Guardiões da Paz e permitir-nos agradecer-lhes apropriadamente por nossa salvação?

Shar-Lon, seu estado emocional interno (até onde Geordi podia lê-lo) flutuando selvagemente de minuto a minuto, virou-se para encarar Geordi e Data enquanto seu elevador particular começava sua lenta descida da falta de peso do centro.

— O conhecimento de que os Presentes foram usados sabiamente é agradecimento suficiente — disse Geordi, quase corando com o clichê pomposo. Era até mesmo pior que as outras coisas que se pegara dizendo em resposta à retórica eloquente de Shar-Lon.

O próprio Shar-Lon, suas feições começando a envelhecer devido ao aumento da força centrífuga enquanto o elevador continuava seu caminho na direção da borda externa da última cápsula, assentiu sábia, se não apreensivamente. — Isso é claro que é verdade — disse, — mas eu sei que meus colegas Guardiões da Paz ficariam grandemente desapontados, particularmente os do Conselho dos Idosos, os que serviram no primeiro Conselho. Eles esperaram mais de cinqüenta anos para expressar-lhes sua gratidão. Certamente vocês não lhes negariam essa oportunidade.

— É claro que não — disse Geordi, mas acrescentou firmemente, — no

entanto, antes que possamos ter mais certeza da recepção que teríamos, consideramos que seria melhor, e mais seguro, se o conhecimento de nossa presença fosse limitado ao menor número de pessoas possível.

Por um instante pareceu-lhe que o velho ia continuar a protestar, mas então ele abaixou os olhos em submissão. — Será como desejam. Sua falta de confiança é compreensível diante do ataque que já sofreram.

— Sim — Geordi disse tranqüilamente, — é. Portanto, sem dúvida alguma, também será compreensível para você que desejamos voltar ao Repositório tão logo seja possível para fazermos um relatório. Nossos superiores podem ser bastante impacientes.

— Vocês certamente não estão partindo! Não tão já, antes que tenhamos a oportunidade de...

— É claro que não. O relatório é simplesmente uma preliminar — disse Geordi, e então acrescentou, sinistramente: — No entanto, se não for recebido como programado, outros representantes, outros representantes menos compreensíveis, podem muito bem serem enviados para determinar a razão do atraso.

Shar-Lon quase estremeceu diante do que lhe pareceu ser uma reprimenda. — Eu nada faria para afastá-los de suas tarefas — disse desculpando-se. Designarei meus homens de maior confiança para escoltá-los de volta ao Repositório.

Geordi assentiu. — Obrigado, Shar-Lon. Sua compreensão é apreciada. Porém, se for possível, há uma pessoa com a qual gostaríamos de falar antes que façamos até mesmo o relatório preliminar.

— Qualquer pessoa! Mas quem...

— Seu irmão. Creio que você disse que seu nome é Shar-Tel.

O rosto de Shar-Lon sombrou-se por um instante. — Gostaria que fosse possível — disse finalmente, — mas não é. Shar-Tel foi morto há mais de dez anos.

— Morto? Como?

— Ele foi vítima de alguém sofrendo dos mesmo delírios daquele que os atacou.

— Ah? Então esses delírios devem ser mais comuns do que você sugeriu.

— Não! Muito certamente que não! É só que aqueles poucos que sofrem deles são levados a atos selvagemente irracionais como esse. Seu efeito portanto, brutalmente fora de proporção a seu número.

— Percebo. E exatamente o que são esses delírios? Por que faria com que alguém quisesse nos matar?

Uma vez mais a imagem infravermelha de Shar-Lon indicava um

renovado conflito interno. — Espero que não se sintam ofendidos se falo com franqueza — disse ele, esforçando-se para fitar o rosto de Geordi e seu *visor* enigmático.

— É claro que não. Quanto maior franqueza melhor.

— Existem alguns poucos — e repito, *muito* poucos — que, desde o início, ressentiram-se dos Presentes e do uso que os Guardiões da Paz fizeram deles. Percebo que isso parece insano, mas esses poucos dementes prefeririam que suas nações fossem livres para se destruírem — e ao resto do mundo — a submeterem-se às poucas limitações necessárias para que todos nós possamos viver em paz. Eles jamais foram capazes de adaptar-se aos meios civilizados desde que seus Presentes nos permitiram varrer do mundo o terror da destruição nuclear.

— Então eles não estão tão iludidos quanto mal orientados?

— Qualquer dos dois termos, temo, é excessivamente generoso. — Uma nova intensidade, mais genuína, envolveu as palavras de Shar-Lon. — Para mim, essas pessoas são a própria essência do mal que seus Presentes nos permitiram evitar. É difícil compreender como alguém, em algum lugar, possa estar tão iludido quanto eles, mas que essas ilusões existam aqui, no mundo dos Guardiões da Paz, é totalmente inconcebível.

Geordi assentiu, tentando parecer compreensível. A retórica e os diferentes humores internos de Shar-Lon o estavam deixando cada vez mais nervoso. Ele também estava começando a ficar cada vez mais convencido de que sua inspiração de momento ao decidir inventar os "superiores" de mentira que poderiam chegar a qualquer instante para realizar uma vingança estava correta. Com alguém tão instável quanto Shar-Lon, a verdade — que ele e Data estavam indefesos, sozinhos e que nada sabiam sobre os chamados "Construtores" — podia muito bem significar sua morte.

— Há pessoas como essas em todos os mundos — disse Geordi. — No entanto, podemos discutir tais assuntos depois. Nesse exato instante é imperativo que retornemos ao Repositório e façamos um relatório para nossos superiores. A menos — acrescentou, fazendo parecer com um pensamento tardio, — que hajam outros, como seu irmão, que foram testemunhas de sua descoberta e primeiro uso de nossos Presentes.

— Não havia ninguém — Shar-Lon disse rápido. — E meu irmão não foi uma verdadeira testemunha para nada além que o Sinal propriamente dito. Apenas uma vez, pouco antes de sua morte, ele entrou no Repositório.

— Muito bem — disse Geordi, resistindo ao impulso de perguntar o por quê daquela ter sido a única visita. — Então teremos apenas que esperar até que tenha localizado alguém em quem você confie para retornarmos em segurança para o Repositório. E lembre-se, nosso tempo é limitado.

Apesar da gravidade crescente, agora quase igual à da Terra, Shar-Lon fitou ereto, como se chegassem a uma conclusão. — Eu mesmo os levarei — disse, alcançando o painel para reverter o elevador e mandá-lo de volta em direção ao ponto central e ao hangar das naves.

Mas antes que seus dedos digitassem o código, a porta do elevador abriu-se no mesmo estranho aposento em que haviam estado antes.

Mas desta vez uma meia dúzia de homens, todos com pelo menos a idade de Shar-Lon, sentavam-se no semicírculo de cadeiras, aguardando. Um sétimo, apenas um pouco mais jovem, estava de pé próximo ao elevador, sua mão bloqueando a porta para que ela não fechasse. Todos usavam o familiar uniforme com cinto, mas de um cinza claro e sem o rosto estilizado. Geordi e Data ficaram tensos, suas mãos dirigindo-se para seus *phasers*, mas interromperam o movimento quando viram que nenhum dos homens estava armado.

— Então, Shar-Lon — disse o homem que estava à porta, abaixando ligeiramente a cabeça em um movimento que era muito mais um simples reconhecimento do que uma medida, — é verdade. Os Construtores retornaram.

— Sim, Ki-Tor, é verdade — Shar-Lon disse secamente. — Mas eu não pedi um encontro do Conselho de Anciões.

— Mesmo assim você tem um. — Os outros assentiram sua concordância.

— Não desta vez! — cortou Shar-Lon. — Os Construtores desejam retornar para o Repositório e ...

— Você não os manterá longe de nós *desta vez*, Shar-Lon!

— Essa não é minha intenção, Ki-Tor, asseguro-lhe. Eles vieram para julgar o uso que fizemos de seus Presentes e agora que já o viram, precisam fazer seu relatório. Para fazer isso, precisam retornar para o Repositório. Vocês certamente não interferirão com seus desejos.

Ki-Tor virou-se para Geordi e Data. — São esses seus desejos?

Geordi hesitou. Esses certamente eram contemporâneos de Shar-Lon e, possivelmente, não importava o que Shar-Lon tivesse lhes dito, eles podiam saber alguma coisa de útil sobre a nave alienígena, o "Repositório".

— Nós realmente precisamos fazer um relatório preliminar para relatar logo a nossos superiores — disse Geordi, — mas se algum de vocês já esteve diretamente envolvido no uso de nossos Presentes, gostaríamos de falar com vocês.

Ki-Tor franziu a testa. — Shar-Lon não *permitiu* a ninguém que estivesse diretamente envolvido. Ele não dividiu os Presentes com ninguém. Mesmo agora, quando nós alcançamos o final de nossas vidas, ele recusou-se

a passar esses segredos adiante, ou sequer dividi-los.

Então Geordi pensou, com desaponto, que Shar-Lon era a única peça do jogo. — Então sim, nossos desejos são voltar ao Repositório — disse. — No entanto, estaremos muito interessados em encontrá-los a todos tão logo completemos nosso relatório e recebamos novas instruções de nossos superiores.

As palavras de Geordi pareceram ser toda a confirmação que Shar-Lon necessitava. Abruptamente, ele tocou em um ponto da fivela do cinto de seu uniforme. Em segundos, a porta no canto mais distante do aposento abriu-se e um homem de uniforme azul e feições aquilinas entrou rapidamente. Seus olhos virtualmente cintilaram quando fitou os Anciões.

— Vocês conhecem meu auxiliar, Kel-Nar — disse Shar-Lon. — Ele os escoltará. Este encontro inesperado dos Anciões está agora concluído. Vocês serão notificados quando, e se, os Construtores desejarem falar mais com vocês.

Quando o último dos Anciões relutantemente saiu do aposento, alguém em um uniforme azul — nem Kel-Nar nem nenhum dos três originais, Geordi notou rapidamente — surgiu na porta, olhou na direção de Geordi e Data e fez um gesto para Shar-Lon ir na direção dele. Franzindo a testa, o velho concordou.

Quando aproximaram-se da porta, o homem mais jovem começou a falar rapidamente, seus lábios apenas alguns milímetros distante da orelha de Shar-Lon, as palavras baixas demais para que o Tradutor pudesse pegá-las. Shar-Lon balançou a cabeça e virou-se, mas o homem agarrou-lhe o braço e continuou a falar com urgência. Com um trejeito, Shar-Lon finalmente voltou-se para Geordi e Data.

— Sinto muito, mas devo adiar nosso retorno ao Repositório por alguns instantes.

— Alguma coisa está errada? — perguntou Geordi enquanto ele e Data saíam do elevador.

— É isso que tenho que descobrir. Voltarei logo que for possível. E então ele se foi, a porta fechando-se silenciosamente atrás dele. Geordi olhou apreensivamente para o elevador, cuja porta ainda estava aberta. Um momento depois ele desligou seu Tradutor e fez menção para que Data fizesse o mesmo.

— Agora estamos fingindo que estamos com falha de funcionamento de novo? — o andróide perguntou enquanto obedecia.

Geordi balançou a cabeça. — Considerando o que estamos representando, seria "fora do personagem".

Data considerou por um momento e então assentiu. — Percebo. Se

continuássemos a ter "falhas de funcionamento", isso diminuiria a "frente" que você tem construído.

Geordi sorriu nervoso. — Certo, Data. Simplesmente espero que esta "frente" esteja sendo útil, e não apenas que nos meta em mais confusão. E para falar a verdade, estou começando a me perguntar. — Ele novamente olhou para a porta pela qual Shar-Lon e os outros haviam saído. — Na verdade, creio que seria melhor termos nossos *phasers* em prontidão, só pra prevenir.

— Do que você suspeita?

— Eu gostaria de saber. Alguma coisa não está certa, Shar-Lon ser chamado assim. — Geordi balançou a cabeça, franzindo o cenho para si mesmo. — Esse é o problema de tocar de ouvido. Você nunca sabe que fez alguma coisa errada a menos que já seja tarde demais.

— "Tocar de ouvido"?

— Outra velha expressão, Data. Que só quer dizer que eu... que eu tenho decidido as coisas conforme elas vão acontecendo. Reagindo ao que aparece, do jeito que me "parece certo" no momento. Sem envolvimento de lógica ou senso comum, mas bem agora, as coisas definitivamente não estão parecendo boas.

Data olhou em silêncio para Geordi por mais de um segundo. Ele então assentiu pensativamente e uma vez mais sua voz tinha uma qualidade ligeiramente melancólica quando ele falou. — É outra forma de intuição, semelhante àquela que prontamente o fez fazer a referência ao Kansas.

— Alguma coisa assim. Ou talvez seja um sinal de uma mente desordenada. — Geordi balançou a cabeça novamente, sentindo-se desencorajado. — Nós *realmente* poderíamos usar a Conselheira Troi aqui. Ela poderia ao menos nos dizer se estão nos mentindo. E talvez se esse tal Shar-Lon e seus amigos são simplesmente estranhos ou completamente loucos. Posso pegar leituras na porção infravermelha do espectro, mas isso é tão confiável quanto meus "palpites". Há somente umas duas coisas das quais eu *tenho* certeza, ou quase certeza, mesmo assim. Uma, não confio em ninguém que narra em vez de falar, do jeito que Shar-Lon faz todo o tempo. E não iremos encontrar nenhuma resposta de verdade aqui no habitat. Nossa única chance de sair daqui é voltar para o tal Repositório. Concorda?

— Concordo, Geordi — disse Data, de alguma modo aliviado por estar de volta a uma área em que a lógica aparentemente se aplicava. — O Repositório parece ser outro artefato abandonado pelo mesmo grupo que abandonou aquela nave que encontramos no espaço. Portanto, não importa o que nossas observações iniciais do artefato mostrem-nos, ele é o único lugar em que o equipamento necessário para contactarmos e voltarmos à nave

pode ter a possibilidade de ser encontrado.

— Certo. A tecnologia de quem construiu essas coisas tinha que ser igual à da Federação, ou mais avançada, pelo menos no campo dos transportes. Não existem meios para um transporte da Federação nos trazer para *tão* longe. E o que Shar-Lon estava descrevendo, os "Sinais", parece muito com o que aconteceria se uma aparelhagem de camuflagem sofresse algum tipo de pane.

— Sim. Não seria surpreendente se um aparelho de tal idade falhasse. Geordi suspirou suavemente. — A questão é, o que *mais* falhou? Quanto das coisas que não pudemos encontrar lá atrás não estavam realmente faltando, mas apenas funcionando mal? A metade transmissora do transporte, em particular. E quanto está *realmente* faltando? Se pudéssemos ao menos descobrir o que o "Repositório" estava fazendo aqui em primeiro lugar, por que estava orbitando este planeta, sem mencionar por que foi abandonado, ou por que a nave original foi abandonada, e o que *isso* estava fazendo aqui no meio do nada...

Geordi interrompeu, sorrindo pesaroso. — Mas a única coisa realmente importante é voltar para o Repositório e conseguir algum tipo de controle sobre seja lá o que for que tiver lá. E se Shar-Lon pôde aprender a controlá-lo, aparentemente com bastante rapidez, não há razões para não fazermos o mesmo.

— Se os controles estiverem associados ao capacete — disse Data, — terá que ser você a aprender a operá-los, Geordi. Ele foi decididamente inóspito quando eu tentei usá-lo.

— Eu sei. Deve ter sido outra "armadilha". O capacete deve analisar padrões de ondas cerebrais ou parâmetros metabólicos ou sabe-se lá o que, e então aceita somente aqueles que combinam-se com as especificações inseridas por quem construiu essas coisas, seja lá quem for. E tenta matar qualquer um que não preencha essas especificações.

Geordi fez uma pausa, meneando a cabeça. — Eu gostaria de apostar que os Construtores jamais pensaram que alguém além deles mesmos poderiam preencher as especificações, seja lá quais forem. Eles queriam ter certeza que ninguém além deles mesmos poderiam entrar e controlar a situação. Esse tipo de pensamento se encaixaria perfeitamente com o tipo de mente paranóica que equiparia um lugar com uma bomba de antimateria que simplesmente seria acionada quando alguém fosse transportado a bordo.

— Sim — Data falou quando Geordi silenciou, estive considerando isso e outros aspectos tanto deste objeto que Shar-Lon chama de Repositório e da nave abandonada da qual fomos transportados. Como resultado, pude estabelecer algumas tentativas de correlação com certas informações de

outras fontes. Se...

— Você tem uma teoria sobre essas coisas? — Geordi interrompeu, repentinamente excitado. — Alguma coisa que possa tirar-nos daqui?

— Não, Geordi, não vejo nada nas correlações que possa ajudar-nos a esse respeito. No entanto, talvez sejam úteis à sua intuição.

— Então vamos ouvi-las!

— Como quiser. Como sabe, o setor do espaço pelo qual a *Enterprise* estava viajando é grandemente inexplorado pela Federação. No entanto, os ferengi no passado permutaram informações com a Federação e uma pequena parte destas informações podem referir-se a este setor.

— Ouvi falar sobre a permuta — disse Geordi, seu entusiasmo de um instante antes já desaparecendo. — Mas também ouvi que fomos enganados. Não sei o que a Federação deu aos ferengi, mas ouvi dizer que o que recebemos era virtualmente de segunda e terceira mãos, pouco mais que rumores e lendas, apenas histórias coletadas de várias raças com quem haviam comercializado durante os séculos. Contos de fada, mesmo, tão confiáveis quanto... quanto *O Mágico de Oz*.

— É verdade, Geordi. No entanto, Existem elementos que são comuns a muitas das histórias, e um desses elementos se refere a uma nave que poder-se-ia dizer era bastante semelhante ao Repositório.

— Ahn? E quando essas naves existiram supostamente? E a quem elas pertenciam?

— Todos os relatórios dizem que, a um tempo indeterminado no passado, em inúmeros sistemas estelares diversificadamente espalhados, naves semelhantes ao Repositório foram relatadas como encontradas orbitando um certo número de planetas classe-M. Nenhuma delas porém foi dita como estando funcional, nem tampouco continha seres vivos.

— Alguma coisa nos relatórios sobre o propósito dessas naves?

— Nada. No entanto, há histórias envolvendo outros planetas classe-M cujos habitantes estavam à beira de atingirem a viagem espacial mas foram impedidos, alguns por um "acontecimento catastrófico" indefinido, outros por "invasores alienígenas". Se existe alguma correlação real...

— Então é *isso* o que são! — disse Geordi, balançando a cabeça. — Postos de guarda!

— Postos de guarda?

— Sim! Não percebe? Tudo se encaixa! A nave abandonada era... bem, não sei *exatamente* o que era, mas ela era algum tipo de eixo central ou base ou alguma coisa desses postos de guarda. Aposto como cada um daqueles transportes na nave conectavam-se com um posto de guarda diferente, em volta de um planeta diferente. É por isso que os transportes só operam em

uma direção, então se alguém nos planetas *realmente* conseguisse levar um grupo ao espaço e entrar no posto de guarda, jamais seriam capazes de ir mais adiante. Eles jamais poderiam chegar à base ou qualquer outro lugar.

— Mas por que eles teriam postos de guarda orbitando esses planetas? Se eles fossem planetas-prisão...

— Eu não sei, não com certeza, mas aposto que a paranóia deles tinha muito a ver com isso. Aposto... — Geordi interrompeu-se, sorrindo. — Infelizmente, *nada* disso nos ajuda a descobrir como entrar em contato com a *Enterprise*. Se for de utilidade, significa que nossas chances são piores que antes. Significa que os transportes foram *projetados* para serem de mão única, projetados para evitar os intrusos como nós, como Shar-Lon tivessem acesso à base.

— Está dizendo, Geordi, que sua intuição indica que jamais retornaremos para a *Enterprise*?

Geordi meneou a cabeça. — Não, isso é o que a *lógica* me diz. A intuição me diz que não importa o que encontraremos sobre o Repositório, ainda assim temos uma chance muito boa de voltarmos, de um jeito ou de outro. O capitão Picard não vai desistir até que descubra como aqueles transportes na nave abandonada funcionam, e quando o fizer, ele vai descobrir um meio de nos encontrar. O Capitão não...

— Alguém está vindo — interrompeu Data, e Geordi ficou tenso, os dedos de uma mão quase tocando *seu phaser* enquanto que a outra mão religava seu Tradutor. Mas era Shar-Lon, a testa já toda enrugada.

— Problemas? — perguntou Geordi.

— Apenas tolices — cortou o velho, mas então, como se de repente percebesse com quem falava, sua voz suavizou-se. — Venham — disse, indicando o elevador, — eu os transportarei para o Repositório imediatamente. Posso apenas desculpar-me pelos atrasos. E pelo comportamento imperdoável dos Anciões.

Geordi não falou nada, e então ele e Data entraram no elevador.

As portas fecharam-se atrás deles e o elevador começou a subir, Shar-Lon mantendo um silêncio arrependido. Quando o elevador parou e as portas abriram-se, eles estavam novamente sem qualquer peso.

Shar-Lon liderou-os pela mesma série de portas que antes, e dentro de um minuto, ele estava uma vez mais abrindo a porta da mesma nave.

Abruptamente, uma segunda porta do hangar das naves abriu-se e três homens, vestindo simplesmente camisas e calças utilitárias em vez de uniformes, irromperam por ela.

Todos os três usavam máscaras que escondiam a parte de baixo de seus rostos — e todos os três seguravam armas, já voltadas para a vizinhança da

nave, como se os intrusos soubessem aproximadamente onde estariam seus alvos antes da porta ser aberta.

Antes mesmo de Data poder reagir, três gatilhos foram disparados.

NOVE

Quando Picard contou pela primeira vez à Conselheira Troi o que o Comandante Riker estava planejando, ela reagiu um pouco mais seriamente do que já fizera nas centenas de outras missões em que ele fora bem sucedido nos anos em que estivera em serviço nesta e em outras naves. Ela permaneceu na ponte por um tempo, observando a tela com Picard enquanto a busca continuava, aguardando que Riker informasse que completara os preparativos. Como Picard e todo mundo na ponte, ela esperava que algum sinal de outra nave, camuflada e escondida, emergisse das centenas, milhares de leituras sendo feitas a cada segundo. Ela esperava que Geordi La Forge e Data fossem encontrados, salvos, antes que chegasse a hora de Riker prosseguir com essa experiência possivelmente mortal.

Mas a esperança, apesar de profunda e genuína, era racional e controlada, e, como sempre durante situações de crise, ela mantinha sua rede mental aberta, escutando sinais de emoções extremadas ou impróprias, sinais de pânico incipiente em algum lugar na nave.

E até agora não detectara nenhum. Como sempre, mesmo sob as mais difíceis circunstâncias, a tripulação funcionava eficaz e eficientemente.

Mas então, inesperadamente, um sussurro de apreensão passou gelado por ela e então olhou em volta, perscrutante, buscando sua fonte. O Tenente Worf ainda estava no comando, estoicamente monitorando os instrumentos enquanto a *Enterprise* seguia seu complexo mas extremamente repetitivo padrão de busca. O Capitão alternadamente ocupava a cadeira de comando próxima a ela e caminhava do posto de comando para o posto de ciências, lendo impaciente os instrumentos sobre os ombros dos operadores. O Tenente Brindle, que substituíra a Tenente Yar quando ela insistira em ser voluntária para acompanhar Riker, monitorava o posto tático.

Todos na ponte, Troi podia sentir, estavam apreensivos, mas era uma apreensão controlada, uma tensão controlada típica do estado em que se encontravam durante qualquer hora de perigo, uma tensão controlada os tornava mais eficiente, e não menos. Mas mesmo se um deles estivesse mais nervoso que o normal, disse a si mesma, havia razões de sobra. Raramente havia tantos fatos desconhecidos como os que envolviam essa missão de Riker. Havia fatos desconhecidos a cada passo: destino desconhecido, possivelmente parsecs distante. Transportes desconhecidos — e alienígenas — que operavam não através de espaço normal, mas por subespaço. E certamente perigos desconhecidos os aguardavam, não somente em seu destino mas também no próprio transporte.

Deste modo sentir-se apreensivo diante das circunstâncias era normal.

Mas então, por nenhuma razão discernível, no espaço de uma batida de coração, a tensão aumentara.

E durante essa mesma batida, ela percebeu — ou talvez simplesmente admitiu para si mesma — que desta vez era diferente. A apreensão que estivera sentindo não era de Picard ou dos outros.

Era dela própria. O fantasma de sua própria apreensão crescente estava simplesmente sendo ecoado de volta daqueles que a cercavam.

E quando a percepção veio, esse eco de apreensão foi repentinamente imbuído de uma pulsante sensação de urgência. E, para sua própria consternação, a apreensão começou rapidamente a crescer em direção ao medo.

Por outro minuto ela ainda continuou quieta, agarrada aos braços macios de sua cadeira, seus olhos olhando mas não vendo os padrões na tela, e tudo que ela podia ver em seu olho da mente era Riker, enquanto ele subia na plataforma de transporte.

Furiosamente, tentou espantar a imagem. Sempre era difícil quando Riker liderava um grupo avançado a um mundo desconhecido, em perigos desconhecidos, mas jamais fora como isto.

Isto era mais do que simples apreensão por sua segurança. Isto...

Ela levantou-se abruptamente e foi em largos passos para o turboelevador. Nunca fora capaz de compreender ou controlar completamente a mistura estranha de poderes mentais betazóides com a intuição humana, mas de vez em quando elas pareciam combinar e virtualmente gritar por sua atenção.

Como estavam gritando agora, percebeu de repente.

Os segundos no elevador pareciam esticar-se indefinidamente, e quando as portas se abriram no corredor a apenas poucos metros da sala de transporte, ela pulou para fora, correu pelo corredor e teve que diminuir seu passo para dar tempo da porta da sala de transporte abrir para ela entrar.

Lá dentro, parou, a urgência que ainda a envolvia chegando a um crescendo.

Na plataforma estavam Yar e Riker. Ambos usavam trajes para alta radiação e cada um carregava, além da parafernália padrão de grupo avançado, um transmissor-receptor e um rifle *phaser* não tão compacto. Os capacetes de seus trajes de radiação estavam no lugar, apenas seus olhos visíveis pelos visores transparentes. Riker já estava levantando seu braço para o Alferes Carpelli, que estava nos controles.

Mas então ele parou e virou ligeiramente sua cabeça para encarar Troi.

Através da faixa estreita em seu capacete, seus olhos encontraram os dela

e ele viu a urgência que a trouxera até ali.

E ela viu o que sempre vira tantas vezes antes — que seu dever com a Frota Estelar e com sua nave e tripulação vinha antes de tudo o mais. E o que ele estava fazendo agora era cuidar de seu dever, nada mais.

Como fizera incontáveis vezes antes, ela projetou-se para tocar-lhe a mente com a sua, mesmo que ela soubesse que seus sentidos humanos não podiam sentir o impacto total de tal toque.

Imzadi, suspirou silenciosamente, apesar de saber que não haveria resposta. *Imzadi. Amado.*

Mas desta vez houve uma resposta. Ou seria como a apreensão e o medo, meros ecos de seus próprios pensamentos?

Imzadi, dizia, *estarei sempre com você.*

E mesmo através da faixa estreita do capacete do traje de radiação, ela viu por seus olhos que as palavras eram reais, que suas mentes estavam, naquele momento, fazendo um contato que jamais haviam alcançado completamente antes. Sua própria intensidade, a urgência que a envolvera crescentemente, chegara a um clímax, quando ela entrara na sala de transporte, tornara isso possível, mesmo que brevemente.

E isso a aterrorizou ainda mais, este toque de mentes repentina, sem precedentes.

Tinha que haver uma razão para que, de todos os momentos, isso ocorresse agora.

Neste grupo em particular.

Eles já haviam descido uma centena de vezes antes, sob circunstâncias ainda mais intimidantes, e isso não ocorrera.

Mas agora, em meio a milhares de tensões dispersantes, ocorrera.

Mas então o toque se foi, deixando apenas sua memória.

E o terror que o breve toque inspirara.

Ela podia apenas observar, indefesa, enquanto Riker completava o gesto que ele iniciara incomensuráveis segundos antes para Carpelli. Um segundo depois, ele e Yar haviam ido, engolidos pelas energias do transporte.

Quando os gatilhos foram disparados, não houve a série de tiros ensurdecedores que, nesse instante, Data esperara. Apesar de jamais ter encontrado pessoalmente armas de projéteis do tipo que Geordi disse que os primeiros atacantes levavam, seus bancos de memória continham a informação que tais armas propeliam seus projéteis através de explosões químicas, e ele naturalmente assumira que os sons resultantes seriam dolorosamente altos, particularmente em um local como o hangar, onde as

propriedades acústicas das paredes de metal causariam a reflexão do som em vez de ser absorvido. Mas não houve explosões. Em vez disso, houve apenas uma série de "puffs", pouco mais altos que um suspiro ofegante.

E ele sentiu, não o impacto surdo dos projéteis mortais que também esperara, mas apenas uma aguda sensação de picada em seu ombro.

Ele automaticamente levou a mão até a área afetada e voltou um instante depois com um pequeno dardo, cuja ponta de meia polegada penetrara seu uniforme e a pele facilmente.

Virando-se rapidamente, percebeu que dardos semelhantes haviam atingido tanto Geordi quanto Shar-Lon, mas eles não os estavam tirando como ele o fizera. Sem hesitação, arrancou os dardos de seus corpos.

E quando o fez, percebeu que ambos estavam deslizando vertiginosamente em direção à inconsciência.

Um instante depois duas coisas aconteceram exatamente ao mesmo tempo.

Um brilho, semelhante ao de um transporte mas menos intenso, fluiu brevemente em volta de Shar-Lon.

E houve outro som de dardo sendo lançado e sentiu uma segunda picada, desta vez no braço. Arrancando-o, virou-se na direção dos três atacantes, notando com o canto de seu olho que Shar-Lon havia desaparecido. Resultado de um dos "Presentes", presumiu ele. O desaparecimento, porém, não pareceu surpreender os atacantes mais do que surpreendera Data. Todos eles tinham agora seus olhos e armas centrados em Data, não no lugar onde Shar-Lon estivera, e vários graus de apreensão começaram a surgir em seus rostos.

Por um instante pensou em simplesmente disparar *seu phaser* e tontear os três em rápida sucessão, mas não o fez. Enquanto os dardos — obviamente drogados — tinham pouco efeito sobre ele, não haveria meios de saber seu efeito em Geordi, principalmente se ele tivesse sido atingido por mais de um. E não importava a rapidez com que Data sacasse e atirasse, ao menos um dos três atacantes poderia lançar um número indeterminado de dardos, alguns dos quais podiam atingir Geordi. E ele não queria mesmo tontear todos, não até que pudesse indagar um deles, não somente sobre a droga mas sobre seus motivos.

Os olhos de Data fixaram-se em Geordi uma vez mais, percebendo que ele agora estava completamente inconsciente mas que aparentemente não sofria de nenhum outro efeito. Sua respiração ainda regular e profunda, e não tensa e espasmódica.

Novamente seguirei seus passos, Geordi, pensou, e propositalmente deixou seus músculos amolecerem, largando os dardos e permitindo que seu

próprio corpo balançasse um pouco devido à gravidade zero, exatamente como estava acontecendo com Geordi.

Seus olhos dourados apenas ligeiramente entreabertos, observava os três se aproximarem. Eles moviam-se lenta e cuidadosamente, seus olhos e armas ainda fixados em Data.

Eles pararam a dois metros, olhando Data apreensivamente.

— O primeiro dardo não deve ter penetrado nas roupas — disse um deles, temeroso. Suas palavras estavam um pouco abafadas pela máscara e seus olhos voltaram-se para o Tradutor enquanto ele processava a versão em inglês de suas palavras.

— Ou seu metabolismo é diferente — disse outro. — Eles parecem que vêm de mundos completamente diferentes. Dê uma olhada mais de perto. Não temos muito tempo antes que comecem a acordar.

Ainda segurando suas armas, o que falara primeiro chegou mais perto, olhando dentro dos olhos de Data, aparente à procura de alguma indicação de consciência.

Data esperou, continuando a oscilar molemente mas deixando seus braços flutuarem para cima como se estivesse sem direção, mas indo na direção daquele que agora encontrava-se a menos de um metro dele. Os outros dois, aparentemente menos suspeitos que impacientes, pareciam estar relaxando um pouco a mão que segurava a arma enquanto começavam a chegar mais perto.

De repente, a mão direita de Data moveu-se, agarrou a arma, enquanto que a sua esquerda segurava o braço do homem em um abraço inquebrantável. Antes que algum dos outros pudesse realinhar as armas e atirar, Data girou o primeiro homem em volta de si mesmo até que ele o escudasse dos outros dois. As botas magnéticas do homem soltaram-se do chão, assim como as de Data, mas mesmo enquanto começavam a girar pelo ar, Data encontrou o gatilho da arma e disparou-o duas vezes em rápida sucessão.

Os dardos foram certeiros, e um dos dois alvos teve apenas tempo suficiente para murmurar alguma coisa intraduzível, provavelmente um palavrão, e então ambos estavam tão moles quanto Geordi.

O terceiro homem, ainda seguro firmemente por Data enquanto volteavam pelo ar, recuperou sua voz repentinamente.

— Não pretendemos causar-lhes nenhum mal! — quase gritou. — Os dardos apenas os deixam inconscientes por poucos minutos!

— Percebo — disse Data, fazendo uma pausa enquanto manobrava seu corpo para fazer com que suas botas entrassem em contato com o teto de uma das naves que passavam sob ele. — Por que você gostaria de nos deixar

inconsciente?

— Alguém quer falar com vocês, só isso! — disse o homem, aparentemente amedrontado demais para lutar.

— Não podemos nem ouvir nem falar se estivermos inconscientes — declarou Data, quando suas botas tocaram e fixaram-se na nave. Ele rapidamente dirigiu-se para descer pelo lado e voltar em direção à Geordi e os outros. — Pode explicar melhor?

O homem piscou, o medo em seu rosto começando a ser substituído pela curiosidade. — Nós temos que... que levá-los até esse alguém — disse.

Alcançando os outros, Data colocou o homem no chão, as botas grudando-se ao piso de metal. Andando de costas e mantendo a arma de dardos apontada para o homem, Data esticou a outra mão e pegou as armas dos dedos oscilantes de seus companheiros. — Por que vocês acharam necessário que estivéssemos inconscientes enquanto nos transportavam? — perguntou Data.

— Nós tínhamos que tirá-los de perto de Shar-Lon — disse o homem.

— Shar-Lon objetaria nossa conversa com este "alguém"?

— Nós não queríamos... — começou o homem, mas então interrompeu-se bruscamente. — Não posso dizer mais nada — disse ele.

Data fitou-o, curioso. — Você quer dizer que não pode? Ou simplesmente que não o fará? Mas o homem simplesmente balançou a cabeça, sem dizer nada.

— Muito bem — disse Data, — esperaremos até que meu colega acorde.

— Não! — O homem ficou repentinamente agitado, como se tivesse acabado de lembrar de alguma coisa. — Assim que Shar-Lon acordar, ele mandará seus homens atrás de nós!

— Percebo — disse Data. — *Shar-Lon* objetaria a nossa conversa com esta pessoa.

Por um longo momento o homem permaneceu em silêncio, seus olhos indo de Data para a porta do elevador de Shar-Lon, como se esperasse que alguém irrompesse a qualquer instante. — Sim — respondeu, — Shar-Lon objetaria.

Data fitou Geordi, tentando imaginar o que o outro faria. Ele, é claro, "tocaria de ouvido", mas o que seu ouvido lhe diria para fazer? Apresadadamente, Data correu por seus bancos de memória tudo o que Geordi dissera desde que Shar-Lon surgira primeiro.

E enquanto o fazia, uma frase emergiu: "Eu não confio em ninguém que narra em vez de falar, do jeito que Shar-Lon faz todo o tempo."

Portanto, se esses três representavam um grupo que opunha-se a Shar-Lon — e armados não com projéteis letais mas com o equivalente mecânico

de *phasers* em tonteio — era vantagem sua e de Geordi falar com o líder desse grupo, que era, logicamente, o único que poderia ter enviado essas pessoas.

Por outro instante, Data inspecionou suas razões e decidiu que, apesar de sua decisão ter sido alcançada mais sobre a lógica do que através da intuição, ela seria aceitável para Geordi quando ele acordasse.

— Muito bem — disse Data, — leve-nos até essa pessoa que deseja falar conosco. Não precisaremos disso — acrescentou, pegando as armas de dardos uma de cada vez e deliberadamente dobrando os canos antes de jogá-las para o lado. Os olhos do homem arregalaram-se enquanto observava e Data percebeu que, quisesse ou não, ele acabara de dar continuidade ao plano de "fazer uma frente" que Geordi iniciara com Shar-Lon.

Mantendo seu *phaser* na mão, Data pegou Geordi e segurou-o debaixo do braço. — Se transportar seus colegas — disse, fazendo um gesto com o *phaser*, — podemos nos encontrar com seu líder.

Seus olhos arregalando-se ainda mais, o homem segurou os braços de seus companheiros e, fitando Data apreensivamente sobre seu ombro, puxou-lhes as botas do chão magnético e começou a empurrá-los na direção da porta pela qual entraram alguns minutos antes.

Depois de passarem por uma meia dúzia de portas e espaços desertos, abertos e áridos, eles entraram no que aparentemente era o eixo central do hábitat, um tubo circular que estendia-se pelo tamanho do satélite. Nessa hora Geordi estava começando a voltar a si. Os outros dois levaram mais uns duzentos metros, ao final do qual Geordi já estava bastante acordado para perguntar o que acontecera. Quando Data terminou de explicar-lhe, eles já estavam na ponta mais distante do hábitat e os outros dois também já estavam completamente conscientes. Em algum lugar durante a rota, os três, um pouco ingenuamente, removeram suas máscaras.

— Eu não poderia ter feito melhor — disse Geordi com um leve sorriso quando Data terminou.

Eles estavam então além do cilindro principal do hábitat, prosseguindo com dificuldade pelo labirinto de canos e turbinas de vapor da estação de força. Finalmente, emergiram da extremidade mais distante da estação de força e aproximaram-se da câmara de descompressão que demarcava o final do eixo central. Ela não se parecia com a câmara de descompressão grosseira no Repositório, e Geordi discretamente sondou a área à procura de evidências de circuitos de transporte.

Mas não havia nenhuma, e quando a porta abriu-se abruptamente com apenas um leve rangido, Geordi viu que a porta externa da câmara estava funcionando completamente. Fazendo gestos para que os três entrassem,

Geordi e Data entraram logo depois. Quando a porta fechou-se atrás deles, acenderam-se tênues luzes avermelhadas colocadas acima da porta. Pendurados nas paredes encontravam-se uma dúzia de trajes espaciais volumosos e antigos.

— Estes não são os melhores — disse um dos três como desculpa, enquanto ele e seus companheiros começaram a pegar os trajes e vesti-los, — mas são apenas quarenta ou cinqüenta metros até onde vamos.

Geordi deu um meio-sorriso. — Obrigado, mas não será necessário — disse, ativando totalmente seu traje de exploração. Os olhos dos homens arregalaram-se ligeiramente, mas eles não disseram nada.

Então, depois de cada um ter seu traje verificado por um dos outros, o ar foi evacuado e a porta externa aberta. Lá fora, um grupo de objetos de tamanhos e formas variadas encontravam-se suspensos da armação que servia de âncora para o gigantesco espelho parabólico. Em muitos, Geordi podia ver portas de câmaras de descompressão abertas, incluindo um cilindro atarracado que o lembrava uma das primeiras "casas" espaciais, Sky-lab. Outros pareciam-se com tanques de combustível abandonados com câmaras de descompressão transplantadas nelas, e ainda havia outras estruturas maiores, mais complexas, algumas com buracos de onde imensas câmaras de descompressão pareciam ter sido removidas. Ele finalmente percebeu que esta coleção devia conter alguns "barracões da construção" usados pelos primeiros trabalhadores do hábitat.

A esta altura, o líder do grupo dirigia Geordi e Data para um cabo atado a uma ponta bem ao lado externo da câmara. Ele levava diretamente ao centro do grupo de construções há muito abandonadas, e dois dos homens já estavam movendo-se lentamente por ele, puxando-se pelo espaço com uma mão depois da outra.

Geordi, sentindo-se de repente desconfortável, indicou para o terceiro homem mover-se. Quando ele estava a três ou quatro metros de distância, Geordi guardou *seu phaser*, agarrou o cabo de modo desajeitado e puxou-se para fora do hábitat. Estar sem peso dentro do hábitat ou mesmo dentro de uma nave auxiliar não o incomodava, mas aqui, percebeu tarde demais, se ele largasse o cabo não ficaria simplesmente flutuando e batendo na parede mais próxima. A menos que tivesse bastante sorte para ficar flutuando na direção do hábitat ou de uma das construções abandonadas, ele simplesmente continuaria flutuando. Aqui não havia nenhum transporte da *Enterprise* para levá-lo de volta, nem mesmo um raio trator. Ele até mesmo poderia, percebeu com um arrepio, vagar até entrar no foco do espelho parabólico, o que faria com que seu traje de exploração sofresse um teste cujos projetistas provavelmente jamais haviam planejado.

Olhando para trás, ele viu Data bem atrás deles, suas feições pálidas refletindo somente sua curiosidade interessada normal.

Engolindo em seco, Geordi virou-se e começou a se mover para a frente, muito mais lenta e cuidadosamente que os homens a sua frente. Eles moviam-se com uma facilidade casual que sugeria terem-no feito muitas vezes antes, seu aparente desconforto apenas relacionado à presença de Geordi e Data.

Finalmente, após os cinqüenta metros mais compridos de sua vida, Geordi chegou à outra ponta do cabo. Ela estava presa a um dos objetos parecidos com o Skylab, com uma câmara de descompressão de aparência ainda mais primitiva do que as do hábitat. O primeiro homem a alcançá-la já a abrira e Geordi esperou que os três entrassem primeiro.

Lenta, cuidadosamente, Geordi esforçou-se para passar do cabo para dentro da câmara. Data seguiu-o a um passo mais rápido e então a porta externa foi fechada e o ar começou a ser bombeado para dentro.

E a porta interna abriu-se.

Lá dentro, em um ambiente espartano que combinava com o exterior de Skylab, um homem idoso aguardava. Usando apenas camisa e calças utilitárias semelhantes àquelas usadas pelos homens que os tinham acompanhado, ele deveria ter aproximadamente a mesma idade de Shar-Lon, mas era consideravelmente mais magro, com tanto cabelo quanto o Capitão Picard. Seus olhos abriram-se somente um pouco quando notou, primeiro, a falta de trajes padrão em Geordi e Data e então, o fato de Geordi e Data ainda manterem seus *phasers* enquanto seus próprios homens estavam desarmados. Ele observou interessado quando o brilho bruxuleante dos trajes de exploração desapareceu no nada ao serem desativados, uma vez mais liberando o campo magnético em volta das botas.

— Você é aquele que deseja falar conosco? — perguntou Geordi enquanto os três removiam seus capacetes.

O homem idoso assentiu. — Sou. E uma vez que vieram mesmo que meus homens pareçam ter perdidos suas armas, posso presumir que também quisessem falar comigo?

— Parece que sim, não é? — disse Geordi, ainda segurando seu *phaser*.

— Mas poderíamos ser um pouco mais positivos se soubéssemos o que vocês queriam e quem é você.

— Bastante correto, é claro. — O homem sorriu fracamente. — O que eu quero é simplesmente descobrir quem são vocês realmente, e qual é o seu propósito em vir até aqui. Quanto a quem sou eu, se conheço meu irmão tanto quanto creio que conheço, vocês já devem ter ouvido falar de mim. Meu nome é Shar-Tel.

DEZ

— Pronta, Tenente Yar?

— Pronta, Comandante Riker.

Por outro segundo, Riker e Yar, irreconhecíveis em seus trajes de radiação, permaneceram em silêncio, suas botas magnetizadas plantadas no chão da nave abandonada tão próximo quanto possível de onde Data e Geordi estiveram quando os transportes da nave os levava para longe.

— Pronto, Capitão — Riker disse finalmente.

— Muito bem, Número Um. Sr. Argyle, comece a remoção dos escudos do núcleo.

Argyle, na Engenharia, respondeu. Ele enviou o sinal inicializador para as unidades remotas que, apenas horas antes, tinham se esforçado para colocar os escudos no lugar.

— Tenente Worf — disse Picard, — mantenha o Alferes Carpelli e o grupo avançado informados sobre o nível de radiação a toda hora. Alferes Carpelli, esteja pronto para retirá-los da nave no instante em que haja alguma indicação de problemas.

— Pronto, senhor.

No posto de ciências, Worf começou a ditar as leituras do nível de radiação.

— Alguma atividade, Número Um?

— Nada ainda, senhor.

— Primeiro escudo removido, Capitão — Argyle relatou.

— Comece a remover o próximo, Chefe.

Por quase um minuto houve apenas silêncio, a não ser pelos relatos contínuos de Worf quanto ao nível de radiação.

— Uma luz no painel de controle acabou de começar a piscar, senhor — veio a voz de Riker. E, um instante depois: — E agora há um mapa na tela. Parece com um mapa da própria nave. Sim, tenho certeza que é. E bem no centro há um círculo verde, piscando também. E obviamente algum tipo de sistema de alarme, com o intuito de alertar quem estivesse comandando as coisas por aqui, provavelmente sempre que ocorresse alguma coisa grande demais para o computador resolver por si próprio.

— E uma mensagem acabou de surgir na parte inferior da tela — disse Yar. — Nenhuma língua que eu reconheça. Registrando para análises futuras.

— Excelente, Tenente — disse Picard. — Mais alguma coisa?

— O tricorder mostra atividade nas unidades de hibernação, porém nada além disso.

— Nível de radiação aproximando-se da intensidade que anteriormente disparou a operação do transporte — relatou Worf.

— Ouviram isso, Número Um, Tenente Yar — falou Picard. — Tenham cuidado.

— Sim, senhor, planejamos ter.

— Começando a remover o terceiro escudo, senhor — relatou Argyle.

— Lentamente, Sr. Argyle, lentamente — preveniu Picard. O nível de radiação está quase onde o queremos...

— Produção do núcleo de antimateria aumentando rapidamente, senhor

— Worf interrompeu abruptamente. — Nível de radiação também aumentando, já maior que a intensidade estimada que disparou o transporte. Ou os controles da nave falharam novamente ou alguma coisa...

— Senhor Carpelli! — cortou Picard. — Traga-os de volta!

— Acionando, senhor — Carpelli respondeu imediatamente.

— Outro transporte já em atividade, senhor — disse Worf, — na nave abandonada.

— Carpelli!

— Eu ouvi, senhor! Estou tentando, mas a interferência desse outro transporte está...

— Novas coordenadas, Sr. Carpelli! — retumbou Worf, batendo em uma tecla que as enviou instantaneamente para a sala de transporte. — Riker e Yar agora estão nessas coordenadas. O primeiro transporte...

— Fixando nos comunicadores nas novas coordenadas agora — Carpelli disse, tenso.

— Yar! Número Um! — chamou Picard. — Aguarde! Estamos trazendo-os de volta!

Mas não houve resposta.

— Acionando! Carpelli disse de novo.

— Núcleo de antimateria em seqüência de sobrecarga terminal, senhor

— disse Worf. — A esta distância...

— Eu sei, Tenente! Sr. Brindle! Prepare-se para levantar escudos no instante em que Carpelli confirmar a volta do grupo avançado!

— Pronto, senhor — Brindle respondeu do posto tático.

— Eu os perdi! — a voz agonizante de Carpelli veio pelo intercom. — Interferência da...

— Não explique! Apenas traga-os de volta!

— Estou tentando, senhor...

— Não há tempo, senhor — Worf interrompeu. — Sobrecarga terminal

em cinco segundos!

— Não consigo pegá-los! — gritou Carpelli. A interferência...

— Três — Worf disse, implacável. — Dois...

— Escudos, Sr. Brindle!

— Escudos levantados, senhor! Brindle respondeu, suas palavras abafadas por um brilho cegante que encheu a tela. Um instante depois, a nave inteira estremeceu quando os escudos lutaram para absorver a força crua de antimateria aniquilada.

E a Conselheira Deanna Troi, os olhos abertos de dor, os nós dos dedos brancos de apertar os braços de sua cadeira com força, gritou silenciosamente em sua mente.

O profundo "Traga-os de volta!" de Picard foram as últimas palavras que Riker ouviu antes de sentir as energias do transporte envolverem-no. Um instante depois, as paredes da nave alienígena desaparecerem a sua volta e ele aguardou que a imagem da sala de transporte principal da *Enterprise* reaparecesse.

Mas não reapareceu.

Em vez disso, quando sentiu o transporte libertá-lo de seu abraço, indicando que chegara a seu destino, houvera apenas uma extrema escuridão e um odor metálico seco. Mas a escuridão e o odor não tiveram tempo de serem registrados por seus sentidos antes que o abraço do transporte novamente o envolvesse.

E desta vez, de modo chocante, um caleidoscópio de cores entrou em erupção a sua volta e dentro dele, volteando e girando em padrões de torção mental que ele sabia instintivamente que não podiam existir.

No espaço normal.

Nesse instante, Riker soube que não fora o transporte da *Enterprise* que o retirara da nave abandonada banhada em radiação e desintegrando-se.

Fora o mesmo transporte que levava Data e La Forge — e, como Argyle suspeitara, ele operava, não pelo espaço normal, mas pelo subespaço.

De repente, mesmo quando os pensamentos avançavam por sua mente, as cores desapareceram.

Tudo desapareceu, como se todos os cinco sentidos tivessem sido instantaneamente arrancados fora.

Aterradoramente, até mesmo suas memórias começaram a desaparecer, dando-lhe apenas tempo suficiente para pensar: O transporte da nave abandonada fora destruído enquanto ainda estávamos em trânsito e as energias que eram Tasha e eu estão sendo espalhadas pelo próprio

subespaço.

E então mesmo esse pensamento desapareceu, e ele existia apenas no momento único que era o presente imediato. Não tinha nem passado nem futuro. Simplesmente existia.

Mas então, após um tempo que ele não tinha como medir nem tampouco compreender, sentiu alguma coisa.

Um puxão, tênue e distante, arrancando-o para fora do nada, era tudo o que podia conceber nesse momento.

De repente cores brilharam novamente a sua volta e, um instante depois, suas memórias brilharam dentro dele, e por um momento, seus próprios pensamentos retornando eram tão caóticos, tão amedrontadores quanto as coisas impossíveis que o cercavam.

Mas então, como se tivesse jogado por uma linha vital, um pensamento cresceu do caos, e Riker apegou-se a ele.

E sua mente clareou.

O caos de cores impossíveis e volteantes se desfez.

E enquanto o mundo se solidificava a sua volta, ele ouviu um som, e percebeu com surpresa que era sua própria voz sussurrando uma única palavra, repetidamente: *Imzadi, Imzadi, Imzadi...*

Mas a linha vital, a ligação que evitara que sua mente fosse irreversivelmente espalhada durante aqueles momentos infundáveis antes das energias do transporte subespacial terem agrupado e reintegrado-o ao todo mental e físico que era William Riker — essa Unha vital se fora.

Geordi não demonstrou surpresa em seu rosto. Ele não estava certo do que esperara... mas Shar-Tel, o irmão morto de Shar-Lon certamente não era.

— Para falar a verdade, seu irmão nos disse que você estava morto — falou Geordi. — Logo depois de ter-lhe perguntado se poderia falar com você. Posso crer que ele tenha uma razão para que isso não ocorresse?

— Ele teria, — disse o homem, seu sorriso tornando-se um esgar — se soubesse que ainda estou vivo.

— Ele não sabe?

— Estou razoavelmente certo que não. Mas essa é uma história muito longa e antes de nos aprofundarmos nela, gostaria que me respondessem uma pergunta.

— Se eu puder, e se você nos responder algumas das nossas.

— Com prazer — disse Shar-Tel. — Agora, minha pergunta: Vocês *são* as pessoas que deixaram aquela coisa orbitando nosso planeta? E se são, o que é *por que* vocês a deixaram?

— Seu irmão acreditou que éramos — disse Geordi, ainda cauteloso.

— Meu irmão, infelizmente, acredita em muitas coisas atualmente, e a

pior de todas é que foi deliberadamente escolhido para salvar nosso mundo, usando aquela coisa com que nos deparamos.

— E você não?

— Eu pareço um tolo?

De repente, por razões que não poderia explicar sequer a si mesmo, e muito menos a Data se ele lhe perguntasse, Geordi riu. Talvez não fosse mais que o fato do corpo esbelto do homem e sua cabeça praticamente calva, sem mencionar o tom repentinamente duro, fizessem-no lembrar-se do Capitão Picard — ou, melhor, o Capitão como seria em mais trinta anos — e essa lembrança o fez sentir-se bem.

— Não, não somos aqueles que a deixamos aqui — admitiu Geordi. — E quanto ao que ela é, isso é algo que também gostaríamos muito de saber. Temos algumas conjecturas, mas é tudo. Qualquer coisa que possa nos dizer seria apreciado grandemente.

Shar-Tel franziu o cenho por um segundo, mas então sorriu e voltou-se para os outros. — É melhor voltarem, antes que meu irmão sinta sua falta e comece a fazer algumas adivinhações sobre em que vocês andam metidos — disse. — Ele não os reconheceu, não foi?

— Não, ele nem mesmo viu nossos rostos. Mas Vol-Mir pode ter que dar alguma explicação. Ele teve que improvisar alguma coisa para manter Shar-Lon ocupado pelo tempo suficiente para que nos colocássemos em posição e ele disse que Shar-Lon ficou mais do que ligeiramente suspeito quando a "emergência" mostrou-se ser um alarme falso.

Shar-Tel sorriu. — Não aumentem o problema. Voltem para lá, agora.

Eu estarei bem.

Os homens assentiram e, com variáveis níveis de alívio, recolocaram seus capacetes e entraram novamente na câmara. Quando ela fechou-se atrás deles, Shar-Tel disse: — Suspeito que sua história seja tão longa quanto a minha, então é melhor que voltemos aos negócios.

— Antes que fiquemos envolvidos demais — disse Geordi, — tenho uma pergunta a fazer. Você ou sua gente pode nos levar de volta ao Repositório quando tivermos acabado aqui?

O franzir de sobrancelhas de Shar-Tel retornou e seus olhos dardojaram para a câmara fechada. — Por quê?

— Para que possamos tentar um meio de voltarmos de onde viemos.

— Ah? Isso significa que não vieram intencionalmente?

— Geordi — interrompeu Data, desligando seu Tradutor com um clique.

Geordi hesitou, notando o ar de suspeita que tornava-se mais pronunciado no rosto de Shar-Tel. Então, deixando seu Tradutor ligado, disse: — Que é, Data?

O andróide, em uma quase paródia de um olhar significativo, fitou por um momento o Tradutor de Geordi com seus olhos dourados.

— Está tudo bem, Data. Acho que podemos confiar em Shar-Tel.

Data considerou a situação. — Ah — disse ele, — creio que comprehendo. Isto significa que não estamos mais "usando uma máscara"?

Geordi meneou a cabeça, sorrindo sem jeito. — Isso mesmo — disse. — Ainda estou tocando de ouvido, e nesse momento, meu ouvido me diz para largar a máscara.

Data pensou por outro instante, então religou seu Tradutor. — Isso é bom. "Usar uma máscara" não é fácil.

— Dessa pequena troca — disse Shar-Tel, — posso presumir que vocês não foram inteiramente verdadeiros com meu irmão?

— Não inteiramente. Mas você não respondeu minha pergunta. Você *pode* nos levar até o Repositório quando sairmos?

— Acho que alguns dos meus podem levá-los até lá sim.

— Mas você não tem certeza?

— Vamos ver como meu irmão reage a ser posto pra dormir e vocês dois terem desaparecido. Creio que seria melhor se, depois de conversarmos e vocês compreenderem melhor a situação, voltarem para meu irmão e deixar que os leve até o Repositório. Seria o menos perigoso para todos nós.

— Perigoso? Quer dizer como quando alguém tentou atirar em nós na câmara do Repositório quando fomos levados para ver seu irmão?

As feições de Shar-Tel assumiram um ar severo, dirigido não a eles, mas a si mesmo. — Sinto muito — disse. — Posso ver o que devem ter pensado quando viram meus homens atirando aqueles dardos tranqüilizantes em vocês. Se eu soubesse... Considerando a aparente facilidade com que os desarmaram, posso presumir que eles têm sorte de estar vivos?

Geordi começou a dar de ombros, pretendendo deixar Shar-Tel tirar suas próprias conclusões, mas então parou. — Não — falou. — Nossos *phasers* são ajustados em tonteio, que é como... digamos que eles teriam mais ou menos o efeito que suas armas de dardos tiveram. Nós não usamos força letal a menos que seja absolutamente necessário.

— *Phasers!* Essas são suas armas? Você poderiam... — Shar-Tel interrompeu-se bruscamente, balançando a cabeça. — Estou perdendo tempo com detalhes — disse. — Digam-me, já que meu irmão acreditou que vocês eram seus místicos "Construtores", ele lhes pediu para falar com o Conselho? Ele lhes disse que queria que todos vissem e ouvissem vocês, para que então pudessem agradecê-los por ter libertado nosso mundo da destruição certeira?

— Alguma coisa como isso, sim.

— E presumo que também lhes contou como recebeu os "Sinais" e foi considerado merecedor de ser admitido no Repositório? E então lhe foi permitido o direito de salvar o mundo? Com os "Presentes" que encontrou lá?

— Exatamente. Está dizendo que não é verdade?

Shar-Tel suspirou. — Infelizmente, o que ele disse é verdade, de um modo bastante distorcido.

— E você planeja contar-nos a versão não distorcida?

— Suponho que seja melhor, se tudo o que já ouviram foi a versão de meu irmão.

Respirando profundamente, Shar-Tel começou. — Como ele lhes disse, há cinqüenta anos atrás ele e eu "tropeçamos" com essa nave alienígena abandonada orbitando nosso planeta. Não imagino quem a colocou lá, ou o por quê, ou por que a abandonou, ou o que causou "as visões de sangue" ou seja lá o que foram. Eu esperava que vocês pudessem saber, uma vez que foi dito que vocês surgiram do nada dentro da nave, mas vocês dizem que não sabem, e posso apenas acreditar em sua palavra.

— Acreditamos que as "visões de sangue", como vocês a chamam, foram causadas pela falha em algum tipo de sistema de camuflagem com que a nave era equipada — ofereceu Geordi. — Quando uma camuflagem está funcionando com perfeição, ela torna uma nave invisível, mas quando começa a falhar, quase qualquer coisa pode acontecer. Todos os comprimentos de onda podem ficar vermelhos, que provavelmente foi o que aconteceu aqui, ou certos comprimentos de onda podem ser bloqueados enquanto outros passam.

— Então foi sorte que o mundo tenha ficado vermelho e não azul ou verde?

— Provavelmente — disse Geordi, assentindo, e Shar-Tel riu secamente.

— Me pergunto qual o simbolismo que meu irmão teria imaginado se o mundo tivesse se tornado amarelo ou lilás! — disse o homem idoso e então olhou-os com intensidade renovada. — O que mais podem me dizer?

— Potencialmente mais nada — falou Geordi, encolhendo os ombros. — Tudo o que sabemos com certeza é que a nave que orbita seu planeta parece estar ligada aos transportes de mão única, transmissores de matéria, à outra nave abandonada em algum lugar do espaço interestelar, que foi abandonada há mais de dez mil anos atrás. Nós *achamos* que em algum tempo houve mais desses "Repositórios", como os chamam, espalhados por toda esta parte da galáxia, orbitando planetas similares ao seu.

— E qual a razão para essas naves estarem onde estão? — perguntou Shar-Tel.

— "Rido o que temos são grandes palpites quanto a isso — disse Geordi, ignorando o breve olhar questionador de Data. — Em qualquer dos casos, estávamos explorando essa outra nave quando um dos transportes foi acidentalmente acionado, enviando-nos para cá. E tudo o que nós dois queremos agora é encontrar um meio de retornar para essa outra nave, ou descobrir onde estamos e como podemos enviar uma mensagem de volta a nossa nave para que saibam onde estamos e possam vir nos buscar.

Shar-Tel ficou em silêncio por um instante, a intensidade em seus olhos transformando-se em uma fome, uma curiosidade que Geordi vira mais de uma vez nos olhos do Capitão Picard quando aproximavam-se de um mundo desconhecido. O homem idoso gostaria de fazer-lhes milhares de perguntas, mas, com um esforço igualmente claro, ele forçou sua mente a concentrar-se em questões mais práticas.

— Dez mil anos — falou finalmente. — Após tanto tempo é seguro presumir que quem tenha abandonado essas naves não voltará?

— É improvável — disse Geordi, — mas aprendi há muito tempo que nada é impossível.

Shar-Tel assentiu com um leve sorriso. — Sim, eu mesmo tenho poucas dúvidas quanto a isso. Mas estamos divagando. De novo. Depois que Shar-Lon e eu achamos a nave alienígena, nada mais o parou. Uma descoberta como essa não era o tipo de coisa que nenhum indivíduo poderia tomar conta cegamente, e eu insisti em notificar nosso governo, imediatamente, para que assim pudessem enviar cientistas qualificados para investigá-la com cuidado, ou fazer contato, se houvessem seres vivos dentro dela. Nessa altura nem mesmo sabíamos que era uma nave abandonada. Ela poderia ter uma dezena de alienígenas, prontos para disparar em nós.

— Mas meu irmão não ouviria. Não sei que tipo de enfeites ele acrescentou a sua história recentemente para explicar suas ações, mas até onde sempre pude dizer, ele simplesmente estava cheio do mesmo tipo de impaciência desenfreada que o fizera juntar-se à organização dos Guardiões da Paz quando estava na escola e então desertar dela dois anos depois, quando viu que ela não era bastante rápida ou eficiente para ele. Sempre que estava envolvido com alguma coisa, ele queria fazer, não planejar. E então, quando um de nossos ex-inimigos interceptou minhas comunicações e soube que Shar-Lon estava dentro de uma espaçonave alienígena recém-descoberta, provavelmente colocando as mãos em todos os tipos de tecnologia alienígena avançada, alguém entrou em pânico e lançou um míssil para o Repositório.

Shar-Tel fez uma pausa, sorrindo. — Ou possivelmente estou sendo injusto. Após cinqüenta anos, minha memória pode ter se tornado um pouco

tendenciosa e seletiva. Mas afora seus motivos, meu irmão conseguiu esgueirar-se de nossa nave, levando meu traje espacial com ele e de algum modo conseguiu entrar na nave alienígena. — Uma repentina luz surgiu nos olhos de Shar-Tel. — Devem ter sido essas coisas que vocês chamam de transportes, o que também deve ser o que ele usa para fazer com que desapareça sempre que encontra-se em uma situação difícil, como hoje quando meus homens usaram uma arma de dardos nele.

Geordi assentiu. — Ele deve ter algum tipo de ligação por controle remoto com o Repositório. E você está certo sobre como as pessoas entram e saem do Repositório. Parece que existe um transporte de curta distância que move coisas para dentro e fora da própria nave. A "câmara de descompressão" é um simulacro, construído sobre o circuito de transporte. Presumo que seu irmão construiu isso para manter o método real de entrada um segredo?

— Ele o fez. Antes de deixar que qualquer outro se aproximasse. Eu não sei como ele pôde fazer isso, tanto quanto sei como foi capaz de encontrar cada míssil nuclear em todos os lugares do planeta e então detoná-los a aproximadamente um milhão de quilômetros no espaço. Tudo o que jamais contou a alguém é que seus "poderes vêm dos Presentes". Como esses transportes do qual estão falando.

— Temo que seria necessário mais do que os transportes para poder fazer algumas das coisas que ele parece ter feito. Ou pelo menos mais do que o tipo de transporte com que estamos acostumados.

Shar-Tel franziu o cenho. — Está dizendo que quem construiu essas naves é mais avançado até do que vocês?

— Em alguns casos, aparentemente sim.

Shar-Tel ficou em silêncio por um instante, como se absorvesse uma informação que não era bem vinda, mas então, abruptamente, continuou sua história interrompida. — Após todos os mísseis serem destruídos, o mundo ficou quase literalmente louco. Para muitas pessoas, meu irmão era um salvador, quase um deus, especialmente para as poucas centenas dos membros mais fanáticos dos Guardiões da Paz. E pra falar a verdade, não posso realmente culpar ninguém por sentir-se assim. O mundo vivia sob a ameaça de guerra nuclear há décadas e, de repente, por causa de tudo o que ele fizera, a ameaça se fora, realmente da noite para o dia.

— Ele disse que existiam alguns poucos que eram contra — disse Geordi, — uns poucos que ressentiam-se por não poderem mais matar uns aos outros aos milhões. Ele disse que foi gente como essa que tentara nos matar. E que *matou* você.

Shar-Tel meneou a cabeça. — Não é assim tão simples. Como já disse,

muitas pessoas pensaram que meu irmão salvou o mundo, e tenho que admitir que é concebível que pudéssemos dizimar-nos se tivéssemos ficado em paz, mas eu duvido disso seriamente. Nós conseguíramos nos arrastar por quase setenta anos sem que alguém pressionasse o botão errado, e *estávamos* fazendo progressos. Chegáramos ao topo em número de guerras uma década antes, e na verdade, estávamos descendo a montanha. E as guerras convencionais estavam diminuindo a cada ano, em vez de aumentarem, então parecia que também estávamos progredindo. Até já ocorreram conversas sobre um Conselho Mundial. Até que meu irmão assumiu o comando.

Shar-Tel fez uma pausa, balançando sua cabeça novamente. — Havia muitas pessoas, mesmo hoje ainda existem algumas poucas, que pensavam que ele foi "possuído" por um espírito alienígena quando entrou no Repositório. Ele era uma... uma "armadilha" deixada lá pelos alienígenas, os chamados Construtores, e ele pegou meu irmão e o dominou.

— Mas se tudo o que ele fez foi destruir todos os mísseis nucleares de todos os lados, por que alguém pensaria...

— Porque isso *não foi* tudo o que ele fez —! soltou Shar-Tel, sua raiva surgindo de repente. — Ele transformou nosso mundo em um planeta-prisão! E nos últimos cinqüenta anos, vem se justificando espalhando essa tolice de ser "escolhido"!

Com um esforço, Shar-Tel fez uma pausa e respirou para recuperar a calma. — Antes de ir ao Repositório ele pode ter sido terrivelmente impaciente e impulsivo ao nível quase de suicida mas, afora isso, era tão normal quanto todo mundo. Como eu, ele sabia que estava entrando no que era simplesmente uma nave alienígena de algum tipo, não algum objeto místico colocado lá para seu uso pessoal. Mas quando ele saiu, depois dos mísseis estarem todos destruídos e de não haver mais jeito de alguém chegar até ele, estava falando do jeito que ainda está falando até hoje. Eu, pessoalmente, penso que foi demais pra ele absorver tudo, mentalmente. De repente, tinha todo o poder com que sempre sonhara e não podia aceitar a responsabilidade por isso, pelo que estava fazendo com isso. Então inventou um "autoridade maior" para ganhar os méritos — ou a culpa.

Os olhos dourados de Data arregalaram-se levemente. — Você está dizendo que seu irmão, que mantém a crença de que seus inimigos sofrem de ilusões, é, ele mesmo, vítima de uma ilusão?

Shar-Tel deu de ombros. — Isso ou ele realmente *está* possuído. Tudo o que sei é que ele mudou. Ou *foi* mudado. E ele transformou o que fizera em uma religião, consigo mesmo como profeta. Ele não permitiria cientistas, ou mais ninguém, na nave para que pudessem tentar descobrir como os "Presentes" funcionavam. Ele juntou o núcleo principal dos Guardiões da

Paz e "sagrhou-os", dizendo que eles eram seus "mensageiros da paz". Mas então um deles foi morto, o que não foi nada surpreendente, considerando-se como muita gente sentia-se sobre Shar-Lon então. E quando isso aconteceu, meu irmão obrigou todos a saírem das estações espaciais que uma dúzia de nações ocupava por décadas e "deu-as" para qualquer um daquele bando que as quisesse. De algum modo, aqueles transportes novamente, presumo, ele tirou a tripulação normal e colocou seu próprio grupo de Guardiões da Paz nelas. Ele até mesmo tirou as estações de suas órbitas e recolheu-as todas aqui, em volta de seu "Repositório".

Então os "Presentes" incluem raios tratores, pensou Geordi. E talvez phasers também?

— Isto aqui é parte das primeiras estações — disse Shar-Tel, mostrando a estrutura em que se encontravam. — E então, uma vez tendo todos os outros agrupados a sua volta, podemos dizer, ele mandou que esse chamado "Mundo dos Guardiões da Paz" fosse construído. *Supostamente* era para ser apenas a primeira de várias colônias espaciais, "degraus para as estrelas", ele as chamou, então muitas pessoas que ainda não tinham concordado com meu irmão ficaram a favor do projeto, por uma série de razões, pelo menos quando ele começou. Toda a frota de naves, de todas as nações, foi usada e, de algum modo, foi construído. Mas então, exatamente quando acabara de ser completado, alguém colocou uma bomba; uma bomba convencional, não uma nuclear, que aparentemente é o único tipo de bombas que os "Presentes" conseguem detectar; em uma das naves e tentou explodir meu irmão e todo seu mundo.

— *Ele* então explodiu todas as *naves*, sem exceção, e não foi permitido que ninguém mais saísse do planeta desde então. Ninguém nem mesmo *tentou* nos últimos vinte anos. E transferiu todos os Guardiões da Paz das outras estações espaciais para este mundo recém construído e aqui ficaram desde então. Há espaço para cinco ou dez mil pessoas, mas há menos que mil deles, incluindo segunda e terceira gerações, todos nascidos e educados aqui. Por um tempo, ele tentou trazer outros Guardiões da Paz pra cá, mas nessa época restavam poucos na superfície do planeta que admitiriam que eram Guardiões. E quando alguns impostores foram enviados, e tentaram sabotar coisas, ele parou com isso.

— Desde então, todos lá de baixo cortariam nossas gargantas com prazer se pudessem ao menos nos alcançar. As nações voltaram a lutar entre si, até mesmo com maior freqüência que antes. E se as coisas continuarem desse jeito no futuro, nossa raça inteira irá simplesmente estagnar aqui. Ninguém jamais terá permissão de deixar a superfície do planeta. Então pode ver por que às vezes eu quase levo a sério a tal idéia da "possessão". Se quem deixou

o Repositório aqui queria simplesmente nos manter confinados a nosso planeta, eles não podiam encontrar nada mais eficiente do que o que meu irmão tem feito nos últimos cinqüenta anos. A menos que com suas armas simplesmente nos lançassem de volta à idade da pedra.

— E você e seu grupo? — Geordi perguntou quando Shar-Tel silenciou-se. — Onde é que você se encaixa? Seu irmão disse que você juntou-se a ele por vontade própria.

Shar-Tel suspirou. — Até metade do projeto, sim, mas foi apenas na esperança de ser capaz de eventualmente conseguir injetar-lhe algum juízo, ou ao menos de não permitir que se distanciasse mais da realidade do que já o fizera. Não é necessário dizer que falhei miseravelmente. Quanto ao meu "grupo", são algumas dezenas de Guardiães de segunda e terceira gerações. Com minha ajuda, cada vez mais deles estão começando a fazer perguntas e a perceber que, não importa o que meu irmão fez há cinqüenta anos atrás, as coisas ficaram completamente fora de controle desde então. Agora, estamos todos unidos; nós aqui em cima, os que estão no planeta lá embaixo; em nosso desejo de trazer paz ao mundo. Uma paz que não nos será imposta por nenhuma tecnologia alienígena e um louco possuído. Uma paz que, em vez disso, virá da eliminação de nacionalismo enfurecido e militarismo; uma evolução além dos impulsos territoriais calamitosos de nossas mentes.

— Do que você disse, existem boas razões para as pessoas quererem matar seu irmão, mas por que nós?

— Com já disse, há pouco mais de mil pessoas aqui, mas mesmo assim, há quase o mesmo número de diferentes tipos no planeta. Existem alguns poucos, por exemplo, que vivem em medo constante de que os "Construtores" voltarão um dia e nos "punirão" por termos invadido sua propriedade, não me surpreenderia se seu pretenso assassino fosse um desses. Ele pode ter decidido atirar primeiro e fazer perguntas depois. E existe Kel-Nas, que está interessado em apenas uma coisa, tornar-se herdeiro de meu irmão, o que significa que tem que convencer meu irmão a ensiná-lo como funcionam os "Presentes". Não consigo imaginar o por que dele querer matá-lo, mas qualquer coisa é possível. E existem aqueles que meu irmão chama de "iludidos", isso significa que cometem o erro de deixá-lo saber que o vêem como é, um ditador paranóico que está virtualmente matando o planeta que insiste ter salvo. Presumo que um deles tenha medo de que vocês lhe dêem ainda *mais* poder do que ele já tem.

— Então por que eles não o mataram?

— Eles *tentaram*, mais de uma vez, mas ele é normalmente muito cuidadoso, muito mais cuidadoso do que foi hoje. Fiquei surpreso em saber que ele saíra de seus aposentos particulares para levá-los em seu passeio,

quanto mais que tivesse planejado levá-los de volta até o Repositório. Normalmente, a não ser nas telas visuais em que faz seus discursos, ele é bastante invisível. Suspeito que sua vinda o tenha sacudido consideravelmente, principalmente se vocês o convenceram que eram realmente os Construtores. Ele tem estado desesperado para conhecer vocês, ou eles, por quarenta anos, mas é quase certo que também esteja aterrorizado. Apesar do que diz em público, sempre estive convencido de que existe um pequeno canto em sua mente que sabe que o que ele fez depois de ter destruído os mísseis foi terrivelmente errado. Se eu pensasse isso; pensei que tinha uma chance de alcançá-lo e convencê-lo de algum modo; jamais teria me juntado, em primeiro lugar. Creio que uma parte dele tem estado todo esse tempo mortalmente temerosa de que se os "Construtores" retornassem, eles também veriam como isso estava errado. Então, agora que vocês se mostraram e personificaram os "Construtores"...

— Exceto por termos lhe dito que grande trabalho ele esteve fazendo — disse Geordi. — Apesar de que, pensando sobre isso, não garantimos que nossos "superiores" aprovaram. E lhe dissemos que viemos especificamente para verificarmos seu uso dos Presentes. Mas você provavelmente está certo quanto a suas próprias dúvidas. Isso pelo menos explicaria parcialmente por que ele parece estar em um completo redemoinho emocional desde o momento em que falamos com ele da primeira vez. Geordi recontou o que suas observações com o infravermelho mostraram de Shar-Lon.

Shar-Tel assentiu. — Parece que ele está mais perto do que nunca de um colapso nervoso, o que torna minhas razões para falar com vocês ainda mais urgentes. Apesar de que já que afinal vocês não são os "Construtores", vocês talvez não possam ajudar.

— *O que* você deseja de nós? — perguntou Geordi. No infravermelho, Shar-Tel começou a ficar bastante tenso.

Ele sorriu. — E melhor que eu explique logo — disse, fazendo nova pausa para respirar fundo. — Vocês podem... *vão* destruir o Repositório?

ONZE

— Carpelli! Você os pegou? — a voz de Picard projetou-se pelo caos enquanto a *Enterprise* continuava a estremecer em meio ao que restava da imensa explosão de antimateria.

Por um longo momento, enquanto o brilho dos escudos praticamente sobrecarregados diminuía e a nave recuperava sua estabilidade, não houve resposta, apenas os insistentes alarmes e as próprias respostas da nave, mais rápida e mais eficiente do que qualquer humano jamais poderia ser.

E então, em vez do Alferes Carpelli responder da sala principal de transporte, a Conselheira Troi, soltando seus dedos de onde estiveram agarrados aos braços da cadeira, disse: — Eles se foram.

Picard girou em sua direção. — O que foi, Conselheira?

— Eles se foram — repetiu. — Eu os sentir ir, um instante antes da explosão.

— Ir? Isto é, eles estão mortos?

Ela meneou a cabeça. — Eu não sei, mas acho que não. Houve mais alguma coisa, um momento *depois* da explosão. Não posso ter certeza, as emoções da tripulação quase me cegaram, mas acredito ter sentido o Comandante Riker.

— Mas você certamente teria reconhecido...

— Eu *teria e reconheci*, mas havia alguma coisa diferente, alguma coisa distorcida. — Ela balançou a cabeça. — Não posso descrever melhor, Capitão.

— Mas você sente que *estavam vivos* depois da explosão.

— Sinto.

— Alferes Carpelli! — chamou Picard, desviando sua atenção da conselheira. — Responda!

— *Sinto muito, senhor* — a voz reprimida de Carpelli finalmente retrucou. — *Não pude trazê-los de volta depois que foram transportados para as novas coordenadas. Simplesmente não houve tempo. A interferência...*

Picard interrompeu-o. — Tenente Worf, você os tinha nos sensores. O que aconteceu? Eles foram retransmitidos para fora de lá antes da explosão?

— Revendo as leituras agora, senhor — disse Worf, inclinando-se sobre o posto de ciências. — É impossível estar certo, senhor. Suas leituras de forma de vida parecem ter desaparecido quase meio segundo antes da explosão, mas se ainda estavam em trânsito quando o transporte foi destruído...

— Eu sei, Tenente. Eles podem ter sido transmitidos, mas não recebidos.

— Picard foi incapaz de suprimir totalmente um arrepião.

— Sim, senhor — retumbou Worf. — Essa é uma possibilidade.

— Mas também há uma possibilidade de terem sido transportados com sucesso para o mesmo lugar que o Tenente La Forge e o Comandante Data. Existe *alguma coisa* dentro do raio dos sensores?

— Nada que já não estivesse lá, senhor, a não ser pela energia e partículas da nave explodida.

— Muito bem. — Picard virou-se repentinamente na direção do posto tático. — Tenente Brindle, tente contactá-los por seus transmissores-receptores subespaciais.

— Já foi tentado, senhor. Ainda não houve resposta.

— Continue tentando. Que distância...

— Impossível dizer precisamente, senhor. Com as irregularidades do subespaço...

— Um palpite, então, Sr. Brindle — cortou Picard.

— Cem parsecs pelo menos, senhor, possivelmente muitas vezes mais, dependendo da configuração subespacial local.

— Muito obrigado, Sr. Brindle — assentiu Picard, então virou-se abruptamente para o comando. — Alferes Gawelski, estabeleça um curso que nos levará a todos os sistemas estelares dentro de cinco parsecs no menor tempo possível. Estamos começando nova busca. Ela continuará até que os encontremos ou que os contactemos via subespaço.

— Sim, senhor, calculando curso agora.

— Conselheira Troi, se sentir mais alguma coisa, qualquer coisa, não importa quão vago, incerto ou distorcido, que possa vir a estar conectado com o Comandante Riker ou a Tenente Yar relate-me imediatamente. Está entendido?

— Entendido, Capitão.

— Curso estabelecido e inserido, senhor — relatou Gawelski.

— Então ponha-nos a caminho, Sr. Gawelski. Velocidade de dobra máxima, agora!

E a busca começou.

— Eu *não* sou sua *"Imzadi"*, Comandante Riker! A voz da Tenente Yar, abafada pelo capuz de seu traje de radiação, tinha uma mistura de divertimento e embaraço.

Piscando, Riker apertou fortemente os lábios quando percebeu que seus sussurros involuntários deviam ser mais audíveis do que ele pensara

naqueles primeiros momentos de desorientação.

Empurrando para longe os últimos resquícios de náusea e tontura, ele levou um segundo para equilibrar-se e deixar que os arredores — ainda sem peso, percebeu — entrassem em foco. Ele e Yar estavam em — o quê? Outra nave abandonada? Não haviam mais nada no aposento a não ser uma imensa câmara de descompressão, alguma coisa que se parecia com uma câmara de hibernação e um pedestal da altura da cintura, uma tela visual que tomava conta da metade superior de uma parede e uma cadeira de aparência desconfortável presa ao que aparentemente devia ser o chão.

Yar, ele viu, removera seu próprio capuz, mas ela abruptamente fez um gesto de silêncio com o tricorder. Sem palavras, ela apontou para a câmara de hibernação e Riker fitou seu tricorder. Havia uma forma de vida humanóide diretamente atrás do pedestal.

Assentindo, ele levantou seu rifle *phaser* e os dois moveram-se lentamente, separando-se, indo para posições que lhes davam uma visão do lado mais distante do pedestal em ângulos opostos.

Mas antes que tivessem andando mais de um metro, um homem idoso em um uniforme de um amarelo brilhante levantou-se abruptamente e entrou completamente em suas Unhas de visão, as mãos mantidas longe dos lados, as palmas abertas e vazias.

E ele começou a falar, nervosa mas deliberadamente. Dentro de um minuto, os Tradutores haviam codificado o suficiente das palavras e da mente do velho para começarem a fazer seu trabalho.

— Onde estão os dois que estavam aqui antes? Yar interrompeu-o secamente, ignorando as traduções parciais das palavras do homem.

O velho, já nervoso, fitou-os como se fosse desmaiar com suas palavras.

— Eu não sei, eu juro! — disse o homem. — A pedido deles, eu os estava trazendo de volta para cá, para seu Repositório, para que então pudessem fazer seu relatório preliminar pra vocês, quando fomos atacados!

— Atacados? Yar moveu o rifle de *phaser* ameaçadoramente. — O que aconteceu a eles?

O homem encolheu-se. — Posso apenas presumir que foram capturados, mas...

— Capturados? Por quem? Por quê?

— Por meus inimigos... *por seus* inimigos!

— Não temos nenhum inimigo aqui! — cortou Yar, fazendo outro gesto ameaçador com o rifle de *phaser*. — Ou não tínhamos, até que nossos amigos foram atacados e raptados! Explique!

Tremendo, o velho, que disse chamar-se Shar-Lon, fez o melhor que pôde, usando a tela visual para mostrar-lhes o planeta e o habitat.

Impacientemente, Yar o cutucava sempre que começava a escorregar para a oratória, e em poucos minutos ela e Riker tinham uma idéia rudimentar da situação. No momento, não disseram nada para contradizer a história que Data e La Forge haviam improvisado. A aproximação agressiva, não sem sentido, de fato apenas parecera reforçar a história, particularmente a parte sobre os "superiores impacientes" que aguardavam nas alas.

— Antes dos dardos me deixarem totalmente inconsciente — terminava Shar-Lon, — pude acionar mentalmente esse aspecto de seus Presentes, que é capaz de retornar-me instantaneamente para seu Repositório. Recuperei a consciência apenas instantes antes de vocês aparecerem. Arrependo-me somente de não ter podido trazer seus colegas comigo.

— Tenente Yar — disse Riker, gesticulando para o tradutor dela, enquanto desligava o seu.

Ela o imitou prontamente. — Provavelmente posso localizar seus comunicadores com o tricorder se estiverem dentro do raio — disse ela.

— Prossiga então, Tenente — disse ele enquanto retirava a cobertura da bolsa utilitária do traje de radiação e extraía o transmissor-receptor subespacial. — Enquanto você faz isso, contactarei a *Enterprise* e espero que possam receber nosso sinal.

— Sim, senhor — Yar respondeu, fazendo os ajustes necessários em seu tricorder. Enquanto ela o fazia, Riker tocou o transmissor-receptor, colocando-o na freqüência em que a *Enterprise* estaria ouvindo.

— *Enterprise*, aqui é o Comandante Riker.

Mas não houve resposta.

— Tenente — disse após sua quarta tentativa infrutífera, — tente o seu transmissor.

Em silêncio, ela pôs o tricorder de lado, retirou seu transmissor-receptor e o ligou.

Mas ela não teve melhor sorte que Riker.

Quando ela franziu o cenho e tentou uma segunda, e então uma terceira vez, Riker tirou seu tricorder, ajustou uma série de controles e sondou primeiro o seu próprio transmissor e então o de Yar.

Ela o olhou incisivamente. — O que é?

Virando seu tricorder para que ela pudesse ver a tela, ele balançou a cabeça. — Ambos estão mortos — disse. — Cada circuito subespacial está queimado. Estamos tão isolados da *Enterprise* quanto Data e La Forge.

— Destruir o Repositório? — Geordi franziu a testa enquanto fitava Shar-Tel.

— Vocês viram meu irmão. Vocês sabem o que ele fez — disse Shar-Tel. — Quais foram os efeitos da tecnologia dos Construtores. — Shar-Tel olhou implorante para Geordi. — Ajude-nos a salvar nosso mundo! — implorou.

Geordi balançou a cabeça. Seus instintos — e suas observações infravermelhas do homem — levavam-no a crer que Shar-Tel estava dizendo a verdade, mas qual era a totalidade de uma verdade? Shar-Lon também falara a verdade, como ele a via, mas ela era incrivelmente incompleta e extremamente mal direcionada.

Geordi franziu o cenho. — Posso entender seu ponto. Mas você tem certeza que deseja destruir o Repositório? Há muitas informações lá, se ao menos puder tirá-lo do controle de seu irmão e levar alguns cientistas até lá.

Shar-Tel balançou a cabeça. — Se fosse possível tirá-lo do controle de meu irmão, seu auxiliar Kel-Nar já o teria feito há muito tempo, e isso teria tornado a situação ainda pior.

— Eu diria que você não é um admirador deste Kel-Nar.

— Meu irmão ao menos tem uma consciência. Tenho quase certeza de que foi Kel-Nar quem tentou me matar há dez anos, quando pensou que eu podia estar me tornando muito influente junto a meu irmão. Ele plantou um explosivo na nave que sabia que eu usaria, quando finalmente resolvi aceitar o convite de meu irmão para visitar o interior do Repositório. Mas ela falhou e eu a encontrei. Também comprehendi finalmente quão implacável e persuasivo Kel-Nar é na realidade, e que eu não tinha nenhuma chance de convencer meu irmão quanto à verdade. Estou praticamente certo de que Kel-Nar já matou uma meia dúzia de pessoas, incluindo qualquer pessoa no grupo que se intrometeu no seu caminho.

— Então você resolveu deixar Kel-Nar pensar que fora bem sucedido em livrar-se de você?

— Eu sabia que meu irmão não acreditaria em mim se eu lhe contasse sobre Kel-Nar e sabia que Kel-Nar tentaria me matar novamente. Deixá-lo pensar que conseguira da primeira vez pareceu-me a única maneira de salvar minha vida. E então, já tinha bastante amigos que viam as coisas do meu jeito e que desejavam me esconder.

— Você não tem medo de que contaremos isso tudo a seu irmão quando retornarmos?

Ele deu de ombros. — Se contarem, contaram. Após ouvi-lo e ouvir a mim, tenho que presumir que irão...

— Geordi — Data interrompeu-os repentinamente, — alguém está chegando. — Ele estava monitorando seu tricorder cuidadosamente. — Uma única forma de vida, e parece estar seguindo a mesma rota que seguimos

para alcançarmos este lugar.

— Está esperando alguém, Shar-Tel? — perguntou Geordi.

— Ninguém — disse o velho, começando a farraphar a testa, preocupado.

— Meu irmão deu-lhes alguma coisa para carregar? Alguma coisa que ele poderia usar para segui-los?

— Não que eu saiba — disse Geordi, mas um segundo depois Data fez uma série de ajustes rápidos no tricorder e virou-o primeiro para si mesmo e depois para Geordi.

Seus olhos dourados estreitaram-se ligeiramente. Ele inclinou-se para a frente e retirou um pequeno aparelho, com no máximo meio centímetro, das costas do uniforme de Geordi. — Isto esteve emitindo um sinal eletromagnético modulado, com força extremamente baixa — disse. — Pelo padrão da modulação, suspeito que esteja transmitindo nossas palavras para quem quer que tenha o...

Soltando um impropério seco, Shar-Tel pegou o pequeno disco de Data, colocou-o no chão e, colocando seu corpo no lugar ao segurar duas alças ao lado da porta, esmagou-o com um poderoso pisão de sua bota.

E quando o aparelho foi esmigalhado, Geordi lembrou-se. Quando haviam entrado na câmara do Repositório com os três, na escuridão logo antes do homem puxar uma arma, um dos outros se esfregara contra Geordi. Ele pensara na hora que era simplesmente resultado da tontura ou desorientação causada pela escuridão total e falta de peso, mas agora estava claro que fora mais do que isso.

— A câmara externa... — começou Geordi, mas mesmo quando as palavras surgiam, ele ouviu o sibilar da câmara sendo evacuada.

Shar-Tel, lançando-se veloz e experientemente pela G zero, apesar de sua idade, alcançou a câmara de descompressão antes de Geordi ou Data, mas ele também foi lento demais para reverter a evacuação. Uma vez começada, ela prosseguia automaticamente até ser completada. Quem quer que estivesse lá fora estaria dentro da câmara em um minuto ou menos.

— Quem é? — perguntou Geordi.

Shar-Tel franziu as sobrancelhas. - Alguém trabalhando para Kel-Nar, é claro. Ou possivelmente o próprio Kel-Nar. Agora que ele sabe que falhou da última vez, vai terminar o trabalho.

Geordi e Data sacaram os *phasers* e moveram-se para trás, ancorando suas botas no convés de metal. Data, ainda segurando o tricorder em sua outra mão, observava a tela de exibição enquanto aguardavam.

Mas o sibilar do ar reentrando na câmara de descompressão não veio.

— Um aparelho eletrônico está sendo colocado no lado mais distante da porta interna — disse Data, levantando os olhos de seu tricorder. — Parece

ser um contador de algum tipo.

Uma pausa e então: — A forma de vida está partindo.

Mas a porta externa não foi fechada. O retinir que seria retransmitido pelo metal da própria câmara não veio. E quanto Shar-Tel tentou preenchê-la, os controles não responderam. A porta externa ainda estava aberta.

— Explosivos! — disse Shar-Tel. — É pra isso que é o contador. Kel-Nar vai nos explodir, exatamente como tentou fazer comigo há dez anos atrás!

— Queimados? — Yar franziu a testa raivosamente aos transmissores insultantes. — Eles estavam em perfeito funcionamento na *Enterprise*. Eu mesma os verifiquei pessoalmente, senhor.

— Não duvido que o fez, Tenente — disse Riker, — mas estão agora mudos. Provavelmente queimaram-se quando nos transportamos. O Chefe Argyle avisou-nos que o transporte podia operar por subespaço, não espaço normal.

E ele infelizmente estava certo, pensou Yar, carrancuda. A distância que obviamente haviam percorrido provava isso. E as energias envolvidas em um transporte teriam sido imensamente maiores que as energias que um transmissor-receptor normalmente suportava. A própria presença dessas energias deviam ter sobrecarregado os circuitos do transmissor, do mesmo modo que um raio próximo sobrecarregaria e queimaria um antigo circuito eletrônico.

Eles estavam desligados da *Enterprise*.

Ela balançou a cabeça. O pensamento de que isso não era possível passou voando por sua mente, o pensamento de que alguma coisa assim simplesmente não poderia acontecer à tripulação de uma nave estelar da Federação.

Mas a inutilidade de tal pensamento atingiu-a quase que instantaneamente. Não importava quanto ela algumas vezes desejasse que a Federação e seus oficiais fossem infalíveis, ela sabia que isso era simplesmente impossível. Nenhuma organização e nenhuma pessoa poderia estar preparada para *todas* as eventualidades. Erros e equívocos eram cometidos, ou, como agora, alguma coisa totalmente imprevisível — totalmente fora da experiência de qualquer um na Federação — arrasava com um plano que de outro modo seria sem falhas.

E mesmo quando o pensamento estava sendo descartado, estava retomando sua busca com o tricorder. E desta vez, quase instantemente, localizou os comunicadores. Manipulando os controles destramente, ela

descobriu que o Comandante Data e o Tenente La Forge — ou quem estivesse agora levando seus comunicadores — estavam com uma terceira forma de vida humanóide. Centenas de formas de vida semelhantes concentravam-se em um padrão cilíndrico próximo — o hábitat que Shar-Lon lhes mostrara na tela, presumiu.

— Eu os encontrei, Comandante — disse, estudando a tela do tricorder.

— Excelente, Tenente. — Ligando seu Tradutor, ele sondou a tela de seu tricorder e anotou a composição dos controles.

— Shar-Lon — começou, voltando-se para o velho, que permanecera virtualmente imóvel desde que os Tradutores haviam sido desligados. Shar-Lon virou-se ao som de seu nome, mas não disse nada, apenas olhou penitentemente para Riker.

— Mostre-nos o hábitat, o Mundo dos Guardiões da Paz, de novo — Riker disse, mostrando a tela.

Abaixando sua cabeça em um movimento que era menos uma reverência que um giro, Shar-Lon voltou-se e rapidamente e recolocou o capacete de controle em sua cabeça. Em segundos, o hábitat reapareceu.

— Lá — disse Yar, apontando para a área em volta da estação de força no foco do espelho de um quilômetro de comprimento. — Pode mostrar-nos essa área com maior detalhe?

Silenciosamente, Shar-Lon concordou e a estação de força e um conjunto do que pareciam ser partes de satélites descartadas e até mesmo estações espaciais inteiras expandiam-se para preencher a tela.

— Eles estão em algum lugar dali, Comandante, juntos com uma terceira forma de vida humanóide, presumivelmente um dos raptos. A esta distância, e sem sabermos a localização exata das centenas de outros dentro do hábitat, é impossível definir sua localização exata.

— Shar-Lon — disse Riker, — essa localização significa alguma coisa pra você? Você sabe por que os raptos levaram nossos homens para esse lugar em particular?

O homem idoso sacudiu a cabeça violentamente. — Não comprehendo nada disto!

— Esta máquina — perguntou Yar, mostrando a tela visual, — pode nos mostrar dentro daquelas estruturas?

— Não, como vocês certamente devem saber...

De repente, silenciosamente, um explosão floresceu na tela. Uma repentina onda de medo incrédulo, não por si mesma, mas por seus colegas de tripulação, deu um nó em seu estômago.

DOZE

— Você tem um traje espacial aqui? — Geordi perguntou de repente, enquanto ajustava seu *phaser* para intensidade máxima e dispersão mínima.

Shar-Tel balançou a cabeça. — O único está na câmara de descompressão. Se o deixaram lá.

— Drog! Nossos trajes de exploração *nos* protegerá quando cortarmos aporta, mas você...

— Vocês podem cortar aço sólido? Rápido assim?

— Provavelmente sim — disse Geordi, — mas o vácuo...

— Salvem-se, então — disse Shar-Tel sem hesitar. — Não há sentido em que nós todos morramos, se vocês dois podem viver.

Geordi olhou para o homem idoso, um bolo formando-se repentinamente em sua garganta. Mais uma vez, Shar-Tel lembrou-o estranhamente do Capitão Picard, e o pensamento de deixá-lo morrer...

— Geordi — Data falou rapidamente, — creio que tenho uma solução. Enquanto falava, pegou a unidade geradora de escudo de seu cinto e entregou-a a Shar-Tel. — Posso sobreviver e funcionar no vácuo por tempo consideravelmente maior que um humano, certamente tempo suficiente para alcançar a câmara de descompressão do hábitat.

O homem olhou questionador para Geordi. — Isso é verdade?

Geordi assentiu, furioso consigo mesmo por não ter pensado nisso. — É. Aceite.

Ligando seu próprio traje, Geordi virou-se para a câmara. Com o tricorder, localizou o aparelho com o contador de tempo, muito próximo ao centro da porta. Atrás dele, Data mostrou a Shar-Tel como acionar o traje de exploração.

— Mas você... — o homem começou a objetar de novo.

— Eu quase certamente sobrevirei sem sofrer danos sérios — reafirmou Data. — Meu corpo não é completamente orgânico, como é o seu e o de Geordi. Ele pode portanto suportar maiores pressões por muito mais tempo.

— Mas se o traje ainda estiver na câmara, Data — disse Geordi, — vista-o. Não há sentido em correr mais riscos do que os absolutamente necessários.

— É claro, Geordi — concordou Data, e então afastou-se quando Shar-Tel foi repentinamente envolvido pela aura brilhante do escudo do traje de exploração.

— Você diz que isto me protegerá tão bem quanto meu próprio traje? —

perguntou o velho, a voz levemente abafada pela energia que o envolvia, seu tom ainda um pouco cético.

— Talvez melhor, pelo menos em um tempo menor — confirmou Data, então virou-se para Geordi junto à porta da câmara de descompressão.

Usando seus sentidos alterados pelo *visor* para localizar os ferrolhos que trancavam a porta, Geordi apontou um para Data e levantou seu próprio *phaser* para o outro. Segurando seus *phasers* a menos de trinta centímetros da superfície da porta, eles dispararam.

Por meio minuto, então por um minuto, houve apenas o estalido fraco dos feixes dos *phasers* enquanto eles comiam o metal. Então, de repente, o ar começou a correr para fora quando o selo foi quebrado.

Mas os *phasers* continuaram a funcionar, e quando os ferrolhos já estavam completamente cortados, o vácuo lá dentro era quase tão completo quanto o do lado de fora.

Data, aparentemente não afetado a não ser por um leve inchaço em seu rosto, agarrou a porta e empurrou-a para dentro em silêncio lúgubre.

Batendo de leve no braço de Data, Geordi fez um gesto para o traje espacial que ainda pendia na câmara aberta. Enquanto Data flutuava através da porta, Geordi voltou sua atenção para o contador e os explosivos. Ignorando os incompreensíveis símbolos azul-esverdeados piscando na pequenina janela do contador, rapidamente localizou os fios que, quando terminasse o tempo, levariam a corrente de detonação para o bolo circular de explosivos, mas antes que pudesse soltá-los, Shar-Tel estava a seu lado, segurando-lhe o braço.

— Mas o que foi? — perguntou Geordi, intrigado, o tom de sua voz soando mais fino pela ligação temporária entre os trajes de exploração.

Apontando para os símbolos piscando, Shar-Tel disse: — Ainda restam dez minutos. Será tempo mais que suficiente para alcançarmos a câmara e...

— Você quer que ela exploda?

— Será mais seguro se quem fez isso pensar que conseguiu.

Geordi lançou um olhar para o interior desordenado. — E quanto a seus suprimentos? Tudo o que você tem será destruído.

— Não tenho nada aqui. Isto aqui é só um lugar de encontros, não uma habitação.

— Então onde...

— Eu os levarei lá. Se não continuarmos a conversar até que nós *sejamos* mandados pelos ares.

Tirando sua mão do braço de Geordi, Shar-Tel quebrou a conexão e moveu-se na direção de Data, que acabara de vestir o traje espacial. Com um último olhar apreensivo para os símbolos verde brilhantes e os explosivos,

Geordi o seguiu.

Em seu retorno, Geordi moveu-se com muito maior desenvoltura pelo cabo e os três logo estavam dentro da câmara de descompressão, ainda com alguns minutos de sobra. Data removeu seu traje espacial rapidamente e pendurou-os com os outros enfileirados na câmara. A visão infravermelha de Geordi mostrou-lhe que um dos trajes fora usado recentemente, mas não havia meios de se dizer quem o usara. Já no ponto central, Data pegou seu tricorder.

— Forma de vida humanóide no lado oposto do ponto central — disse ele, — quase na área voltada para o sol.

— É ele — disse Geordi. — Quase chegando onde possa ser visto por testemunhas quando a explosão acontecer. Vamos.

Os três prosseguiam seu percurso através dos canos e turbinas da estação de força quando ela chegou, um choque breve e abafado, como um terremoto sem som. Fez-se silêncio enquanto os três olhavam na direção da câmara.

De repente, os comunicadores de Data e Geordi foram ativados. — Comandante Data, Tenente La Forge — o ríspido tom de barítono de Riker fez-se ouvir, penetrante, urgente. — Respondam imediatamente.

— Eu *sabia* que o capitão não desistiria! — Geordi quase gritou e então bateu em seu comunicador-insígnia. — Aqui é o Tenente La Forge, senhor. Data e eu...

— Vocês estão bem, Geordi? Data? Nós vimos a explosão.

— Onde vocês estão? — a voz da Tenente Yar irrompeu.

— Data e eu estamos de volta no hábitat, na estação de força — disse Geordi — e estamos bem, agora que *vocês* estão aqui. Mas antes de nos levarem de volta...

— Sinto muito, Tenente — interrompeu Riker, — mas não podemos trazê-los. A *Enterprise* não está aqui, apenas a Tenente Yar e eu.

— Não está aqui? Então como ... — Geordi parou, repentinamente. — A nave abandonada — disse, sua exuberância de um instante antes substituída por nova apreensão. — Ela pegou *vocês* também?

— Foi — respondeu Riker, então explicou-lhes o que estavam tentando fazer, o que ouviram da *Enterprise* durante os últimos segundos antes de serem pegos pelos transportes da nave abandonada. — Não podemos ter certeza — concluiu Riker, — mas a probabilidade é de que a nave abandonada tenha sido destruída.

Alguma coisa pesada fez-se presente no estômago de Geordi. — Então, mesmo que pudéssemos reverter o transporte, ainda não poderíamos voltar.

— Provavelmente não, mas não há razão para não tentarmos. Com a ajuda de Shar-Lon, podemos...

— Vocês encontraram Shar-Lon? Ele estava conosco quando...

— Quando foram atacados — interrompeu Riker. — Ele nos contou o que aconteceu. Ele está aqui no "Repositório", conosco. Ele estava aqui quando chegamos. Mas quem atacou vocês? E foram eles que montaram aquela explosão?

— Não, aquilo foi outra pessoa. Não podemos estar certos, mas... — as palavras de Geordi foram repentina e momentaneamente interrompidas.

— Pode não ser uma má idéia se desligassem seus Tradutores — disse, rapidamente certificando que seu comunicador só pegaria sua própria voz e nada vindo de seu Tradutor ou de Shar-Tel. Data, notando o procedimento de Geordi, fez o mesmo.

— Estão desligados desde que os contactamos, Tenente — disse Riker.

— Do que Shar-Lon nos disse, ficou óbvio que vocês dois têm brincado com a presunção dele de que vocês eram os chamados "Construtores". Pareceu-nos melhor deixá-lo continuar pensando assim, pelo menos até que tivéssemos a chance de conversarmos com vocês, para então igualarmos nossas histórias. Agora, vocês estavam para me dizer quem os atacou. E por quê.

— Não foi um ataque, só um... um tipo de seqüestro. O irmão de Shar-Lon, Shar-Tel, queria falar conosco, mas Shar-Lon não sabe que Shar-Tel ainda está vivo. Ele pensa...

— É hora dele saber. — interrompeu Shar-Tel. — Os eventos estão acontecendo muito rapidamente, e decidi que é hora de falarmos, principalmente agora que vocês chegaram. Ele nunca me ouviu quando pensou que eu estava vivo, nem a minha gente depois de minha "morte", mas talvez ele ouça a *vocês*, pelo menos enquanto acreditar que vocês são os Construtores.

— Ele pode estar certo, Comandante — disse Geordi depois de transmitir as palavras de Shar-Tel, — mas ainda assim é melhor que Data e eu expliquemos algumas coisinhas antes de deixarmos que Shar-Lon caia de novo no laço.

— Vocês obviamente estão mais familiarizados com a situação aqui do que a Tenente Yar ou eu. Acataremos seu julgamento.

Rapidamente, Geordi, com ocasionais correções de detalhes de Data, contou a Riker e Tasha o que haviam sabido por Shar-Tel. — Ele e seu grupo sentem que o único meio de poder realizar seu sonho de um governo completamente mundial é destruindo o Repositório — concluiu Geordi. — E desejam nossa ajuda para fazer isso.

Riker fez uma careta. — Posso entender por que ele se sente desse jeito. E se realmente não houver outra solução, posso até mesmo ver algumas

justificativas em certas interpretações da Primeira Diretriz para ajudá-lo. Afinal, a Primeira Diretriz foi criada para permitir que novas civilizações se desenvolvessem sem interferência ou exploração de civilizações mais avançadas, e nos últimos cinqüenta anos esta civilização foi sujeita à extrema interferência, principalmente se houver alguma verdade na suspeita de que Shar-Lon foi influenciado por alguma coisa ou alguém da nave alienígena. E se a versão de Shar-Tel dos fatos for a verdadeira. Mas *nós* também somos tecnologicamente mais avançados que a civilização de Shar-Tel, e a Primeira Diretriz também se aplica a nossa própria influência. Então talvez nossa maior responsabilidade no caso seja neutralizar quaisquer problemas que nossa presença tenha causado.

— Qualquer debate sobre o assunto será acadêmico em qualquer dos casos, senhor — disse Data. — Sem a ajuda da *Enterprise*, duvido que a nave possa ser destruída. Qualquer tentativa de utilizar *um phaser* dentro da nave ou em suas imediações resultaria quase certamente em que a pessoa em questão ficasse imediatamente inconsciente devido à ação de um dos mecanismos de defesa da nave. Geordi e eu já fomos submetidos à experiência e ela é bastante eficiente.

— E se Shar-Tel fosse capaz de destruí-la — acrescentou Geordi, — existe o perigo de que o núcleo de antimateria fique fora de controle e detone. O habitat está muito próximo dela. Ele seria destruído, ou pelo menos tão afetado que mataria todos que estão a bordo.

— Em qualquer dos casos — disse Riker, — nossa primeira preocupação no momento é encontrar um meio de voltar à *Enterprise*. E a menos que haja mais alguma coisa que não me tenham contado, me parece que teríamos uma melhor chance de chegar a uma solução se trabalhássemos todos juntos, aqui no Repositório.

— Tem algumas coisas que precisamos ter cuidado, senhor — falou Geordi. — Primeiro, Shar-Lon tem estado no controle do Repositório por cinqüenta anos, então ele sabe mais sobre suas capacidades e como utilizá-las do que nenhum de nós poderá aprender sozinho muito rapidamente.

— Mas se ele acha que somos os Construtores — interrompeu Yar, — terá suspeitas se tivermos que perguntar como operá-lo.

— Exatamente — disse Geordi. — Tudo o que sabemos é que de algum modo ele opera pelo capacete.

— Vimos Shar-Lon usá-lo — disse Tasha. — Certamente se *ele* pode fazer isso...

— Podem existir alguns ardis aos quais não estejamos esperando — disse Geordi, lembrando-se do que o capacete quase fizera a Data. — Se ele nos explicasse seria muito mais seguro. Mas você está certa. Se fizermos

perguntas demais, ele provavelmente terá suspeitas. E se ele decidir que *não* somos os Construtores, não posso imaginar como reagirá. Seu irmão acha que ele é instável, e pelo que vi dele, concordo. Ele tenta passar uma imagem bravia, mas estava numa condição desequilibrada na maior parte do tempo em que Data e eu estivemos com ele. Além disso, ele obviamente tem pelo menos algum controle sobre o Repositório, mesmo quando *não está* usando o capacete. Senão ele não seria capaz de transportar-se de volta quando foi atingido pelo dardo tranqüilizante.

— Então está dizendo que devemos ser cautelosos ao lidar com ele — disse Riker.

— *Muito* cautelosos, senhor.

Riker ficou em silêncio por um instante. — Muito bem, Tenente — disse. — Vocês três podem alcançar o Repositório?

Geordi fez uma pausa, olhando do centro para a cápsula virada para o sol. Eles tinham se movido enquanto falavam, e agora estava além da estação de força, próximos ao hábitat propriamente dito. — Shar-Tel, você pode operar uma dessas navezinhas e levar-nos até o Repositório? — perguntou.

— Tenho certeza que existem naves às quais poderia conseguir acesso.

— Então vamos andando — falou Geordi e para Riker: — Estamos a caminho, senhor.

A partir de então, o ponto central, apesar de mal ter três metros de diâmetro, estava livre de obstáculos — um cilindro vazio, sem peso, com alças a cada poucos metros. Seguindo a sugestão de Shar-Tel, os três lançaram-se por ela.

— Será muito mais rápido que "andar" — comentou Shar-Tel, enquanto flutuavam pelo caminho, ele e Geordi tocando as paredes e lançando-se novamente a cada três ou quatro alças e Data flutuando em uma linha geometricamente reta, usando-as apenas para manter sua velocidade constante diante da perda devida à resistência do ar, — e temo que não tenhamos tempo a perder. Meu irmão começará a ficar impaciente ou pior, principalmente uma vez que não lhe foi permitido compreender o que vocês e seus colegas estavam discutindo nos últimos minutos.

Por dois minutos os três continuaram, Geordi aumentando sua velocidade conforme ganhava confiança e competência.

Mas a meio caminho em direção ao final do ponto central, eles chegaram à mais longa de uma dúzia ou mais de seções transparentes, de onde podia-se olhar "para baixo" em todas as direções dos três vales que corriam por toda a extensão do hábitat. As primeiras tinham cerca de um metro de comprimento, e eles passaram rápido o suficiente para que as imagens lá

embaixo não se registrassem, mas esta tinha quase dez metros de comprimento e as imagens...

— Data! Shar-Tel!

Girando no ar, Geordi conseguiu agarrar o anel de alças no final, virado para o sul da seção transparente. Além dele, Shar-Tel pegou o próximo anel e olhou para trás, preocupado.

— Alguma coisa está acontecendo lá embaixo — disse Geordi, focalizando sua atenção em um dos vales do hábitat.

Vinte ou mais dos homens em uniforme azul do "staff" de Shar-Lon estavam saindo em formação de leque, de uma grande porta da cápsula final pintada em amarelo. Aqui é ali, alguns dos habitantes do vale — um homem e uma mulher trabalhando em uma das fazendas-jardins a uns cem metros da cápsula, uma meia dúzia de adolescentes jogando alguma coisa que podia ser uma espécie de vôlei, um homem idoso saindo de um grande edifício simples a meio caminho do vale, que aparentemente era uma área manufatureira ou de processamento de comida — estavam interrompendo o que faziam e olhando na direção da cápsula.

Franzindo a testa, Geordi ligou a visão telescópica. Quando o chão do vale pareceu mergulhar em sua direção, ele viu que cada um dos uniformes incluía uma das primitivas mas eficientes armas de projéteis que os três que haviam ido até o Repositório carregavam.

E de pé próximo a uma das portas da cápsula, observando o progresso do grupo diante dele e ocasionalmente olhando para cima na direção dos outros vales, estava o auxiliar de Shar-Lon, Kel-Nar. Geordi o vira apenas uma vez, quando escoltara os Anciões do aposento, mas seu rosto aquilino não era fácil de ser esquecido.

— Shar-Tel — chamou Geordi, — parece que Kel-Nar tem a maior parte do "staff" de seu irmão lá fora, em ação, conduzindo algum tipo de limpeza. Presumo que isto remova qualquer dúvida de que ele esteja por trás da explosão. E de estar bisbilhotando.

Fazendo uma careta, Shar-Tel lançou-se de volta à seção transparente e, em segundos, estava perscrutando os vales. Ele empalideceu enquanto olhava, e suas reações eram ainda mais pronunciadas em infravermelho.

— Com certeza — disse Shar-Tel, quase estremecendo enquanto desviava os olhos da cena lá embaixo e dirigiu-se novamente para a cápsula final. — Isso também significa que ele está agindo ainda mais rapidamente do que eu temia. Agora que ele sabe que estou vivo — *estava* vivo — e que eu não apenas queria destruir o Repositório mas consegui apoio, ele está procurando pelo lugar onde estive escondido e as pessoas que me esconderam nos últimos dez anos. Deus sabe o que ele fará se, e quando, os

encontrar.

— Ele poderia realmente feri-los? — perguntou Data inocentemente enquanto ele e Geordi alçavam-se pelo eixo atrás de Shar-Tel.

— Espero realmente estar errado — disse Shar-Tel por sobre o ombro, — mas temo que ele faria qualquer coisa.

— Mas seu irmão... certamente *ele* pode controlá-lo — disse Geordi. — Posso contactar o Repositório agora, enquanto ainda estamos a caminho, e posso dizer a Shar-Lon o que Kel-Nar está fazendo.

Shar-Tel fez nova careta. — Mas isso significaria contar-lhe sobre mim, sobre a oposição do modo como ele tem lidado com o Repositório. Mesmo que estejamos cara a cara quando lhe contar... — Ele meneou a cabeça. — Em seu estado atual, não há meios de saber como ele reagirá, mesmo que acredite em nós. E com o poder que possui do Repositório, poderia ser muito mais perigoso que Kel-Nar.

Geordi, empurmando-se novamente com uma alça, não pôde discordar. Lembrava-se da contínua confusão emocional em que Shar-Lon parecia estar durante praticamente todo o tempo em que ele e Data estiveram com ele.

E então chegaram ao final do ponto central voltado para o sol, saindo pela porta que levava até o hangar das naves. Sem alças convenientes, eles voltaram a "andar" enquanto Shar-Tel olhava em volta.

— Essa daqui — disse ele, apontando para uma ao lado daquela que Shar-Lon usara. Diferentemente da grande maioria, esta era equipada com um mecanismo que permitiria que ela atracasse outra nave. — Se o código não foi alterado...

De repente, outra porta do hangar abriu-se e surgiram dois homens em uniformes azuis.

TREZE

— Sondagem do sensor de expansão do sistema completada, senhor — retumbou Worf. — Formas de vida humanóide no quarto planeta, mas sem evidências de tecnologia avançada. Todos os satélites parecem ser naturais.

— Nenhuma resposta na freqüência do transmissor-receptor, senhor, nem em nenhuma freqüência de saudação, subespacial ou padrão — o Tenente Brindle relatou do posto tático.

— Conselheira? Picard olhou para Troi, mas ela simplesmente balançou a cabeça.

— Não detecto nada. — disse suavemente.

Picard assentiu, permitindo seus olhos fecharem-se por apenas um instante. — Muito bem, Sr. Gawelski, próximo sistema, dobra máxima.

Por um momento, todos congelaram. Então, quase simultaneamente, os dois homens uniformizados levaram as mãos a suas armas de projéteis.

Mas antes que pudessem terminar o movimento, Data estava disparando seu *phaser*. Uma das armas de projéteis nem foi tocada enquanto que a outra, foi largada por seu dono quando o segundo feixe do *phaser* de Data atingiu-a e saiu girando pelo ar. Geordi, esticando-se o mais que pôde, pegou-a quando ela passou sobre sua cabeça. Data correu e pegou a outra, deformando-a quando torceu o cano. Os olhos de Shar-Tel arregalaram-se ligeiramente ao ver isso, mas então sorriu suavemente.

— Não admira meu irmão acreditar que eram os Construtores — disse, observando quando Geordi jogou a outra arma de projétil para Data dar-lhe o mesmo tratamento.

Então, com um último olhar para os homens inconscientes, entraram na nave.

Depois que saíram da câmara do hábitat e entraram no espaço, levaram apenas poucos minutos até aproximarem-se do Repositório. Apesar de não ter nenhuma característica a não ser pela câmara falsa, a visão espectrográfica de Geordi revelou-lhe pontos que escondiam portões à *phasers* e raios-tratores.

— Seja lá qual for o material nesses pontos — disse ele, — parece ser esticado de tal maneira que torna-o transparente para a maior parte das energias, a não ser por certas porções de espectro eletromagnético, incluindo tudo entre meio-infravermelho a meio-ultravioleta, que se encontra no raio de luz visível para a maioria das formas de vida de planetas classe M.

Para Data, ele se parecia com nada mais que uma versão de um quarto de tamanho da nave original. Pelas dimensões exteriores, era óbvio que o

aposento em que ele e Geordi haviam estado antes ocupava menos de um décimo do espaço.

Além da antimatéria em seu núcleo e uma tênue indicação dos circuitos de transportes nas proximidades da câmara falsa, os tricorders pouco mostravam. Era óbvio que algum tipo de escudo ainda estava operante. Os sensores da *Enterprise* poderiam penetrá-lo, mas não os tricorders.

— Estamos bem do lado de fora — disse Geordi, batendo em seu comunicador-insígnia, — a ponto de atracar com a câmara de descompressão externa.

— Estamos prontos — respondeu a voz de Riker. — Estivemos tentando preparar Shar-Lon tanto quanto foi possível, sem sermos muito específicos e darmos passos em falso.

Geordi pensou rapidamente em perguntar se Shar-Lon poderia fazer com que o Repositório os transportassem para dentro sem terem que passar pelo enigma de atracar e entrar na câmara externa, mas descartou a idéia. Sem saber qual seria a reação de Shar-Lon ao que lhe seria dito, Geordi sentia-se muito mais seguro em saber que a nave auxiliar estaria muito bem presa. Se o pior viesse mesmo a acontecer e Shar-Lon reagisse simplesmente trancando o Repositório, prendendo-os todos ali, haveria pelo menos uma chance de usarem *seus phasers* para cortar o anteparo do Repositório entre as duas metades da câmara falsa, transformando-a assim em uma câmara de descompressão verdadeira. Porém, pensou com uma careta mental, só voltar para a nave, e até mesmo voltar para o hábitat, não lhes seria de grande utilidade, considerando-se como as coisas estavam se desenvolvendo.

Mas pelo menos seria uma opção que de outro modo não teriam de jeito nenhum.

Finalmente, a atracação terminou e eles estavam na escuridão da câmara externa.

Uma vez mais, Geordi sentiu o abraço do transporte de curta distância e viu o brilho sombrio de suas energias.

Na câmara interna, quando Data começou a destrancar a porta, Geordi pegou o braço de Shar-Tel e colocou-o no canto de um dos lados da porta, assim ele não seria imediatamente visível quando a porta se abrisse.

Com um som dissonante, a porta interna abriu-se.

Shar-Lon estava humildemente a um lado, balançando levemente na gravidade zero, seu rosto refletindo seu claro alívio por sua volta. Riker e Tasha, ainda usando seus trajes de radiação, aguardavam a uns dois metros da porta, diante da câmara de hibernação vazia e seu pedestal.

Contendo um impulso pouco profissional de abraçar os dois em agradecimento, Geordi virou-se para encarar Shar-Lon, prestando especial

atenção ao perfil infravermelho do homem idoso.

— Shar-Lon — começou, cautelosamente, — é bom saber que não sofreu mal nenhum, assim como nós. Presumo que foi o uso de um dos Presentes que o trouxe tão prontamente para cá.

— Foi — o velho disse rápida, quase ansiosamente. — Eu me arrependo profundamente de não ter sido capaz de trazê-los do mesmo modo.

— Foi até bom que não o tenha podido — disse Geordi. — Como descobrimos, as pessoas que nos atacaram... bem, elas não estavam *realmente* nos atacando. Elas apenas queriam falar conosco.

Os olhos de Shar-Lon arregalaram-se um pouco. — Mas a explosão! Eu a vi, e seus superiores me disseram que vocês quase foram...

— Escapamos sem danos — Geordi interrompeu-o, — mas a explosão foi planejada por um grupo diferente, não por aqueles que desejavam falar conosco.

Shar-Lon enrijeceu. — Então vocês sabem quem foi o responsável? Digam-me, e eu lidarei com eles tão duramente quanto desejarem.

— Você terá que fazer exatamente isso — disse Geordi, recebendo um

olhar questionador de Riker e um intrigado franzir de sobrancelhas de Yar.

— Mas há uma outra coisa que precisamos dizer-lhe primeiro. Aqueles que queriam falar conosco... — Geordi fez uma pausa, respirando fundo. — Eles, seu líder, desejavam falar conosco sobre seu uso dos Presentes.

Shar-Lon empalideceu abruptamente, e a reação em infravermelho era ainda mais gritante. Mas então, do mesmo repentina, quase antes que a primeira e amedrontada reação pudesse ser registrada, as feições do homem idoso enfureceram em desafio.

— Quem é esse tão falado "líder"? — perguntou. — E que besteiras ele queria lhes contar?

— Então você conhece esse grupo, Shar-Lon?

— Eu lhes contei que existiam poucos indivíduos iludidos que opunham-se a mim, os mesmos que tentaram feri-los após sua chegada e que mataram meu próprio irmão.

De repente, antes que Geordi pudesse impedi-lo, Shar-Tel apareceu dentro do campo de visão da porta da câmara. — Nós *não* somos iludidos — disse Shar-Tel, — e nós *não* tentamos matar ninguém, nem agora nem nunca, muito menos eu mesmo! Foi seu próprio auxiliar, Kel-Nar, que tentou e falhou!

Atônito, Shar-Lon olhava como se fosse desmaiar. Se houvesse alguma gravidade, seus joelhos certamente teriam falhado.

— Shar-Tel? Isto é impossível. Você... — Abruptamente Shar-Lon, agora completamente pálido, lançou-se sobre Riker e Tasha. — Isto é um

teste! Eu sei que seus Presentes podem produzir ilusões, e esta é uma delas! Mas por quê? Vocês já me disseram que eu usei seus Presentes apropriadamente...

— Não sou ilusão — disse Shar-Tel, movendo-se para a frente até que pudesse segurar os braços de Shar-Lon e obrigar seu irmão a encará-lo. — Sou tão real quanto você.

— Não! — Shar-Lon soltou-se, batendo em Riker. — Eles podem usar seus Presentes com maior eficiência do que eu, para dar-lhes a ilusão de solidez, é isso!

Shar-Tel balançou a cabeça e olhou na direção de Geordi e Data. — Digam a ele! Digam a ele que sou real! Digam a ele a *verdade* de tudo o que ele esteve fazendo!

— Verdade? — Shar-Lon quase gritou. — Que verdade? A verdade é que usei os Presentes para salvar o mundo da destruição inevitável! *Essa* é a verdade!

— Essa é a *sua* verdade, não a nossa! E não importa *o que* tenha feito há anos atrás, o que fez desde então foi desastroso! Você traiu...

— Não! Eu não ouvirei a este fantasma mentiroso! — os olhos de Shar-Lon fixaram-se implorantes no rosto de Geordi. — Se você deseja me testar, desejo ser submetido a tudo o que vocês desejarem, mas não este truque cruel! Eu lhes mostrei o uso que dei a seus Presentes! Se desejarem ver mais...

— Não é um truque, Shar-Lon — disse Geordi, sentindo a dor do homem em seu próprio coração. — Sinto muito, mas seu irmão é real. Ele não foi morto há dez anos. Ele escapou da explosão, exatamente como nós três escapamos de outra há bem poucos minutos atrás. E há pelo menos alguma verdade no que ele diz. Não importa quão bem você tenha usado os Presentes à princípio...

— Mas você me *disse*...

— Não sabíamos como vinha usando os Presentes desde a primeira vez

— disse Geordi, percebendo que estava lidando mal com a situação, mas incapaz de desenvolver alguma coisa melhor, agora que Shar-Tel irrompera com suas acusações emocionais, — mas agora que...

— Então eu falhei! Eu fui Escolhido, mas falhei! Nada mais posso fazer a não ser devolver os Presentes e deixar o Repositório para vocês!

Repentinamente, Shar-Lon caiu no silêncio, seus olhos cerrando-se firmemente. Suas sobrancelhas franziram-se em concentração.

Um instante depois, as energias de um transporte piscaram a volta do homem idoso e ele desapareceu.

Com seu coração batendo, todo seu corpo e mente um imenso

amontoado de vergonha, Shar-Lon acionou o Presente — o último Presente que usaria. Sentiu o Presente engolfá-lo, viu o suave brilho quando o envolveu e o pegou. Pelo que sabia ser a última vez, o Repositório desapareceu de sua visão.

De repente, o movimento giratório de imitação da gravidade do mundo o pegou e seu corpo desequilibrado, já enfraquecido e trêmulo do choque recebido com as palavras dos Construtores, oscilou e bateu na cama ainda amarfanhada dos aposentos em que vivia.

Ele não fez nenhum esforço para sentar-se, nenhum esforço para se mover.

Lentamente, a vergonha que consumia seu estômago desapareceu, deixando um vazio que era ainda mais doloroso.

Ele falhara.

Ele fora Escolhido e falhara.

Enquanto deitava-se nas cobertas emaranhadas de sua cama, tentando enfrentar o desastre esmagador em que sua vida de repente se transformara, fragmentos de memória, aparentemente suprimidos e quase esquecidos

— ou simplesmente distorcidos além do reconhecimento — por cinqüenta anos, começaram a dolorosamente impor sua presença em sua consciência.

Eram memórias do primeiro encontro com o Repositório, mas memórias de sentimentos, não de acontecimentos. Os acontecimentos centrais jamais haviam desaparecido, apenas os sentimentos que os acompanharam, os motivos que ele atribuía a si mesmo, os detalhes com que elaboradamente embelezara o encontro cada vez mais com o passar dos anos.

Apesar de tudo que sempre proclamara, apesar do que ele mesmo viera a acreditar com os anos, ele agora lembrava, permitia-se lembrar, que estivera apavorado desde o primeiro instante em que o Repositório surgira diante de seus olhos. Mas sua impaciência, sua ansiedade em ver o que realmente era o objeto misterioso, vencera o medo e ele agira. Mas quando vagava da nave para o Repositório, quando sua mente teve tempo para considerar racionalmente o que ele estava fazendo, o medo cresceria até o terror, vencendo sua impaciência e curiosidade.

Mas ele não voltara ou recuara. Não importava se suas emoções estavam então virtualmente paralisando-o, ele não voltara atrás, e começara em sua mente que ele não seria *capaz* de voltar atrás. Alguma coisa o estava forçando a continuar, alguma coisa no próprio Repositório, dissera a si mesmo na hora, apesar de desde então sempre insistir que a única razão pela qual fora ao Repositório, era o conhecimento antecipado do que estava por vir, um conhecimento inspirado pelas revelações dos Sinais.

E quando, de modo impossível, ele fora puxado pela parede sólida do Repositório até o interior vazio, quase desmaiara de puro terror.

Somente quando descobrira-se, inexplicavelmente, removendo o capacete de seu traje espacial e pegando o capacete pulsante do Repositório em sua cabeça é que um pouco de calma retornou. Todo seu corpo estivera formigando, por dentro e por fora, mas de algum modo, quando o formigamento passou, o medo também se foi.

Mas então, inacreditavelmente, começara a lembrar-se de coisas que jamais conhecera, e o terror retornara.

Lentamente, pedacinho por pedacinho de doloroso processo, ele "lembra" como usar os Presentes. E enquanto lembrava, era como se os Presentes se tornassem uma extensão de seu próprio corpo, como se novos órgãos sensores e novos membros houvessem nascido de seu corpo.

E quando estava acabado, quando a primeira imersão nos Presentes chegara repentinamente a um fim e uma sensação de calma mais uma vez o dominara, soubera que o que lhe fora dado não era a habilidade, mas a responsabilidade — o *dever* — de usar esses Presentes para destruir as armas que ameaçavam seu planeta com a aniquilação.

Fora *aí* que percebera o que os Sinais significavam e não quando, minutos ou horas antes, seu mundo ficara vermelho de sangue diante de seus olhos. Não importava o que ele dissera aos outros durante os anos seguintes, não importava nem mesmo o que dissera aos próprios Construtores poucas horas antes, não importava no que ele mesmo viera a acreditar com o passar dos anos, fora aí, não quando o Repositório aparecera primeiro, que percebera que fora Escolhido, que o destino de seu mundo fora colocado em suas mãos.

Mas ele não tinha tempo para pensar, não tinha tempo para considerar o que suas ações seriam. Tão logo saíra da primeira imersão, o primeiro míssil investira em sua direção, vindo de um dos satélites inimigos. Era como se os próprios presentes tivessem detectado sua aproximação e o acordado para lidar com ele.

E ele o fizera. Saíra com aquela sensação estranha e impossível que jamais possuíra ou sequer imaginara, e localizara o centro nuclear do míssil.

E destruíra.

E destruirá o próximo.

Destruíra cada míssil que, naquelas primeiras horas, foram enviados contra ele.

Ao final, quando mais uma vez pudera imergir nos Presentes, se "lembra" não somente de como usá-los para destruir mísseis atacantes, mas também para procurar e destruir cada míssil nuclear existente no planeta

ou em órbita a volta dele.

Quando estava terminado, que ele soube que o último aparelho nuclear fora destruído, não podia se lembrar se a destruição fora sua idéia ou uma idéia imposta a ele pelos Construtores.

Mas isso não importava.

Com aqueles Presentes, salvara o mundo de si mesmo.

E por cinqüenta anos ele o *mantivera* salvo!

Não importava o que seu irmão dissera, não importava o que os próprios Construtores haviam dito, ele *salvara* o mundo!

Sentou-se bruscamente, sua vergonha lutando para tornar-se desafio.

Mas enquanto colocava-se ereto, viu o aposento em que se encontrava.

Pela primeira vez em muitos anos, realmente *viu* o aposento — o carpete, a mobília desavergonhadamente luxuosa, as pinturas e hologramas exclusivos, e ficou aterrorizado com a auto-indulgência pulsante que revelava.

E olhando para baixo, estremeceu ao ver o amarelo de seu uniforme. Pela primeira vez, pôde ver quão extravagante, quão vistoso ele era, como era tolo e humilhantemente fútil.

E, apesar de não haver mais ninguém no aposento, seu olho mental foi assaltado pelas centenas, talvez milhares de representações de seu próprio rosto, pomposamente benigna, olhando das portas, paredes e janelas de todos os lugares do Mundo dos Guardiões da Paz, mesmo dos uniformes de seu "pessoal".

Ele se lembrava de como isso começara, naqueles primeiros dias eufóricos: o "simbolismo unificador" da cor da paz, o "simbolismo inspirador" de sua própria imagem, a imagem do homem — o Guardião da Paz — que, em questão de dias, pusera um fim à ameaça de autodestruição planetária.

E, lembrou-se com uma nova onda de vergonha, que ele gostara de cada momento: a adulação e a inveja dos outros Guardiões da Paz, o poder, o conhecimento de que entre todos os homens ele fora o Escolhido.

E, nos anos que se seguiram, simplesmente perpetuara a situação, aceitando-a sem pensar, até que já nem estava mais consciente do que estava fazendo, muito menos como e por que tudo aquilo começara.

Não consciente — até agora — de que, não importava o que realizara, estivera se portando como um tolo completo.

E se estivera assim cego para coisas tão óbvias como a infundável amostra de suas próprias feições, perguntou-se secamente, como seu julgamento poderia ter sido bom em outras questões, mais importantes?

Sua destruição da frota de naves fora justificada? Ou simplesmente uma

extravagância causada pela raiva?

Será que sua recusa em permitir que cientistas estudassem o Repositório fora um medo de que, em seus estudos, eles pudessem danificar totalmente os Presentes? Ou de que fossem aprender como os Presentes operavam e como duplicá-los, portanto diluindo e eventualmente destruindo seu poder?

Altruísmo? Ou vingança e paranóia?

Não era de surpreender que os Construtores o tivessem condenado.

Mas ele ao menos deveria ter mantido-se lá, enfrentando-os, aceitando a punição que lhe conferissem. Fora a única ação honrosa que lhe restara.

Mas também falhara nesse teste.

Ele recuara, um ato de completa covardia, e agora podia apenas esperar, indefeso, que os Construtores aplicassem sua punição. Ele não tinha ilusões que, com seu recuo infantil, pudesse evitá-la.

Mas então, de repente, percebeu que ainda havia uma coisa que devia fazer.

Por ser responsável por seu fracasso, ele também era responsável por fazer com que o Mundo — o Mundo dos Guardiões da Paz — soubesse de seu fracasso. Ele era responsável por fazer com que os Guardiões da Paz soubessem que não fora um fracasso *deles*, mas seu e apenas seu.

Levantando-se de sua cama, Shar-Lon sentiu sua idade — a rigidez e a fraqueza de seu corpo — tomando conta dele pela primeira em sua vida. Abriu o elevador com sua chave, desviando seus olhos do rosto estilizado que agora lhe parecia grotesco e que o fitava da parede de trás. Instantes depois, entrou na câmara onde o Conselho dos Anciões se reunia. Agora vazia, era também o lugar para onde os Construtores haviam sido levados, onde ele primeiro os saudara após a "saudação" assassina que já lhes tinha sido feita por Ko-Ti no Repositório. E aqui esperara que eles falassem ao Mundo, aos Guardiões da Paz que uma vez foram seus colegas.

Mas agora...

Com um esforço para fazer sua mão parar de tremer, ele pressionou o botão que o colocaria em contato com seu auxiliar Kel-Nar.

Ele esperou, compondo em sua mente a dolorosa confissão que teria que fazer.

Então a voz de Kel-Nar, cheia de urgência, saiu pelos alto-falantes.

— Shar-Lon! — disse seu auxiliar, e continuou rápido antes que o homem idoso pudesse falar. — Onde você esteve? Precisamos conversar, agora! Aquelas criaturas que se autodenominaram "Construtores" — *eles são impostores!*

Shar-Lon ficou atônito por vários segundos, seus pensamento girando loucamente, mas então, de repente, um crescente sentimento de alívio o

envolveu enquanto sua mente fazia uma retrospectiva das últimas doze horas e percebeu que o que Kel-Nar dissera era obviamente a verdade.

Eles *eram* impostores!

Os verdadeiros Construtores permitiriam serem rendidos inconscientes por seus próprios Presentes?

Os verdadeiros Construtores não seriam capazes de ir e vir do Repositório sem necessitarem da ajuda das naves primitivas dos Guardiões da Paz?

Os verdadeiros Construtores teriam permitido que fossem tão facilmente capturados no hangar das naves?

Os verdadeiros Construtores não teriam simplesmente voltado instantaneamente para o Repositório, exatamente como o próprio Shar-Lon fizera?

— Você me ouviu, Shar-Lon? — gritou Kel-Nar, enquanto a mente de Shar-Lon se reconectava ao mundo a sua volta. — Impostores!

— Eu ouvi — Shar-Lon disse sobriamente, todos os seus pensamentos de vergonha e fracasso afastados de sua mente pela revelação de Kel-Nar.

— Precisamos fazer planos, imediatamente — Kel-Nar falou, com voz urgente. — Você certamente comprehende isso. Precisamos estar prontos se mais deles chegarem.

— Não há nada com que se preocupar — disse Shar-Lon, no mesmo tom de antes. — Posso lidar com eles.

— Mesmo assim, preciso falar com você antes que retorne ao Repositório. Mesmo sendo impostores, eles realmente têm poderes além dos nossos. Há coisas que aprendi que devem ser consideradas.

— Que coisas, Kel-Nar?

— Coisas que só podem ser discutidas cara a cara, em segredo! — disse Kel-Nar com desespero na voz.

Shar-Lon fez uma careta. — Como quiser. Estou na câmara do Conselho dos Anciãos.

Desfazendo a ligação com Kel-Nar, Shar-Lon voltou-se e empurrou as cortinas para o lado. A visão do Mundo dos Guardiões da Paz, sempre inspirando-o, ajudava-o agora a lavar as conseqüências da revolução emocional que acabara de passar. Lentamente, fez com que seus pensamentos ficassem sob se total controle consciente uma vez mais.

Então, com uma satisfação soturna e uma concentração que abafou o som de passos descendo pelo corredor em direção à câmara, ele reavivou a ligação com os Presentes e começou a série de comandos mentais que o livraria desses impostores e suas condenações blasfemas de uma vez por todas.

CATORZE

— Shar-Lon! Não! — Geordi gritou quando o campo do transporte brilhou em volta do velho. — Precisamos de sua ajuda!

Mas era tarde demais. Shar-Lon se fora.

— Onde ele está? — Riker perguntou secamente. — Shar-Tel, pode entrar em contato com ele? Pode trazê-lo de volta?

Shar-Tel balançou a cabeça, mas não disse nada por um momento, apenas inspirou profundamente, como se abraçasse a si mesmo.

— Espero que esteja em seus aposentos particulares, onde estará a salvo, pelo menos no momento — disse finalmente. — Dúvido que possa ser alcançado, mas eu não o traria de volta, mesmo que pudesse.

— Mas ele é o único que sabe como controlar... — Começou Riker, mas interrompeu-se abruptamente, seu cenho já profundamente cerrado fitando-o com suspeita. — A menos que você saiba como!

Mesmo antes das palavras serem ditas, o rifle de *phaser* estava apontado para o homem idoso. — Mantenha sua distância desse capacete — cortou Yar.

Shar-Tel, talvez lembrando-se dos *phasers* de Geordi e Data enquanto queimavam o metal da porta da câmara de descompressão, encolheu-se mas recuperou-se quase na mesma hora. — Espere! Qualquer uso de sua arma... Você poderia me matar, mas vocês todos ficariam inconscientes um instante depois. Quando acordassem...

— Ele está certo, Tenente — disse Geordi, interrompendo e falando rapidamente, enquanto lhes dava uma breve descrição da primeira tentativa de assassinato contra a sua vida e a de Data. — Pude disparar meu *phaser* uma vez, em tonteio, mas fiquei inconsciente, mesmo Data ficou inconsciente, antes que pudéssemos disparar uma segunda vez. Presumo que seja algum tipo de sistema de defesa automático.

— Suponho que teve sorte da nave inteira não ter sido vaporizada — falou Riker, então virou-se para lançar um olhar mal-humorado para Shar-Tel. — Você sabe como operar o equipamento?

— Não! Somente meu irmão... Por favor, deixe-me explicar rapidamente! Há uma coisa que tenho que fazer antes que seja tarde demais!

— O quê? O que você tem que fazer?

— Há uma dúzia de naves na superfície do planeta que estão em constante prontidão para serem lançadas — disse Shar-Tel. — Agora que meu irmão está temporariamente fora do controle do Repositório, é seguro

que eles o façam.

— Que naves são essas? — cortou Riker. — Eles têm alguma coisa a ver com seu desejo de destruir o Repositório?

Shar-Tel assentiu vigorosamente. — Têm, mas essa não é a razão imediata para chamá-las.

— Então qual é?

— Parar Kel-Nar e suas forças enquanto ainda temos uma chance — disse Shar-Tel, e então contou-lhe rapidamente o que ele, Geordi e Data viram no hábitat. — Ele está começando sua tomada de poder, tenho certeza. Ele deve ter ouvido praticamente tudo o que seus homens e eu dissemos antes de encontrarmos e destruirmos o aparelho de escuta. Mais importante, ele agora indubitavelmente pensa que tudo o que tem a fazer para controlar os Presentes é entrar no Repositório e colocar o capacete. Até agora, a única razão pela qual ele simplesmente não matava meu irmão era que estava convencido de que precisava que Shar-Lon lhe entregasse o controle do Repositório de boa vontade.

— Então você jogou seu irmão direto nas mãos deles!

— Só se nos atrasarmos! As naves são mantidas em prontidão constante, e podem encontrar-se com o Mundo dos Guardiões da Paz em duas horas! No estado em que Shar-Lon se encontra, duvido que ele vá se aventurar para fora de seu quarto durante esse tempo. Kel-Nar nem mesmo saberá de sua presença. Ele presumirá que Shar-Lon ainda está aqui, no Repositório, e se concentrará em cercar todos os *meus* seguidores. Na hora em que tiver completado isso, as naves estarão aqui.

— Mas se você não tivesse feito seu irmão sair — protestou Riker, — se ele tivesse permanecido aqui, poderíamos certamente convencê-lo...

— A permitir que as naves fossem lançadas e se aproximasse de nós intactas? — Shar-Tel balançou a cabeça. — É uma possibilidade, mas remota. Em seu estado mental paranóico, é mais provável que ele tivesse resolvido que vocês não eram os Construtores, mas parte de uma conspiração para roubar os Presentes dele. De fato, é possível que ele tenha tempo para pensar e chegar a alguma conclusão do que houve. Ele pode até mesmo tentar voltar, o que nos dá todas as razões para sermos mais rápidos.

— Lembrem-se, ele pode controlar pelo menos alguns dos Presentes sem usar o capacete. Vocês seriam obrigados a tonteá-lo no momento em que aparecesse, mas isso resultaria em que todos nós seríamos tonteados, pelo próprio Repositório. E isso o deixaria indefeso contra Kel-Nar, que é um dos poucos que o Repositório admitirá sem confirmação específica de meu irmão. Quando acordarmos, se Kel-Nar permitir que acordemos, ele pode muito bem estar a caminho de ter tanto controle dos Presentes quanto meu

irmão. E em suas mãos...

Shar-Tel balançou a cabeça. — Diferente de meu irmão, Kel-Nar está interessado em apenas uma coisa: poder. Até agora, a não ser por dois ou três de seus aliados mais próximos, ele tem mantido uma mentira de sua lealdade por meu irmão. Ele tem estado limitado quanto ao que pode fazer, mas uma vez que obtenha o controle dos Presentes, ele não poderia...

— Você parece já ter tudo muito bem definido — interrompeu Riker. — Mas por que seu irmão sequer permitiu que essas naves fossem construídas?

— Ele não sabe sobre elas.

— Mas se ele pôde procurar e destruir todos os mísseis há cinqüenta anos atrás, mesmo os que estavam no subsolo...

— Eram mísseis nucleares. A menos que Shar-Lon tenha enganado a todos e *realmente* saiba sobre as naves, os Presentes têm limitações. Enquanto um míssil, ou tudo o mais, permanecer na superfície do planeta, ou no subsolo, ou sob a água, ele pode apenas ser detectado se contiver uma cabeça ou um dispositivo atômicos. Uma vez que o míssil tenha sido lançado, no entanto, uma vez que deixe a atmosfera e aproxima-se da órbita, ele pode ser detectado não importando sua configuração.

Riker estudou o velho por um instante, então virou-se para Geordi. — Tenente La Forge, qual é sua opinião? Ele está dizendo a verdade?

— Não vejo nada que indique que não está, senhor. Mas eu não percebi o que ele estava pretendendo com Shar-Lon até o presente momento, ou até que fosse tarde demais.

— Mesmo se presumirmos que ele está dizendo a verdade — falou Yar, — e sobre as pessoas que estão para vir nas naves? — Seus olhos azuis se apertaram e ela virou-se para Shar-Tel. — Quem são eles? E por que você confia neles?

Shar-Tel foi pego de surpresa pelas perguntas explosivas de Tasha. — Eles são pessoas com as quais nosso grupo entrou em contato há mais de vinte anos. Eles se sentem como nós, que...

— Como pode ter certeza?

— Temos trabalhado com eles por anos — disse o velho. — Nossos objetivos são os mesmos desativar o Repositório se for possível, ou, isso falhando, evitar que os Presentes sejam utilizados novamente.

— E as pessoas no habitat, no seu tão falado Mundo dos Guardiões da Paz? O que vocês alienígenas farão com *elas*?

— A não ser por Kel-Nar e dois ou três diretamente a sua volta, nada.

Yar balançou sua cabeça furiosamente. — Você faz com que isso se pareça com um *jogo*, Shar-Tel! Onde todos dançam conforme a música — sua música! Seu irmão tem sido um ditador e um ditador de mão pesada. Ele

tem mandado nesse planeta nos últimos cinqüenta anos. Para resumir, as pessoas Ia embaixo não gostam dele ou de *nenhum* de vocês. O que o faz pensar, uma vez que fazem-no entrar em seu mundo, que eles não podem limpar *todo mundo*?

Houve silêncio por um longo período. Shar-Tel parecia repentinamente cansado, mas então ele se endireitou e a semelhança com Picard impressionou Geordi mais uma vez.

— Não — disse o velho, — não sou ingênuo o suficiente para jamais pensar nessa possibilidade. No entanto, quando penso na alternativa — de continuar a exercer esse tipo de poder por meu irmão ou pior, por Kel-Nar. Não vejo que tenhamos nenhuma chance. A chance deve ser pega. E se nós perdermos, se cada Guardião for morto no processo, será um pequeno preço a pagar.

Tasha continuou a fitar Shar-Tel com o cenho franzido por outro segundo, mas então assentiu sua concordância. — Completamente certo — disse ela, — se a ditadura *terminar*. Se um de seus amigos da superfície não pegar as coisas do ponto em que seu irmão deixou.

Shar-Tel balançou sua cabeça enfaticamente. — Todos nós, minha gente daqui e as pessoas do planeta, já vimos violência suficiente para uma vida inteira. Agora desejamos construir, não destruir, sem a ajuda desta tecnologia alienígena. Nós queremos e teremos paz, aprendendo a confiar uns nos outros e a gostar de nossas diferenças porque, verdadeiramente, não há outro meio para sobrevivermos. — Ele olhou para o capacete. — Eu destruiria os Presentes neste minuto se pensasse que poderia, mas não posso imaginar que seja tão fácil quanto esmagar essa coisa desgraçada no chão.

— Eu também duvido — disse Yar. — Porém — acrescentou, afagando seu rifle *à&phaser*, — se as coisas não funcionarem exatamente do jeito que espera, vale a pena um disparo como último recurso. Estes podem fazer muito estrago em um tempo muito curto.

Abruptamente, virou-se para Riker. — Senhor, recomendo que deixemos Shar-Tel enviar sua mensagem.

Riker assentiu com uma careta. — Tudo bem.

O velho deixou que seus olhos se fechassem por apenas um instante. — Obrigado. Eu terei que voltar à nave, para usar seu rádio.

— Muito bem. Tenente La Forge, permaneça com ele.

— Sim, senhor.

Então os dois estavam de volta à câmara de descompressão e Data fechou-a atrás deles. No interior, sob o visor observador de Geordi, Shar-Tel moveu-se para longe da porta interna. Um instante depois, as energias do transporte envolveram os dois e eles estavam na câmara externa.

Shar-Tel girou o engate e eles entraram na nave.

Levou cerca de cinco minutos até Shar-Tel estabelecer contato com um de seus homens.

— Shar-Tel! — uma voz estalou no rádio da nave. — O que aconteceu? Kel-Nar nos mandará todos embora se...

— Foi minha culpa, La-Dron — interrompeu-o Shar-Tel. — Eu fui descuidado, mas terei que explicar mais tarde. Neste momento, mande mensagem para as naves. Diga-lhes para lançar imediatamente.

— Mas o Repositório...

— Está sob nosso controle, pelo menos no momento. Rápido. Esta pode ser nossa única chance para a paz, para sempre.

Foi apenas um silêncio momentâneo e veio a resposta: — Eu as notificarei imediatamente. E o rádio ficou silencioso.

— E agora, senhores — a voz de Tasha transmitiu-se pelo comunicador de Geordi, — sugiro que comecemos a aprender o que pudermos sobre esses Presentes. Seria bom se, antes que as hostilidades começassem, pudéssemos encontrar um meio de nos levar de volta para a *Enterprise*.

— Concordo — disse Riker. — Tenente La Forge, creio que disse já ter experimentado o capacete uma vez.

— Eu experimentei, senhor — disse Geordi enquanto ele e Shar-Tel voltavam para a câmara externa, — então suponho que *eu* seja o candidato mais lógico para experimentá-lo novamente. Quando Data o fez, quase foi morto. — Geordi prosseguiu em explicar-lhes sua teoria de que o capacete analisava alguns aspectos, físico ou mental, de quem o estivesse usando e, se esses aspectos não se encaixassem com as especificações colocadas no próprio capacete pelos tais Construtores, ele tentaria matá-lo.

— Shar-Lon e eu aparentemente estamos bastante próximos dessas especificações — concluiu enquanto ele e Shar-Tel emergiam da câmara interna — uma vez que parece ter nos aceitado. Porém, eu apreciaria que um de vocês ficasse bem próximo e bem pronto para tirar essa coisa da minha cabeça para o caso dela de repente mudar de idéia.

— É claro — disse Riker. — Nós o monitoraremos com os tricorders. Geordi sorriu palidamente e pegou o capacete de seu local na parede. A última vez que o vira ou tocara foi quando o puxara da cabeça de Data e o jogara pelo aposento. Shar-Lon, presumiu, o recolocara lá. Ou ele o fizera sozinho.

Lentamente, aguardando por Riker e Yar terminarem de ajustar seus tricorders, Geordi colocou o capacete em sua cabeça.

De repente, o planeta novamente preencheu a tela e, inexplicavelmente, uma onda de apreensão, quase de medo, passou por Geordi, e ele não pôde

deixar de pensar no que Shar-Tel lhe dissera sobre alguma coisa "tomando conta" de Shar-Lon quando ele colocara o capacete pela primeira vez.

— Sem preliminares desta vez — disse Geordi, resumindo os sentimentos da melhor maneira possível. — A primeira vez, eu senti... bem, foi uma espécie de comichão. Eu podia sentir alguma coisa em minha mente e em meu corpo.

— Suspeito de que fosse o "teste" sobre o qual fez uma hipótese, Geordi — disse Data. — Experimentei sensações similares, mas apenas durante os momentos antes da tentativa de me desativar ter começado. Mas o equipamento o reconhece e você não tem que repetir o teste.

— Mas você pode *controlar* alguma coisa? — Tasha perguntou, muito prática. — Quando Shar-Lon colocava o capacete, ele podia controlar o que via na tela.

Mesmo enquanto ela falava, alguma coisa aconteceu dentro da mente de Geordi.

De repente, era como se ele tivesse olhos que podiam abrir e fechar, que ele podia mover de um lado para outro. As sensações eram semelhantes àquela experimentada durante os breves segundos em que o Comandante Riker, tendo recebido poderes quase divinos da entidade que se autodenominava Q restaurara-lhe os olhos, dando-lhe assim visão humana e normal.

E, como então, sabia como usá-los sem que lhe dissessem. Ele simplesmente "se lembrava" de tudo que era necessário, como se sempre tivesse sabido, mas sua mente colocara de lado temporariamente.

Mas desta vez, seu *visor* permaneceu intacto, absorvendo o caos de comprimentos de ondas do qual sua mente extraía sentido e ordem, de maneira normal e automática. O outro sentido, o sentido de sua mente ter olhos que podiam ser direcionados e controlados, era um acréscimo, não um substituto.

E conforme ele movia esses olhos mentais, a visão na tela se movia.

Quando o habitat entrou em seu campo de visão, era um borrão praticamente irreconhecível por sua relativa proximidade, mas um instante depois, Geordi "lembrou-se" de como focalizar seus olhos mentais. E a imagem na tela ondulou e tornou-se clara.

Então a imagem expandiu-se alarmantemente, e os impulsos que normalmente controlavam seus sentidos ligados ao *visor*, dando-lhes capacidades telescópica e microscópica, pareciam fundir-se aos que controlavam seus olhos mentais recentemente descobertos.

— Tenente — Yar disse alarmada, sua voz cheia de uma apreensão súbita enquanto seus olhos dardjavam da tela de seu tricorder para Geordi e

voltavam ao tricorder, — tenha cuidado! Novos circuitos estão se tornando ativos, semelhantes aos circuitos sensores da *Enterprise* mas operando no espectro eletromagnético padrão.

E Geordi "lembrou-se" de mais.

Na tela, a imagem do hábitat expandiu-se uma vez mais, como se o Repositório estivesse correndo na direção do hábitat como uma nave estelar atacante.

De repente, aparentemente a apenas poucos metros da superfície externa do hábitat, a imagem brilhou em caos sem forma, mas um segundo depois, a imagem retornou.

Mas agora, era uma imagem de dentro do hábitat. As cores eram sombrias e planas, a imagem era ligeiramente borrada, como se estivesse sendo vista através de um filtro de filme.

— Circuitos sensores extremamente ativos, Tenente — avisou Tasha. — Eles devem estar fornecendo a imagem que está obtendo na tela.

— Você parece ter topado com alguma coisa que Shar-Lon jamais foi capaz de usar — disse Riker. — Ele não achava que com os Presentes fosse possível ver dentro das estruturas.

— Isso pode estar relacionado ao fato de que usei o *visor* durante toda minha vida e estou acostumado a que ele faça coisas que pessoas com visão normal jamais poderiam sequer pensar. E como... é como se esta tela fizesse parte física de mim, e eu posso controlá-lo do mesmo modo como controlo meu próprio corpo; — Fez uma pausa, balançando a cabeça e sorriu involuntariamente. — É *divertido!*

— Você pode achar Shar-Lon? — perguntou Riker.

— Posso tentar — disse Geordi, ficando sério.

Recolhendo seus pensamentos, focalizou na imagem da tela, percebendo enquanto o fazia que havia uma fantasmagórica "dupla" qualidade nela, como se estivesse vendo a imagem tanto na tela quanto em sua própria mente, com a imagem da tela ligeiramente menos definida. Virando lentamente seus olhos mentais, ele se orientou. Seu "ponto de vista" do interior do hábitat estava a meio caminho do ponto central e de um dos vales e, enquanto absorvia os detalhes, sua alegria momentânea com o uso de seus sentidos recém-achados tornaram-se em ansiedade. No vale, os homens de Kel-Nar ainda moviam-se. Um deles tinha a arma de projéteis na mão e estava guiando um homem e uma mulher na direção a cápsula voltada para o sol.

— Aquele é La-Dron! — a voz de Shar-Tel quebrou o silêncio. — Se ele não teve tempo de avisar as naves...

Shar-Tel fez silêncio quando, de repente, aparentemente sem nenhum

comando consciente da parte de Geordi, o ponto de vista desceu voando na direção do trio. Mas apesar das figuras se expandirem na tela, elas também ficavam menos distintas, como se uma bruma estivesse crescendo a sua volta, como se um filtro diáfano estivesse tornando-se mais cerrado conforme Geordi se aproximava. Até que, a uns seis metros de distância, suas feições serem tão pouco claras como o eram a cem.

— Não há *nada* que você possa fazer? — perguntou Shar-Tel, sua voz tensa enquanto observava as figuras ensombrecidas continuarem a seguir para a cápsula.

— Eu não sei — disse Geordi. — Tudo o que posso fazer é... Geordi de repente tinha uma terceira mão.

Ela não era física, nascendo de seu ombro ou peito, mas, como seus "olhos", ela era uma coisa mental. Ela existia em sua mente.

E, como seus olhos, ele "lembrou-se" como usá-la. Ele avançou na direção do homem de Kel-Nar.

— Tenente — exclamou Yar, seus olhos arregalando-se enquanto fitava a tela do tricorder, — circuitos de transporte, bastante poderosos, acabaram de ser ativados.

— Acho que sei o porquê — disse Geordi, pegando o homem em sua mão invisível.

Em um tênue lampejo de energias de transporte, o homem desapareceu. La-Dron lançou um olhar por sobre os ombros. Seus olhos arregalaram-se. Sua boca abriu-se para soltar uma exclamação, mas ele a cerrou imediatamente. Com os olhos dardejando em todas as direções, agarrou o braço de sua companheira e ambos voltaram correndo pelo caminho que haviam percorrido.

Geordi moveu sua mão invisível.

Ele seguiu o movimento com seus olhos mentais e a visão da tela pulou em direção à cápsula.

Ele abriu sua mão.

Em outro lampejo de energias de transporte, o homem reapareceu um metro acima da superfície de um caminho que saía da porta amarela da cápsula. Com braços e pernas balançando e arma de projéteis voando, ele caiu.

Houve um assvio baixo e Geordi percebeu que viera de Tasha. — *Você fez isso?*

— Eu *acho* que sim.

De repente, Geordi voltou atrás, até que toda a cápsula estivesse visível na tela. — Onde é que seu irmão deve estar, Shar-Tel?

Como se tivesse saído de um transe, Shar-Tel pôs-se ereto, quase

soltando suas botas magnéticas do convés do Repositório.

— Lá — disse, apontando, — está a janela do aposento em que foram levados primeiro. Seus aposentos habitacionais são diretamente acima, aproximadamente aqui.

A área em que Shar-Tel apontou expandiu-se velozmente na tela, tornando-se mais brumosa e indistinta conforme se expandia, mas um instante antes que a visão ficasse completamente obscurecida, as cortinas que cobriam a janela na câmara do Conselho dos Anciões foram abertas.

Abruptamente, Geordi recuou e moveu-se para baixo, até que a janela estivesse no centro da tela.

Atrás da janela, borrado mas reconhecível, estava Shar-Lon. Ele parecia estar se concentrando ferozmente, seus olhos semicerrados.

De repente, a porta do aposento abriu-se bruscamente e Kel-Nar, respirando pesadamente, entrou com sua arma de projéteis na mão.

— É Kel-Nar! — Shar-Tel quase gritou. — Ele descobriu que meu irmão está lá! Ele vai matá-lo!

Sem pensar, Geordi lançou-se uma vez mais, sua mão invisível fechando-se com surpreendente brutalidade em volta de Kel-Nar.

Mas era tarde demais. Mesmo enquanto as energias do transporte brilhavam em volta de Kel-Nar, ele apertou o gatilho de sua arma.

E Shar-Lon, já voltando-se, seus olhos arregalando-se quando viu Kel-Nar e a arma, caiu para trás quando um buraco, na altura esquerda de seu peito, surgiu no amarelo de seu uniforme.

Soltando um impropério silencioso, Geordi recuou com sua mão, através da janela e até o corpo principal do hábitat, mas antes que pudesse ir mais adiante, sentiu um formigamento por seu corpo e começou a perder a força em sua mão invisível.

E a voz de Tasha estava gritando em seu ouvido: — Tenente, o que está fazendo? Um *segundo* transporte, um envolvendo vários circuitos subespaciais, está começando a se formar. E está focalizado em *nós, aqui!*

— *Eu* não estou fazendo isso! — disse Geordi, mas enquanto falava, percebeu *quem* estava.

— É Shar-Lon! quase gritou, sua mente correndo enquanto libertava Kel-Nar para que caísse pesadamente no chão do hábitat, três metros abaixo.

Shar-Lon era o único *que podia* estar fazendo isso, o único que podia estar operando um "Presente" por controle remoto. Antes de Kel-Nar ter atirado nele, Shar-Lon devia ter ativado um dos Presentes.

Desesperadamente, Geordi voltou para dentro do aposento e tentou agarrar Shar-Lon, agora estirado no carpete diante da janela, uma mancha vermelha espalhando-se rapidamente pela frente de seu uniforme.

Mas ele não conseguiu. Alguma coisa o estava bloqueando.

E sentiu o abraço do transporte tornar-se ainda mais apertado em sua volta.

— O que quer que ele tenha feito — falou Geordi, alcançando o controle de sua unidade geradora de escudo, — não posso parar. Ou ele ainda está acordado e está me bloqueando, ou de algum modo ele o colocou no automático. Em qualquer dos casos, parece que estamos todos indo para *algum lugar*.

Quase simultaneamente, Riker e Yar colocaram os capacetes de seus trajes de radiação no lugar e Data avançou e trouxe Shar-Tel para perto dele, acionando seu próprio traje de exploração e colocando-o na mão do homem.

Foi quando Data estava virando-se para Riker e Tasha que o transporte envolveu-os completamente.

As energias cresceram em volta deles.

E o Repositório desapareceu.

QUINZE

Shar-Lon não sentiu dor quando a bala o atingiu, apenas surpresa e um entorpecimento que o fez indagar-se se seu lado esquerdo ainda existia.

E então ele estava caindo, a imagem do rosto contorcido de Kel-Nar ainda preenchendo sua visão esmaecida. E quando caiu, enquanto sentia a dureza do carpete batendo contra suas costas, percebeu a magnitude do terrível erro que cometera.

Desesperado, tentou remediá-lo, reverter a ação que iniciara com os Presentes, tentou chamar os Construtores de volta do lugar onde os banira.

Mas era tarde demais.

O processo já estava em funcionamento, e não tinha a força mental, não podia produzir a clareza mental necessária para cancelá-lo ou revertê-lo.

Podia apenas condenar-se por ser tão ingênuo.

Por anos, Kel-Nar fora seu auxiliar, e durante cada um desses anos, Kel-Nar tentara obter de Shar-Lon os segredos do Repositório, dizendo seguidamente que seria sábio e necessário que Shar-Lon passasse os segredos adiante. — Se você morrer, não haverá ninguém para se encarregar — disse muitas vezes.

E Shar-Lon acreditara — fizera com que acreditasse — que Kel-Nar estivera falando a verdade quando dizia que seu único interesse era prosseguir com o trabalho dos Guardiães da Paz quando Shar-Lon se fosse. Mesmo quando seu próprio irmão viera até ele e lhe dissera que Kel-Nar era perigoso, que jamais seria confiável com o poder dos Presentes, o ego de Shar-Lon não lhe permitira acreditar nisso.

E agora, tarde demais, percebeu que Shar-Tel e os outros estavam certos. O único interesse de Kel-Nar era, e sempre fora, o poder que os Presentes poderiam lhe dar, não o bem que poderia fazer ao mundo.

E nesses últimos momentos, ele os colocara diretamente nas mãos de Kel-Nar. Ele acreditara — *quisera* acreditar — na acusação de Kel-Nar de que os Construtores eram impostores. Mas quem ou que quer que fossem, ele agora sabia que dificilmente podiam ser piores que o próprio Kel-Nar. Ao usar os Presentes para obrigar-lhos a sair do Repositório, removera o único obstáculo no caminho de Kel-Nar. O Repositório agora estava vazio, e os Presentes admitiriam Kel-Nar livremente.

E o trabalho dos Guardiães da Paz seria destruído.

Com seu último fragmento de consciência, Shar-Lon lutou para ativar o Presente que traria um fim ao próprio Repositório. Mesmo isso era preferível a permitir que ele caísse nas mãos de alguém como Kel-Nar.

Mas era tarde demais até mesmo para isso.

Antes que conseguisse juntar a menor concentração necessária, sua consciência se foi.

Mesmo enquanto descia o capacete de seu traje de radiação, Riker não podia evitar de ter esperança de que, apesar dos avisos de La Forge, a energia de transporte que sentira avolumarem-se a sua volta pertencessem à *Enterprise*. Mas conforme elas o envolviam mais, os mesmos padrões de separação mental que os envolveram quando ele e Tasha foram puxados da nave abandonada envolveram-no mais uma vez, e ele sabia que, como daquela vez, o transporte estava operando por subespaço.

Ele teve tempo de perguntar-se se, de algum modo, os transportes originais haviam sido revertidos e eles estariam voltando para a nave abandonada — para o local inundado de radiação onde estivera a nave abandonada.

E nesse momento, quando as energias caleidoscópicas dobraram-se velocemente a sua volta e uma imagem da nave abandonada e então a distante *Enterprise* piscaram em sua mente, ele sentiu o mesmo tênue puxão mental que sentira durante sua primeira transmissão, quando, por um instante, ele parecia estar perdido no limbo existente entre transmissor e receptor.

Não havia nenhuma imagem, nenhuma mensagem, apenas um sentimento, breve e experimental em meio ao caos.

E então se foi.

E o caos das energias subespaciais se foi.

O mundo real de seu traje de radiação refez-se a sua volta.

E ecoando no capacete desse traje havia a mesma palavra sussurrada que emergira com ele na transmissão anterior: *Imzadi...*

O terceiro sistema estelar ficou para trás, tão vazio quanto o último. Picard permaneceu imóvel diante do visual, observando a próxima estrela em seu padrão de busca começar a expandir. Atrás dele, sentada, a Conselheira Troi observava a tela com ele, seus olhos líquidos parecendo lançar-se até as imagens e agarrá-las.

Desde o instante em que a busca começara, ela permanecera diante da tela, imóvel a não ser pelo levantar ritmado de seu peito que subia e descia devido a sua respiração com regularidade metronômica. Mas o que, perguntava-se ela tristemente, o que ela estava esperando? Não importava quanto tempo permanecesse sentada ali, os resultados eram os mesmos.

Em vez do contato pelo qual ansiava, estava continuamente assoberbada pelas emoções daqueles a bordo da *Enterprise*. A mistura de determinação e

ansiedade firmemente controlada do Capitão, tão aguçada e tensa quanto seu corpo físico, martelava-a com força sem precedentes. E o padrão denso e turbulentoso de Worf, apesar de profundamente submerso sob seu verniz imposto pela Federação, estava mais claro a ela do que jamais estivera.

Como ela podia sequer ter *esperança* de detectar alguma coisa a parsecs de distância em meio a essa massa emocional gerada tão próxima? Não importava o poder real com que pudesse ser transmitida, nem a profundidade de sua própria ligação emocional com o emissor. Tal contato era, ela temia, simplesmente impossível.

E ainda assim ela não podia esquecer aquele momento...

A *Enterprise* ainda estava estremecendo pelos efeitos posteriores ao desaparecimento da nave abandonada. As tensões de todos as pessoas na ponte, as emoções pulsantes de centenas de outras pela nave, fluíram por ela como uma inundação vasta e caótica onde apenas as emoções mais próximas ou fortes permaneciam individuais.

E por um instante transitório, a mente de Will Riker tocara a sua.

Onde quer que estivesse, para onde quer que o transporte o tivesse enviado antes de seus circuitos serem vaporizados, ele existira por tempo bastante para que suas mentes se tocassem naquele momento transitório.

Ela não podia deixar de acreditar, não importava qual fosse a evidência, de que essa mente *ainda* existia em algum lugar.

— Chegada nas proximidades da próxima estrela em dez minutos — anunciou o Alferes Gawelski.

— Sensores indicam sistema planetário — disse Worf, ainda sondando os instrumentos do posto de ciências. — Não é possível obter detalhes a esta distância.

Picard recebeu as informações bruscamente, seus olhos ainda no visor, onde, em magnificação máxima, a estrela-alvo estava começando a mostrar um disco.

Ele virou-se repentinamente e sentou-se na cadeira do capitão, sem dobrar ou curvar sua coluna sequer uma ínfima fração.

Próxima a ele, Troi obrigou-se a desviar os olhos da tela pois, por um momento, a concha de aço que mantinha presas as emoções de Picard parecia quase tão fisicamente real quanto o próprio homem.

— Capitão — ela começou, suavemente, seus dedos finos tocando-lhe as costas rígidas da mão que encontrava-se apoiada no braço da cadeira entre eles, — você está fazendo tudo isso...

Ela ficou em silêncio de repente, seus lábios e dedos tão imóveis quanto pedra enquanto ela sentia um tênue toque de contato.

Apenas em sua mente ela formou involuntariamente a palavra, o

pensamento, *Imzadi*.

De algum modo, apesar das ondas literalmente dolorosas de emoção com que a tripulação da *Enterprise* ainda a bombardeava, ela tinha certeza que, por um breve momento, ela sentira a mente de Will Riker tocar a sua mais uma vez.

E, nesse mesmo instante, em um ápice de compreensão, ela percebeu por que os contatos foram possíveis. Ela percebeu as condições que haviam permitido aquele primeiro contato e este novo, mesmo sendo mais tênue.

No primeiro contato, apesar da mente ser inquestionavelmente a de Will Riker, houvera uma diferença, como se aquela mente estivesse sendo vista através de lentes deformantes. E ela chegara apenas momentos após ele ter sido enviado — para algum lugar — pelo transporte da nave abandonada, um transporte que o Chefe Argyle acreditava operasse não através de espaço normal, mas através do subespaço.

A mente de Riker, naqueles momentos, estivera no subespaço, onde matéria e energia eram distorcidas de modo que jamais poderiam ser visualizadas, apenas descritas pelas abstrações da matemática, e onde as distâncias eram insignificantes em termos de espaço normal.

E agora, durante este segundo e brevíssimo contato desvanecedor, ela uma vez mais sentira o mesmo elemento de distorção.

Ele estivera uma vez no subespaço, percebeu, e a distância entre suas mentes fora virtualmente abolida.

Ela levantou-se abruptamente, virando-se para os postos traseiros.

— Tenente Worf — disse, sua voz de contralto normalmente suave com um tom surpreendentemente seco e urgente, — sonde atividades subespaciais, qualquer perturbação, até onde os seus sensores possam alcançar.

— Agora mesmo, Conselheira — respondeu Worf sem hesitação, quando reconheceu-lhe a urgência na voz. Seus dedos tocaram os controles.

Picard, já de pé, observava Troi de perto. — Você sentiu alguma coisa, Conselheira — disse. Uma afirmação, não uma pergunta.

— Sim, mas a menos que os sensores...

— Tenho alguma coisa, Conselheira — retumbou Worf. — Rumo um-dois-sete, marco cinco-oito.

— Siga essa direção, Sr. Gawelski, agora! — falou Picard. — Distância, Tenente Worf?

— Quase além do raio dos sensores, senhor. Pelo menos um-ponto-cinco parsecs.

— Leve-nos até lá, Alferes Gawelski, velocidade de dobra máxima. Tenente Brindle, tente novamente comunicar-se com o Comandante Riker e

a Tenente Yar através de seus transmissores-receptores subespaciais.

E então, com a grande nave a caminho de seu novo destino, Picard voltou-se para Troi.

— Presumo, Conselheira — disse com traços de um primeiro sorriso a surgir na ponte desde o desaparecimento de Riker e Yar, — que exista uma boa razão para seu repentino interesse em atividades subespaciais?

Devolvendo-lhe um sorriso ainda mais esmaecido, ela assentiu e começou a explicar.

A primeira coisa que Geordi percebeu quando as energias do transporte o envolveram, foi que, apesar de serem engolfados pelos mesmos padrões de separação mental que os enviara, a ele e aos outros pelo subespaço, não eram tão brilhantes nem tão energéticos como os da primeira vez.

Ele, teve tempo para resolver, estava sendo transportado uma vez mais pelo subespaço, mas provavelmente não para longe.

Então o universo formou-se novamente a sua volta, e viu que estava certo.

Estava flutuando no vácuo do espaço. O mesmo planeta parecido com a Terra encontrava-se abaixo dele, mas parecia muito menor. No Repositório eles encontravam-se a menos de trinta mil quilômetros acima da superfície. Aqui, ele estava pelo menos a uma centena de milhares de quilômetros, talvez mais. Uma distância muito maior que a capacidade de um transporte da Federação, mas nada comparado aos parsecs que ele e os outros haviam transposto na primeira vez.

Onde *estavam* os outros? perguntou-se de repente, um sentimento deprimente pesando em seu estômago. Principalmente Data? Geordi vira Data literalmente obrigar Shar-Tel a usar seu traje de exploração. Ele muito provavelmente contara com que Riker e Yar estivessem com seus próprios trajes de exploração. Eles poderiam ligá-los e um deles poderia ceder o traje de radiação para Data.

Mas se estivessem separados...

Batendo em seu comunicador-insígnia, que encontrava-se seguro na bolsa de ar contida dentro da aura brilhante do traje, ele chamou: — Comandante Riker! Tenente Yar!

Um instante depois, a voz de Riker respondeu, seguida quase imediatamente pela de Tasha.

— Data está com um de vocês dois? — perguntou Geordi.

— Estou sozinha — disse Tasha.

— Eu também.

— Data deu seu traje de exploração para Shar-Tel — disse Geordi. — Eu sei que sem proteção ele pode sobreviver por muito mais tempo no espaço do que nós, mas...

— Tenho todos no meu tricorder — interrompeu Tasha. — Estamos todos a dois ou três quilômetros uns dos outros.

Zangado consigo mesmo por não ter pensado em ligar seu próprio tricorder, Geordi acionou-o. Cuidadosamente para não fazer nenhum movimento brusco que poderia fazê-lo começar a girar, indefeso, sondou o espaço a sua volta.

Localizou Data quase instantaneamente, suas leituras de andróide bem distintas em relação às dos outros. Ele estava a aproximadamente um quilômetro e meio, quase que diretamente entre Geordi e o planeta. Shar-Tel, suas leituras diferindo ligeiramente das de Tasha e Riker, estava mais perto de Data, a menos de quinhentos metros de distância.

Mas Tasha e Riker, suas leituras indistinguíveis, cada um deles com um comunicador, estavam quase dois quilômetros mais distantes do planeta, além de Geordi, e mais de um quilômetro um do outro. Os dois com os trajes que poderiam salvar Data eram os que estavam mais distantes.

E não havia meios de comunicar-se com ele. Sem seu traje de exploração, não haveria bolha de ar para transmitir o som do comunicador para seus ouvidos. *Com* comunicação, com coordenação contínua, ao menos haveria uma chance em mil, remota, de que, se detonassem seus *phasers* para impulsioná-los no que, de outro modo, seria um coice praticamente inexistente, eles poderiam usar o coice para manobrarem até um encontro.

Mas sem as comunicações...

Direcionando os sensores de seu *visor* na direção onde seu tricorder localizara Data, encontrou o andróide, um pequeno espectro contra o planeta ao fundo a uma centena de milhares de quilômetros abaixo. Focalizando sua visão telescópica, viu que Data parecia muito com o que vira anteriormente na câmara de descompressão evacuada. A falta de pressão do vácuo tornavam suas feições ligeiramente inchadas, mas afora isso ele parecia inalterado.

Mas mesmo enquanto Geordi observava, os olhos dourados de Data fecharam-se, e suas feições normalmente inexpressivas pareceram tornar-se ainda mais vagar.

Como se — pensou Geordi — seu estômago dando voltas esquisitas, o andróide estivesse se desligando.

O que, Geordi percebeu de repente, era a coisa mais lógica a se fazer. Ele não sabia por quanto tempo Data poderia funcionar no vácuo, mas ele suspeitava que, desativado, ele poderia durar por um longo tempo. Talvez

até mesmo mais tempo que Shar-Tel e o próprio Geordi em seus limitados trajes de exploração. O ar podia ser reciclado umas tantas vezes, e mesmo se pudesse ser reciclado para sempre, havia a questão de água e comida. Os trajes de exploração eram projetados somente para um uso temporário, alguns poucos dias no máximo. E mesmo os trajes de radiação que Riker e Tasha estavam usando, a menos que incluíssem provisões...

— Temos que *sair* daqui! Geordi ouviu-se dizer e então, de seu comunicador, veio uma risada abafada e sombria.

— Não vai conseguir nenhuma reclamação de *mim*, Tenente — disse a voz de Riker. — Você tem alguma idéia?

— Você tem, dessa distância, *algum* controle sobre o Repositório? — perguntou Yar. — Você e Shar-Tel disseram que Shar-Lon podia controlá-lo de uma distância de vários quilômetros.

— Eu não pude evitar que ele fizesse *isto* conosco, mesmo enquanto usava o capacete — disse Geordi.

— Mas ele não o está mais usando — disse ela, — se Kel-Nar o matou ou mesmo deixou-o inconsciente...

— Você está certa — disse Geordi, interrompendo-a e tentando enterrar a culpa de não poder ajudar mas sentir, enquanto a imagem sangrenta do homem idoso preenchia sua mente.

Focalizando sua visão telescópica no espaço imediatamente em volta do planeta, sondou à procura do habitat. Ao mesmo tempo, tentava recapturar as sensações que experimentara enquanto estivera usando o capacete. A órbita do Repositório poderia é claro estar do lado oposto do planeta, o que neste caso...

Mas ele então localizou o habitat. Ele estivera escondido pelo planeta e só agora é que emergia de seu eclipse, mas viu que o plano de sua órbita polar era tal que o faria ficar escondido apenas por uma pequena porcentagem de tempo. Ele ficaria por pelo menos duas horas dentro do raio de sua visão, até ficar novamente oculto atrás do planeta.

Sondando o espaço próximo, localizou o Repositório, pouco mais que uma ínfima poeira cinzenta a esta distância.

— Posso ver o Repositório — disse Geordi, aumentando sua visão telescópica até seu poder mais elevado e então diminuindo-a novamente ao perceber que mesmo o menor movimento rotacional que seu corpo adquirira tornaria difícil evitar que diante de seus olhos o Repositório dançasse continuamente e acabasse com o pouco foco de sua visão a esse nível.

— Você fez contato com ele — perguntou Riker. — Com o capacete?

— Ainda não.

— Sugiro respeitosamente, senhor — falou Yar, com um toque de

sarcasmo não de todo suprimido de seu tom de voz, — que o deixemos resolver o assunto, sem ter a distração de ter que dar-nos um relatório de progresso completo a cada trinta segundos.

E então fez-se silêncio.

Sem saber como começar, Geordi visualizou o capacete, imaginando-se colocando-o em sua cabeça, tentando lembrar-se das sensações exatas que experimentaria.

Começou com a sensação física de quando ele lhe tocara a cabeça, a pressão das ramificações semelhantes a dedos.

E então veio a misteriosa sensação de ter olhos que não tinha, de "lembrar" coisas que jamais soubera.

E, espontaneamente, sentiu o suave arrepio de apreensão ao pensar na "possessão" de Shar-Lon.

Mas quando o arrepio passou, percebeu que os olhos fantasmagóricos começaram novamente a formar-se.

Mas eles não viam nada. Ele estava consciente de sua existência, nada mais.

E então pôde sentir o braço invisível que era a materialização mental de um dos transportes do Repositório, mas ele era tão pouco substancial quanto os olhos. O menor esforço para tentar movê-lo fazia com que desintegrasse, como bruma ao vento.

Desejando uma vez mais ter a capacidade de simplesmente fechar os olhos, fez o melhor que pôde para cegar sua mente ao caos de energias que assaltava os sensores de seu *visor*, mas aqui no espaço, sem a proteção de uma atmosfera ou o casco de uma nave, o espectro acima de ultravioleta até raios X e raios cósmicos era intensificado uma centena de vezes, clamando por sua atenção a cada instante.

Mas mesmo com essa distração vibrante, ele não foi completamente mal sucedido.

Lentamente, bem lentamente, sentiu aquelas extensões imaginária aumentarem força. E não sentiu resistência, como quanto tentara segurar Shar-Lon.

Mas ainda assim seus olhos fantasmagóricos continuavam cegos.

Até...

De repente, havia visão, tão indistinta que quase se perdeu em meio ao caos de informações do *visor*.

Na distância, um fantasma ondulante do hábitat flutuava diante dele.

E além dele, muito além, estava um ponto de luz, pouco maior que uma estrela mas com uma intensidade surpreendente. Era, sabia instinctivamente, ele mesmo.

Com repentina esperança, lançou-se, mas seu braço imaginário transformou-se em um redemoinho impotente de névoa.

Então, com sua frustração alcançando novas profundezas, sentiu alguma coisa além, alguma coisa mais sólida, mais substancial. Não estava "vivo" como ele imaginara que estaria seu braço, mas existia. E podia controlá-lo, do mesmo que podia controlar um porrete que estivesse em suas mãos. Podia sentir-lhe a massa puxando para ele, sentiu uma resistência inercial a seus esforços, mas não era parte dele.

Mas de algum modo, pôde obrigá-lo a crescer, a empurrar para a frente, em direção à poeira de luz que o instinto lhe dizia ser ele mesmo.

E tocou-o.

Nesse instante, seu controle tornou-se mais forte. Pela primeira vez começou a perguntar-se se afinal eles teriam uma chance de sobreviver.

Ele começou a puxar, levemente a princípio, temeroso de que força demasiada fizesse com que o fenômeno, fosse lá o que fosse, se tornasse repentinamente tão nebulosamente insubstancial quanto o outro.

— O tricorder indica a presença de um raio trator — a voz de Tasha chegou através das barreiras que construíra a sua volta.

Ouvindo as palavras, percebendo o que significavam, Geordi ficou alvorocgado de repente.

— Sou eu! — respondeu. — Não pude controlar o transporte, mas topei com mais alguma coisa que parecia que eu *podia* controlar. Eu *acho* que estou nos puxando na direção do Repositório. Mas mesmo que seja apenas eu, uma vez que chegue lá, posso colocar o capacete e obter controle total e transportá-los de volta.

E de repente pôde sentir-se sendo puxado. Ele podia sentir a aceleração do raio trator.

— Podem senti-lo? — perguntou.

— Eu posso — respondeu Tasha, sobrepondo-se ao — Sim, Tenente — de Riker.

Por um minuto, então dois, houve apenas silêncio enquanto continuavam a sentir o puxão do raio trator.

Lenta, cautelosamente, Geordi virou uma parte de sua atenção para as informações de seu *visor*. Apesar da atenção estar dividida, o puxão do raio trator permaneceu constante.

Focalizando sua visão telescópica para uma distância menor, ele uma vez mais olhou para Data. Os olhos do andróide ainda estavam fechados, como se ainda estivesse no modo de aguarde em que se colocara minutos antes. Meio quilômetro adiante, Shar-Tel começou a dar lentas cambalhotas. Sem querer chegar à mesma situação, Geordi resistiu ao impulso de tentar virar-se

para incluir Riker e Tasha ao seu campo de visão.

Focalizando novamente no hábitat e então no Repositório, ele se perguntou o que aconteceria quando o Repositório ficasse atrás do planeta ao seguir sua órbita.

O raio trator os libertaria? Seu próprio contato com o Repositório podia ser quebrado? Ele teria restabelecido contato quando o satélite reemergisse da sombra do planeta? E se o raio trator realmente os libertasse, perguntou-se com um arrepio, se os libertasse na hora errada, quando estivessem a apenas algumas centenas de quilômetros acima da superfície do planeta, eles cairiam na atmosfera e queimariam como meteoros antes que o Repositório reaparecesse no horizonte oposto?

De repente, Geordi sentiu alguma coisa. Por um longo momento, não pôde imaginar o que era. Como uma lembrança solitária permanecendo inconsciente após um sonho esquecido, parecia-lhe que não havia conexão com a realidade a sua volta.

Então ele percebeu que não era uma lembrança. Era alguma coisa que estava acontecendo neste mesmo instante.

O transporte da "câmara de descompressão" estava operante. Alguém estava entrando no Repositório.

Abruptamente, sem saber o que fazer, ele "desejou" que o transporte parasse. Quem quer que estivesse tentando entrar, fosse Shar-Lon ou Kel-Nar ou algum de seus homens, só podia significar problemas, provavelmente desastre, para Shar-Tel e os quatro membros *da Enterprise*.

Mas os esforços de Geordi não tiveram resultado aparente.

Então, por seu próprio gosto, o transporte parou.

Uma vez mais tentando bloquear as informações enviadas por seu *visor*, concentrou-se em seus "olhos". Se ele não podia parar quem acabara de entrar na câmara do Repositório, ao menos podia descobrir quem era.

Mas a imagem que estava recebendo, tênue e indistinta a não ser pelo ponto brilhante ao longe que aparentemente era ele, era do hábitat.

Concentrando-se como jamais o fizera antes, Geordi virou seus olhos até que foram dirigidos de volta para a caixa cinzenta e sem características que era o Repositório. Uma nave encontrava-se conectada à câmara, mas não era a nave em que ele, Data e Shar-Tel haviam chegado. Essa estava flutuando próxima, vagando preguiçosamente para longe do Repositório.

Usando sua vontade para prosseguir, os olhos fantasmagóricos de Geordi aproximaram-se do Repositório. Abruptamente, eles passaram pela parede e o interior, borrado e translúcido, foi expandido diante dele.

O mecanismo de tranca da porta interna da câmara, percebeu no mesmo instante, estava virado. Em outro minuto, quem quer que estivesse na câmara

estaria dentro do Repositório! E segundos depois disso, ele poderia estar colocando o capacete em sua cabeça!

Virando-se para longe da câmara, Geordi obrigou seus olhos fantasmagóricos a focalizarem o capacete, obrigou sua mente a bloquear tudo o mais, não apenas aqui no Repositório, mas em seu corpo a milhares de quilômetros dali.

E quando o fez, a esperança brilhou dentro dele.

O capacete, diferente de tudo o mais no Repositório, não estava mais nebuloso e indistinto. Agora — agora que estava se concentrando nele e apenas nele, viu que ganhava uma solidez que não possuía alguns segundos atrás. E mesmo enquanto observava, lutando para manter a intensidade de sua concentração, pareceu-lhe tornar-se ainda sólido, como uma imagem holográfica ficando cada vez mais dentro de um foco definido.

Com seu coração distante aos pulos, Geordi moveu-se para a frente. O capacete agora era tão real que parecia-lhe que podia tocá-lo.

E o fez.

Seus olhos fantasmagóricos fluíram entre as pontas e acima, em direção ao cume onde juntavam-se sob o brilho tênue da luz prateada.

De repente, o resto do Repositório entrou em foco, tornando-se aparentemente quase tão sólido e real quanto o capacete.

E ele tinha controle.

Mas não controle *total* ainda.

Instintivamente, sabia que não tinha, a esta distância, a força para mentalmente agarrar o homem na câmara e transportá-lo para outro lugar. Mas ele mesmo, seu próprio corpo distante...

Lançando-se pela invisível solidez do raio trator, agarrou cegamente ao que descobrira ser seu final.

Em seu corpo, os sensores de seu *visor* tornaram-se vivos quando as energias do transporte de repente começaram a envolvê-lo, e a sensação — a realidade — de estar em dois lugares simultaneamente girou em sua mente quase tão fortemente quanto as energias subespaciais impossivelmente distorcidas giravam caoticamente a sua volta.

Em um instante, mais rápido do que qualquer transporte que já experimentara, estava no Repositório, o capacete em sua cabeça. Mas no mesmo instante, percebeu que era tarde demais.

A porta da câmara estava aberta. Kel-Nar estava entrando, na mão uma arma de projéteis já voltada em sua direção.

Pulando para um lado, o capacete voando de sua cabeça, Geordi sacou seu *phaser* e disparou.

Uma fração de segundo depois, sentiu o mecanismo de defesa do

Repositório descer uma vez mais sobre ele.

Então não sentiu mais nada.

E a uma centena de milhares de quilômetros no espaço, o raio trator parou de existir, deixando Riker e Tasha em o que era agora uma trajetória meteórica em direção ao planeta lá embaixo.

DEZESSEIS

Aproximando-se do sistema quase diretamente acima de seu plano elíptico, os sensores da *Enterprise* começaram sua busca.

— Um-ponto-zero-quatro massas solares, senhor — anunciou Worf. — Seis planetas, o segundo externo um perfeito classe M. Sem satélites naturais mas com um satélite artificial cuja massa é várias vezes maior que a da *Enterprise*. Não há outros detectáveis a esta distância.

Picard, contendo o fôlego enquanto Worf lia as estatísticas dos instrumentos de seu posto de ciências, soltou o que era o início de um explosivo suspiro de alívio antes de recompor-se e acalmar o restante da exalação.

— Reduza para força de impulso, Alferes Gawelski, erguer escudos — disse Picard. — Tenente Brindle, Tenente Worf, estejam alertas para *qualquer coisa* que indique uma tecnologia semelhante ou superior ao nível da Federação. Este pode ser o planeta de origem dos donos daquela nave abandonada. Ou dos seres que causaram o abandono dela.

Mas conforme aproximavam-se do planeta, as probabilidades em qualquer das possibilidades diminuíam rapidamente. Não havia comunicações subespaciais de nenhum tipo, apenas os sons abafados das freqüências eletromagnéticas padrão típicas de uma civilização nos primórdios da viagem espacial.

A dez mil quilômetros, Worf levantou os olhos de seus instrumentos. — Detectando um segundo satélite artificial, senhor — retumbou ele. — Parece ter menos de um por cento da massa do primeiro, mas contém uma fonte de energia de antimateria, essencialmente idêntica à da nave abandonada original, mas completamente protegida com escudos.

Picard franziu o cenho. — E a fonte de energia do satélite maior?

— Desconhecida, senhor, mas não há nenhuma indicação de reações antimateria ou atômica de qualquer tipo, nem aqui nem na superfície do planeta.

— Outros satélites?

— Nenhum detectado, senhor.

— Você está dizendo que essas são as únicas estruturas espaciais artificiais no sistema?

— As únicas de qualquer massa nas proximidades do planeta de classe M. Para fazer uma busca nas proximidades dos planetas não habitados...

— Não, permaneça com este — Picard virou-se para o posto tático. — Ainda sem nenhuma atividade subespacial, Tenente Brindle?

— Nenhuma ainda, senhor.

— Coloque esses satélites na tela, Alferes Gawelski, ampliação máxima. Quando Gawelski respondeu, a imagem do planeta modificou-se e a tela centrou-se em um ponto a cerca de dois diâmetros planetários acima da borda superior do planeta. Os olhos de Picard arregalaram-se quando a imagem cresceu rapidamente e ele reconheceu a forma distinta do satélite maior. O menor ainda era pouco mais que poeira.

— Mais atividade subespacial — anunciou Worf, — algum tipo de transporte. Parece originar-se no satélite menor.

Picard virou-se atentamente para a Conselheira Troi, mas ela balançou a cabeça, franzindo a testa. — Não senti nada, Capitão.

— Alguma outra leitura relativa ao satélite, Sr. Worf?

— Um leve aumento na atividade da fonte de força antimateria coincidiu com a atividade do transporte subespacial, senhor, mas...

— Capitão! — interrompeu bruscamente o Tenente Brindle no posto tático. — Registrando três comunicadores da Federação!

— Onde? — Uma mistura de alívio e nova apreensão golpeou Picard quando ele girou para encarar Brindle. Três comunicadores, não quatro.

— Cem mil quilômetros acima do planeta, senhor. Aproximadamente — ali. — A suas palavras, a imagem do planeta na tela reduziu-se e um tênue círculo apareceu no espaço, a várias diâmetros planetários.

— Leve-nos para distância de transporte, Alferes Gawelski, força de impulso total — pronunciou Picard, sem esperar por uma resposta. — Abaixe os escudos apenas a minha ordem, Tenente Brindle, e mantenha a sala de transporte continuamente atualizada, enquanto aperfeiçoa as coordenadas daqueles comunicadores. Sr. Carpelli, prepare-se para fixar.

Fazendo uma pausa, Picard fitou a tela e o círculo brilhante pálido. Os comunicadores estavam lá, mas ainda não havia meios de saber a que estavam presos.

— Segurança! — exclamou. — Informações detalhadas para a sala de transporte, agora! E Dra. Crusher, um grupo médico também, incluindo alguém que possa cuidar do Comandante Data!

E aguardaram.

— As leituras dos sensores consistem da presença do Comandante Data e dois humanos, senhor — anunciou Worf enquanto aproximavam-se de distância de transporte. — Parecem estar espalhados, a cerca de dois quilômetros uns dos outros. Uma quarta forma de vida, definitivamente humanóide e possivelmente humana está na mesma área.

— O quarto membro da tripulação? — perguntou Picard secamente.

— Improvável, senhor — respondeu Worf, e então acrescentou, com um

franzir de sobrancelhas que fez suas feições klingon ainda mais ameaçadoras. — Na verdade, esta forma de vida parece estar envolta em um traje de exploração, enquanto o Comandante Data aparentemente está desprotegido. As leituras vitais do Comandante estão estáveis porém baixas, apenas pouco mais fortes que as de um humano em hibernação.

— Ouviu, Dra. Crusher?

— *Ouvi, Capitão. Estaremos prontos.*

— Fixando nos comunicadores, Capitão — a voz de Carpelli veio da sala de transporte principal. — Pronto para acionar assim que estivermos em distância de transporte e os escudos forem baixados.

— Aguarde, Alferes.

— Novos escudos sendo levantados em volta do satélite menor, senhor — retumbou Worf enquanto franzia as sobrancelhas para os instrumentos do posto de ciências. — Está agora totalmente fechada. A energia útil da fonte de força de antimateria registrou o início de um aumento maciço antes de nossos sensores serem bloqueados.

— Ele não está para se auto-destruir, como a nave abandonada?

— Possivelmente, senhor.

— Se o fizer, atingirá Data e os outros?

— Se a quantidade de antimateria for igual ou maior que a consumida pela explosão da nave abandonada, é possível haver uma contaminação por radiação.

— Distância de transporte, senhor — relatou Gawelski.

— Leve-nos ao restante do caminho, Sr. Gawelski, força de impulso total, agora! — cortou Picard. — Senhor Brindle, eu quero esses quatro, sejam lá quem for, *dentro* dos escudos deflectores da *Enterprise*.

Como Picard sabia, os últimos milhares de quilômetros seriam percorridos em menos tempo do que levaria para fixar os transportes nos comunicadores.

— Formas de vida dentro dos escudos da *Enterprise*, Capitão — reportou Brindle quase no mesmo instante.

— Excelente, Sr. Brindle. Alferes Carpelli, traga os três a bordo. — Voltando-se para um dos painéis negros onipresentes, Picard disse: — Computador, mostre-me a sala de transporte principal.

Obedientemente, uma imagem da sala de transporte e do Alferes Carpelli em primeiro plano nos controles, surgiu no painel.

Tensos, Picard, a Conselheira Troi e o restante da tripulação da ponte aguardava para ver quem apareceria na plataforma de transporte.

O raio trator ainda os estava levando para dentro na direção do Repositório, quando os tricorders de Riker e Yar registraram um aumento nas energias de transporte. Um instante depois, tanto Geordi quanto as energias do transporte desapareceram das telas dos tricorders.

Então o raio trator se desfez e mais uma vez eles estavam flutuando livremente.

— Tenente La Forge! — disse Riker. — Geordi! Mas não houve resposta.

— Tenente Yar... — começou, mas interrompeu-se ao sentir um transporte envolvê-lo. — Isso pode ser Kel-Nar — falou, esforçando-se para dizer as palavras antes de ficar congelado pelo processo de sondagem. — Ele pode ter conseguido obter controle do Repositório.

— Estou pronta! — retrucou Yar, segurando firmemente seu rifle de *phaser*, seu dedo pronto para disparar em tonteio. — Pelo que Geordi disse, tem-se apenas uma chance lá dentro, e vou fazer com que seja a certa!

E as energias fecharam-se sobre eles.

Mas enquanto o transporte os envolvia, Riker de repente sentiu o mesmo contato que sentira duas vezes antes, durante as transmissões subespaciais, mas desta vez as distorções não estavam presentes e ele sentiu a mente de Troi, não distante e angustiada, mas próxima e cheia de um sentimento igualmente poderoso de alívio. E então, pelo canto da faixa estreita do visor de seu traje de radiação, ele viu o bordo de ataque do disco da *Enterprise*!

Tasha! tentou gritar em aviso, mas era tarde demais. A sondagem já começara e um instante depois as linhas da sala de transporte principal da *Enterprise* começaram a formar-se a sua volta.

E lá, como se sua presença pudesse acelerar o processo de materialização, estava a Conselheira Troi, somente alguns metros diante dele, exatamente onde estaria apontado o rifle de *phaser* de Tasha.

— Tasha! — O nome, congelado em sua garganta durante o momento da transmissão, explodiu no instante em que a matriz do transporte libertou-o.
— Não atire! É a *Enterprise*!

No mesmo instante, o retorno repentino da gravidade foi como uma pancada de martelo, e ele tropeçou adiante, jogando-se em frente a Troi. Pela menor fração de um segundo, o dedo de Tasha enrijeceu-se, por um reflexo, no gatilho de tonteio de seu rifle de *phaser*, mas ela recuou ao ouvir as palavras gritadas de Riker e quando o aposento familiar penetrou repentinamente em sua mente.

Data, ainda "desligado", caiu duro no chão da plataforma de transporte.

Quando Riker jogou o capacete de seu traje de radiação para trás, seus

olhos encontraram os de Troi com um brilho de compreensão, mas um instante depois, ele estava olhando dela para a Dra. Crusher, seu grupo médico e o grupo de segurança.

— Doutora — disse urgentemente, — Data esteve no vácuo por vários minutos sem proteção. A Tenente Yar e eu estamos bem.

— Onde está o Tenente La Forge? — interrompeu Tasha, retirando seu próprio capacete e centrando seu olhar no Tenente Brindle, nos controles do transporte. — Vocês não o trouxeram há alguns segundos?

— Vocês são os únicos três que trouxemos a bordo até o momento, Tenente Yar — a voz de Picard soou da ponte. — Quem é a quarta forma de vida no que presumo seja o traje de exploração do Sr. Data? Apesar das leituras dos sensores, eu tinha esperanças que *ela* podia ser o Sr. La Forge.

— Não, não é, mas traga-a a bordo mesmo assim — disse Riker. — Seu nome é Shar-Tel e é uma longa história.

— *Traga-o, Sr. Carpelli* — confirmou Picard.

— Em que círculo, Sr. Carpelli? — Riker perguntou rapidamente.

— Número dois, Comandante, mas o que...

— Tenente Yar — cortou Riker, — ajude-me a pegá-lo quando ele chegar. Ele estará esperando por uma gravidade ainda menor do que a que estávamos e na sua idade...

— Acionando, Comandante — disse Carpelli, e Riker e Tasha posicionaram-se em ambos os lados do círculo número dois.

Um instante depois Shar-Tel, envolto no tênue brilho do traje de exploração, materializou-se. Riker e Tasha pegaram um braço cada um antes que ele pudesse cair.

— Está tudo bem, Shar-Tel — Riker disse rápido. — Vocês está a salvo agora. Esta é a nave que os outros lhe falaram. Nossa nave.

Os olhos de Shar-Tel arregalaram-se e fitaram em volta, mas não havia medo em sua expressão, apenas alívio e, um minuto depois, um olhar de intensa curiosidade, um olhar que, por um instante, fez Riker lembrar-se do Capitão Picard.

— O que aconteceu? — perguntou o homem idoso, ansiosamente. — Meu irmão está morto? Kel-Nar conseguiu apossar-se do Repositório?

— Nós não sabemos — disse Riker, — mas se...

— Preciso falar com La-Dron. Se meu irmão ainda está vivo, ele precisa ser encontrado! Deve haver tempo para salvá-lo!

— Não podemos fazer nada daqui — disse Riker, descendo da plataforma e removendo seu traje de radiação. — Todos para a ponte e talvez possamos descobrir qual é a verdadeira situação.

— *Sim, Número Um* — a voz de Picard novamente veio do painel de

comunicações, — *venha para a ponte. Há algumas coisas que eu gostaria de descobrir.*

— A caminho, senhor. Nesse meio tempo, verifique o Repositório, o menor dos dois satélites. O Tenente La Forge provavelmente está nele, e provavelmente com problemas.

— *Você o ouviu, Tenente Worf* — disse Picard. — *Faça o melhor. Número Um, o que é esse satélite? Parece possuir a única fonte de força antimaterial deste sistema estelar.*

Falando enquanto caminhava, seguido por Yar que escoltava um Shar-Tel mais lento, Riker explicou a situação para Picard tão rápido quanto possível.

Na sala de transporte, Data abriu seus olhos e sentou-se abruptamente, quase batendo na Dra. Crusher e no tricorder médico com que ela o estivera sondando. Ele ficou em silêncio por um instante, como se um disjuntor de circuito final estivesse sendo posto de lado, enquanto ele absorvia a cena a sua volta.

— Percebo que Geordi estava certo — disse ele. — O capitão não desistiu.

— Data... — começou a Dra. Crusher, mas ele já estava levantando-se tranquilamente.

— Já realizei uma auto-verificação, doutora — disse ele, — e estou totalmente funcional. Onde estão os outros?

— A caminho da ponte, mas...

— Então juntar-me-ei a eles. Há informações que preciso obter do computador.

Sob o olhar preocupado (e ligeiramente suspeito) da Dra. Crusher, Data saiu rapidamente.

Shar-Tel, suas roupas utilitárias esquisitas em meio aos uniformes da tripulação, permaneceu ao lado do Tenente Brindle no posto tático da ponte. Picard, sob recomendação de Riker e Yar, já aprovara o pedido de Shar-Tel em contactar La-Dron. Logo atrás do comando, Riker e Tasha estavam relatando para Picard o que acontecera depois que Geordi e Data haviam sido transportados da nave abandonada.

— Os Presentes me permitiram *ver* Kel-Nar atirar em meu irmão, mas não me permitiram interferir! — Shar-Tel estava quase gritando com La-Dron. — Não há tempo para explicar melhor! Talvez ainda haja tempo para salvá-lo se você correr! Se Kel-Nar já obteve controle sobre o Repositório, meu irmão pode ser nossa única esperança!

Mesmo diante do tom urgente de Shar-Tel, La-Dron hesitou, mas finalmente disse: — Muito bem. Ao menos não estaríamos *pior* do que já estávamos antes.

Shar-Tel soltou um profundo suspiro de alívio quando o contato foi quebrado.

Data emergiu do elevador dianteiro da nave sem ser notado e moveu-se diretamente para o posto secundário de ciências. Enquanto isso, Riker e Tasha completaram pelo menos um primeiro relatório, esquematizado, para um impaciente Picard.

— Tenente Worf — Picard disse abruptamente, — relatório de condições.

— A esta distância os escudos do satélite são impenetráveis para nossas sondas sensoras. Os escudos são pelo menos tão eficientes quanto os da nave abandonada.

A voz retumbantemente grave de Worf, vinda de apenas dois ou três metros atrás de Shar-Tel, fez com que o homem idoso virasse para trás e fazendo com que ele tivesse pela primeira vez uma visão direta de Worf, que virara-se para o capitão enquanto fornecia seu relatório.

Os olhos de Shar-Tel arregalaram-se, e instintivamente recuou diante das feições impressionantemente ameaçadoras do klingon.

Mas a reação de Shar-Tel foi apenas momentânea. Piscando, ele voltou seus olhos para Picard.

— Sua nave pode destruir o Repositório? — perguntou Shar-Tel bruscamente.

— Estamos esperando evitar que destrua a si mesmo — cortou Picard, — pelo menos até encontrarmos um meio de tirarmos o Tenente La Forge a salvo de lá. Se ele realmente estiver a bordo. Depois disso ter sido conseguido, discutiremos a questão! Sr. Gawelski, leve-nos a cinco mil quilômetros. Tenente Worf, continue com as sondas sensoras.

— Capitão — interrompeu Brindle no posto tático, — seis naves, com força química, deixaram a atmosfera do planeta e estão entrando em órbita.

— Monitore e registre toda e qualquer transmissão feita pelas naves — disse Picard, lançando um olhar mal-humorado para Shar-Tel enquanto virava-se para Riker. — A quem *elas* pertencem, Número Um?

Riker explicou-lhe tão rápido quanto pôde. Shar-Tel, aguardando, estava obviamente mais nervoso e impaciente do que antes do pronunciamento de Brindle.

— Você os chamou, Shar-Tel — disse Picard, virando-se na direção do velho. — Pode pedir-lhes que mantenham distância? Convencê-los de permanecer em órbita baixa, longe do "Repositório" até que tenhamos tempo

de resolver a situação?

— Isso é o que eu *quero* fazer, Capitão — Shar-Tel falou rapidamente.

— Se Kel-Nar está no controle do Repositório...

— Não importa a explicação, apenas diga-lhes para ficarem longe. Tenente Brindle, tente estabelecer contato. Shar-Tel, não os deixe saber onde você está. Deixe-os pensar que você está onde normalmente estaria.

Assentindo em concordância, Shar-Tel rapidamente forneceu a Brindle as freqüências necessárias para contactar as naves.

— Cinco mil quilômetros, senhor — relatou Gawelski.

— Tenente Worf?

— Em força máxima, os sensores são capazes de penetrar um grau limitado a esta distância, senhor. No entanto...

— Mil quilômetros, Sr. Gawelski — ordenou Picard.

— Nenhuma resposta das naves, Capitão — informou Brindle. — Eles estão recebendo, mas não respondem.

— Shar-Tel? — Picard franziu o cenho para o homem idoso. — Por quê?

— Eu não sei, Capitão.

— Continue tentando, Sr. Brindle. E Shar-Tel... mesmo se as naves não responderem, envie sua mensagem.

— Sensores trabalhando melhor a esta distância, senhor — disse Worf alguns segundos mais tarde, quando a *Enterprise* estabeleceu-se a mil quilômetros. — Há definitivamente duas formas de vida a bordo, ambas humanóides, uma definitivamente humana, possivelmente com um comunicador.

— É La Forge — Riker falou com alívio.

— Sim, senhor — Worf disse impassível. — Se for, ele está inconsciente, assim como a outra forma de vida. Duas outras formas de vida em uma nave menor e acoplada também estão inconscientes.

— Inconscientes? — Picard franziu as sobrancelhas. — Todos?

— Provavelmente é o sistema de defesa do Repositório — disse Riker, recontando rapidamente o que Geordi lhe contara sobre o primeiro encontro que ele e Data haviam tido com ele. — La Forge deve ter disparado seu *phaser*.

— Quanto tempo eles permanecerão inconscientes?

— Não temos como saber — disse Riker. — quando La Forge e Data foram removidos das proximidades da nave, eles recuperaram a consciência em menos de meia hora. Mas se permanecerem lá dentro... — Riker franziu as sobrancelhas enquanto balançava a cabeça. — Um sistema projetado para defender a própria nave contra qualquer um que usa um *phaser* dentro ou

próximo a ela não seria muito eficiente se permitisse que o ofensor acordasse e fizesse tudo de novo.

O cenho franzido de Picard ficou ainda mais pronunciado. — Está me dizendo que ela os *manterá* inconscientes, ou mesmo eventualmente os matará, a menos que possamos tirá-los de lá?

— É uma possibilidade, senhor — disse Riker, — e pode ser a melhor. Isto é, a inconsciência continuada, não a morte. Se Kel-Nar acordasse primeiro...

— Compreendo o significado, Número Um. É melhor acharmos um meio de tirar o Tenente La Forge de lá, e logo. — Picard olhou em volta da ponte. — Estou aberto a sugestões, informações, mesmo comentários.

Data, que estivera silenciosamente absorto no posto secundário de ciências desde o momento em que chegara à ponte, voltou-se para Picard. — Não tenho nenhuma sugestão ainda, senhor, mas tenho algumas informações que o Tenente La Forge poderia achar significantes.

— Vamos ouvi-las, Sr. Data.

— Muito bem, senhor. Durante os últimos minutos, estive me atualizando sobre todos os detalhes completos das informações fornecidas pelos ferengi quanto a este setor do espaço e...

— Informações fornecidas pelos ferengi? — o franzido na testa de Picard voltou a se pronunciar.

— Sim, senhor — disse Data. — As informações recebidas pela Federação, em troca das informações semelhantemente coletadas e não verificadas de outros setores por naves de exploração da Federação.

Picard assentiu. — Ah, sim, a "permuta de rumores". Eu me lembro. Como recordo, nem os ferengi nem os oficiais da Federação ficaram muito felizes depois que tiveram a oportunidade de analisar as ditas informações recebidas. Tudo de segunda ou terceira mão, e relativa a acontecimentos que haviam se tornado conhecidos, se é que foram realmente conhecidos, centenas de anos antes.

— Sim, senhor, essa é a informação a que me refiro.

— E você conseguiu obter alguma coisa útil dela?

— Creio que sim, senhor. A informação que acabei de rever parece lançar um pouco de luz sobre a origem e o funcionamento das duas naves com que nos envolvemos.

— Continue — disse Picard, quando o andróide fez uma pausa questionadora.

— Sim, senhor — falou Data, e continuou a delinear o que dissera a Geordi relativo à naves semelhantes ao Repositório encontrado em órbita em volta de um sem-número de mundos classe M, em algum tempo no passado,

e às histórias concernentes a outros planetas classe M que haviam sido forçados a recuar em sua conquista pela viagem espacial, ou por "invasores alienígenas" ou "acontecimentos catastróficos" não identificados.

— Nesse ponto — continuou Data, — ocorreu a Geordi que os satélites seriam o que ele chamou de "postos de guarda", e que a nave abandonada era um eixo central ou base do qual todos eram controlados ou supridos de uma vez.

— Isso faz sentido, senhor — concordou Riker, — ou faria para as mentes paranóicas que construíram essas coisas. Veja os transportes de mão única, os aparelhos de autodestruição e todos os outros "sistemas de defesa". Para uma civilização que aparentemente pensava do jeito que essa o fazia, a idéia de encontrar outra civilização igualmente avançada, ou até mesmo superior, teria sido aterrorizadora.

Picard franziu a testa com uma careta. — Então quando eles começaram a descobrir mundos com populações potencialmente "perigosas", em vez de ajudá-las ou mesmo ignorá-las, montaram um estratagema para terem certeza que esses mundos jamais teriam uma chance de avançar além do ponto até onde poderiam realizar viagens espaciais. Na verdade, eles aprisionaram populações inteiras com orbitadores como este. Centenas, possivelmente milhares deles.

Riker assentiu. — Eles colocaram esses orbitadores a volta de cada planeta onde descobriram uma população capaz de eventualmente mover-se pelo espaço e desafiá-los. Suponho que devamos estar gratos por não terem simplesmente esterilizado os mundos. Eles provavelmente tinham esse poder.

— E as unidades de hibernação? — refletiu Picard. — Os computadores realizariam o monitoramento diário, ano a ano e acordariam alguém apenas quando localizassem alguma coisa que em seu programa eles viam como ameaça, o primeiro satélite artificial, a primeira explosão nuclear, a primeira qualquer coisa que indicasse que a civilização estava desenvolvendo uma tecnologia que os levaria ao espaço.

— Sim — disse Data. — Tais atividades seriam responsáveis pelas histórias de "invasores alienígenas" que impediam que planetas inteiros chegassem à viagem espacial. Também é possível que aparelhos de autodestruição sejam responsáveis pelos "acontecimentos catastróficos" que, de acordo com a informação fornecida pelos Ferengi, costumavam ser explosões poderosas de objetos anteriormente invisíveis em órbita a volta dos planetas. Nesses e em outros exemplos, também existe a menção à "grande doença" que se seguiu aos acontecimentos, o resultado da radiação das explosões, mais provável.

Riker fez uma careta. — E então, algum tempo no passado, eles encontraram uma civilização que/á tinha viajado pelo espaço, uma civilização que talvez fosse até mesmo tecnologicamente superior. E em vez de encontrar os recém-chegados e fazer amigos, eles simplesmente entraram em pânico. Eles recuaram, voltaram a seu planeta de origem, onde quer que seja, ligaram os aparelhos de autodestruição quando partiram, fazendo o possível para varrer todos os traços de sua existência. Mas em alguns casos raros, como o orbitador e a nave abandonada que encontramos, alguma coisa deu errado e eles não foram destruídos.

Picard assentiu. — Parece muito plausível, considerando-se as evidências. E quando encontramos a nave abandonada, havia o suficiente desse sistema de evacuação ainda operante para transportar vocês quatro até aqui, ao chamado Repositório, provavelmente o único orbitador ainda em funcionamento.

Picard fez uma pausa para respirar. — Nada disso, infelizmente, nos é útil em nossa presente situação — continuou sombriamente. — Nossa prioridade atual é encontrar um meio de *tirar* o Tenente La Forge de lá a salvo e trazê-lo...

— Senhor — interrompeu Worf, — a produção de força do orbitador está aumentando novamente.

Picard voltou-se rapidamente para o visor. — Senhor Brindle — falou seco, — mantenha força máxima em nossos próprios escudos. Sr. Worf, o que está acontecendo com a força?

— Desconhecido, senhor. Há indicações de que muito dela foi transferida para os escudos, mas... Outro aumento de força, senhor, novamente para os escudos.

— Para os escudos? Eles estão sendo fortificados?

— Não, senhor, isso é o intrigante. A força parece estar indo para os escudos, mas ainda assim não está havendo nenhum efeito discernível.

— Uma disfunção?

— Possível, senhor. Esta nave *tem* aproximadamente a mesma idade da nave abandonada.

Picard começou a virar-se na direção do posto tático para questionar Shar-Tel, mas antes que seus olhos deixassem a tela, o satélite menor, o chamado Repositório, tremeluziu e desapareceu.

— Senhor Worf! O que aconteceu?

— Um pouco da energia está agora sendo radiada pelos escudos da nave, mas essa é a única alteração.

— O satélite ainda está lá? Ele aparece nos sensores?

— Sim, senhor. Tudo está como era antes. As leituras das formas de vida

continuam inalteradas.

— Então que diabos...

Picard de repente ficou em silêncio, seu queixo caindo quando, entre duas batidas de seu coração, a maior nave estelar jamais vista por ele ou qualquer outra pessoa na ponte surgia no lugar da nave desaparecida.

DEZESSETE

Lenta e inexoravelmente, Shar-Lon foi novamente trazido à consciência.

Ele resistiu a princípio, sua mente enevoada ressentindo-se com a intrusão, temendo a dor que crescia em intensidade, a cada passo em direção à consciência, incapaz de agüentar a terrível exaustão que tornava o pensamento do menor movimento físico em uma tortura.

Mas então, quando sua mente começou a clarear, ele percebeu: *Os Presentes estão fazendo isso. Os Presentes estão me acordando.*

Com repentina tonteira, ele então estava acordado. Além da exaustão e da dor que pareciam fazer parte de todo o lado esquerdo de seu corpo, sentiu uma pressão contra suas costas, uma dor pungente em sua outra perna. A câmara do Conselho dos Anciões entrou em foco a sua volta.

E quando isso aconteceu, percebeu que estava deitado não em um dos sofás, que costumava usar para descansar antes de uma reunião do Conselho, mas no chão, uma de suas pernas dolorosamente dobrada sob ele.

Abruptamente, a lembrança excruciente daqueles últimos minutos, a traição de Kel-Nar, seu próprio fracasso, voltou-lhe à memória.

E com essa lembrança veio a percepção que, de algum modo, estava recebendo uma segunda chance.

Todos eles — seu irmão, aqueles no planeta lá embaixo e, mais que todos, os Guardiães da Paz — estavam recebendo uma segunda chance. Uma chance de escolher o caminho certo — o caminho da paz *verdadeira*.

Os Presentes estavam lhe dando — obrigando-o — a essa segunda chance.

Se ele tivesse a força — a *vontade* — de usá-la.

Sem ousar fechar seus olhos por medo de não mais ter forças para abri-los, obrigou-se a concentrar-se, a pensar. Não havia meios de tirar o controle dos Presentes de Kel-Nar, que certamente a essa altura já estaria no Repositório.

Havia apenas uma ação que permanecia remota em suas possibilidades. A mesma ação que ele já tentara — e falhara — mesmo quando sua consciência vacilara e morrera.

Mas agora, com os Presentes lançando-se pelo espaço e dando-lhe uma segunda chance final...

Concentrando os últimos resquícios de sua força conferida pelos Presentes, Shar-Lon focalizou-se neles e sentiu a ligação fortalecer-se. Havia até mesmo a ilusão, nesse breve momento, que seu próprio corpo moribundo estava se fortalecendo.

Com uma mistura e triunfo e arrependimento, enviou a série de comandos que lhes traria destruição.

Enquanto sua consciência desaparecia pela última vez, sentiu a confirmação dos Presentes. Paradoxalmente, seus últimos momentos foram os primeiros momentos de paz verdadeira e total que experimentava em cinquenta anos.

Todos na ponte, mesmo Data e Worf, ficaram paralisados pela imagem que surgira repentinamente sem aviso, sem as distorções espaciais que normalmente pressagiavam a saída de uma nave estelar da propulsão de dobra.

De um tom de azul metálico e brilhante, a nave alienígena era muito maior que a *Enterprise*. Qualquer um dos seus três segmentos, redondos e de aparência fortificada poderia conter a *Enterprise*. Asas pontudas estendiam-se em ambos os lados do seguimento dianteiro, com protuberâncias que poderiam ter sido unidades de dobra ou armas, cada uma delas tão grande quanto uma nave estelar de porte médio. Como uma montanha espacial, ela transmitia uma impressão de poder, imenso e primitivo.

Data foi o primeiro a se recuperar.

— Capitão — disse rapidamente, — a aparição de uma nave semelhante a esta é outro fenômeno que ocorre freqüentemente nas informações fornecidas pelos ferengi, principalmente em histórias que pretensamente são originadas em civilizações que fazem viagens estelares e não nas fixadas em planetas. Em todos os casos, foi dito que este fenômeno foi seguido, em um período de tempo não especificado porém não muito longo, por uma explosão do tipo já discutido.

— *Isto* é que acabou com os outros postos de guarda? — suspirou Picard. — Talvez esses talis Construtores tivessem justificativas para sua paranóia. Para uma nave deste tamanho viajar por transporte em vez de propulsão de dobra, como tudo indica que esta tenha feito...

— Ela não viajou por transporte, senhor — anunciou Worf. — Ela nem mesmo existe.

Picard virou-se prontamente para o klingon. — Explique!

— As sondas sensores mostram que os escudos do Repositório expandiram-se radicalmente. Suas dimensões, de fato, agora coincidem com as dimensões da nave que vêem na tela, e estão produzindo a radiação eletromagnética que monta a imagem.

— Uma ilusão?

— Do mesmo modo que as imagens que nossos holodecks produzem são

ilusões, senhor. Os escudos, na verdade, alteraram sua natureza e agora de algum modo, incluem uma versão primitiva dos campos de força que dão solidez às imagens do holodeck. Aparentemente foi para isso que a força foi usada.

Franzindo a testa, Picard voltou-se para o posto tático. — Senhor Brindle?

— Uma ilusão, senhor — concordou, — mas sólida. Para sondas sensoras menos sofisticadas que as nossas, sondas usando apenas o espectro eletromagnético padrão, pareceria completamente real.

— Então as explosões que, de acordo com o Sr. Data, seguem a aparição de uma nave como esta...

— Devem ser causadas por dispositivos de autodestruição! — Riker concluiu o pensamento de Picard em voz alta, quando o capitão parou abruptamente, seus olhos voltando-se para a imagem na tela. — E tanto a ilusão quanto a autodestruição seriam ativadas pela simples aproximação de uma nave estelar, exatamente como o dispositivo de autodestruição da nave abandonada foi acionado por nos transportarmos a bordo. A ilusão da imensa nave de guerra deve ser um último esforço de amedrontar o possível atacante e, se não der certo, a seqüência de autodestruição é ativada.

— Tenente Worf — perguntou Picard, — qual a força dos escudos da nave alienígena agora? Poderíamos entrar com nossos transportes? E trazer o Tenente La Forge para fora?

— Não, senhor. Porém *phasers* penetrariam facilmente.

Picard meneou a cabeça. — Não com o Tenente La Forge lá dentro! E quanto a objetos físicos? Se seus escudos foram alterados e são semelhantes aos campos de força de nossos holodeck...

— É possível, senhor.

— Poderíamos levar a própria *Enterprise* para *dentro* da ilusão?

— Sim, senhor, acredito que poderíamos. No entanto, teríamos que baixar nossos próprios escudos para fazê-lo. A interação entre os dois tipos de escudos...

— E uma vez dentro, poderíamos trazer o Tenente La Forge a bordo?

— Se as condições existentes no presente não forem alteradas, sim, senhor.

Picard voltou-se abruptamente para o comando. — Senhor Gawelski, leve-nos para dentro dessa imagem, seja lá o que for. Sr. Brindle, desça os escudos apenas o tempo suficiente para podermos passar. E Sr. Carpelli, esteja pronto para fixar-se no comunicador do Tenente La Forge e trazê-lo para cá. Traga também os outros três, se o tempo e as circunstâncias o permitirem. Tenente Yar, Dra. Crusher, grupos médico e de segurança para a

sala de transporte, imediatamente.

A imagem fortalecida aumentou vivamente, até que apenas uma única abóbada ocupava o visual.

— Pronto para tentar entrar, senhor — Gawelski informou.

— Baixar escudos, Sr. Brindle — disse Picard.

A única indicação na tela foi um tremeluzir tênue. — Movendo-se em força de impulso — informou Gawelski.

A imagem expandiu-se ainda mais, começando a perder detalhes nos últimos segundos. O que, à distância, parecera-lhes linhas horizontais geometricamente retas que corriam na frente da abóbada, ficaram repentinamente borradas, as pontas irregulares, como uma pintura sendo examinada em microscópio, onde pinceladas aparentemente leves tornavam-se sulcos e cumes recortados.

E então desapareceu e o Repositório encontrava-se diante deles.

Mas no mesmo instante, todos na ponte inclinaram-se para trás quando uma pressão, como um vento forte e denso, empurrou-os brevemente.

— Passando pelos escudos de força, senhor — Worf retumbou, explicando o ocorrido do posto de ciências. — Agora estamos dentro. Há...

O klingon fez um silêncio repentino enquanto seus dedos moviam-se rapidamente pelos controles do posto de ciências, seus olhos observando uma leitura que surgira nesse instante.

— Escudos do Repositório revertendo para configuração anterior, senhor, e contraíndo.

— Alferes Carpelli...

— Fixando agora, senhor.

— Senhor Brindle, *fví&phasers* na fonte de força do Repositório. Esteja pronto para disparar tão logo o Tenente La Forge esteja a bordo.

— Acionando agora, senhor — informou Carpelli.

— Todos os quatro, Sr. Carpelli?

— Todos os quatro, senhor.

— Tenente Worf, ainda estão todos inconscientes?

— Ainda inconscientes, senhor.

— Estou com eles, Capitão — informou Carpelli.

— Erguer escudos, Sr. Brindle! Pronto para disparar *phasers*!

— Escudos erguidos, senhor. Pronto para ...

— Escudos do Repositório novamente no lugar, Capitão, envolvendo apenas o Repositório, mas ainda mantendo aumento de força. Os *phasers* não penetrarão.

— Suspenda o disparo, Sr. Brindle. Tenente Worf, o que...

— Nova seqüência iniciando na fonte de força antimatéria do

Repositório — interrompeu Worf, — provavelmente autodestruição por detonação simultânea de toda antimatéria.

— Tire-nos daqui, Sr. Gawelski!

— Espere, senhor! — Riker avisou prontamente. — É muito perto! O hábitat será destruído! Há umas mil pessoas...

— Senhor Brindle, o raio trator! — cortou Picard sem perder um segundo. — Quanto tempo ainda temos, Tenente Worf?

— Menos de um minuto no ritmo atual, senhor.

— Mais do que suficiente, se o raio trator agüentar. Sr. Gawelski, levemos radialmente para longe do planeta, assim que o raio trator segurar o satélite. Se as histórias dos ferengi do Sr. Data são verdadeiras, isto pode ser perigoso não só para o hábitat como também para o planeta.

Um silêncio tenso e então: — Raio trator ativado e fixado no satélite, senhor.

No visual, agora focalizado no planeta abaixo, a imagem retraiu-se rapidamente. Em primeiro plano, o ponto que era o Repositório permaneceu constante.

No posto de ciências, Worf começou sua contagem aos vinte segundos.

No dez, a *Enterprise* e sua carga estavam a quase mil e quinhentos quilômetros longe do planeta.

— Libere o raio trator — Picard ordenou secamente. — Senhor Gawelski, reverta curso, de volta para o hábitat. Mantenha-nos diretamente entre o hábitat e o Repositório. Eles podem precisar da proteção.

O Repositório solto continuou adiante, sua velocidade diminuída em apenas uma ínfima fração pela agora distante gravidade do planeta.

Ele estava a quase três mil quilômetros de distância quando se auto-aniquilou.

Por um instante, a explosão rivalizou com o sol, mesmo a essa distância, e os sensores da *Enterprise* pegaram uma saraivada de radiação mortal. O hábitat, sob a sombra protetora da *Enterprise* e seus escudos, receberia praticamente nenhuma, e o planeta, protegido por sua atmosfera, estaria intocado.

O brilho enfraqueceu, a radiação diminuiu e estava tudo acabado.

— Dra. Crusher — disse Picard, — relatório das condições de seus pacientes, principalmente do Tenente La Forge.

— *Exames preliminares mostram que ele se encontra em seu estado normal de boa saúde, Capitão. Mas ficarei um pouco mais confiante quando ele acordar e puder falar com ele.*

— Assim como eu, Doutora, assim como eu. E os outros três? Existe alguma razão para que não sejam transportados de volta a sua nave?

— *Nenhuma razão relativa a sua saúde, senhor. Eles estão tão bem quanto o Tenente La Forge.*

— Execute, Sr. Carpelli. Quanto menos dessas pessoas tornarem-se conscientes da existência da *Enterprise*, menos estaremos infringindo a Primeira Diretriz.

— Terá que ser na outra nave, Capitão — disse Brindle. — A que eles estavam usando estava presa ao Repositório.

— A outra nave, então. Tenente Worf, ela ainda está em condições operacionais?

— De acordo com as leituras dos sensores, sim, senhor.

Aliviado, Picard retransmitiu a informação para Carpelli e virou-se para Shar-Tel. — Posso acreditar que não tem objeções a retornar do mesmo modo? Com o fim do Repositório, apesar de não ser através de seus esforços, e com as naves de seu grupo a caminho, você parece estar...

— Capitão! — interrompeu a Tenente Yar, de volta ao posto tático. — É o amigo de Shar-Tel, La-Dron, tentando contactá-lo.

Picard gesticulou para Shar-Tel no posto tático.

Shar-Tel, engolindo em seco antes de falar, disse: — Sim, La-Dron, o que encontrou?

— Sinto muito, Shar-Tel. Chegamos tarde demais.

Shar-Tel curvou-se, mas então recompôs-se. — Meu irmão está morto?

— Ele deve ter morrido apenas poucos minutos antes de chegarmos, mas mesmo que tivéssemos chegado antes, tenho certeza que não havia nada que pudéssemos fazer. A bala...

— Você não precisa entrar em detalhes — cortou Shar-Tel. — E quanto aos homens de Kel-Nar? Eles ainda estão tentando recolher todo mundo?

— Alguns estão, mas quando souberem do que ele fez a seu irmão...

— Diga-lhes que Kel-Nar é meu prisioneiro. Diga-lhes que ele tentou obter controle do Repositório, mas fracassou. Diga-lhes que o Repositório foi destruído.

Por um longo momento, houve apenas silêncio. — Então nós ganhamos — La-Dron falou suavemente.

Shar-Tel fechou os olhos por um breve instante, então liberou um leve suspiro. — Sim, parece que ganhamos. Estarei retornando brevemente, levando Kel-Nar e aqueles que o acompanharam ao Repositório.

Outro silêncio breve, e então La-Dron falou: — Como desejar. Apesar de que ninguém o culparia caso soubessem que Kel-Nar não mais está entre seus prisioneiros quando chegar.

Shar-Tel balançou a cabeça. — Eu o levarei.

Antes que pudesse deixar o posto tático, Yar estava com uma mão

levantada para ele. — Uma das naves está finalmente respondendo a sua mensagem — disse ela.

Picard sorriu. — Shar-Tel, se importaria de explicar a situação a seus companheiros antes de partir? Sem mencionar a *Enterprise*, é claro.

Shar-Tel hesitou, repentinamente inquieto enquanto lembrava-se de sua conversa anterior com Yar sobre os possíveis motivos das pessoas que estavam nas naves que se aproximavam.

— Estão tentando novamente, senhor — disse Yar, seus olhos encontrando os de Shar-Tel depois de um breve olhar na direção de Picard.

— Como desejar, Capitão — disse Shar-Tel, levantando os ombros e virando-se novamente para o posto tático.

— Aqui é Shar-Tel — começou o homem idoso. — Quem está aí?

— Aqui é Lyn-Pron — disse a voz, agora projetada para que toda a ponte ouvisse.

A tensão desfez-se de Shar-Tel e ele relaxou de alívio.

De todas as pessoas que poderiam estar liderando as naves nesta missão, Lyn-Pron era aquela cuja presença transmitia-lhe esperança. Lyn-Pron era aquele com quem Shar-Tel lidava mais, aquele com quem exercitara milhares de planos e milhares de alternativas. Aquele com quem, por mais de vinte anos, criara uma amizade — ou tão próximos de serem amigos, quanto vozes sem rosto com sonhos partilhados podiam tornar-se.

— Você recebeu minha mensagem? — perguntou Shar-Tel.

— Recebemos, velho amigo, mas...

— Pode ser ignorada — interrompeu Shar-Tel. — tudo está novamente sob controle. Nossa objetivo foi alcançado. O Repositório foi destruído. A explosão que sem dúvida alguma você viu momentos atrás marcou seu fim.

— Isso é um truque, velho amigo? — Havia de repente uma suspeita na voz de Lyn-Pron. — Nós realmente vimos uma explosão, mas não foi nem mesmo perto do Repositório.

— É uma longa história, e nem mesmo eu a conheço inteiramente. Kel-Nar tentou obter controle do Repositório; ele matou meu irmão; mas alguma coisa aconteceu. O próprio Kel-Nar foi posto inconsciente e expulso do Repositório — o velho fez uma pausa em sua improvisação, fitando Picard, que o observava de perto — e de algum modo o Repositório moveu-se para onde você viu a explosão. Se não tivesse se movido, estaríamos todos mortos e o próprio planeta poderia ter sido afetado pela radiação. Como disse, tenho certeza que meu irmão...

— Mas o Repositório não tinha sistemas de propulsão, ou assim você me disse muitas vezes.

— Se Shar-Lon podia fazê-lo encontrar todos os mísseis na superfície do

planeta e lançá-los a centenas de milhares de quilômetros no espaço antes de explodi-los — disse Shar-Tel, deixando passar um pouco de sua exasperação na voz, — tenho certeza que podia fazê-lo lançar-se no espaço do mesmo modo. Ele era o único que sabia e usava os Presentes, mas ele...

— Acredito em você, velho amigo — disse Lyn-Pron, e de repente sua voz soou rica não em suspeita, mas em tristeza. — Quase gostaria de não acreditar.

Shar-Tel franziu o cenho. — Você gostaria de *não* acreditar? O que...

— O que tenho de lhe dizer seria mais fácil se eu não acreditasse, se eu pensasse que estava tentando me enganar, se pensasse que você tomara o partido de Kel-Nar ou que tivesse sido seduzido pelos poderes dos Presentes, mas...

A voz de Lyn-Pron interrompeu-se abruptamente, e por um instante, houve apenas silêncio. Ele finalmente falou novamente.

— Os outros não sabem que contactei você — disse Lyn-Pron. — Eles proibiram, após sua última mensagem.

— Mas por quê? Eu tentei avisá-los...

— Eu sei, eu sei. Mas eles não acreditaram em você. Temiam que fosse um truque.

— Um truque? Para salvá-los de Kel-Nar?

— Um truque para atrasar-nos, para dar *tempo* a Kel-Nar, o tempo necessário para aprender a manejar os Presentes e assim poder destruir nossas naves, do mesmo modo que seu irmão destruiu os mísseis que foram enviados contra ele há cinqüenta anos. Isso é loucura! Por que...

— Eu sei, velho amigo, eu sei! Mas sou apenas um entre muitos. Tentei convencê-los de que não era um truque. Acredite-me, eu tentei, mas eles não me ouviram.

— Mas certamente agora que o Repositório foi destruído e Kel-Nar é meu prisioneiro...

— Sinto muito, Shar-Tel, mas isso não fará nenhuma diferença, não para os outros. Esta nunca foi uma missão para ajudá-lo contra Kel-Nar ou simplesmente destruir o Repositório. É uma missão contra *todos* vocês.

Os olhos de Shar-Tel encontraram-se com os de Tasha por uma fração de segundo, e neles viu a tristeza, a tristeza de que, em seu cinismo, ela estivera certa.

— Quais *são* seus planos, afinal? — perguntou Shar-Tel, sua voz agora uniforme e resignada. — Vocês irão invadir e tomar conta de nosso Mundo?

Lyn-Pron suspirou, quase trêmulo. — Eu gostaria que fosse isso, mas não é.

— O que então?

— Destruição. É isso que eles resolveram, a destruição total dos Guardiães da Paz e de seu Mundo.

DEZOITO

Raiva, choque, descrença — tudo isso passou pelo rosto repentinamente cinzento de Shar-Tel.

— Isto é loucura! — disse ele com a voz trêmula. — Há cerca de mil pessoas lá, homens, mulheres e crianças. Se vocês querem Kel-Nar, podem tê-lo! Se querem a *mim*, podem me ter! Mas os outros...

— Após cinqüenta anos de tirania — a voz de Lyn-Pron contrapôs-se a de Shar-Tel, — as pessoas não fazem mais distinção. A não ser por mim e alguns poucos outros que o conhecem nos últimos anos, vocês são *todos* Guardiões da Paz. Vocês são aqueles que destruíram toda uma frota de naves. Vocês são aqueles que, com seus Presentes, obrigaram-nos a pagar tributo, que permitiu-lhes roubar o que precisassem para manter seu mundo funcionando. Vocês são aqueles que destruíram cada nave que tentamos lançar por mais de vinte anos. Vocês são aqueles que recusaram dividir até mesmo a menor fração da ciência alienígena a que tinham acesso. Vocês são aqueles que mantiveram todo nosso mundo *prisioneiro* por cinqüenta anos! Vocês... — Lyn-Pron interrompeu-se bruscamente, e todos na ponte puderam ouvi-lo respirar profundamente. Finalmente, de modo calmo, ele recomeçou.

— Sinto muito, amigo velho, mas é assim que praticamente todos nós sentimos, mesmo entre aqueles que trabalharam com vocês todos esses anos. Não há nada que eu possa fazer para mudar isso, nada.

— Então por que você está me dizendo isso? — atacou Shar-Tel, a cor voltando a seu rosto devido à raiva. — Para nos torturar? Para que então não somente morramos mas para *sabermos* que *vamos* morrer?

Lyn-Pron soltou uma risada amarga. — Há aqueles que não querem nada além disso, a menos que fosse para torturá-los individualmente, pelo resto de suas vidas. Mas não, estou fazendo isto, estou arriscando *minha* própria vida pra *fazer* isso. Se alguém me pegar falando com você, agora, creio que voltariam suas armas contra minha nave antes mesmo de atacar vocês. Estou fazendo isso porque não poderia viver comigo mesmo se não fosse honesto com você. E porque não posso pensar em desistir de ter esperanças, mesmo agora.

— Mas você acabou de dizer que *desistira*!

— Usei cada argumento uma dezena de vezes, mas... Levaremos uma hora até chegar aí, uma hora até que façamos milhares de buracos em seu Mundo dos Guardiões da Paz. Eu continuarei discutindo por cada segundo, mas também deixarei o canal principal de nossas naves aberto, para você,

para o que puder nos dizer ou mostrar, qualquer coisa.

— Mas se fizermos isso, os outros vão perceber que você nos contou...

— Eu sei, mas isso não importa. Se isto falhar, como temo seriamente que aconteça, não creio que queira mesmo viver muito tempo, não com sua morte, com a morte de seu mundo, em minha consciência. Boa sorte, velho amigo.

E a conexão foi desfeita.

Shar-Tel voltou-se para Picard. — Retorne-me para a nave, rápido. Eu gostaria de ter pelo menos alguns poucos minutos antes...

— Não! — quase gritou a Conselheira Deanna Troi, que estivera dolorosamente ouvindo a conversa. — Não podemos permitir que isto aconteça, Capitão! Precisamos fazer alguma coisa!

— Concordo, Conselheira — disse Picard, — e estou aberto a sugestões.

— Ele olhou em volta da ponte. — Parece que temos alguma responsabilidade, se não pela situação básica, pelo menos por precipitar a crise imediata. Estou aberto a sugestões, qualquer coisa que não quebre a Primeira Diretriz de modo irremediável.

— Senhor — Data falou quase que imediatamente, — descobri correlações adicionais, possivelmente bastante significativas nas informações fornecidas pelos ferengi. Extrapolando a partir delas, e outras correlações para determinar se existe alguma relevância às situações atuais...

— Continue, Data — Picard incitou-o, impaciente.

— Acredito que as correlações possuem uma relevância, senhor. De fato, elas sugerem uma possível solução para este problema.

Não fora a falta de peso que fizera com que o estômago de Lyn-Pron se revolvesse quando a órbita que sua nave estivera seguindo estava para completar-se e o Mundo dos Guardiões da Paz tornava-se maior na tela de radar a sua frente.

Era frustração.

E culpa.

Frustração por não ser capaz de convencer os outros a sequer *retardar* o assalto, muito menos cancelá-lo. Finalmente, ele lhes contara sobre sua conversa com Shar-Tel, da afirmação de Shar-Tel de que o Repositório fora destruído. Ainda assim fora incapaz de demovê-los, e por um instante, tivera um medo verdadeiro de que eles *realmente* voltariam suas armas contra ele. Mesmo quando, há minutos atrás, tornara-se óbvio nas telas dos radares que o Repositório não mais estava onde estivera nos últimos cinqüenta anos, negaram-se a reconsiderar. — É apenas outro truque — ros-nara um dos

pilotos. — Com essas drogas de "Presentes", Shar-Lon pode fazer o que quiser.

Mas a culpa de Lyn-Pron era ainda mais poderosa que a frustração. Por quase dez anos ele mentira para um homem que, apesar de seus contínuos esforços de resistir, de permanecer "objetivo", tornara-se seu amigo. As próprias naves, em vez de poderem carregar grupos de homens, tinham espaço para apenas um homem — e grupos de mísseis. Seu propósito jamais fora outro além da destruição, não apenas do Repositório, mas do próprio Mundo dos Guardiões da Paz. Ele não conseguira convencer seus aliados de que sua destruição seria uma fundação muito ruim sobre a qual construiriam o mundo pacífico que tanto desejavam.

E agora, em menos de quinze minutos, Lyn-Pron teria que observar essa destruição, impossibilitado de levantar um dedo contra ela.

Abruptamente, a tela monitora acima do banco de controles piscou com uma vivacidade caótica.

Sobressaltado, olhou para cima. Ele deixara o canal de áudio aberto, mas esta...

— Lyn-Pron! — uma voz áspera e acusadora fez-se ouvir pelo canal de áudio vinda das outras naves. — Isto é outro esquema para salvar seus amigos?

Mas antes que pudesse negá-lo, antes que pudesse fazer qualquer outra coisa além de imaginar se, de algum modo, Shar-Tel era responsável — uma imagem emergiu do caos.

E era Shar-Tel!

Mas ele não estava em nenhuma parte do Mundo dos Guardiões da Paz que Lyn-Pron já tivesse suspeitado existir, tampouco no Repositório, não a menos que as descrições de Shar-Tel tivessem simplesmente sido mentiras. Na luz bruxuleante, as únicas cores visíveis eram um negro profundo e um laranja escuro, a não ser pelo próprio Shar-Tel e suas roupas. O ar estava permeado com uma névoa enfumaçada que diminuía ainda mais a visibilidade, dando a Shar-Tel uma aparência imponente, até mesmo ameaçadora. Atrás dele os bancos de painéis, sem nenhum controle ou aparato reconhecíveis, mas com padrões de luzes de formas estranhas.

— Shar-Tel — engasgou Lyn-Pron. — O que é isto?

— Sinto muito, Lyn-Pron — retrucou o homem idoso, mas a voz, dura e sem expressão, era completamente irreconhecível, — mas vocês estavam...

Repentinamente, ele foi interrompido quando uma imensa mão, os dedos de um negro-cinzenho estendendo-se como uma garra de uma meia-luva com tachões de metal, da ponta de uma manga semelhante ao couro igualmente tachonado, agarrou-lhe o ombro e o lançou rudemente para o lado.

Lyn-Pron arfou quando a criatura preencheu a tela de repente. Pelo menos trinta centímetros mais alto que Shar-Tel e quase tão maior quanto isso, estava usando couro pesado de um brilho quase metálico, algum tipo de vestimenta de combate de bárbaros. Suspensa em uma corrente ornamental pesada em volta de seu pescoço, encontrava-se o que podia ter sido uma escultura ou, como Lyn-Pron suspeitava, a cabeça preservada de um pequeno animal com terríveis dentes pontiagudos.

Mas a cabeça e o rosto da própria criatura...

Ela era humanóide, mas longe de ser humana. Apesar de escura, a cor da carne decadente, a boca e o queixo barbado eram quase humanos em forma, mas acima dos olhos perscrutadores e da linha das pesadas sobrancelhas, uma grande crista óssea estendia-se do alto do nariz pela testa e quase até metade do crânio, onde encontrava um faixa de cabelo negro que caía sobre as orelhas mal formadas e sobre os ombros maçudos.

— Vocês são os tolos que sonham em me destruir — disse, com uma voz grave e ribombante, seus lábios retorcendo-se em um sorriso de escárnio.

De uma das outras naves, alguém conseguiu perguntar: — Quem é você? A figura riu, o som tão profundo e ribombante quanto sua voz, tão ameaçador quanto sua aparência. — Entre meus iguais, e são poucos sou conhecido como Worf. Para vocês, sou o dono do que vocês criaturas chamaram de "Repositório". Vocês não pensaram que eu poderia me ofender com suas débeis tentativas de danificá-lo?

— Eu dificilmente as chamaria de débeis — disse outro piloto, sua voz tremendo enquanto tentava parecer desafiador. — Nós vimos a explosão que o destruiu.

— Destriu? Parece-lhe que ele foi destruído? Não, eu não permitiria que nenhum de meus pertences fosse destruído tão facilmente.

— Nós não sabíamos que era seu! — disse uma terceira voz, aguda de medo. — Ele foi abandonado! Nós simplesmente...

— Eu não abandono meus pertences, criatura!

— Então leve-o! Não nos importa se está destruído, só que nos livremos dele!

Mais uma vez ouviu-se a risada. — Vocês não compreendem, criaturas. Eu tenho muitos pertences aqui, e não tenho o menor desejo de desistir de *nenhum* de vocês.

— Nenhum de *nós*! — explodiu Lyn-Pron. — Que insanidade é esta? *Nós* não somos pertences seus!

— Vocês acham que não? — A figura gesticulou imperiosamente com a mão esquerda.

E de repente, Lyn-Pron sentiu todo seu corpo formigar. O ar a sua volta

ficou cheio de linhas verticais de luz e das outras naves vieram exclamações e pelo menos um grito.

Por um instante ficou paralisado, incapaz de continuar a respiração que iniciara apenas um momento antes, com a certeza de que até mesmo seu coração fora congelado em meio a uma batida.

E o comportamento atulhado da nave desvaneceu-se a sua volta.

Por um instante não houve nada a não ser a intensidade rígida das linhas de luz, agora envolvendo-o como um casulo.

E ele estava no local que, segundos antes, fora apenas uma imagem na tela do monitor. A criatura que se autodenominara Worf estava de pé diante dele, agigantando-se sobre ele como um colosso demoníaco. A um lado, Shar-Tel permanecia rígido, imóvel, sem pestanejar. A volta deles, envolvendo-os, estava a névoa ocre, obscurecendo os padrões de luzes nos painéis que enchiam a parede atrás da criatura. O calor era severo, o ar estava cheio de um odor totalmente desconhecido mas pungentemente desagradável.

E ele não podia se mexer, nem para frente nem para trás. Ele podia girar sua cabeça, mover seus braços, mas seus pés pareciam enraizados no chão.

Um arfar, depois outro, soaram atrás de Lyn-Pron. Virando sua cabeça, viu os homens das outras cinco naves, seus olhos arregalados de choque. Atrás deles havia mais dos obscurecidos painéis enevoados. Não havia em lugar nenhum qualquer evidência de algum tipo de porta. *r*

— Bem-vindos a meu covil, criaturas! — a voz grave ribombou. — Há alguma coisa que vocês gostariam de ver?

Fazendo uma pausa, Worf fitou de um para outro com interesse divertido, então sorriu, e por um instante pareceu que a pequenina cabeça suspensa na corrente em volta de seu pescoço revelara suas presas em uma grotesca paródia de sorriso.

— Não? Então deixem-me mostrar-lhes uma coisa de minha própria escolha.

Outro gesto, e um dos pesados padrões de luzes tremeluziu e mudou.

E no ar enevoado, surgiu uma imagem da nave de Lyn-Pron, tridimensional e aparentemente sólida o bastante para ser tocada.

Outro gesto, este outro pouco mais que o mover de um dedo, e um raio de luz brilhante acertou a nave. Um instante depois, a própria nave começou a brilhar, então piscou e desapareceu.

— Eu talvez lhes permita manter as outras — disse a criatura, rindo. — Se vocês não se mostrarem *muito* aborrecidos.

— O que deseja de nós? — Lyn-Pron, o único que parecia ter recuperado o poder da fala, perguntou. — Por que você está aqui?

— Eu vim porque vocês tiveram o azar de invadir o que era meu. Eu permaneci porque seus absurdos me divertem. — Outra risada retumbou profundamente do peito de Worf. — Aquele que se chamava Shar-Lon era uma infindável fonte de diversão, principalmente em suas ilusões egoísticas de que estava agindo por sua própria vontade.

— Então ele *estava* possuído!

— É claro. Apesar dele chamar a isso de "escolhido". Suas ilusões eram quase tão divertidas quanto suas próprias corridas frenéticas em resposta às ações dele.

— Mas por que você se mostrou a nós agora? Após cinqüenta anos...

— Após cinqüenta anos, vocês estão começando a me entediar, talvez até mesmo me aborrecer com suas situações menores. Portanto, decidi assumir controle direto em vez de agir secretamente através de um de vocês. Para sua segurança, espero não ficar desapontado com os resultados. Ninguém é tão privilegiado em ter uma segunda chance! Sejam gratos por ter, nos primeiros anos, me divertido tanto quanto divertiram. De outro modo, eu poderia simplesmente partir, para jamais retornar.

— Faça isso, então! — quase gritou Shar-Tel.

Worf olhou para Shar-Tel por um instante, uma pontada de divertimento em seus olhos encapuzados. Ele então deu um passo atrás e abaixou-se até uma cadeira semelhante a um trono, os braços cobertos com versões miniaturizadas dos padrões de luz dos painéis da parede.

— Talvez vá — disse ele, — se vocês se tornarem cansativos *demais* ou aborrecidos demais. No entanto, não acredito que ficariam tão felizes com os resultados. — Fez uma pausa, seus olhos fixando-se brevemente em cada um dos seis. — Lembrem-se — ele finalizou com um sorriso, desta vez definitivamente repetido pela pequena cabeça que repousava em seu peito, — eu não *abandono* meus pertences.

— Você nos mataria?

— A seu tempo, talvez, a menos que, sem qualquer ajuda minha, *vocês se matem*. Isso, é claro, poderia comprehensivelmente manter meu interesse em seu pequeno mundo por mais algum tempo. Suicídio planetário é um fenômeno intrigante, e eu...

— Então por que destruiu nossos mísseis há cinqüenta anos atrás? Por que...

Houve um pequeno dar de ombros enquanto Worf dizia: — Pareceu-me uma boa idéia na época. E me deu anos de divertimento que eu não teria se tivesse permitido que vocês simplesmente transformassem seu mundo em cinzas. Então, não importa o que pensem de meus métodos ou motivos, podem ao menos me agradecer por vários anos de existência planetária, que

de outro modo poderiam não ter tido. — Ele riu novamente. — Talvez possam mostrar sua gratidão realizando sua autodestruição do modo mais interessante possível. Eu poderia fornecer-lhes mais alguns "Presentes" exóticamente destrutivos para serem distribuídos entre alguns de seus líderes...

— Vá pro inferno! — explodiu Lyn-Pron. — Você está falando do nosso mundo! Não temos interesse em destruí-lo, não com seus Presentes, nem com nossas próprias armas, de jeito nenhum. Você age como se isso fosse um *jogo*!

— Mas é, criaturinha, é um *jogo*. Vocês não têm jogos semelhantes em seu mundo? Creio que já os vi, jogos em que criaturas mais baixas são colocadas sobre outras e vocês se divertem, fazem com que eles matem e mutilem um ao outro?

— Só uns poucos loucos gostam de tais coisas! Nem todo mundo...

— Quem é você pra dizer quem é louco? Talvez ele seja mais difundido do que você pensa. Talvez você, que sai para propositadamente assassinar mais de mil criaturas semelhantes a você, compartilhe desta dita doença.

Worf fez um gesto de dispensa com a mão. — Mas estou cansado disso. Eu os retornarei a suas naves, aqueles que ainda têm naves para onde serem retornados. Você... — Seus olhos voltaram-se para Lyn-Pron. — Você, eu o manterei por algum tempo. Você parece ter mais espírito que os outros.

Lyn-Pron estremeceu mas não amoleceu.

Então, um instante depois, ele supriu um sobressalto. *Alguma coisa* estava se formando na névoa atrás da enorme cadeira de Worf. A princípio, era como se a própria névoa estivesse se tornando mais densa, mas então ele viu que era algo independente da névoa. Era pálida, quase da cor do papel, e crescia, tornando-se gradualmente mais nítida.

Até que, de repente, entrou em foco.

Com cerca de um metro de altura, elevando-se a dois metros acima do convés, estava o rosto de Shar-Lon!

E, apesar de Lyn-Pron ter conseguido manter seu rosto impassível para não traír a presença da imagem, os outros não foram tão bem sucedidos. Worf virou-se em sua cadeira.

Por apenas um segundo ele pareceu ficar surpreso, mas então riu. — Você é mais persistente do que pensei, ó Escolhido. O que você tem a dizer?

— Lyn-Pron — o rosto fantasmagórico disse, — se estiver vendo e ouvindo isto, fui bem sucedido. Agora é com você, Shar-Tel e os outros, e vocês tem que se apressar. Você deve concentrar todos os seus pensamentos em Shar-Tel. Dê-lhe sua força, rápido. Este monstro *pode* ser vencido.

— Já chega! — rugiu Worf, ficando ereto e passando pelo rosto de Shar-

Lon, como para provar que ele não existia.

Mas mesmo quando passava por ele, a voz de Shar-Lon continuou.

— Esta criatura não é invencível. Ela é um pária, um fora-da-lei, mesmo entre os de sua espécie. Ela foi capaz de me prender com seus Presentes porque eu era ingênuo. Ela foi capaz de controlar-me porque eu estava sozinho. Mas mesmo assim, não fiquei totalmente indefeso. Fui capaz, antes de minha morte, de...

Nos painéis do final do aposento, Worf bateu pesadamente em um dos padrões de luzes com sua mão enluvada. Mas o rosto, apesar de ser repentinamente congelado, permaneceu. E, um instante depois, recomeçou suas palavras, do início.

— *Basta!* — Worf quase gritou, mas no mesmo momento, Shar-Tel inclinou-se para trás, como se tivesse ficado livre do que quer que o estivesse segurando.

— Lyn-Pron! — falou. — Esta é nossa única chance! A única chance de nosso mundo! Você deve...

— *Selvagens estúpidos!* — as palavras emergiram de Worf enquanto ele agarraava uma pequena arma com ponta denteada amarrada a sua cintura. Quando a pegou, ela expandiu-se como por mágica até tornar-se uma cimitarra com um metro de comprimento. Ela cortou o rosto imenso de Shar-Lon, mas perturbou apenas a névoa que ainda persistia no ar.

Um instante depois, ele voltou-se para Shar-Tel, seu rugido abafando a voz sem corpo de Shar-Lon.

E Lyn-Pron foi solto.

O que quer que o estivesse mantendo imóvel libertou-o repentinamente.

Berrando, pulou nas costas de Worf, sua mão agarrando a mão que segurava a lâmina.

E então outro foi libertado, e mais outro, e então todos os cinco estavam investindo, agarrando Worf, atacando-o desesperadamente, enquanto, juntos, forçavam a lâmina para trás até que a ponta brilhante tocasse o rosto fechado do gigante.

Um rugido ensurdecedor emergiu da garganta de Worf, e ele então caiu.

E desapareceu em uma exibição barulhenta de energias de transporte.

Lyn-Pron e os outros cinco caíram como um monte.

— Ela se foi! — arfou Shar-Tel. — Nós ganhamos! Agora rápido, tenho que usar uma última vez os Presentes para retorná-los a suas naves. Em poucos minutos, agora que a criatura e seu controle se foram, o Repositório será *realmente* destruído! Isso é uma outra coisa que meu irmão pôde realizar.

Sem esperar por uma resposta, sem nem mesmo esperar que os seis se

soltassem uns dos outros e ficassem eretos, Shar-Tel tocou em um dos painéis.

O rosto de Shar-Lon, ainda falando, desapareceu.

Um momento depois, Lyn-Pron sentiu um formigamento e foi envolvido junto com os outros cinco, nas energias do sistema de transporte da *Enterprise*.

Shar-Tel, quando eles desapareceram, soltou um grande suspiro de alívio, então voltou-se e aguardou que a imitação do Repositório — na realidade, uma mistura de imagens de uma meia dúzia de fontes diferentes, incluindo de um cruzador de batalha klingon de um século atrás — desaparecesse e as portas do holodeck se abrissem.

Ele saiu para os corredores da *Enterprise*, deixando para trás o mundo como ele fora — um mundo de ditadura e intrigas invejosas, de guerra e luta constante — e caminhou em direção a um futuro cheio de esperança. A paz viria a seu mundo, não através de "força militar superior" ou escamoteação do mundo de cima, mas preferivelmente através da cooperação de todas as nações e todos os povos.

Dois minutos depois e dez mil quilômetros distante, onde o Repositório estaria se já não tivesse sido destruído, um torpedo fotônico explodiu para que todo o mundo — e as cinco naves restantes — vissem.

De uma distância seguramente indetectável, a *Enterprise* observava enquanto as cinco naves remanescentes aproximavam-se do hábitat.

— Muito melodramático! — protestara Picard, quase encolhendo-se enquanto observava a atuação. — Eles *nunca* vão acreditar em tal vilão!

Mesmo Worf, que obviamente gostara de sua primeira "improvisação dramática", tivera suas dúvidas sobre sua eficiência.

— Nenhum klingon jamais seria tão tolo de dar as costas a seis inimigos, não importa quanto bem presos eles supostamente estivessem — reclamou com um olhar levemente tristonho, enquanto removia sua vestimenta de combate e punha seu uniforme da Federação com sua faixa. — Minha "derrota" foi completamente implausível.

Troi, que monitorara o estado emocional dos seis pilotos e transmitira os resultados a Worf continuamente para servir-lhe de guia em sua improvisação, era a única que parecia confiante nos resultados.

— Não importa o que digam, Capitão, eles *querem* acreditar — ela assegurou-lhe em um ponto. — Não importa seus ressentimentos contra Shar-Lon e os Guardiões da Paz, eles não apreciam o pensamento de assassinar centenas de pessoas indefesas.

E conforme passavam-se os minutos, com cada nova transmissão que Yar interceptava, mais parecia que Troi estava certa. A derrota de Worf, e a

"destruição final" do Repositório, foram aceitos quase sem questionamento.

Todos aqueles no Mundo dos Guardiões da Paz — com a possível exceção de Kel-Nar e seu círculo íntimo, que, após acordarem, descobriram-se confinados e sob guarda — estavam se vendo como vítimas dos Construtores, não os tiranos elitistas que pareciam ser por décadas. Já havia conversas de que, em algum dia próximo, o próprio habitat se tornaria no que muitos pensavam era seu propósito original — o primeiro grande passo no programa espacial do mundo.

Finalmente, as cinco naves pararam, e seus pilotos saíram. Lyn-Pron, com sua nave destruída, fora transportado, juntamente com Shar-Tel, diretamente para o habitat e agora os dois emergiam da câmara de descompressão do habitat para saudar os cinco ceremoniosamente.

Picard, aparentemente satisfeito com a situação que afinal estava realmente sob controle, reclinou-se no encosto da cadeira do capitão.

— Parece que conseguimos desfazer os resultados de nossas interferências não planejadas, e fazer o planeta voltar a seu curso de evolução natural — disse ele.

— Sim, senhor — assentiu Riker. — Espero que logo estejam se aventurando pelo espaço, a seu próprio tempo e jeito. Talvez os encontremos novamente.

— Talvez encontremos — concordou Picard. — Sem a necessidade de sermos nada mais que nós mesmos. Correto, Sr. La Forge?

— Sim, senhor — Disse Geordi, voltando-se de seu assento para encarar o capitão. Picard já lhe deixara bem claro como era importante manter a Primeira Diretriz em mente ao lidar com culturas emergentes. Mesmo apesar de ter baseado todas as suas decisões simplesmente em um desejo de salvar vidas, sua decisão de personificar um dos Construtores fora a raiz de todo o desenvolvimento posterior. Desta vez, tudo acabara terminando bem. Da próxima vez...

Ele balançou a cabeça. A Primeira Diretriz era algo complicado. Picard sorriu.

— Restabeleça curso para a Base Estelar 54, Sr. La Forge.

— Curso estabelecido, senhor.

— Acionar.

E o Mundo dos Guardiões da Paz desapareceu atrás deles.

Poucos minutos depois, quando Picard retirara-se para seu gabinete a fim de pensar no relatório que teria de fazer para a Frota Estelar, Geordi voltou-se para Data no posto de operações.

— O Comandante Riker me disse que foi você que apareceu com a idéia que salvou o dia, Data.

— Eu sugeri apenas a estrutura básica da idéia. Foram os outros, principalmente a Tenente Yar, que a desenvolveram em uma solução funcional.

— Mesmo assim, Data, a idéia original foi sua. — Ele sorriu e inclinou-se para mais perto, como se estivesse contando um segredo. — Não quero chateá-lo, mas pra mim essa idéia é extremamente parecida com um monte de velha e simples intuição.

Data meneou a cabeça tristemente. — Obrigado, Geordi, mas temo que foi simples extração lógica. Entre as histórias coletadas pelos ferengi não havia menos de três nas quais as explosões maciças no espaço, presumivelmente orbitadores autodestruidos, produziram virtualmente resultados duradouros idênticos e positivos. Os povos em cada um desses planetas, apesar de nenhum deles ter ainda desenvolvido a viagem espacial, estavam constantemente guerreando entre si, esbanjando os recursos limitados de seus planetas em armamentos. Mas as explosões no espaço, acopladas aos efeitos da radiação na superfície do planeta, fê-los conscientes de que havia alguma coisa lá fora, alguma coisa que os fez perceber quão ínfimas eram suas próprias diferenças. A situação atual pareceu-me similar, de fato, o povo do mundo de Shar-Lon parecia mais do que pronto para instituir um governo mundial, para livrar-se de seu nacionalismo auto-destrutivo e os arsenais que haviam engendrado, uma vez que tivessem eliminado os Guardiões da Paz. Então a solução pareceu-me óbvia: fazer com que os Guardiões da Paz e o restante da população se juntassem novamente, era necessário um "inimigo comum". E como já nos fora dito que havia aqueles que acreditavam desde o início que Shar-Lon era "possuído", era apenas lógico fazer uso dessa crença na solução. Na verdade, por tudo o que soubemos, Shar-Lon foi realmente influenciado por alguns aspectos dos Construtores, por alguma coisa que era inerente ao aparelho de controle mental do Repositório. De um certo modo, portanto, estávamos simplesmente informando-os, de uma maneira distorcida e dramática, sobre o que realmente acontecera a Shar-Lon.

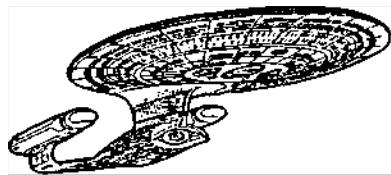
— Eu sei — disse Geordi, rindo. — Tudo é perfeitamente claro na análise posterior. Mas então, é desse modo que a intuição funciona, também. Sempre que alguém surge com uma idéia brilhante, uma outra pessoa sempre diz: — "Por que *eu* não pensei nisso?"

Ele fez uma pausa, meneando a cabeça. — Talvez a única diferença seja que, para os meramente humanos, a "intuição" ocorra em nosso subconsciente, onde não podemos ver o que realmente está acontecendo, então nós a chamamos assim. Mas você não tem um subconsciente, então o processo ocorre em seu consciente, onde você pode manter sua atenção

sobre ele.

Data brilhou, mas olhou de modo questionador para Geordi. — Você realmente acha que é possível? Que eu possuo alguma forma de "intuição"?

— Eu acho, Data — assentiu Geordi, sorrindo. — Mas afinal, é apenas um palpite.



Glossário Jornada nas Estrelas

Este Glossário contém nomes e termos específicos mencionados neste livro. Procuramos destacar os nomes próprios que têm alguma importância na trama e os termos técnicos mais freqüentemente mencionados na série Jornada nas Estrelas. Os conceitos científicos deste Glossário fazem parte do universo ficcional da série, não devendo, portanto, serem confundidos com os conceitos científicos reais abordados no Glossário Cultural.

BETAZÓIDE: Raça humanóide do planeta Betazed, um mundo extraordinariamente bonito, chamado de "a jóia da coroa sideral". São tão semelhantes aos humanos terrestres que o casamento entre essas raças é muito comum. São telepatas avançados e o fato de deixarem suas mentes abertas para os outros resultou numa cultura baseada na sinceridade absoluta. Deanna Troi, a conselheira da *Enterprise*, é filha de um terrestre e uma betazóide tendo herdado de sua mãe a capacidade para captar as emoções e perceber os sentimentos e estados de espírito de outros seres.

ESCUDO DEFLETOR: Uma barreira física invisível que suporta cargas (disparos e impactos) de altíssima intensidade. Todos os escudos do sistema de defesa são ativados automaticamente por qualquer objeto em curso de colisão com a nave.

FEDERAÇÃO UNIDA DE PLANETAS: Organização política, econômica e social fundamentada no conceito da diversidade com diferentes mundos, raças e culturas. Reconhece os direitos individuais de todos os seres à autodeterminação, o direito de escolher e seguir seu próprio destino. Seus membros não podem interferir com o desenvolvimento natural de qualquer cultura. Seus membros fundadores são: Terra, Vulcano, Tellar, Andor e Alpha Centauri. Organizada pelo Conselho da Federação de Planetas é o órgão de maior autoridade e constantemente avalia suas próprias decisões. O Conselho se autofiscaliza e se autogerencia. Fazem parte dele as mentes mais sábias da Federação, o que inclui diplomatas, educadores, dirigentes, cientistas e outros profissionais.

FERENGI: Povo humanóide, agressivo e traiçoeiro, sobre o qual se tem poucas informações. Sua cultura é extremamente machista (as fêmeas são compradas e vendidas como se fossem animais e não usam roupas). Seu sistema econômico é uma espécie de capitalismo selvagem levado às últimas consequências. A posição social e a patente dos militares dependem exclusivamente de suas posses. Supõe-se que seu planeta de origem, de classe M, tenha atmosfera mais rarefeita que a da Terra, o que justificaria o tamanho de seus pavilhões auriculares (orelhas). Num dos primeiros encontros com a Federação, uma nave ferengi atacou, sem aviso, a *U.S.S Stargazer*, comandada pelo capitão Picard. Tão logo a nave pirata começou o ataque, Picard ordenou uma dobra de microsegundo, o que fez a *Stargazer* aparecer em dois lugares ao mesmo tempo, confundindo seu atacante e permitindo sua destruição. Esse salto de dobra ficou conhecido como "Manobra Picard".



FROTA ESTELAR: Uma divisão de segurança e pesquisa da Federação que controla a navegação espacial. Freqüentemente toma decisões no tocante ao bem-estar das civilizações. Apesar de ser taxada de braço militar da Federação, a Frota é controlada por leis muito rígidas como, por exemplo, a Primeira Diretriz, que proíbe a interferência física, política ou ideológica em outras civilizações.

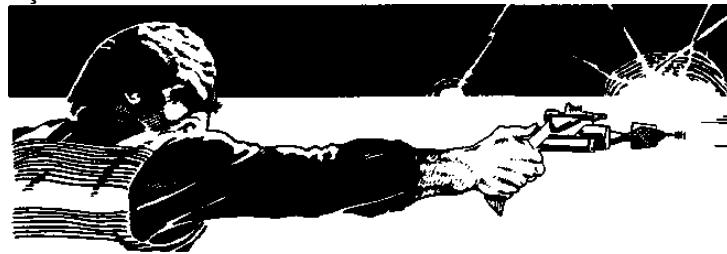


HOLODECK: Local onde o computador da nave cria e controla cenários e situações à escolha do usuário. Utilizado como área de

lazer da nave, o holodeck cria e modela imagens holográficas com o auxílio dos bancos de memória do computador central, tornando possível aos tripulantes criarem desde florestas até cidades com prédios, carros, e mesmo pessoas que são personagens da aventura escolhida. O holodeck utiliza dois subsistemas principais: o *subsistema de imagem holográfica* (que cria um cenário ambiental realístico) e o *subsistema de conversão de matéria* (que cria objetos físicos a partir dos suprimentos de matéria-prima da nave). Em condições normais, o participante numa simulação no holodeck não é capaz de perceber diferenças entre um objeto real e um simulado. O holodeck produz recriações extraordinárias de humanóides e outras formas de vida. Tais personagens animados são compostos de matéria sólida organizada pelos replicadores básicos do transportador e manipulados por raios tratores dirigidos por computadores altamente articulados. O resultado são bonecos excepcionalmente realistas que exibem comportamentos quase idênticos aos seres vivos, dependendo dos limites do software. A replicação de matéria pelo transportador é incapaz de duplicar um ser vivo real. Os objetos criados, que são imagens holográficas puras, não podem ser removidos do holodeck, mesmo parecendo possuir realidade física, porque a imagem é dirigida pelo raio-trator em ação. Objetos criados pelo conversor de matéria têm realidade física e podem, de fato, ser removidos do holodeck mesmo já não estando sob controle do computador.

KLINGON: No passado, o Império Klingon era a maior ameaça militar para a Federação. Por muitos anos, a sua verdadeira aparência física ficou desconhecida, já que os klingons encontrados ao longo da fronteira eram uma combinação klingon/humano criada geneticamente para permitir infiltrações em territórios da Federação. Somente com a interceptação de transmissões durante a missão contra V'ger foi revelada a verdadeira natureza da raça klingon. Após a descoberta dessa avançada capacidade em engenharia genética, foi feita uma grande reavaliação no que se refere ao nível da tecnologia dos klingons. Ao mesmo tempo, devido à virtual aniquilação de vários mundos de ambos os lados, Federação e Império estabeleceram uma aliança de paz. Facções esparsas dos klingons ainda mantém os velhos costumes de guerra, conceito central da sua religião - um complexo código de ritual, honra e crueldade - e tem suas bases firmadas na conquista de outros

planetas. Mas os limitados adeptos não são mais que piratas do espaço.



PHASER: Armamento básico da Frota Estelar que sobrepujou o antigo laser. É usado em armas portáteis para defesa pessoal, canhões de pequeno porte e em bancos de armazenamento de astronaves para ataque e defesa em manobras no espaço.

PLANETA CLASSE M: Classificam-se assim os planetas que têm crostas onde predominam os silicatos, mares ou oceanos de protoxido de hidrogênio (água), atmosfera oxidante e ainda geologicamente ativos.

PRIMEIRA DIRETRIZ: Afirma que o direito de cada espécie senciente de viver de acordo com a sua evolução cultural natural é inviolável. Ninguém da Frota Estelar pode interferir com o desenvolvimento da vida e cultura alienígena. Tal interferência inclui a introdução de conhecimento superior, força ou tecnologia para o mundo cuja sociedade é incapaz de usar tais vantagens de maneira sábia. Ninguém da Frota pode violar esta primeira diretriz, até mesmo para salvar sua vida ou sua nave, a menos que esteja atuando no caso de violação anterior ou contaminação accidental de tal cultura. Esta Diretriz tem precedência sobre quaisquer outras considerações e assume a mais alta obrigação moral.

Q: O "Q" é uma entidade que vive em outra dimensão espaço-temporal (o *continuum*) por isso, pode controlar o espaço e o tempo em que vivemos. No episódio *Esconde-esconde (Hide and Q)* do primeiro ano da série *A Nova Geração*, ele tentou aliciar um humano para entrar no *continuum* e, para isso, deu ao comandante Riker poderes só comparáveis aos seus. Incitado por "Q" a usar seus novos poderes, Riker começa a presentear seus amigos, atendendo

seus desejos mais secretos. Para La Forge, que só pode enxergar através do *visor*, por exemplo, deu a oportunidade de enxergar normalmente. Entretanto, todos eles recusam os presentes e optam por continuar donos de seus destinos, longe da tutela de "Q". Assim, a entidade parte furiosa depois de fracassar em seus objetivos.

TRANSPORTADOR: Um aparelho de teleportação que desmaterializa qualquer pessoa, "dissolvendo" sua estrutura atômica e materializando-a novamente em qualquer outra parte. Um transportador permite o desembarque da tripulação ou da carga de uma nave sem necessidade de uma nave auxiliar.

TRICORDER: Aparelho portátil de múltiplas funções, misto de computador e sensor. Mede, analisa e arquiva uma infinidade de parâmetros. Existem várias versões, dependendo das especialidades: o tricorder médico tem suas funções voltadas para análise de órgãos internos de seres vivos; o de engenharia para análise de materiais e assim por diante.



V.I.S.O.R.: Prótese sensorial usada por cegos. Um instrumento da engenharia biomecânica substituto dos órgãos da visão. Capta radiações eletromagnéticas e as transforma em sinais codificados que são enviados diretamente para o cérebro, permitindo uma visão até mais completa que a de uma pessoa normal. Isso ocorre porque o V.I.S.O.R. (ou, mais simplesmente, *visor*) não se limita à faixa do espectro visível (luz), detectando, também, as radiações que vão do infravermelho aos raios-X. Além disso, o *visor* processa eletronicamente as imagens, permitindo o uso de *zoom* e *macro*.

Glossário Cultural

Este Glossário contém verbetes sobre diversos ramos do conhecimento humano. Objetiva não apenas uma compreensão de alguns termos usados neste livro, mas procura também servir de alicerce, estímulo e motivação para a ampliação e busca de novos conhecimentos.

ANGSTRON: Unidade de medida que corresponde a um décimo de bilionésimo de metro e é usada para dimensões microscópicas e comprimentos de onda de radiações eletromagnéticas. O nome é uma homenagem ao físico sueco Anders Jonas ÅNGSTRÖN (1814-1874) um dos fundadores da espectroscopia e o primeiro a identificar o elemento químico hidrogênio no espectro solar.

$$1 \text{ \AA} = 10^{-10} \text{ m}$$

ANTIMATÉRIA: Toda matéria é constituída de átomos que, por sua vez, são formados por partículas elementares. As principais partículas são o próton (carga positiva), o nêutron (carga nula) e o elétron (carga negativa). Existem partículas com massas idênticas às dessas, mas com características eletromagnéticas opostas. Assim, temos, por exemplo, elétrons positivos chamados antielétrons (ou pósitrons), antiprotons (negativos) e antinêutrons. Com essas partículas é possível a formação de antiátomos, os constituintes da antimateria. Quando matéria e antimateria entram em contato, se aniquilam completamente, transformando-se totalmente em energia ($E=mc^2$).

BRAÇO DE ORION: A Galáxia é um enorme conjunto com aproximadamente 200 bilhões de estrelas dispostas ao longo de braços espirais. O Sol, a Terra e os demais planetas localizam-se num dos braços espirais, mais próximos da borda que do centro da Galáxia. Quando observamos o céu aqui da Terra, vemos as demais estrelas da Galáxia formando uma faixa esbranquiçada, a Via Láctea, e podemos detectar nela alguns dos braços espirais - por exemplo, o braço de Orion (na constelação Orion), o braço de Pegasus (na constelação Pegasus) e o braço de Sagitário (na constelação Sagitarius).

ESPIRAL TRIDIMENSIONAL: Uma das técnicas usadas pelos navios de guerra para interceptar submarinos consiste em mover-se segundo uma espiral, determinada a partir das posições do navio e do submarino e de suas respectivas velocidades. O padrão de busca espiral é, portanto, uma curva plana bidimensional e aplica-se muito bem ao caso do navio que se desloca numa superfície. No espaço, um padrão de busca equivalente é chamado de padrão de busca espiral tridimensional. A Astronáutica é a tecnologia de navegação em três dimensões e, portanto, é muito natural que ela se utilize e desenvolva técnicas usuais na navegação tradicional.

ESTRELA TIPO G: As estrelas podem ser classificadas de acordo com a composição química de suas camadas mais externas. Isso está relacionado com o estágio de evolução da estrela e com o tipo de reações termonucleares que ocorrem em seu interior. Os astrofísicos as dividem, basicamente, em sete classes: O, B, A, F, G, K, M (um mnemônico que permite lembrar essa seqüência poderia ser: O Barco Atinge Facilmente Grande KiloMetragem). O Sol é uma estrela de classe espectral G, assim como 9% das outras estrelas da Galáxia. Sua vida estimada é de 10 bilhões de anos, dos quais já decorreu aproximadamente a metade. Como a Classe Espectral relaciona-se com muitas outras características de uma estrela, conhecendo-a pode-se dizer que se conhece razoavelmente bem a própria estrela.

EXPLOSÃO NUCLEAR: Numa explosão nuclear há a rápida formação de uma massa de gases extremamente quentes, inicialmente com forma globular. A enorme diferença de temperatura em relação à atmosfera circundante cria uma violenta corrente ascendente (corrente de convecção) que leva o globo central para cima deixando um rastro de vapores e fumaça criando, assim, uma nuvem com a característica forma de cogumelo. Atualmente, conhecemos pelo menos dois processos para produzir uma explosão nuclear: a fissão e a fusão de núcleos atômicos. Nas bombas atômicas (como as que foram lançadas sobre Hiroshima e Nagasaki no final da 2- Grande Guerra), o processo que produz a explosão é a fissão (quebra) de núcleos de Urânio ou outro elemento pesado (de grande massa atômica). Nas Bombas de Hidrogênio (Bomba H) o processo usado é a fusão (união) de núcleos de Hidrogênio ou outro elemento leve (de pequena massa atômica). As reações de fusão

nuclear são muito mais energéticas do que as de fissão e, portanto, as bombas de Hidrogênio são muito mais poderosas e destrutivas do que as bombas atômicas.

FORÇA CENTRÍPETA: Num satélite artificial em órbita existe o inconveniente da imponderabilidade - os objetos em seu interior flutuam como se estivessem num local de *gravidade zero* (veja verbete correspondente). Para criar uma pseudo-gravidade que compense esse efeito pode-se imprimir ao satélite um movimento de rotação que faz os objetos em seu interior adquirirem uma velocidade (tanto maior quanto mais afastados estiverem do centro). Por inércia, eles tentam seguir em linha reta. Entretanto, são impedidos pelas paredes externas do veículo espacial, contra as quais ficam comprimidos. Essa situação é análoga à de um corpo que fica comprimido contra o chão pela gravidade da Terra. Dizemos que os objetos estão sendo submetidos a uma *força centrípeta* (e não centrífuga, afinal eles estão sendo empurrados para dentro e não para fora), sendo que as paredes laterais assumem o papel de *chão*.

GRAVIDADE ZERO: Essa expressão aplica-se à situação em que a aceleração relativa entre um objeto móvel e o ambiente (referencial) em que ele se encontra é nula. Nesse caso, quase tudo se passa como se não existisse força gravitacional agindo nesse ambiente. É como se o objeto estivesse sujeito a uma "gravidade zero". O termo correto para definir esta situação, tão comum para astronautas no interior de um veículo em órbita, é *imponderabilidade*. O estado de imponderabilidade ocorre sempre que um veículo e seu ocupante estiverem em queda livre (a órbita é uma queda livre na qual o veículo cai sem, necessariamente, descer).

IMAGEM HOLOGRÁFICA: Imagem que se forma através de figuras de interferência de ondas eletromagnéticas. Cada pedaço do holograma contém informações suficientes para reconstruir a imagem inteira. Quando um holograma é convenientemente iluminado, apresenta imagens ligeiramente diferentes em função do ângulo do qual está sendo observado. Desta forma, a imagem observada pelo olho esquerdo é diferente da observada pelo olho direito, criando uma ilusão perfeita de tridimensionalidade. As primeiras imagens holográficas só podiam ser geradas com a utilização de raios *laser*. Atualmente, entretanto, existem técnicas

que permitem o uso de luz comum.

OZ: Publicado em 1900 pelo escritor norte-americano Lyman Frank Baum (1856-1919), o livro *O Maravilhoso Mágico de Oz* relata a história de Dorinha, uma menina que mora no Kansas. Ela e seu cachorro, Totó, são carregados por um ciclone até a Terra de Oz. Os dois partem, então, para a Cidade das Esmeraldas onde pretendem pedir ao Grande Oz que os mande de volta ao Kansas. Com eles seguem também o Espantalho, que deseja um cérebro; o Leão, que deseja possuir coragem, e o Lenhador de Lata, que deseja um coração. Chegando na Cidade, encontram Oz, que lhes diz que neste lugar todos devem pagar por tudo o que recebem e que, portanto, só irá atender aos seus pedidos se eles matarem a Bruxa Má do Oeste, que governa e escraviza o povo da Terra dos Winkies.

PARSEC: Unidade de distância usada em Astronomia para indicar distâncias estelares e galácticas. Equivale à distância a que deve se encontrar um astro para apresentar uma paralaxe anual (aparente deslocamento sobre o fundo de estrelas afastadas) de 1 segundo de arco. Corresponde a cerca de 3,26 anos-luz.

SKYLAB: Estação Espacial contendo acomodações para três astronautas utilizada numa missão científica norte-americana de nove meses (maio de 73 a fevereiro de 74) na qual foram realizadas experiências e observações astronômicas com telescópios especiais. Após sua desativação, começou a perder velocidade orbital pelo atrito com as camadas mais altas da atmosfera. Isso acabou produzindo o decaimento de sua órbita e, ao reentrar nas camadas densas da atmosfera, incendiou-se desintegrando-se. Felizmente, apenas alguns fragmentos acabaram atingindo a superfície da Terra e em regiões desabitadas.

O Glossário Cultural e o de Jornada nas Estrelas foram preparados com a colaboração de:

*Cláudia Freitas, Cristina Nastasi, Ivo Luiz Heinz,
Lilia Leal de Oliveira, Luiz A. Navarro,
Pierluigi Piazzi, Renato da Silva Oliveira,
Sérgio Figueiredo e Silvio Alexandre.*